

G. K. Chesterton

A sabedoria do
Padre
Brown



VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

G. K. Chesterton

A sabedoria do
Padre
Brown



G. K. Chesterton

A sabedoria do
Padre
Brown



SELO
SELO

G. K. Chesterton



A sabedoria do
Padre
Brown

Tradução de Igor Barbosa



A sabedoria do Padre Brown
Gilbert Keith Chesterton
1ª edição — julho de 2023 — cedet
Título original: The Wisdom of Father Brown (1914).

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990 adotado
no
Brasil em 2009.

Os direitos desta edição pertencem ao
CEDET — Centro de Desenvolvimento Profissional e Tecnológico
Av. Comendador Aladino Selmi, 4630,
Condomínio GR Campinas 2 — módulo 8
CEP: 13069-096 — Vila San Martin, Campinas-SP
Telefone: (19) 3249-0580
e-mail: livros@cedet.com.br

CEDET LLC is licensee for publishing and sale of the electronic edition of this book

CEDET LLC

1808 REGAL RIVER CIR - OCOEE - FLORIDA - 34761

Phone Number: (407) 745-1558

e-mail: cedetusa@cedet.com.br

Editor:
Ulisses Trevisan Palhavan

Tradução:
Igor Barbosa

Revisão:
Fernando Hampar Tossunian

Preparação de texto:
Beatriz Oliveira

Capa:
Nelson Provazis

Diagramação:
Maurício Amaral

Leitura de Prova: Flávia Regina Theodoro
Mariana Souto Figueiredo
Paulo Bonafina

Conselho editorial:
Adelice Godoy
César Kyn d'Ávila
Sílvia Grimaldo de Camargo

FICHA CATALOGRÁFICA

Chesterton, G. K. (1874–1936).
A sabedoria do Padre Brown / G. K. Chesterton; tradução de Igor Barbosa — 1ª ed.
— Campinas, sp: Editora Sétimo Selo, 2023.
Título original: The Wisdom of Father Brown.

ISBN: 978-65-88732-69-4

1. Literatura inglesa 2. Romance

i. Título ii. Autor

CDD — 820 / 823

ÍNDICE PARA CATÁLOGO SISTEMÁTICO

1. Literatura inglesa — 820

2. Romance — 823



SÉTIMO
SELO | www.editorasetimoselo.com.br

Reservados todos os direitos desta obra. Proibida toda e qualquer reprodução desta edição por qualquer meio ou forma, seja ela eletrônica, mecânica, fotocópia, gravação ou qualquer outro meio de reprodução, sem permissão expressa do editor e do detentor dos direitos autorais.

Sumário

introdução A gênese do Padre Brown

i A ausência do Sr. Otto Vítor

ii O Paraíso dos Ladrões

iii O duelo do Dr. Hirsch

iv O homem no beco

v O erro da máquina

vi A cabeça de César

vii A peruca roxa

viii As mortes dos Pendragon

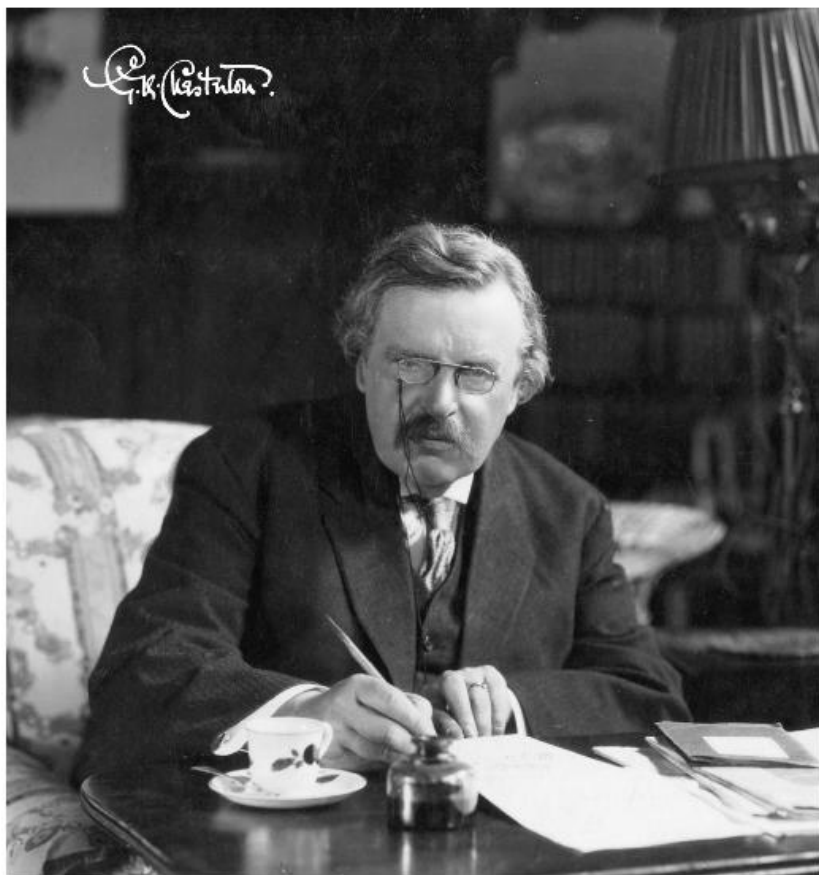
ix O deus dos gongos

x A salada do Coronel Cray

xi O estranho crime de John Boulnois

xii O conto de fadas do Padre Brown

Notas de Rodapé



Gilbert Keith Chesterton (1874–1936).

introdução

A gênese do Padre Brown

Algum tempo atrás, sentado confortavelmente durante uma noite de verão e fazendo um retrospecto sereno de uma vida insuspeitavelmente feliz e bem-afortunada, calculei que devo ter cometido no mínimo cinquenta e três assassinatos, estando preocupado com esconder cerca de meia centena de corpos — para ocultar os crimes — dependurando um num guarda-chapéu, ensacando outro numa bolsa de carteiro,

decapitando um terceiro e lhe provendo a cabeça de alguma outra pessoa, e assim por diante, num grande número de inocentes artifícios similares. É verdade que cometi a maioria dessas atrocidades em jornais, e recomendo enfaticamente ao jovem estudante, exceto em casos extremos, a dar expressão a seus impulsos criminosos dessa maneira, e a não correr o risco de estragar uma bela e bem arranjada ideia fazendo dela o projeto de um experimento material bruto, onde ela frequentemente sofre das imprevistas imperfeições e frustrações deste mundo decaído, e traz consigo indesejadas e indignas consequências sociais e legais. Expliquei em algum lugar que, certa vez, preparei uma tabela científica com “Vinte modos de matar a sua esposa” e me esforcei para preservá-los em sua imperturbável perfeição artística, de modo que seja possível ao artista, depois de alguma prática, obter sucesso em matar vinte esposas e, ainda assim, no fim de tudo preservar a esposa original; detalhe adicional este, em muitos casos, e especialmente no meu, não desprovido de vantagens. Ao passo que, para o artista, sacrificar sua esposa e possivelmente seu próprio pescoço é perder, não apenas essas coisas, mas todo o prazer ideal das outras dezenove. Sendo este meu princípio estrito, do qual nunca me afastei, nada houve que encurtasse uma rica acumulação de cadáveres imaginários; e, como disse, já acumulei um bom número deles. Meu nome alcançou certa notoriedade como o do autor dessas pequenas histórias de assassinato, comumente chamadas de histórias de detetive; determinados editores e revistas me responsabilizaram por essas ninharias e ainda têm a grande amabilidade, de tempos em tempos, de me escreverem pedindo uma nova fornada de cadáveres, geralmente em remessas de oito por vez.

E quem já tiver se deparado com algo dessa indústria talvez possa estar ciente de que um grande número de minhas pequenas histórias de crime diz respeito a uma pessoa chamada Padre Brown; um padre católico cuja ingenuidade exterior e perspicácia interior chegam bem perto de compor um personagem, se levarmos em conta a finalidade deste tipo superficial de narração de histórias. E algumas perguntas vieram a surgir, especialmente sobre a identidade ou exatidão do personagem, o que não deixou de ter alguma consequência em coisas de maior importância.

Como já disse, eu nunca levei a sério meus romances ou minhas histórias mais curtas, ou imaginei ter alguma relevância em algo tão sério como romances. Mas posso ao mesmo tempo reivindicar que se tratava de algo demasiado novo para ser uma novela, no sentido de algo histórico ou biográfico, e que mesmo qualquer uma de minhas histórias curtas era demasiado original para ainda guardar algo de quaisquer elementos que lhe tenham servido de origem. A ideia de que um personagem em um romance deva “significar” alguém ou ter sido “inspirado” em alguém se funda numa má compreensão da natureza da

narrativa de ficção e, especialmente, da natureza dessas minhas narrativas. Contudo, tem-se afirmado que o Padre Brown tinha um modelo na vida real; o que, num sentido um tanto singular e pessoal, é verdade.

A ideia de que o romancista forma inteiramente um personagem a partir da figura de um amigo ou inimigo, em todos os seus detalhes, é uma tolice que provocou grande dano. Até mesmo os personagens de Dickens, ao mesmo tempo tão claramente criações e tão claramente caricaturas, eram comparados com os meros mortais, como se houvesse alguns mortais que pudessem caber perfeitamente na magnífica estatura heroica e burlesca de Weller ou Micawber. Lembro-me de meu pai me dizer como alguns de seus contemporâneos se livravam indignadamente do peso de terem sido o modelo do Sr. Pecksniff, e especialmente como o tão conhecido S. C. Hall, o espírita, se livrara deste peso com uma eloquência que alguns consideraram sublime demais para ser convincente. “Como se pode supor que eu lembre Pecksniff?”, disse esse respeitável homem ao meu pai. “Você me conhece. O mundo me conhece. O mundo sabe que devotei a minha vida ao bem dos outros, que vivo uma vida pura e elevada dedicada aos mais altos deveres e ideais, que sempre busquei ser um exemplo de verdade, de justiça, de probidade, de pureza ou de virtude pública. Que semelhança pode haver entre mim e Pecksniff?”.¹

Quando um escritor inventa um personagem de ficção, especialmente de ficção de entretenimento ou fantasia, ele o preenche com todos os tipos de elementos destinados a serem eficazes em sua conformação e que o destaquem no cenário geral. Ele pode ter tido, e provavelmente teve, alguma sugestão advinda de um ser humano. Mas ele não hesitará em alterar o ser humano, especialmente em suas características aparentes, porque ele não está pensando em um retrato mas em uma pintura. No Padre Brown, a sua principal característica era a de ser nada característico. O propósito dele era o de que parecesse despropositado; e alguém poderia dizer que a sua mais notável qualidade era a de não ser notável. Sua aparência tão comum deveria contrastar com a sua insuspeita cautela e inteligência; e, sendo assim, fez sua aparência maltrapilha e disforme, sua face redonda e inexpressiva, seus modos atrapalhados, e assim por diante. Ao mesmo tempo, tomei algumas das qualidades intelectuais do meu amigo Padre John O'Connor, de Bradford, que, verdade seja dita, não tinha nenhuma daquelas características exteriores. Ele não era maltrapilho, mas sim um tanto elegante; ele não era atrapalhado, mas muito delicado e habilidoso; ele não apenas é, mas aparenta ser engraçado e alegre. Ele é um irlandês perspicaz e de pensamento ágil, com a profunda ironia e um

pouco da irritabilidade potencial do seu povo. O meu Padre Brown foi deliberadamente descrito como um baixinho entroncado. Isto, bem como o resto de sua descrição, era um disfarce deliberado apropriado a histórias de detetive. Mas, por conta de tudo isso, há mesmo um sentido verdadeiro em que o Padre O'Connor foi a inspiração intelectual dessas histórias; bem como de coisas bem mais importantes. E, para explicar tais coisas, especialmente as mais importantes, não posso fazer nada melhor que contar a história de como a primeira ideia dessa comédia de detetive me veio à mente.

Naqueles distantes dias, especialmente bem antes como bem depois de ter me casado, era meu destino vaguear por muitas partes da Inglaterra a proferir coisas gentilmente chamadas de palestras. Há um considerável apetite por esses frios divertimentos principalmente no norte da Inglaterra, no sul da Escócia e em alguns centros não-conformistas ativos até mesmo nos subúrbios de Londres. E com a menção à frieza me vem à memória uma capela em particular, situada nas últimas e mais inexpressivas ruínas ao norte de Londres, até onde tive de fazer meu percurso em meio a uma nevasca cerrada, coisa que apreciei muito, pois gosto de nevascas. Na verdade, eu gosto de praticamente todos os climas ingleses, exceto aquele tipo de clima chamado “um dia maravilhoso”. Então ninguém precisa chorar pelo que passei ali, ou imaginar que estou me compadecendo de mim mesmo ou pedindo compaixão. Mais ainda — também é verdade que fiquei exposto ao tempo por quase duas horas — fosse a pé, fosse em cima de um ônibus perdido vagueando no meio do nada; e na hora em que cheguei à capela minha aparência deveria, no geral, ser a do boneco de neve que as crianças constroem no jardim. Fui então dar a palestra, sabe Deus sobre o que, e estava prestes a concluir minha jornada de inverno quando o digno ministro da capela, friccionando robustamente suas mãos, batendo em seu peito e sorrindo para mim com a generosa hospitalidade de Papai Noel, disse com uma voz profunda, calorosa, frutuosa: “Oh, Sr. Chesterton, esta é uma noite fria e cruel! Deixe-me lhe oferecer um biscoitinho”. Eu lhe assegurei agradecidamente que eu não tinha tal desejo; era uma gentileza, pois não havia ali motivo algum para que ele me oferecesse qualquer agrado com que descansar por um instante. Mas confesso que a ideia de retornar através da neve e do ar congelante, por mais duas horas, tendo dentro de mim o calor de um único biscoito e mais o desejo por biscoitos que se acendia em minhas veias, pareceu-me coisa meio fora de lugar. Temo que foi com considerável prazer que atravessei a rua e entrei num bar e restaurante que ficava bem de frente para a capela, diante dos olhos da consciência não-conformista.

Isto é um parêntese, e eu poderia acrescentar um bom número de parênteses a respeito dos tempos remotos de quando eu vagabundeava

de palestra em palestra. Conta-se sobre estes dias a lenda de que certa vez mandei para minha esposa, que estava em Londres, um telegrama que dizia: “Estou em Market Harborough. Onde eu deveria estar?”. Já não recordo se a história é verdadeira; mas não é improvável e, creio eu, desarrazada. Foi ao longo dessas andanças que fiz muitos amigos cuja amizade tanto valorizo, como o Sr. Lloyd Thomas, então em Nottingham, e o Sr. McClelland, de Glasgow. Mas menciono isto aqui apenas como meio de chegar a um encontro acidental em Yorkshire, o qual me viria a ter consequências para além da mera aparência de ter se tratado de um acidente. Eu havia ido dar uma palestra em Keighley, nas elevadas charnecas de West Riding, e passara a noite com um proeminente cidadão daquela pequena cidade industrial, o qual havia reunido um grupo de amigos locais, um grupo como que concebido para distrair o palestrante, incluído aí o pároco auxiliar da Igreja Católica Romana do local, um homem baixo, de rosto sereno e uma expressão acanhada mas travessa. Fiquei chocado com a destreza e o humor com que ele se misturava a seus companheiros tão típicos de Yorkshire e tão tipicamente protestantes, e logo descobri que eles já haviam, à sua maneira afobada, aprendido a apreciá-lo como uma espécie de personagem. Alguém me fez o divertido relato de como dois gigantescos fazendeiros de Yorkshire, daquele distrito, haviam sido incumbidos de circular por vários centros religiosos e de como eles vacilaram, com terror indescritível, antes de entrar na pequena capela daquele pequeno padre. De coração palpitante, eles parecem afinal ter chegado à conclusão de que ele dificilmente os faria mal, e de que, se fizesse, eles poderiam chamar a polícia. Eles realmente pensavam, suponho, que ele tinha a sua casa cheia de todas as máquinas de tortura da Inquisição Espanhola. Mas mesmo esses fazendeiros, fiquei sabendo, uma vez que o já tinham aceito como vizinho, e como a noite avançava com vagar, decididamente encorajaram seus consideráveis poderes de diversão. Ele se animou, e logo estava no meio da recitação daquele grande poema dramático e confessional chamado “Minhas botas estão apertadas”. Gostei muito dele; mas, se você tivesse me dito que dez anos depois eu seria um missionário mórmon nas Ilhas Canibais, eu não teria ficado mais surpreso do que com a sugestão de que, quinze anos depois, eu estaria me confessando com ele e sendo recebido na igreja em que ele servia.

Na manhã seguinte ele e eu caminhamos pelo Keighley Gate, a extensa parte das charnecas que separa Keighley de Wharfedale, pois eu estava visitando uns amigos em Ilkley; e, depois de algumas horas conversando na charneca, já era ele um novo amigo que eu apresentava a meus velhos amigos ao fim daquela jornada. Ele ficou para o almoço; ficou para o chá; ficou para o jantar; não estou certo, dada a hospitalidade insistente

de meus amigos, de que ele não tenha passado a noite; e ele lá ficou muitas noites e dias em ocasiões posteriores, e foi lá que mais frequentemente nos encontramos. Foi numa dessas visitas que ocorreu o acidente que me levou a tomar a liberdade de colocá-lo — ou melhor: parte dele — numa série de histórias extraordinárias. Mas falo disso não por dar qualquer importância a essas histórias, mas porque isto tinha uma ligação mais vital com a outra história; a história que estou contando aqui.

Disse ao padre, numa conversa, que pretendia sustentar em letra impressa uma certa proposta, não importa qual, que tinha relação com algumas questões sociais um tanto sórdidas sobre vício e crime. Nesse ponto em particular ele pensou que eu estivesse errado, ou que eu desconhecesse o assunto, o que era mesmo fato. E, tão só como um dever necessário para me prevenir de incorrer num embuste, ele me contou certos fatos que conhecia sobre práticas pervertidas que eu certamente não elencarei ou discutirei aqui. Já confessei em uma página que ficou bem para trás que em minha juventude eu imaginara por minha conta um certo número de iniquidades, e foi uma experiência curiosa descobrir que esse calmo e agradável celibatário havia sondado esses abismos mais profundamente do que eu. Eu não imaginava que o mundo pudesse abrigar tais horrores. Se ele fosse um romancista profissional, a atirar tais coisas imundas em todas as livrarias para que crianças e bebês as tivessem a seu alcance, ele certamente teria sido um grande artista criativo e um arauto da Aurora. Como ele estivesse apenas as enunciando com relutância, em estrita privacidade e como uma necessidade prática, ele era, é claro, um típico jesuíta sussurrando segredos venenosos em meu ouvido. Quando voltamos para a casa, encontramos esta cheia de visitas e encetamos uma conversa especial com dois animados e vigorosos estudantes de Cambridge, os quais haviam caminhado e andado de bicicleta pelas charnecas bem ao espírito do severo e enérgico feriado inglês. Eles não eram, contudo, um desses atletas tacanhos, mas sim interessados em vários esportes e, de um modo jovial, em várias artes; e eles começaram a discutir música e arquitetura com o meu amigo Padre O'Connor. Nunca conheci um homem que conseguisse passar com mais facilidade de um assunto a outro, ou que tivesse estoques de informação mais inesperados — muitas vezes informações puramente técnicas — acerca de tudo. A conversa rapidamente se aprofundou numa discussão de questões mais filosóficas e morais e, quando o padre deixou a sala, os dois jovens irromperam em generosas expressões de admiração, dizendo com sinceridade que ele era um homem memorável e que parecia saber um bocado sobre Palestrina ou arquitetura barroca, ou seja lá qual fosse o assunto em pauta no momento. Então baixou um curioso silêncio reflexivo, ao fim do qual

um dos estudantes subitamente disparou. “De todo modo, eu não acredito que esse seja o tipo correto de vida. Está muito bem gostar de música religiosa e tal, quando você está inteiramente trancafiado numa espécie de claustro e não sabe nada do verdadeiro mal no mundo. Mas não acredito que esse seja o ideal correto. Eu acredito no homem que sai para o mundo, encarando o mal que há nele e sabendo algo acerca dos perigos e tudo mais. É uma coisa muito bonita ser inocente ou ignorante, mas creio que seja uma coisa muito melhor não ter medo do conhecimento”.

Para mim, ainda quase a tremer com os terríveis fatos práticos acerca dos quais o padre havia me alertado, esse momento me veio com uma ironia tão colossal e esmagadora que quase irrompi numa rude gargalhada na sala de visitas. Pois eu sabia perfeitamente bem que, comparado com todo o sólido satanismo que o padre conhecia e contra o qual guerreara toda a sua vida, o que esses dois cavalheiros de Cambridge sabiam sobre o verdadeiro mal — sorte a deles — era quase o mesmo que sabiam duas criancinhas num carrinho de bebê.

E eis que brotou na minha mente a vaga ideia de fazer algum uso artístico desse cômico, ainda que trágico, mal-entendido, e de construir uma comédia na qual um padre parecesse não saber nada e na verdade soubesse mais acerca de crimes do que os criminosos. Depois eu resumiria essa cara ideia na história chamada “A cruz azul”, talvez um tanto trivial e improvável, e prossegui com ela na interminável série de histórias com que afligi o mundo. Enfim, eu me permiti a solene liberdade de tomar meu amigo e tratá-lo abusadamente, tornando seu chapéu e seu guarda-chuva disformes, bagunçando suas roupas, forçando sua compostura intelectual a uma situação de estupidez com cara de pudim e, em geral, disfarçando o Padre O’Connor como Padre Brown. O disfarce, como já disse, foi deliberadamente coisa ficcional, planejada para exibir ou acentuar o contraste que era o ponto central de toda a comédia. Também havia em sua concepção, como em quase tudo que escrevi, uma boa dose de inconsistência e imperícia em pontos menos relevantes, não sendo a menor dessas falhas a ideia geral de que o Padre Brown não tinha nada em particular para fazer, exceto gastar seu tempo em alguma casa onde fosse provável que ocorresse um assassinato. Uma senhora católica muito elegante que conheci certa vez fez ao meu padre detetive o elogio adequado, ao dizer: “Sou muito afeiçoada a esse pequeno e importuno preguiçoso”.²

i

A ausência do Sr. Otto Vítor

O

escritório do Dr. Orion Hood, o eminente criminólogo e especialista em certas desordens morais, situava-se diante da orla marítima em Scarborough, com uma série de janelas francesas muito grandes e bem iluminadas de frente para o Mar do Norte, que naquela região tinha a aparência de uma interminável parede exterior feita de mármore verde-azulado. O mar tinha ali algo da monotonia de uma parede pintada em duas cores. Os próprios aposentos eram dominados por uma quietude terrível, não muito diferente da terrível quietude do mar. Não se suponha, porém, que os aposentos do Dr. Hood carecessem de luxo ou poesia. Lá havia luxo e também poesia, cada qual em seu devido lugar; mas sentia-se que essas coisas belas e artísticas tivessem seu lugar rigidamente fixo, imutável. Eis o luxo: sobre uma mesa especial, oito ou dez caixas dos melhores charutos, mas dispostos em ordem, os mais fortes sempre mais próximos da parede e os mais suaves perto da janela. Um gabinete, contendo três tipos de bebidas fortes, todas de licorosa excelência, estava sempre sobre esta mesa luxuosa; mas fantasiosos afirmavam que o nível do uísque, do conhaque e do rum nas garrafas parecia nunca baixar. Eis a poesia: o canto esquerdo da sala estava coberto por um conjunto tão completo dos clássicos ingleses, quanto a coleção de fisiologistas ingleses e estrangeiros visível no lado direito. Mas se alguém tirasse um volume de Chaucer ou Shelley dessa fila, o vazio criado era tão enervante como a falta de um dente da frente em um homem. Não se pode dizer que os livros nunca tivessem sido lidos, provavelmente sim, mas a impressão era de que estavam presos a seus lugares, como as Bíblias nas igrejas antigas. O Dr. Hood tratava sua estante particular como se fosse uma biblioteca pública. E, se essa estrita intangibilidade científica dominava até as prateleiras preenchidas de poemas e baladas e as mesas carregadas de bebidas e charutos, nem é preciso dizer que uma santidade pagã ainda maior protegia as

outras prateleiras, as que continham a biblioteca especializada, e as outras mesas carregadas dos instrumentos frágeis e até mesmo feéricos da química ou da mecânica.

O Dr. Hood percorria toda a extensão do seu escritório, delimitado — como diriam os manuais de geografias para meninos — a leste pelo Mar do Norte e a oeste pelas fileiras cerradas de suas bibliotecas de sociologia e criminologia. Ele estava vestido como um artista, de veludo, mas sem a negligência de um artista; seu cabelo era fortemente grisalho, mas forte e saudável; seu rosto era magro, mas otimista e cheio de expectativa. Tudo nele e em seu quarto indicava algo ao mesmo tempo rígido e inquieto, como aquele grande mar, em cuja orla ele havia (meramente baseado em princípios higiênicos) construído sua casa.

O destino, de bom humor, fez com que a porta se abrisse e por ela entrasse, naqueles cômodos longos e rigorosos com vista para o mar, alguém que talvez fosse o mais surpreendente oposto deles e de seu dono. Em resposta a um curto mas civilizado chamado, a porta se abriu e entrou na sala uma pequena figura disforme, que era tão desajeitada com seu chapéu e o guarda-chuva em mãos quanto seria com uma mala enorme e pesada. O guarda-chuva era um preto e prosaico embrulho, sem qualquer possibilidade de reparo; o chapéu também era preto, de curva larga, clerical, mas não comum na Inglaterra; e o homem era a própria encarnação de tudo o que é simplório e inofensivo.

O doutor olhou para o recém-chegado com um espanto contido, não muito diferente do que ele teria mostrado se alguma enorme, mas obviamente inofensiva, fera marinha entrasse em seu quarto. O recém-chegado olhou o médico com aquela radiante e ofegante atitude que caracteriza uma faxineira corpulenta que acaba de embarcar em um ônibus: uma rica mistura de autocongratulação social e desordem física. Seu chapéu caiu no tapete, o pesado guarda-chuva escorregou entre seus joelhos e tiniu, com o baque no chão; ele esticou a mão para apanhar o primeiro, abaixou-se para pegar o outro, enquanto com um inalterável sorriso em seu rosto redondo falou o seguinte: — Meu nome é Brown. Queira me desculpar. Vim por causa daquele assunto dos MacNabs. Ouvi dizer que o senhor costuma ajudar as pessoas a se livrar de problemas desse tipo. Por favor, perdoe-me se eu estiver errado.

Quando terminou de falar, já havia apanhado o chapéu e fez uma pequena e estranha dobradura nele, como se estivesse colocando tudo em ordem.

— Não entendo o senhor — respondeu o cientista, com modos frios e intensos. — Acho que confundiu o endereço. Eu sou o Dr. Hood, e meu

trabalho é quase inteiramente literário e educacional. É verdade que às vezes fui consultado pela polícia em casos de particular dificuldade e importância, mas... — Ah, este é da maior importância — interrompeu o homenzinho chamado Brown. — Pois a mãe dela não quer permitir o casamento. — E se recostou na cadeira em radiante familiaridade.

O Dr. Hood contraíra sombriamente o cenho, mas seus olhos permaneciam brilhantes com algo que podia ser raiva ou diversão.

— E eu continuo — disse ele — não entendendo nada.

— Olha, eles querem se casar — disse o homem de chapéu clerical. — Maggie MacNab e o jovem Todhunter querem *se casar*. Agora, o que pode ser mais importante do que isso? Os grandes triunfos científicos de Orion Hood o haviam privado de muitas coisas, alguns mencionavam a saúde, outros Deus; mas eles não o haviam despojado totalmente de seu senso do absurdo. Àquele último apelo do ingênuo padre, ele não conseguiu segurar uma gargalhada e se jogou na poltrona com a atitude irônica de um médico no consultório.

— Sr. Brown — disse gravemente —, já faz quatorze anos e meio que pediram que me encarregasse de um problema pessoal: foi o caso de uma tentativa de envenenamento do presidente da França num banquete do prefeito. Agora, entendo eu, é uma questão de saber se uma amiga sua, chamada Maggie, é uma noiva adequada para algum rapaz chamado Todhunter. Pois bem, Sr. Brown, sou um desportista. Aceitarei o caso e darei à família MacNab meus melhores conselhos, como os que dei à República Francesa e ao rei da Inglaterra... não, ainda melhor: quatorze anos melhor. Não tenho mais nada para fazer esta tarde. Conte-me essa história.

O pequeno clérigo chamado Brown agradeceu-lhe com inquestionável cordialidade, mas junto com uma estranha simplicidade. Era mais como se estivesse agradecendo a um estranho, em uma sala de fumar, por lhe ter emprestado os fósforos, do que como se estivesse (como de fato estava) agradecendo ao procurador da república por acompanhá-lo a um campo para encontrar um trevo de quatro folhas. Quase sem interrupção, depois de seus sinceros agradecimentos, o homenzinho começou a sua narração: — Como lhe disse, meu nome é Brown; bem, sou o pároco da pequena igreja católica que o senhor já deve ter visto, para lá das ruas tortas que ficam bem no norte desta cidade. Na última e mais deserta daquelas ruas, que se estende ao longo do mar como um paredão, vive uma ovelha do meu rebanho, uma viúva chamada MacNab, muito honesta mas de temperamento um tanto esquivo. Ela tem uma filha e aluga cômodos, e entre ela e a filha, e entre ela e os

inquilinos... bem, atrevo-me a dizer que há muito a se dizer de ambos os lados. No momento ela tem apenas um inquilino, o jovem chamado Todhunter; mas ele tem causado mais problemas do que todos os outros, pois ele quer se casar com a jovem da casa.

— E a moça da casa — perguntou o Dr. Hood com grande, embora contido, divertimento —, o que é que ela quer? — Ora, ela quer se casar com ele — exclamou o Padre Brown, sentando-se ansioso. — Essa é exatamente a complicação terrível.

— É realmente um enigma hediondo — disse o Dr. Hood.

— Este jovem, James Todhunter — continuou o clérigo —, é um homem muito decente, pelo que eu sei; mas até aí, ninguém sabe muita coisa. Ele é um sujeitinho esperto e amorenado, ágil como um macaco, barbeado como um ator e prestativo como um fidalgo cortesão. Parece ter bastante dinheiro, mas ninguém sabe qual é o seu ofício. Por isso a Sra. MacNab (que é de natureza pessimista) tem certeza de que é algo terrível e provavelmente relacionado com dinamite. A dinamite deve ser da categoria mais tímida e silenciosa, pois tudo o que o pobre coitado faz é se fechar várias horas do dia e estudar alguma coisa atrás de uma porta trancada. Ele afirma que sua privacidade é temporária e justificada, e promete explicá-la antes do casamento. Isso é tudo o que se sabe ao certo, mas a Sra. MacNab lhe contará mais coisas, de que nem ela mesma tem certeza. O senhor sabe como essas histórias crescem sobre o terreno de tais ignorâncias. Conta-se sobre duas vozes ouvidas conversando no quarto, ao passo que, aberta a porta, Todhunter se encontra sempre sozinho. Há histórias de um alto e misterioso homem com um chapéu de seda, que certa vez ao anoitecer surgiu das brumas do mar, aparentemente do próprio mar, e, atravessando tranquilamente a praia arenosa e o pequeno jardim dos fundos, foi ouvido em diálogo com o inquilino através da janela aberta. Parece que a conversa terminou em briga. Todhunter fechou a janela com violência e o homem de chapéu alto voltou a se fundir com a névoa do mar. Essa história é contada pela família com a mais feroz mistificação; mas eu realmente acho que a Sra. MacNab prefere sua própria versão original da história: que o Outro Homem (ou seja lá o que for) todas as noites se arrasta para fora de uma grande caixa, que fica o dia inteiro fechada no canto do quarto. O senhor vê, portanto, como a porta trancada do quarto de Todhunter é tratada como o portão de todas as fantasias e monstruosidades das *Mil e uma noites*. E, no entanto, é de se ver o camaradinha, em seu respeitável paletó preto, tão pontual e inocente como um relógio de sala. Ele paga pontualmente o aluguel, é praticamente abstinente, é incansavelmente gentil com as crianças e pode entretê-las por um dia inteiro. Por último, e mais urgente de tudo,

causou na filha mais velha uma tão boa impressão que ela aceitaria ir com ele à igreja amanhã mesmo.

Um homem profundamente interessado em grandes teorias sempre sente prazer em aplicá-las a qualquer trivialidade. O grande especialista, tendo condescendido com a simplicidade do padre, continuou a fazê-lo com benevolência. Acomodado confortavelmente em sua poltrona, começou a falar no tom de um palestrante um tanto distraído: — Mesmo em casos insignificantes, é melhor atentar, antes de mais nada, para as principais tendências da natureza. Uma determinada flor pode não estar morta no início do inverno, mas as flores tendem a morrer; uma determinada pedrinha pode nunca ser molhada pela maré, mas a maré está subindo... Aos olhos do cientista, toda a história humana é uma série de movimentos coletivos, destruições ou migrações, como o massacre de moscas no inverno ou o retorno dos pássaros na primavera. Ora, o fato fundamental em toda a história é a raça. A raça produz a religião, a raça produz guerras legítimas e éticas. Não há caso mais notável que o do povo selvagem, sério e ameaçado de extinção que comumente chamamos de celtas, dos quais seus amigos, os MacNabs, são exemplares. Pequenos, morenos e desse sangue sonhador e vagabundo, eles aceitam facilmente a explicação supersticiosa de qualquer incidente, assim como ainda aceitam (perdoe-me a sinceridade) aquela explicação supersticiosa de todos os incidentes que o senhor e sua Igreja representam. Não é de admirar que tais pessoas, ouvindo atrás de si o murmúrio do mar e à sua frente as ladainhas da Igreja (desculpe-me novamente), atribuam características fantásticas ao que provavelmente são eventos simples. O senhor, com suas pequenas responsabilidades paroquiais, apenas vê a Sra. MacNab aterrorizada com essa história de duas vozes e um homem vindo do mar. Mas o homem com imaginação científica vê, por assim dizer, todos os clãs MacNab espalhados por todo o mundo, tão uniformes, no fim das contas, quanto um grupo de pássaros. Ele vê milhares de senhoras MacNabs, em milhares de casas, jogando suas gotinhas de morbidez nas xícaras de chá das visitas; ele vê... Antes que o cientista pudesse concluir sua frase, veio de fora um outro chamado mais impaciente; uma pessoa, vestindo saias farfalhantes, foi conduzida apressadamente pelo corredor, e quando a porta se abriu, apareceu uma jovem decentemente vestida, mas desordenada e corada pela corrida. Ela tinha cabelos loiros despenteados pelo vento do mar e seria de uma beleza perfeita se as maçãs do rosto não fossem, à maneira escocesa, um pouco salientes demais e intensas na cor. Seu pedido de desculpas foi quase tão brusco quanto uma ordem.

— Lamento interrompê-lo, senhor — disse ela —, mas tive de vir atrás do Padre Brown imediatamente; é assunto de vida ou morte, nada menos.

O Padre Brown começou a se levantar, sem jeito.

— Ora, o que houve, Maggie? — ele disse.

— Mataram o James, é tudo que eu sei — respondeu a garota, ainda respirando com dificuldade por causa da corrida. — Aquele homem, Otto Vítor, esteve com ele novamente; eu os ouvi direitinho conversando, através da porta. Eram duas vozes diferentes: James tem voz grave e rouca, a outra voz era aguda e trêmula.

— Aquele homem, Otto Vítor? — repetiu o padre com certa perplexidade.

— Sei que o nome dele é Otto Vítor — respondeu a moça, impaciente. — Eu ouvi através da porta. Eles estavam discutindo... sobre dinheiro, eu acho, pois ouvi James dizer repetidamente: “Isso mesmo, Otto Vítor”, ou: “Não, Otto Vítor”, e então: “Dois, três, Otto Vítor”. Mas estamos falando demais; venha imediatamente, ainda pode haver tempo.

— Mas tempo para quê? — perguntou o Dr. Hood, que vinha estudando a jovem com grande interesse. — O que há sobre o Sr. Otto Vítor e seus problemas monetários que deveria impulsionar tal urgência? — Tentei arrombar a porta, mas não consegui — respondeu a garota, rapidamente —, então corri para o quintal e subi no parapeito da janela que dá para o quarto. Tudo estava escuro e parecia vazio, mas juro que vi James encolhido em um canto, como se tivesse sido drogado ou estrangulado.

— Isso é muito sério — disse o Padre Brown, pegando seu chapéu e guarda-chuva revoltos e se levantando. — Eu estava justamente expondo sua situação a este senhor, e a opinião dele... — Foi amplamente alterada — disse o cientista gravemente.

— Não acho que esta jovem seja tão celta como eu suponha. Como não tenho mais nada para fazer, vou colocar meu chapéu e acompanhar o senhor.

Pouco depois, os três estavam se aproximando da triste esquina da rua dos MacNabs: a garota com o passo severo e ofegante de alpinista, o criminólogo com ar indolente (ao qual não faltava certa agilidade de leopardo) e o padre em um trote enérgico inteiramente desprovido de garbo. O aspecto dessa parte da cidade justificava um pouco as insinuações do médico sobre climas e ambientes desolados. As casas se espalhavam, cada vez mais distantes, em uma sequência fragilizada ao longo da costa; a tarde terminava em um crepúsculo prematuro e um tanto lúgubre; o mar era de um roxo escuro e murmurava

ameaçadoramente. No pobre jardim dos fundos dos MacNabs, que se estendia em direção à areia, duas árvores negras e de aparência estéril pareciam mãos demoníacas, erguidas de espanto e, quando a Sra. MacNab desceu a rua ao encontro do grupo com as mãos igualmente levantadas e o rosto feroz na sombra, ela mesma tinha algo de demônio em sua feição. O doutor e o padre deram poucas respostas às suas estridentes reiteraões da história da filha, com alguns e mais perturbadores detalhes por conta, e aos votos de vingança contra o Sr. Otto Vítor, pelo assassinato, e contra o Sr. Todhunter, por ter ousado querer se casar com a filha e não se manter vivo para fazê-lo. Atravessaram o corredor estreito na frente da casa até chegarem à porta do inquilino, nos fundos, onde o Dr. Hood com artimanha de detetive experiente, atirando-se de ombro contra a almofada da porta, irrompeu pelo quarto.

Uma cena de silenciosa catástrofe se apresentou aos seus olhos. Ninguém que a visse, mesmo por um instante, poderia duvidar de que o quarto fora palco de uma emocionante luta entre duas, ou talvez mais, pessoas. Cartas de baralho estavam espalhadas sobre a mesa e pelo chão como se um jogo tivesse sido interrompido. Em uma mesa lateral, duas taças de vinho estavam prontas para serem enchidas, mas uma terceira, quebrada em mil pedaços, formava uma estrela de cristal sobre o tapete. A poucos metros dela estava o que parecia ser uma faca longa ou uma espada curta, mas com cabo todo ornamentado e pintado; sua lâmina cega refletia um pequeno brilho cinza da janela sombria atrás, por onde se viam árvores negras contra o horizonte plúmbeo do mar. Para o lado oposto do quarto rolara a cartola de seda de algum cavalheiro, como se tivesse acabado de ser arrancada de sua cabeça; tanto assim, de fato, que quem a visse quase esperava vê-la terminar de rolar. E, no canto além da cartola, jogado como um saco de batatas, mas amarrado feito salame, jazia o Sr. James Todhunter, com um lenço na boca e seis ou sete cordas amarradas nos cotovelos e tornozelos. Seus olhos castanhos estavam vivos e se moviam alertas.

O Dr. Orion Hood parou por um instante na entrada e absorveu toda a cena de violência muda. Em seguida, andou rapidamente pelo tapete, pegou a cartola de seda e a colocou gravemente na cabeça do Todhunter ainda preso. Era tão grande para ele que quase chegou aos seus ombros.

— O chapéu do Sr. Otto Vítor — disse o médico, voltando com ela e espiando por dentro com uma lente de bolso. — Como explicar a ausência do Sr. Otto Vítor e a presença do chapéu do Sr. Otto Vítor? Pois o Sr. Otto Vítor não é um homem descuidado com suas roupas. Esse chapéu tem uma forma elegante e é sistematicamente escovado e polido, embora não seja muito novo. Um velho dândi, eu diria.

— Mas, céus! — exclamou a Srta. MacNab — O senhor não vai antes desamarrá-lo? — Digo “velho” de propósito, embora não com certeza — continuou o expositor. — A minha razão para isso pode parecer um pouco absurda. O cabelo dos seres humanos cai em graus muito variados, mas quase sempre cai pouco a pouco, e eu deveria ver com a lente os pelinhos de um chapéu recentemente usado. Mas não há fio nenhum, o que me leva a supor que o Sr. Otto Vítor é careca. Acrescente a isso a voz aguda e queixosa que a Srta. MacNab descreveu tão vividamente (paciência, minha querida senhora, paciência), quando juntamos a cabeça calva com o tom comum na cólera senil, podemos deduzir certa idade avançada. No entanto, ele provavelmente era vigoroso e quase certamente alto. Posso confiar até certo ponto na história de sua aparição anterior na janela, como um homem alto com um chapéu de seda, mas acho que tenho uma indicação mais exata. Este copo de vinho foi arrebentado, espalhando cacos no quarto inteiro, mas uma das lascas está na prateleira alta ao lado da lareira. Nenhum fragmento desse tipo poderia ter caído ali se o copo tivesse sido esmagado na mão de um homem comparativamente baixo como o Sr. Todhunter.

— A propósito — disse o Padre Brown —, será que não vale a pena desamarrar o Sr. Todhunter? — Há mais a descobrir examinando as taças — prosseguiu o especialista. — Posso dizer de imediato que é possível que o homem Otto Vítor fosse careca ou nervoso por causa da dissipação, e não da idade. O Sr. Todhunter, como foi observado, é um cavalheiro tranquilo e econômico, essencialmente um abstêmio. Essas cartas de baralho e taças de vinho não fazem parte de seus hábitos normais; foram preparados para um determinado companheiro. Mas podemos ir mais longe. O Sr. Todhunter pode possuir ou não este conjunto de taças de vinho, mas não há nada que indique que ele possui qualquer vinho. O que, então, seria bebido com essas taças? Eu sugeriria imediatamente um pouco de conhaque ou uísque, talvez de um tipo luxuoso, num cantil no bolso do Sr. Otto Vítor. Temos, portanto, algo como uma imagem do homem, ou pelo menos do tipo: alto, idoso, elegante, mas um tanto desgastado, certamente apreciador de jogo e águas que passarinhos não bebem, talvez muito apreciador. O Sr. Otto Vítor é um cavalheiro muito conhecido nas margens da sociedade.

— Olhe aqui — gritou a jovem —, se o senhor não me deixar desamarrá-lo, eu corro para fora e chamo a polícia.

— Não a aconselho, Srta. MacNab — disse o Dr. Hood gravemente —, que tenha pressa em chamar a polícia. Padre Brown, peço seriamente que acalme o seu rebanho, e para o bem deles, não para o meu. Agora que vimos algo sobre a figura e a qualidade do Sr. Otto Vítor, quais são

os principais fatos que sabemos a respeito do Sr. Todhunter? São substancialmente três: ele é econômico, é mais ou menos rico e tem um segredo. É óbvio que estas são três marcas principais do tipo de homem que é chantageado. E é igualmente óbvio que a elegância desbotada, os hábitos perdulários e a irritação aguda do Sr. Otto Vítor são as marcas inconfundíveis do tipo de homem que chantageia. Temos as duas figuras típicas de uma tragédia envolvendo dinheiro e silêncio: de um lado, o homem respeitável com um mistério; do outro, o abutre do bairro aristocrático de Londres com um faro para o mistério. Esses dois homens se encontraram aqui hoje e brigaram, usando golpes e uma arma nua.

— O senhor vai soltar as cordas? — perguntou a garota com teimosia.

O Dr. Hood recolocou cuidadosamente o chapéu de seda na mesinha lateral e foi até o prisioneiro. Ele o estudou atentamente, até mesmo movendo-o um pouco e virando-o pelos ombros, mas se limitou a responder: — Não; acho que essas cordas vão servir muito bem até que nossos amigos da polícia cheguem com as algemas.

O Padre, que estivera olhando estupefato para o tapete, ergueu o rosto redondo e perguntou: — Como assim? O homem da ciência pegou a peculiar adaga do tapete e, enquanto examinava-a atentamente, respondeu: — Como encontraram o Sr. Todhunter amarrado — disse ele —, todos vocês chegaram à conclusão de que foi o Sr. Otto Vítor que o amarrou e, em seguida, escapou. Há quatro objeções a isso. Primeiro, por que um cavalheiro tão elegante como nosso amigo Otto Vítor deixaria seu chapéu para trás, se partiu por sua própria vontade? Segundo — continuou ele, movendo-se em direção à janela —, há uma única saída e está trancada por dentro. Terceiro, esta lâmina aqui tem uma pequena mancha de sangue na ponta, mas não há ferimentos no Sr. Todhunter. O Sr. Otto Vítor, vivo ou morto, levou consigo aquele ferimento. Acrescentem a tudo isso uma dedução primária: é muito mais provável a pessoa chantageada tentar matar seu inimigo, do que o chantagista tentar matar sua galinha dos ovos de ouro. Assim, eu acho, temos uma versão bastante completa da história.

— Mas as cordas? — perguntou o padre, cujos olhos permaneciam abertos, num espanto um tanto vago.

— Ah, as cordas! — disse o especialista com uma entonação singular. — A Srta. MacNab queria muito saber por que eu não libertei logo o Sr. Todhunter de suas cordas. Pois bem, vou dizer a ela. Eu não fiz isso porque o Sr. Todhunter pode se libertar delas quando quiser.

— O quê? — gritou o público, em vários tons de espanto.

— Observei todos os nós das cordas do Sr. Todhunter — reiterou Hood calmamente. — Acontece que sei um pouco sobre nós, pois são um ramo muito importante da ciência criminal. Cada um desses nós foi feito por ele mesmo e ele mesmo pode desatá-lo; nenhum deles teria sido feito por um inimigo que realmente quisesse prendê-lo. Toda essa história das cordas é uma farsa engenhosa, para nos fazer pensar que ele é a vítima da luta, e não o miserável Otto Vítor, cujo cadáver pode estar escondido no jardim ou enfiado na chaminé.

Houve um silêncio um tanto constrangedor; o quarto estava escurecendo, as árvores do jardim, envolvidas pela névoa do mar, pareciam mais esguias e negras do que nunca, e pareciam ter se aproximado da janela. Quase se poderia imaginar que eram monstros marinhos como moluscos gigantes ou polvos, pólipos contorcidos que se arrastaram do mar para ver o fim dessa tragédia, assim como *ele*, o vilão e vítima dessa tragédia, o terrível homem de chapéu alto que antes se arrastara mar afora. Todo o ar estava denso com a morbidez da chantagem, que é a mais mórbida das coisas humanas, porque é um crime que esconde um crime; um emplastro negro sobre uma ferida ainda mais negra.

O rosto do pequeno padre católico, que costumava ser complacente e até cômico, de repente ficou marcado por uma carranca curiosa. Não era a mera curiosidade de sua inocência inicial; era antes aquela curiosidade criativa que surge quando um homem tem o início de uma ideia.

— Repita, por favor — disse ele de uma maneira simples e aborrecida. — O senhor quer dizer que Todhunter pode se amarrar sozinho e se desamarrar sozinho? — É isso mesmo o que quero dizer — respondeu o doutor.

— Meu Deus! — exclamou Brown de repente. — Será possível?! Atravessou o quarto com a agilidade de um coelho, e olhou com uma impulsividade de todo nova para o rosto parcialmente coberto do prisioneiro. Depois virou o seu rosto um tanto tolo para os companheiros.

— Sim, é isso! — exclamou, com certa excitação. — O senhor não consegue ver isso no rosto do homem? Ora, olhe para os olhos dele! Tanto o professor quanto a garota seguiram a direção de seu olhar. E embora o grande lenço preto mascarasse completamente a metade inferior do rosto de Todhunter, tomaram consciência de uma intensa

expressão na metade superior.

— Os olhos dele estão mesmo estranhos — exclamou a jovem, comovida. — Seus brutos, ele está sentindo dor! — Não é isso, eu acho — disse o Dr. Hood; — os olhos têm certamente uma expressão singular. Mas eu interpretaria essas rugas transversais como expressão de uma leve anormalidade psicológica, tão... — Por Deus! — gritou o Padre Brown — Não veem que ele está rindo? — Rindo?! — repetiu o médico, sobressaltado — Mas de que diabos ele pode estar rindo? — Bem — respondeu o reverendo Brown em tom de desculpas —, não exijo que concordem comigo, mas acho que ele está rindo do senhor. E, de fato, estou um pouco inclinado a rir de mim mesmo, agora que entendi.

— Agora que entendeu o quê? — perguntou Hood, um tanto exasperado.

— Agora eu entendi — respondeu o padre — qual é a profissão do Sr. Todhunter.

E começou a passear pelo quarto, olhando um objeto após o outro com o que parecia ser um olhar vago, seguido invariavelmente de uma risada igualmente vaga, um processo altamente irritante para aqueles forçados a assistir. Riu muito do chapéu, ainda mais ruidosamente do vidro quebrado, mas o sangue na ponta da espada o levou a acesso de gargalhadas. Depois se virou para o exasperado especialista.

— Dr. Hood — gritou com entusiasmo —, o senhor é um grande poeta! Deu vida a um ser inciado! Isso é muito mais difícil do que se o senhor tivesse apenas descoberto os meros fatos! Realmente, os meros fatos são bastante comuns e comparativamente cômicos.

— Não faço ideia do que o senhor está falando — disse o Dr. Hood um tanto arrogantemente. — Meus fatos são todos inevitáveis, embora necessariamente incompletos. Há lugar para a intuição, talvez (ou poesia, se o senhor preferir o termo), mas apenas porque os detalhes correspondentes ainda não puderam ser determinados. Na ausência do Sr. Otto Vítor... — É isso, justamente isso! — disse o padre, acenando a cabeça com entusiasmo. — Essa é a primeira ideia a se consertar, a ausência do Sr. Otto Vítor. Ele está extremamente ausente. Suponho — acrescentou pensativamente — que nunca houve alguém tão ausente como o Sr. Otto Vítor.

— Quer dizer que ele está ausente da cidade? — inquiriu o doutor.

— Quero dizer que ele está ausente de todos os lugares — respondeu o Padre Brown. — Está ausente da natureza das coisas, por assim dizer.

— O senhor acha seriamente que tal pessoa não existe? — disse o especialista com um sorriso.

O padre fez um sinal de assentimento com a cabeça, acrescentando: — Infelizmente.

Orion Hood irrompeu em uma risada desdenhosa.

— Bem — disse —, antes de passarmos para as cento e uma outras evidências, vamos pegar a primeira prova que encontramos; o primeiro fato que vimos quando entramos neste quarto. Se não há Sr. Otto Vítor, de quem é este chapéu? — É do Sr. Todhunter — respondeu o Padre Brown.

— Mas não cabe nele! — gritou Hood impaciente. — Ele não o poderia usar! O Padre Brown balançou a cabeça com uma doçura inefável.

— Eu nunca disse que ele o poderia usar — respondeu. — Disse que era o chapéu dele. Ou, se insistir numa distinção sutil, um chapéu que é dele.

— E qual é a sutileza da distinção? — perguntou o criminólogo com um leve sorriso de escárnio.

— Meu bom senhor — exclamou o manso homenzinho, num primeiro movimento de impaciência —, se o senhor descer a rua até a chapelaria mais próxima, verá que existe, em linguagem comum, uma diferença entre o chapéu de um homem e os chapéus que são dele.

— Mas um chapeleiro — protestou Hood — pode tirar dinheiro de seu estoque de chapéus novos. O que Todhunter poderia tirar desse chapéu velho? — Coelho — respondeu prontamente o Padre Brown.

— O *quê*?! — gritou o Dr. Hood.

— Coelho, fitas, guloseimas, peixinhos dourados, rolos de papel colorido — disse o padre, rapidamente. — O senhor não viu tudo isso, quando descobriu os nós falsos? É a mesma coisa com a espada. O Sr. Todhunter não apresenta um arranhão, como o senhor disse; mas ele esconde uma ferida, se o senhor pensar junto comigo.

— O senhor quer dizer, dentro das roupas do Sr. Todhunter? — perguntou a Sra. MacNab, severamente.

— Não quero dizer dentro das roupas do Sr. Todhunter — disse o

Padre Brown. — Quero dizer dentro do Sr. Todhunter.

— Mas o que *realmente* quer dizer com isso? — O Sr. Todhunter — explicou placidamente o Padre Brown — está treinando para ser um mágico profissional, bem como malabarista, ventríloquo e especialista em truques de corda. A mágica explica o chapéu. Nele não há vestígios de cabelo, não porque fosse usado pelo prematuramente calvo Sr. Otto Vítor, mas porque nunca foi usado por ninguém. O malabarismo explica os três copos, que Todhunter estava aprendendo a arremessar e pegar em série. Mas, estando apenas no estágio de prática, ele quebrou um copo contra o teto. Também a espada está explicada: o orgulho e o dever profissional do Sr. Todhunter é engoli-la. Mas, insisto, sendo ainda um aluno, ele roçou levemente o interior de sua garganta com a arma. Portanto, ele tem dentro de si uma ferida que, tenho certeza (pela expressão em seu rosto), não é grave. Ele também estava praticando o truque de se soltar das cordas, como os Irmãos Davenport, e estava prestes a se libertar quando todos entramos no quarto. As cartas, é claro, são para truques de baralho. Estão espalhadas pelo chão porque ele estava praticando uma daquelas artimanhas de fazê-las voar pelos ares. Ele apenas manteve seu trabalho em segredo porque ele tinha que manter seus truques em segredo, como qualquer outro ilusionista. Mas o simples fato de um ocioso de cartola uma vez ter olhado pela janela traseira, sendo expulso por um indignadíssimo Todhunter, foi suficiente para nos colocar no caminho errado do romance e nos fazer imaginar toda a sua vida encoberta pelo espectro do Sr. Otto Vítor e sua cartola de seda.

— Mas e as duas vozes? — perguntou Maggie, encarando-o.

— Você nunca ouviu um ventríloquo? — perguntou o Padre Brown. — Não sabe que eles falam primeiro em sua voz natural, e então respondem a si mesmos com aquela voz estridente, esganiçada e artificial que você ouviu? Houve um longo silêncio, e o Dr. Hood olhou com um sorriso sombrio e atento para o homenzinho que havia falado.

— O senhor é certamente uma pessoa muito engenhosa — disse ele; — nenhum livro seria melhor. Mas há apenas um aspecto do Sr. Otto Vítor que o senhor não conseguiu explicar: o nome dele. A Srta. MacNab ouviu distintamente o senhor Todhunter chamá-lo por esse nome.

O reverendo Sr. Brown deu uma risadinha bastante infantil.

— Bem— ele disse —, essa é a parte mais boba de toda a história boba. Quando nosso amigo malabarista aqui jogava os três copos, ele contava em voz alta quando os pegava, e também comentava em voz alta

quando não conseguia pegá-los. O que ele dizia realmente era: “Um, dois e três — *outro vidro*, um, dois — *outro vidro*”. E assim por diante.

Após um segundo de silêncio no quarto, todos unanimemente começaram a rir. Enquanto o faziam, a figura no canto desenrolou complacentemente todas as cordas e as deixou cair com um floreio. Então, avançando para o meio do quarto com uma reverência, tirou de seu bolso um folheto impresso em azul e vermelho, anunciando que “Zaladin, o maior mágico, contorcionista, ventríloquo e canguru humano do mundo” apresentaria uma nova série de truques no pavilhão do império, Scarborough, na próxima segunda-feira, precisamente às oito horas.

ii

O Paraíso dos Ladrões

O

grande Muscari, o mais original dos jovens poetas toscanos, entrou rapidamente em seu restaurante favorito, de frente para o Mediterrâneo, todo coberto por um toldo e cercado por pequenos limoeiros e laranjeiras. Garçons de avental branco já espalhavam nas mesas brancas os indícios de um almoço elegante, e isso parecia aumentar uma satisfação que já alcançava o nível da arrogância. Muscari tinha um nariz aquilino, como Dante; seu cabelo e lenço eram escuros e esvoaçantes; vestia uma capa preta e quase poderia usar uma máscara preta, visto que carregava consigo uma espécie de melodrama veneziano. Ele agia como se o trovador ainda tivesse uma posição social definida, como um bispo. Chegava o mais perto que seu século permitia de cruzar o mundo literalmente como Don Juan, com florete e violão, pois ele nunca viajava sem uma caixa de espadas, com a qual havia travado muitos duelos brilhantes, ou sem uma caixa adequada para seu bandolim, com o qual havia feito uma serenata, em um feriado, para a Srta. Ethel Harrogate, a muitíssimo convencional filha de um banqueiro de Yorkshire.

No entanto, ele não era um charlatão nem uma criança, mas um latino quente e lógico que sabia do que gostava. Sua poesia era tão direta quanto a prosa de qualquer outra pessoa. Ele desejava fama, ou vinho, ou a beleza das mulheres com uma franqueza tórrida inconcebível entre

os ideais nebulosos ou as nebulosas concessões do norte; para raças mais obscuras, sua intensidade cheirava a perigo ou mesmo crime. Como o fogo ou o mar, ele era simples demais para ser confiável.

O banqueiro e sua linda filha inglesa estavam hospedados no hotel anexo ao restaurante, por isso este era seu restaurante favorito. Uma olhada de relance ao redor do salão disse-lhe imediatamente, no entanto, que a família inglesa não havia descido ainda. O restaurante estava brilhando, mas ainda relativamente vazio. Dois padres conversavam a uma mesa em um canto, mas Muscari (um católico fervoroso) não prestou mais atenção neles do que teria prestado em um par de corvos. Foi quando, de um assento ainda mais distante, parcialmente escondido atrás de uma árvore anã de laranjas douradas, se ergueu e avançou em direção ao poeta uma pessoa cujo traje era o mais agressivamente oposto ao seu.

Essa figura estava vestida com *tweed* xadrez de duas cores, com gravata rosa, colarinho pontiagudo e botas amarelas protuberantes. Parecia que, na verdadeira tradição de 'Arry em Margate, ele procurasse ser ao mesmo tempo exuberante e comum. Mas, à medida que aquela vulgar aparição londrina se aproximava, Muscari ficou surpreso ao observar que a cabeça era bem diferente do corpo. Era uma cabeça italiana: encrespada, morena e muito vivaz, que se erguia abruptamente da gola dura como papelão e da cômica gravata rosa. Na verdade, era uma cabeça que ele conhecia. Ele o reconheceu, por cima de todo aquele horrível figurino de férias de um inglês, como o rosto de um velho mas esquecido amigo chamado Ezza. Esse jovem fora um prodígio na faculdade, e prometeram-lhe fama em toda a Europa quando ele mal tinha quinze anos; mas, quando apareceu no mundo, fracassou, primeiro publicamente como dramaturgo e demagogo e, depois, em privado, durante anos a fio, como ator, viajante, agente comissionado ou jornalista. Muscari o conhecera atrás da ribalta; ele estava muito bem sintonizado com as emoções daquela profissão, e acreditava-se que alguma calamidade moral o havia derrotado.

— Ezza! — exclamou o poeta, levantando-se e apertando-lhe as mãos num agradável assombro. — Bem, eu já vi o senhor fantasiado de muitas coisas no camarim, mas nunca esperei vê-lo vestido de inglês.

— Este — respondeu gravemente Ezza — não é o traje de um inglês, mas do italiano do futuro.

— Nesse caso — comentou Muscari —, confesso que prefiro o italiano do passado.

— Esse é o seu velho engano, Muscari — disse o homem de *tweed*, balançando a cabeça —, e o erro da Itália. No século XVI, nós, toscanos, tivemos nossa manhã: liderávamos no aço, na escultura, na química. Por que não deveríamos, agora, liderar nas fábricas, nos motores, nas finanças... e nas roupas? — Porque não vale a pena liderar — respondeu Muscari. — O senhor não poderá fazer dos italianos verdadeiros progressistas, eles são muito inteligentes. Quem conhece o atalho para uma boa vida nunca tomará uma das novas e elaboradas estradas.

— Bem, para mim Marconi, ou D'Annunzio, é a estrela da Itália — disse o outro. — Por isso me tornei futurista... e um guia.

— Um guia! — gritou Muscari, rindo. — Esse é o último item de sua lista de profissões? E a quem o senhor está atendendo? — Oh, um homem de nome Harrogate, e sua família, eu acredito.

— Não é o banqueiro hospedado neste hotel? — inquiriu o poeta, com uma certa ansiedade.

— É esse o homem — respondeu o mensageiro.

— Paga bem? — perguntou inocentemente o trovador.

— Vai me pagar — disse Ezza, com um sorriso muito enigmático. — Mas sou uma espécie bastante curiosa de guia.

— Depois, como que mudando de assunto, disse abruptamente: — Ele tem uma filha. E um filho.

— A filha é divina — afirmou Muscari —, o pai e o filho são, suponho, humanos. Mas, dadas as suas qualidades inofensivas, esse banqueiro não lhe parece um exemplo esplêndido do meu argumento? Harrogate tem milhões em seus cofres e eu tenho... um bolso furado. Mas você não ousará dizer, o senhor não pode dizer, que ele é mais esperto do que eu, ou mais ousado do que eu, ou ainda mais enérgico. Ele não é inteligente, tem olhos azuis e lentos; não tem energia, move-se de cadeira em cadeira como um paralítico. É um velho burro consciencioso e gentil; mas tem dinheiro simplesmente porque coleciona dinheiro, como um menino coleciona selos. Você é muito obstinado para os negócios, Ezza. Você não vai se dar bem. Para ser inteligente o suficiente para conseguir todo esse dinheiro, é preciso ser estúpido o suficiente para desejá-lo.

— Eu sou estúpido o suficiente para isso — disse Ezza tristemente. — Mas devo sugerir que suspenda sua crítica ao banqueiro, pois ele vem chegando.

O Sr. Harrogate, o grande financista, realmente entrou na sala, mas ninguém olhou para ele. Era um homem idoso e maciço, com olhos azuis desgastados e bigodes desbotados e cor de areia cinza; se não fosse por sua curvatura pesada, ele poderia passar por um coronel. Carregava várias cartas fechadas nas mãos. Seu filho Frank era um rapaz excelente, de cabelos cacheados, queimado de sol e atlético; mas ninguém olhou para ele também. Todos os olhos se fixaram, como sempre, pelo menos por um momento, em Ethel Harrogate, cuja cabeça grega dourada da cor do amanhecer parecia propositadamente existir acima daquele mar de safira, como a de uma deusa. O poeta Muscari respirou fundo como se estivesse bebendo alguma coisa, como de fato estava. Ele estava bebendo a beleza clássica, a obra de seus pais. Ezza a estudou com um olhar igualmente intenso e muito mais desconcertante.

A Srta. Harrogate estava especialmente radiante e disposta a conversar naquela ocasião, e sua família havia assumido o hábito continental da acessibilidade, permitindo que o estranho Muscari e até o guia Ezza compartilhassem sua mesa e sua conversa. Em Ethel Harrogate, o convencionalismo coroa-se com perfeição e esplendor próprios. Orgulhosa da prosperidade do pai, amante dos prazeres da moda, uma filha afetuosa, mas irreverentemente dada ao f lerte, ela era todas essas coisas com uma espécie de bondade dourada que tornava seu orgulho muito agradável e sua respeitabilidade mundana uma coisa fresca e calorosa.

Estavam em um turbilhão de excitação com algum suposto perigo no caminho da montanha em que iriam se aventurar naquela semana. O perigo não vinha da rocha e da avalanche, mas de algo ainda mais romântico. Alguém garantira a Ethel que bandidos, os próprios degoladores da lenda moderna, ainda assombravam aquela crista e controlavam o desfiladeiro dos Apeninos.

— Dizem — ela exclamou, com o terrível prazer de uma colegial — que todo aquele país não é governado pelo Rei da Itália, mas pelo Rei dos Ladrões. Quem é o Rei dos Ladrões? — Um grande homem — respondeu Muscari —, digno de se igualar ao próprio Robin Hood, *signorina*. Falou-se pela primeira vez de Montano, o Rei dos Ladrões nas montanhas, há cerca de dez anos, quando as pessoas diziam que os bandidos estavam extintos. Mas sua autoridade selvagem se espalhou com a rapidez de uma revolução silenciosa. Os homens encontraram suas proclamações ferozes pregadas em todas as aldeias nas montanhas; suas sentinelas, de arma na mão, em cada ravina. Seis vezes o governo italiano tentou desalojá-lo e foi derrotado em seis batalhas campais como se enfrentasse Napoleão.

— Esse tipo de coisa — observou, pesadamente, o banqueiro — nunca seria tolerado na Inglaterra; afinal, talvez fosse melhor escolher outro caminho. Mas o guia diz que esse é perfeitamente seguro.

— É perfeitamente seguro — disse o guia com desprezo. — Já passei por lá vinte vezes. Pode ter havido algum velho presidiário chamado de Rei no tempo de nossas avós, mas ele pertence à história, se não à fábula. A brigada está totalmente eliminada.

— Ela nunca poderá ser totalmente eliminada — Muscari respondeu, — porque a revolta armada é uma recreação natural para os sulistas. Nossos camponeses são como suas montanhas: ricos em graça e alegria verde, mas com o fogo por baixo. Há um ponto do desespero humano em que os pobres do norte se afundam na bebida... e os nossos próprios pobres pegam em armas.

— Um poeta é um privilegiado — respondeu Ezza com desprezo. — Se o *Signor* Muscari fosse inglês, ele ainda estaria procurando assaltantes em Wandsworth. Acredite em mim, o perigo de ser capturado na Itália é igual ao de ser escalpelado em Boston.

— Então o senhor se propõe a tentar? — perguntou o Sr.

Harrogate, franzindo a testa.

— Oh, parece mesmo apavorante — exclamou a garota, voltando seus olhos gloriosos para Muscari. — O senhor realmente acha que o trajeto é perigoso? Muscari jogou para trás sua juba negra.

— Eu sei que é perigoso — disse ele. — Vou atravessá-lo amanhã. O jovem Harrogate foi momentaneamente deixado para trás, terminando uma taça de vinho branco e acendendo um cigarro, enquanto a beldade se retirava com o banqueiro, o mensageiro e o poeta, trocando sátiras jocosas. Quase no mesmo instante, os dois padres no canto levantaram-se; o mais alto, um italiano de cabelos brancos, despedindo-se. O padre mais baixo se virou e caminhou em direção ao filho do banqueiro, que ficou surpreso ao perceber que, embora fosse um padre da Igreja Romana, o homem era inglês. Ele se lembrava vagamente de tê-lo conhecido nas reuniões sociais de alguns de seus amigos católicos. Mas o homem falou antes que suas memórias pudessem se recompor.

— Sr. Frank Harrogate, eu acho — disse ele. — Fomos apresentados, mas não espero que o senhor se lembre de mim. A coisa estranha que tenho a dizer será muito mais convincente se dita por um estranho. Sr. Harrogate, digo uma palavra e vou-me: cuide de sua irmã em sua grande dor.

Mesmo para a indiferença verdadeiramente fraternal de Frank, o esplendor e a exuberância de sua irmã ainda pareciam brilhar e ressoar; ele ainda ouvia a risada dela vinda do jardim do hotel, e olhou, perplexo, para seu conselheiro sombrio.

— O senhor quer dizer os bandidos — ele perguntou; e então, lembrando-se de um vago medo próprio — ou o senhor pode estar pensando em Muscari? — Nunca nos preparamos para a dor real — disse o estranho padre. — Só nos resta ser gentis quando ela se revela.

E saiu prontamente da sala, deixando o outro quase com a boca aberta.

Um ou dois dias depois, uma carruagem com todo o grupo arrastava-se e cambaleava pelos espigões da ameaçadora cordilheira. Entre a alegre negação do perigo por parte de Ezza e o impetuoso enfrentamento por Muscari, a família do financista estava firme em seu propósito original; e Muscari fez sua jornada na montanha coincidir com a deles. Uma adição mais surpreendente foi a aparição na estação da cidade litorânea do padrezinho do restaurante; ele alegou apenas que os seus afazeres o levavam também a cruzar as montanhas da região central. Mas o jovem Harrogate não pôde deixar de conectar sua presença com os medos e avisos místicos recentes.

A carruagem era uma espécie de carrocinha cômoda, inventada pelo talento modernista do guia, que dominava a expedição com sua atividade científica e seu humor alegre. O tema dos ladrões e seu perigo foi banido do pensamento e da palavra, embora depois de ter sido admitido formalmente, em ato, pelo que eles empregavam leves medidas de proteção. O guia e o jovem banqueiro portavam revólveres carregados, e Muscari (com alegria muito juvenil) prendeu uma espécie de sabre sob sua capa preta.

De um salto, tinha-se instalado ao lado da adorável inglesa; do outro lado estava sentado o padre, cujo nome era Brown e que felizmente era um indivíduo silencioso; o guia, o pai e o filho estavam no *banco* atrás. Muscari estava muito animado, acreditando seriamente no perigo, e sua conversa com Ethel poderia muito bem tê-la feito pensar que ele era um maníaco. Mas havia algo na louca e sensacional subida, em meio a penhascos altíssimos repletos de bosques que lembravam pomares, e esse algo arrastou o espírito dela, junto ao dele, para absurdos céus purpúreos com sóis dançantes. A estrada branca subia o monte semelhante a um gato branco, atravessava abismos sem sol como uma corda bamba, arremessava-se como um laço em volta de promontórios distantes.

E, no entanto, por mais alto que fossem, o ermo ainda se abria como uma rosa. Os campos brilhavam ao sol e ao vento com as cores de martins-pescadores, papagaios e beija-flores, os tons de uma centena de flores que desabrochavam. Não há prados e bosques mais adoráveis do que os ingleses, nem cristas ou abismos mais nobres do que os de Snowdon e Glencoe. Mas Ethel Harrogate nunca tinha visto os parques do sul inclinados sobre os picos fragmentados do norte, nem o desfiladeiro de Glencoe carregado com os frutos de Kent. Não havia nada aqui daquele frio e desolação que na Grã-Bretanha se associa às paisagens altas e selvagens. Parecia um palácio de mosaico dilacerado por terremotos, ou um jardim de tulipas holandês dinamitado ao alto dos céus.

— É como Kew Gardens em Beachy Head — disse Ethel.

— É o nosso segredo — respondeu ele —, o segredo do vulcão; esse é também o segredo da revolução: de que uma coisa pode ser violenta, e ainda assim fecunda.

— O senhor também é bastante violento — e ela sorriu para ele.

— E, no entanto, bastante infecundo — admitiu ele. — Se eu morrer esta noite, morro solteiro e tolo.

— Não é minha a culpa, se o senhor quis vir também — ela disse depois de um silêncio difícil.

— Nada é culpa sua — respondeu Muscari —, não foi por sua culpa que Troia caiu.

Enquanto falavam, iam passando por penhascos imensos, que se espalhavam quase como asas acima de uma curva de grande perigo. Assustados pela grande sombra na saliência estreita, os cavalos se agitaram, hesitantes. O motorista saltou ao chão para conter as rédeas, mas eles ficaram indóceis. Um deles ergueu-se em toda a sua altura — a titânica e assustadora altura de um cavalo quando se faz bípede. Isso bastou para alterar o equilíbrio; a carruagem inteira tombou como um navio e se espatifou na orla dos arbustos no penhasco. Muscari lançou um braço em volta de Ethel, que se agarrou a ele, e gritou alto. Era por momentos assim que ele vivia.

Enquanto as belíssimas paredes da montanha rodavam em torno da cabeça do poeta como um purpúreo moinho de vento, aconteceu outra coisa ainda mais surpreendente. O idoso e letárgico banqueiro se ergueu ereto na carruagem e saltou sobre o precipício antes que o veículo inclinado pudesse levá-lo até lá. Tal ato, à primeira vista, pareceu tão

louco quanto um suicídio; mas reavaliado, foi tão sensato quanto um investimento seguro. O homem de Yorkshire evidentemente tinha mais prontidão, bem como mais sagacidade, do que Muscari acreditava, pois ele pousou em um pedaço de terra que poderia ter sido especialmente forrado com relva e trevo para recebê-lo. Na verdade, toda a companhia teve a mesma sorte, embora tenham saído do veículo com menos dignidade. Exatamente embaixo dessa curva abrupta da estrada havia uma depressão gramada e florida como um prado submerso; uma espécie de bolso de veludo verde nas saias compridas e verdes das colinas. Todos eles caíram com poucos danos, exceto que sua bagagem menor e também o conteúdo de seus bolsos estavam espalhados na grama ao redor deles. A carruagem destruída ainda estava pendurada acima, emaranhada na cerca viva, e os cavalos dolorosamente pendurados na descida da encosta. O primeiro a sentar-se foi o frágil padre, que coçou a cabeça com uma expressão de tola admiração. Frank Harrogate o ouviu dizer a si mesmo: — Ora, por que é que caímos justamente aqui? Observou, piscando, a bagunça ao seu redor e recuperou seu desajeitado guarda-chuva. Além deste, estava o chapelão caído da cabeça de Muscari e, ao lado, uma carta comercial lacrada que, após dar uma olhada no endereço, ele devolveu ao Harrogate mais velho. Do outro lado, a grama escondia parcialmente o guarda-sol da Srta. Ethel e, logo atrás, havia uma curiosa garrafinha de vidro de quase cinco centímetros de comprimento. O padre a apanhou; num gesto rápido e discreto, tirou a tampa e cheirou, e seu rosto pesado ficou da cor de argila.

— Deus nos livre! — murmurou ele. — Não pode ser dela! A tristeza já se abateu sobre ela? — No entanto, enfiou-a no bolso do próprio colete. — Acho que estou justificado — disse ele —, até que eu saiba um pouco mais.

Olhou dolorosamente para a menina, naquele momento sendo erguida das flores por Muscari, que dizia: — Caímos no céu, isto é um sinal. Os mortais sobem e caem, mas apenas deuses e deusas podem cair para cima.

E de fato ela se ergueu do mar de cores, uma aparição tão bela e feliz que o padre sentiu suas suspeitas abaladas e mudadas. “Afinal” pensou, “talvez o veneno não seja dela; talvez seja um dos truques melodramáticos de Muscari”.

Muscari pôs a dama levemente em pé, fez uma reverência absurdamente teatral e então, puxando o sabre, deu um golpe forte nas rédeas dos cavalos, que com isso se ergueram e vieram, tremendo, para a estabilidade na grama. Quando ele fez isso, uma coisa notável

aconteceu. Um homem muito quieto, muito malvestido e extremamente queimado de sol saiu do mato e segurou as rédeas dos cavalos. Trazia uma faca de formato estranho, muito larga e torta, presa ao cinto; nada mais havia de notável nele, além de sua repentina e silenciosa aparição. O poeta perguntou-lhe quem ele era, mas não recebeu resposta.

Olhando em volta para o grupo confuso e assustado na baixada, Muscari então percebeu que outro homem bronzeado e esfarrapado, com uma arma curta debaixo do braço, estava olhando para eles da saliência logo abaixo, apoiando os cotovelos na borda da grama. Em seguida, olhou para a estrada de onde eles haviam caído e viu, olhando para eles, os canos de outras quatro carabinas e quatro outros rostos morenos com olhos brilhantes, mas completamente imóveis.

— Os bandidos! — gritou Muscari, com uma espécie de alegria monstruosa. — Foi tudo uma armadilha. Ezza, se me fizer a gentileza de atirar primeiro no cocheiro, ainda podemos abrir caminho. Eles são apenas seis.

— O cocheiro, no caso — disse Ezza, que estava de pé sombriamente com as mãos nos bolsos —, é um funcionário do Sr. Harrogate.

— Então atire nele ainda mais — gritou o poeta impaciente. — Ele foi subornado para trair seu mestre. Depois coloque a senhorita no meio e abriremos caminho até lá, numa arrematada.

E, vadeando a grama selvagem e as flores, avançou destemidamente na direção dos quatro carabineiros; notando, porém, que ninguém além do jovem Harrogate o seguia, ele se virou, brandindo seu sabre para chamar os outros. Viu o guia ainda de pé, em ligeira prontidão no centro do círculo gramado, com as mãos nos bolsos, cujo magro e irônico rosto italiano parecia ficar cada vez mais sombrio à luz do entardecer.

— Você pensava, Muscari, que eu era o fracasso de nossa turma de escola — disse ele —, e que você era o sucesso. Mas eu tive mais sucesso do que você e ocupei um lugar maior na história. Eu tenho atuado em épicos, enquanto você os tem escrito.

— Vamos logo! — trovejou Muscari lá de cima. — Você vai ficar aí, sonhando sobre você mesmo, com uma mulher para salvar e três homens fortes para ajudá-lo? Quem é você? — Eu me chamo Montano — gritou o estranho guia com uma voz igualmente alta e cheia. — Eu sou o Rei dos Ladrões e lhes dou boas-vindas ao meu palácio de verão.

E, enquanto falava, mais cinco homens silenciosos com armas prontas

sairam dos arbustos e olharam para ele pedindo suas ordens. Um deles segurava um papel grande.

— Este lindo ninho onde todos estamos fazendo piquenique — continuou o guia-bandido, com o mesmo sorriso fácil, mas sinistro — é, junto com algumas cavernas embaixo, conhecido pelo nome de Paraíso dos Ladrões. É minha principal fortaleza nestas colinas, pois, como o senhor deve ter notado, é invisível tanto da estrada acima quanto do vale abaixo. É ainda melhor do que inexpugnável: é imperceptível. Aqui é minha principal morada e aqui certamente morrerei, se a polícia aqui me localizar. Não sou o tipo de criminoso que “reserva sua defesa”, mas o tipo superior, que reserva sua última bala.

Todos estavam olhando para ele estupefatos e imóveis, exceto o Padre Brown, que deu um grande suspiro de alívio e apalpou o pequeno frasco em seu bolso.

— Graças a Deus! — murmurou. — Isso é muito mais provável. O veneno pertence a esse chefe ladrão, é claro. Ele o carrega para que nunca seja capturado, como Catão.

O Rei dos Ladrões, entretanto, continuava seu discurso com o mesmo tipo de polidez perigosa.

— Só me resta — disse ele —, explicar aos meus convidados as condições sociais em que tenho o prazer de entretê-los. Não preciso expor o antigo e pitoresco ritual de resgate, que tenho a honra de dever manter, e mesmo isso só se aplica a uma parte da empresa. Amanhã, ao amanhecer, libertarei o Reverendo Padre Brown e o célebre *Signor* Muscari e vou escoltá-los até meus postos avançados. Poetas e padres, se me perdoam a simplicidade ao falar, nunca têm dinheiro. E assim, já que é impossível lucrar com eles, aproveitemos a oportunidade para mostrar nossa admiração pela literatura clássica e nossa reverência pela Santa Igreja.

Fez uma pausa com um sorriso desagradável. O Padre Brown piscou repetidamente para ele, e subitamente passou a demonstrar grande atenção ao ouvi-lo. O capitão-bandido pegou o papel grande que seu capanga segurava e, olhando, continuou: — Minhas outras intenções estão claramente expostas neste documento público, que entregarei em breve, e que depois disso será postado em uma árvore em cada aldeia no vale e em cada encruzilhada nas colinas. Não vou cansá-los com o verbalismo, pois vocês poderão vê-lo. A substância da minha proclamação é esta: Em primeiro lugar, anuncio que capturei o milionário inglês, o colosso das finanças, Sr. Samuel Harrogate. Em

seguida, anuncio que encontrei em sua pessoa notas e títulos de duas mil libras, com as quais ele me presenteou. Agora, como seria realmente imoral anunciar tal coisa a um público disposto a acreditar sem que tal coisa tenha ocorrido, sugiro que tal coisa ocorra imediatamente. Sr. Harrogate, pai, eu sugiro que me entregue agora as duas mil libras que tem no bolso.

O banqueiro olhou para ele sob as sobrancelhas baixas, com o rosto vermelho e carrancudo, mas aparentemente acovardado. Aquele salto da carruagem decadente parecia ter esgotado sua última virilidade. Ele se conteve como um cão enforcado quando seu filho e Muscari fizeram um movimento ousado para escapar da armadilha dos bandidos. E agora sua mão vermelha e trêmula foi com relutância ao bolso do peito e passou um maço de papéis e envelopes para o bandido.

— Excelente! — gritou alegremente o fora da lei. — Até agora estamos todos indo bem. Retomo os pontos da minha proclamação, que em breve será publicada em toda a Itália. O terceiro item é o do resgate. Estou pedindo aos amigos da família Harrogate um resgate de três mil libras, o que tenho certeza de ser quase um insulto para aquela família, ao estimar tão moderadamente sua importância. Quem não pagaria o triplo dessa soma por mais um dia de amizade com tal círculo doméstico? Não vou esconder dos senhores que o documento termina com certos avisos legais sobre as coisas desagradáveis que podem acontecer se o dinheiro não for pago; mas, enquanto isso, senhoras e senhores, deixem-me assegurar-lhes que estou, aqui, confortavelmente preparado quanto a acomodações, vinho e charutos, e como um cavalheiro lhes digo, neste instante, que sejam bem-vindos aos luxos do Paraíso dos Ladrões.

Durante todo o tempo em que estivera falando, os homens de aparência duvidosa com carabinas e chapéus desleixados e sujos haviam se reunido silenciosamente em um número tão preponderante que até Muscari precisou reconhecer a inutilidade de sua investida com a espada. Ele olhou ao seu redor, mas a garota já tinha ido acalmar e confortar o pai, pois a afeição natural dela pelo pai era tão forte quanto o orgulho um tanto esnobe que ela sentia pelo sucesso dele, ou mais. Muscari, com a ilogicidade de um amante, admirou essa devoção filial, mas ficava irritado com ela. Ele colocou a espada de volta na bainha e foi se atirar um tanto mal-humorado em uma das margens verdes. O padre sentou-se a um ou dois metros, e Muscari voltou seu nariz aquilino para ele em uma irritação instantânea.

— Bem — disse o poeta com sarcasmo —, ainda me acham romântico demais? Haverá ainda, eu me pergunto, algum bandido nas montanhas?

— Pode haver — disse o Padre Brown agnosticamente.

— O que o senhor quer dizer? — perguntou o outro asperamente.

— Quero dizer, estou intrigado — respondeu o padre. — Estou intrigado com Ezza, Montano ou seja lá qual for o seu nome. Parece-me muito mais inexplicável como bandido do que como guia.

— Mas de que maneira? — persistiu seu companheiro. — Santa Maria! O bandido me pareceu suficientemente direto.

— Encontro três dificuldades curiosas — disse o padre em voz baixa. — Gostaria de saber sua opinião sobre elas. Antes de tudo, devo dizer que estava almoçando naquele restaurante à beira-mar. Quando quatro de vocês saíram da sala, o Sr. e a Srta. Harrogate foram na frente, conversando e rindo; o banqueiro e o guia ficaram atrás, falando pouco e em voz baixa. Mas não pude deixar de ouvir Ezza dizer estas palavras: “Bem, deixe-a se divertir um pouco; o senhor sabe que o golpe pode acabar com ela”. O Sr. Harrogate nada respondeu. Essas palavras devem ter, então, algum significado. No impulso do momento, avisei o irmão que ela poderia estar em perigo. Não disse nada sobre de qual natureza, pois não sabia. Mas se a conversa era sobre essa captura nas colinas, a coisa não faz sentido. Por que o guia-bandido avisaria seu patrão, mesmo que apenas insinuando, sobre seu propósito de atraí-lo para a ratoeira da montanha? Isso não faria sentido. Mas se não, que desastre era esse, conhecido tanto pelo guia quanto pelo banqueiro, que pairava sobre a cabeça da Srta. Harrogate? — Desastre para a Srta. Harrogate! — exclamou o poeta, sentando-se com certa ferocidade. — Explique-se; continue.

— Todos os meus enigmas, entretanto, giram em torno do nosso chefe-bandido —, retomou o padre pensativamente. — E aqui está o segundo deles: por que ele destacou tanto, em seu pedido de resgate, o fato de já ter subtraído duas mil libras de sua vítima? Isso não ajudaria a motivar o pagamento do resgate. Bem ao contrário, na verdade: os amigos de Harrogate estariam muito mais propensos a temer por seu destino se se convencessem de que os ladrões são pobres e desesperados. Ainda assim, a espoliação no local foi enfatizada e até colocada em primeiro lugar na demanda. Por que Ezza Montano desejaria dizer a toda a Europa, de maneira tão especial, que havia batido a carteira antes de exigir o resgate? — Não consigo imaginar — disse Muscari, esfregando o cabelo preto pela primeira vez com um gesto não afetado. — O senhor pode pensar que está me esclarecendo as coisas, mas está apenas me confundindo mais. Qual pode ser a terceira objeção ao Rei dos Ladrões? — A terceira objeção — disse o Padre Brown, ainda em meditação — é

este lugar em que estamos sentados. Por que nosso guia salteador o chama de sua fortaleza principal e Paraíso dos Ladrões? Certamente é um lugar macio para se cair e um lugar bonito para se olhar. Também é bem verdade, como ele diz, que é invisível do vale e do pico e, portanto, é um esconderijo. Mas não é uma fortaleza, nunca poderia ser uma; acho que seria a pior fortaleza do mundo, pois, na verdade, está em posição desfavorável em relação à estrada que passa pelas montanhas, o mesmo lugar por onde a polícia provavelmente passaria. Ora, cinco armas curtas surradas nos mantiveram indefesos aqui há cerca de meia hora. Um quarto de companhia de qualquer tipo de soldados poderia nos lançar no precipício. O que quer que valha este pequeno recanto estranho de grama e flores, não é como uma posição entrincheirada. Ele é outra coisa, tem algum outro tipo estranho de importância, algum valor que eu não entendo. É mais como um teatro accidental ou um camarim natural, é como o cenário de uma comédia romântica, é como... À medida que as palavras do sacerdote baixinho se alongavam e se perdiam em uma franqueza monótona e sonhadora, Muscari, cujos sentidos animais estavam atentos e impacientes, ouviu um novo ruído nas montanhas. Mesmo para seu grau de alerta, o som ainda era muito pequeno e fraco, mas ele poderia jurar que a brisa da noite trazia consigo algo como a pulsação dos cascos dos cavalos e um uivo distante.

No mesmo momento, e muito antes de a vibração tocar os menos experientes ouvidos ingleses, Montano, o bandido, subiu correndo a margem acima deles e parou na cerca viva destruída, apoiando-se contra uma árvore e espiando a estrada. Estranha era a figura dele ali, pois vestira um fantástico chapéu esvoaçante, uma bandoleira e um sabre na bainha, acessórios pertinentes ao bandido-rei, sobre o prosaico *tweed* brilhante do guia, ainda visível aqui e ali embaixo do equipamento.

No momento seguinte, ele virou o rosto moreno e sarcástico e fez um gesto com a mão. A este sinal, os bandidos se dispersaram; não em confusão, mas no que era evidentemente uma espécie de disciplina de guerrilha. Em vez de ocupar a estrada ao longo do cume, eles se espalharam pelos flancos, atrás das árvores e da cerca viva, como se estivessem caçando um inimigo sem serem vistos. O barulho do outro lado ficou mais forte, começando a sacudir a estrada da montanha, e uma voz podia ser claramente ouvida dando ordens. Os bandidos vinham e se amontoavam, xingando e sussurrando, e o ar da noite se encheu de pequenos ruídos metálicos: eles engatilhavam suas pistolas, ou desembainhavam suas facas, ou arrastavam suas bainhas sobre as pedras. Então os ruídos de ambos os lados pareceram se encontrar na estrada acima: galhos estalavam, cavalos relinchavam, homens gritavam.

— Um resgate! — gritou Muscari, levantando-se de um salto e

acenando com o chapéu. — Os gendarmes vieram atrás! Agora, pela liberdade, lutemos pela liberdade! Agora, sejamos rebeldes contra ladrões! Vamos, não vamos deixar tudo para a polícia; isso é um modernismo nojento. Atrás desses rufões. Os gendarmes vieram nos resgatar. Venham, amigos, vamos resgatar os gendarmes! E atirando o chapéu por cima das árvores, sacou mais uma vez o sabre e começou a subir a ladeira até a estrada. Frank Harrogate deu um salto e correu para ajudá-lo, revólver na mão, mas ficou surpreso ao ouvir-se imperativamente ser chamado pela voz rouca de seu pai, que parecia estar em grande agitação.

— Não quero — disse o banqueiro com a voz embargada —, ordeno-lhe que não interfira.

— Mas, pai — disse Frank muito calorosamente —, um cavalheiro italiano abriu o caminho. O senhor não gostaria que dissessem que os ingleses ficaram para trás.

— É inútil — disse o homem mais velho, que tremia violentamente —, é inútil. Devemos aceitar nosso destino.

O Padre Brown olhou para o banqueiro e, então, instintivamente, pôs a mão na altura do coração, buscando, na verdade, o pequeno frasco de veneno. Uma grande luz surgiu em seu rosto, semelhante à luz da revelação da morte.

Enquanto isso, Muscari, sem esperar apoio, alcançara a estrada, subindo pelo penhasco, e atingira violentamente o rei bandido no ombro, fazendo-o cambalear e girar. Montano também tinha seu sabre desembainhado, e Muscari, sem mais palavras, desferiu um golpe em sua cabeça que ele foi obrigado a aparar. Mas mesmo quando as duas lâminas curtas se cruzaram e se chocaram, o Rei dos Ladrões deliberadamente abaixou a cabeça e riu.

— Para que isso, meu velho? — ele disse, em uma animada gíria italiana. — Esta maldita farsa acabará em breve.

— O que quer dizer, seu pilantra? — ofegou o poeta, aceso em fogo. — Sua coragem é tão farsesca quanto a sua honestidade? — Tudo em mim é uma farsa — respondeu o ex-guia com total bom humor. — Sou um ator, e se alguma vez tive um personagem privado, esqueci-o. Sou tão salteador quanto sou guia. Eu sou apenas um monte de máscaras, e o senhor não pode duelar contra máscaras. — E ele riu com um prazer infantil e voltou a engatinhar, de costas para a escaramuça estrada acima.

A escuridão se aprofundava sob as paredes da montanha, e não era fácil discernir muito do progresso da luta, exceto que homens altos empurravam os focinhos de seus cavalos sobre uma multidão de bandidos, que parecia mais inclinada a perturbar e atrapalhar os invasores que a matá-los. Era mais como uma multidão da cidade impedindo a passagem da polícia do que qualquer coisa que o poeta já houvesse imaginado como a última batalha de sanguinários e condenados fora da lei. Enquanto Muscari revirava os olhos, perplexo, sentiu um toque em seu cotovelo e achou o estranho padrezinho parado ali, como um pequeno Noé com um chapelão, pedindo o favor de uma ou duas palavras.

— *Signor* Muscari — disse o clérigo —, nesta crise absurda personalidades podem ser perdoadas. Posso lhe dizer, sem ofensa, uma maneira pela qual o senhor fará mais bem do que ajudando os gendarmes, que estão prestes a irromper de qualquer maneira.

Permita-me a intimidade impertinente, mas o senhor gosta daquela garota? Importa-se com ela o suficiente para se casar com ela e ser um bom marido, quero dizer? — Sim — disse o poeta com muita simplicidade.

— Ela gosta do senhor? — Acho que sim — foi a resposta igualmente grave.

— Então vá lá e ofereça-se — disse o padre. — Ofereça-lhe tudo o que puder; ofereça-lhe o céu e a Terra, se os tiver. O tempo é curto.

— Por quê? — perguntou o espantado literato.

— Porque — disse o Padre Brown — o Destino dela está chegando pela estrada.

— Pela estrada não há ninguém vindo, exceto o resgate.

— Bem, vá até lá e apronte-se para resgatá-la do resgate.

Mal acabavam de conversar quando as sebes foram quebradas ao longo de todo o cume por uma onda de bandidos em fuga, que mergulharam nos arbustos e na grama espessa como um exército derrotado em retirada, e os grandes chapéus armados da gendarmaria montada foram vistos passando por cima da sebe quebrada. Outra ordem foi dada. Houve um barulho de desmontagem, e um oficial alto de chapéu armado, com uma barba cinza e um papel na mão apareceu na fresta que era o portão do Paraíso dos Ladrões. Houve um silêncio momentâneo, quebrado de forma extraordinária pelo banqueiro, que

gritou com voz rouca e estrangulada: — Roubado! Fui roubado! — Ora, já faz horas — gritou o filho espantado — que te roubaram duas mil libras.

— Não falo das duas mil libras — disse o financista, com uma compostura abrupta e terrível —, só de uma garrafinha.

O policial com a barba cinza caminhava pela depressão verde. Encontrando o Rei dos Ladrões em seu caminho, ele bateu no ombro dele, algo entre uma carícia e uma bofetada, e lhe deu um empurrão que o fez cambalear para longe.

— Você vai arrumar problema — disse ele —, se insistir nos seus truques.

De novo, aos olhos artísticos de Muscari, aquilo em nada parecia a captura de um grande fora da lei foragido. Passando, o policial parou diante do grupo Harrogate e disse: — Samuel Harrogate, o senhor está preso, em nome da lei, por desvio de fundos do Banco Hull and Huddersfield.

O grande banqueiro assentiu com um estranho ar administrativo. Pareceu ref letir um momento e, antes que pudessem intervir, deu meia volta e um passo que o levou à beira da parede externa da montanha. Então, levantando as mãos, saltou exatamente como saltara da carruagem. Mas desta vez ele não caiu em um pequeno prado logo abaixo: caiu trezentos metros, tornando-se uma ruína de ossos no vale.

A cólera do policial italiano, que ele expressou loquazmente ao Padre Brown, foi em grande parte misturada com admiração.

— Bem típico dele, escapar afinal — ele disse. — *Ele* era um grande bandido, se o senhor quer saber. Este último truque dele me parece absolutamente inédito. Fugiu com o dinheiro da empresa para a Itália e se fez capturar por bandidos falsos, pagos por ele mesmo, para explicar tanto o desaparecimento do dinheiro quanto o desaparecimento dele mesmo. Esse pedido de resgate realmente foi levado a sério pela maioria da polícia, mas há anos ele vem fazendo coisas desse tipo, tão boas como essa. A família é que deve sentir falta.

Muscari estava conduzindo para fora dali a infeliz filha, que o abraçava com força, como continuou abraçando por muitos anos depois. Mas mesmo naquele trágico naufrágio ele não pôde deixar de sorrir e estender uma mão amiga, meio zombeteira, ao indefensável Ezza Montano.

— E para onde o senhor vai agora? — ele perguntou por cima do ombro.

— Birmingham — respondeu o ator, fumando um cigarro.

— Não te disse que era futurista? Se eu creio em algo, é nisto: mudança, agitação e coisas novas todas as manhãs. Vou para Manchester, Liverpool, Leeds, Hull, Huddersfield, Glasgow, Chicago... em suma, para uma sociedade iluminada, enérgica e civilizada! — Em suma — disse Muscari —, para o verdadeiro Paraíso dos Ladrões.

iii

O duelo do Dr. Hirsch

O

Sr. Maurice Brun e o Sr. Armand Armagnac cruzavam os ensolarados Campos Elísios com uma espécie de respeitabilidade vivaz. Ambos eram de baixa estatura, ágeis e ousados. Os dois tinham barbas pretas que não pareciam pertencer ao rosto, à estranha moda francesa que faz os pelos verdadeiros parecerem artificiais. Brun tinha uma cunha de barba escura aparentemente colada sob o lábio inferior. Armagnac, para variar, tinha duas barbas: uma de cada lado de seu queixo enfático. Ambos eram jovens. Ambos eram ateus, tendo uma deprimente rigidez de perspectiva, mas grande mobilidade de exposição. Ambos eram alunos do grande Dr. Hirsch, cientista, publicista e moralista.

O Sr. Brun se destacara por sua proposta de que a expressão comum “Adeus” deveria ser obliterada de todos os clássicos franceses, e uma pequena multa imposta para quem a usasse na vida privada. “Então”, ele dizia, “o próprio nome do seu Deus imaginado terá ecoado pela última vez no ouvido do homem”. O Sr. Armagnac especializara-se mais na resistência ao militarismo e defendera que o coro da Marselhesa fosse alterado de “Aux armes, citoyens” [Às armas, cidadãos!] para “Aux greves, citoyens” [Às greves, cidadãos]. Mas seu antimilitarismo era de um tipo peculiar e gaulês. Um eminente e muito rico quacre inglês, que o consultara sobre como providenciar o desarmamento de todo o planeta, muito se afligiu com a proposta de Armagnac de que (para começar) os soldados atirassem em seus oficiais.

E, de fato, era nesse aspecto que os dois homens diferiam mais de seu líder e pai na filosofia. O Dr. Hirsch, embora nascido na França e coberto com os favores mais triunfantes da educação francesa, era temperamentalmente de outro tipo — brando, sonhador, humano; e, apesar de seu sistema cético, não desprovido de transcendentalismo. Ele era, em suma, mais parecido com um alemão do que com um francês e, por mais que o admirassem, algo no subconsciente desses gauleses se irritava com seu pacífico pacifismo. Para seu grupo em toda a Europa, no entanto, Paul Hirsch era um santo da ciência. Suas grandes e ousadas teorias cósmicas anunciavam sua vida austera e sua moralidade inocente, embora um tanto frígida. Ele mantinha algo da posição de Darwin fortalecida pela posição de Tolstói. Mas não era anarquista nem antipatriota; seus pontos de vista sobre o desarmamento eram moderados e evolucionários — o governo republicano depositava considerável confiança nele quanto a várias melhorias químicas. Ultimamente tinha até descoberto um explosivo silencioso, cujo segredo o governo estava guardando cuidadosamente.

Sua casa ficava em uma rua bonita perto dos Elísios — uma rua que naquele verão forte parecia quase tão cheia de folhagens quanto o próprio parque; uma fileira de castanheiras, interrompida apenas em um ponto por um grande café que dava para a rua, dispersava os raios de sol. Quase em frente ao café ficavam as cortinas brancas e verdes da casa do grande cientista, com uma sacada de ferro, também pintada de verde, correndo diante das janelas do primeiro andar. Abaixo dela ficava a entrada para uma espécie de pátio, repleto de arbustos e ladrilhos, por onde os dois franceses entraram em meio a uma animada conversa.

A porta foi aberta para eles pelo velho criado do médico, Simon, que poderia muito bem se passar por um médico, tendo um terno preto rígido, óculos, cabelos grisalhos e uma atitude confidencial. Na verdade, ele era um homem de ciência muito mais apresentável do que seu mestre, o Dr. Hirsch, que era um sujeito esquisito, com uma cabeça bulbosa o suficiente para tornar seu corpo insignificante. Com toda a gravidade de um grande médico lidando com uma receita, Simon entregou uma carta ao Sr. Armagnac. Esse cavalheiro abriu-a com impaciência latina e leu rapidamente o seguinte: Não posso descer para falar com os senhores. Há um homem nesta casa que me recuso a encontrar. É um oficial chauvinista, Dubosc. Ele está sentado na escada. Circulou, impaciente, por todos os outros cômodos; eu me tranquei em meu escritório, em frente ao café. Se vocês têm apreço por mim, vão até o café e esperem em uma das mesas do lado de fora. Vou tentar mandá-lo falar com vocês. Eu quero que vocês falem e lidem com ele. Eu não posso encontrá-lo sozinho. Não posso: não vou.

P. Hirsch.

O Sr. Armagnac olhou para o Sr. Brun. O Sr. Brun pegou a carta, leu-a e olhou para o Sr. Armagnac. Em seguida, os dois se dirigiram rapidamente a uma das mesinhas sob as castanheiras do lado oposto, onde pediram dois copos altos de um horrível absinto verde, que aparentemente podiam beber em qualquer clima e a qualquer hora. Fora isso, o café parecia vazio, exceto por um soldado tomando café em uma mesa, e em outra por um homem grande tomando um pequeno xarope em companhia de um padre que nada bebia.

Maurice Brun pigarreou e disse: — Claro que devemos ajudar o mestre em todos os sentidos, mas... Houve um silêncio abrupto, e Armagnac disse: — Ele pode ter excelentes motivos para não encontrar o homem, mas... Antes que qualquer um pudesse completar uma frase, era evidente que o invasor havia sido expulso da casa em frente.

Os arbustos sob o arco balançaram e se abriram quando aquele hóspede indesejado foi atirado como uma bala de canhão para fora através deles.

Era uma figura robusta em um chapéu tirolês pequeno e inclinado de feltro, uma figura que tinha de fato algo geralmente tirolês. Os ombros do homem eram grandes e largos, mas suas pernas eram elegantes e ativas, com calções até o joelho e meias de tricô. Seu rosto era bronzeado como uma noz; ele tinha olhos castanhos muito brilhantes e inquietos; seu cabelo escuro era rigidamente penteado para trás na frente e cortado baixo na nuca, delineando um crânio quadrado e poderoso; e tinha um enorme bigode preto como os chifres de um bisão. Essa cabeça substancial estava sustentada por um pescoço de touro, escondido por um grande lenço colorido, enrolado nas orelhas do homem e caindo na frente de seu paletó como uma espécie de colete chique. Era um lenço de cores fortes e opacas, vermelho escuro, ouro velho e roxo, provavelmente de fabricação oriental. No todo, o homem tinha algo de bárbaro nele, mais como um escudeiro húngaro do que um comum burocrata francês. Seu francês, entretanto, era obviamente o de um nativo, e seu patriotismo francês era tão impulsivo que chegava a ser um tanto absurdo. Seu primeiro ato na rua, ao passar pelo arco, foi clamar com uma voz de clarim: — Há algum francês aqui? — como se chamasse os cristãos em Meca.

Armagnac e Brun levantaram-se instantaneamente, mas chegaram tarde demais. Homens já acorriam das esquinas; formara-se uma pequena, mas crescente multidão. Com o rápido instinto francês pela política da

rua, o homem de bigode preto já havia corrido para um canto do café e pulado em uma das mesas. Agarrando um galho de castanheira para se firmar, gritou como Camille Desmoulins⁴ em outra ocasião, quando espalhou as folhas de carvalho entre o povo.

— Franceses! — ele lançou. — Não posso falar! Que Deus me ajude, é por isso que falo! Os sujeitos nos imundos parlamentos, quando aprendem a falar, também aprendem a calar. A calar como aquele espião encolhido na casa em frente! Calado como ele ficou quando bati na porta de seu quarto! Calado como está agora, embora ouça minha voz do outro lado da rua e trema onde está sentado! Oh, eles sabem calar eloquentemente, os políticos! Mas chegou a hora em que nós, que não podemos falar, *devemos* falar. Fostes entregues aos prussianos. Traídos neste momento. Traídos por aquele homem. Sou Jules Dubosc, coronel de artilharia de Belfort. Pegamos um espião alemão nos Vosges ontem, e um papel foi encontrado com ele, um papel que trago nas mãos. Oh, tentaram sumir com ele, mas levei-o direto ao homem que o escreveu: o homem daquela casa! Está em suas mãos. Está assinado com suas iniciais. É um endereço para encontrar o segredo da nova pólvora silenciosa. Hirsch a inventou, Hirsch escreveu esta nota sobre ela. Esta nota está em alemão e foi encontrada no bolso de um alemão.

Diga ao homem que a fórmula da pólvora está em um envelope cinza, na primeira gaveta à esquerda da mesa do secretário, Ministério da Guerra, em tinta vermelha. Ele deve ter cuidado.

p. h.

Soltou frases curtas, como uma metralhadora. Era simplesmente o tipo de homem que ou está louco ou certo. A multidão era de nacionalistas e já se levantavam murmúrios ameaçadores, e uma minoria de intelectuais igualmente furiosos, liderados por Armagnac e Brun, apenas exacerbou a militância da maioria.

— Se isso é um segredo militar — gritou Brun —, por que o senhor grita sobre isso na rua? — Vou lhe dizer o porquê! — rugiu Dubosc sobre a multidão barulhenta. — Procurei esse homem de maneira direta e civilizada. Se ele tivesse alguma explicação, ela poderia ter sido dada em total sigilo. Ele se recusa a explicar. Manda-me a dois estranhos em um café, como se a dois lacaios. Ele me expulsou de sua casa, mas estou voltando para lá, com o povo de Paris atrás de mim! Um grito pareceu sacudir a própria fachada das mansões e duas pedras voaram, uma delas quebrando uma janela acima da varanda. O indignado coronel mergulhou mais uma vez sob a arcada e seus gritos e berros foram ouvidos lá dentro. A cada instante, o mar humano ficava maior; subia contra os corrimãos e degraus da casa do traidor. Já era certo que o

lugar seria invadido como a Bastilha, quando a porta envidraçada se abriu e o Dr. Hirsch apareceu na sacada. Por um instante, a fúria se transformou em riso, pois ele era uma figura absurda em tal cena. Seu longo pescoço nu e ombros caídos tinham a forma de uma garrafa de champanhe, mas isso era o único detalhe festivo em torno dele. Seu casaco estava pendurado nele como num cabide. Seu cabelo cor de cenoura era comprido e crespo, suas bochechas e queixo eram totalmente franjados com uma daquelas barbas irritantes que começam longe da boca. Era muito pálido e usava óculos azuis.

Lívido como estava, ele falou com uma espécie de decisão afetada, de modo que a multidão ficou em silêncio no meio de sua terceira frase.

—... apenas duas coisas para dizer agora. A primeira é para meus inimigos, a segunda para meus amigos. A meus inimigos, digo: é verdade que não receberei o Sr. Dubosc, embora ele esteja invadindo esta sala. É verdade que pedi a dois outros homens que o confrontassem por mim. E vou dizer o porquê! Porque eu não vou e não devo vê-lo, porque vê-lo afrontaria todas as regras da dignidade e honra. Antes de ser triunfantemente inocentado perante um tribunal, há outra arbitragem que este cavalheiro me deve como cavalheiro, e ao encaminhá-lo aos meus assistentes estou estritamente... Armagnac e Brun agitavam seus chapéus freneticamente, e até os inimigos do Doutor rugiam aplausos diante desse desafio inesperado. Novamente algumas frases foram abafadas, mas foi possível ouvi-lo dizer: —... aos meus amigos, eu mesmo deveria sempre preferir as armas puramente intelectuais, e uma humanidade evoluída certamente se limitará a elas. Mas nossa verdade mais preciosa é a força fundamental da matéria e da hereditariedade. Meus livros são bem-sucedidos, minhas teorias não foram refutadas, mas sofro, na política, um preconceito quase físico por parte dos franceses. Não posso falar como Clemenceau e Déroulède,⁵ pois suas palavras são como ecos de suas pistolas. Os franceses clamam por um duelista como os ingleses por um esportista. Bem, dou minhas provas: pagarei esse suborno bárbaro e depois voltarei à razão pelo resto da vida.

Dois homens foram imediatamente encontrados no meio da própria multidão para oferecer seus serviços ao Coronel Dubosc, que na hora apresentou-se, satisfeito. Um era o soldado comum com o café, que disse simplesmente: “Eu estarei com o senhor, coronel. Eu sou o Duque de Valognes”. O outro era o grandalhão cujo amigo, o padre, primeiro procurou dissuadir, mas depois foi embora sozinho.

No início da noite, um jantar leve foi servido nos fundos do Café Charlemagne. Embora no local não houvesse teto de vidro ou gesso

dourado, os convidados estavam quase todos sob um teto de folhas delicado e irregular, pois as árvores ornamentais eram tão densas ao redor das mesas e entre si, que davam algo da penumbra e do deslumbramento de um pequeno pomar. Em uma das mesas centrais, um padrezinho muito atarracado estava sentado em completa solidão e se dedicava a uma pilha de peixinhos fritos com o mais grave tipo de prazer. Vivendo da forma mais simples no cotidiano, ele tinha um gosto peculiar por luxos repentinos e isolados; era um epicurista abstinente. Ele não tirava os olhos do prato, ao redor do qual pimenta vermelha, limões, pão integral com manteiga, etc. estavam rigidamente ordenados, até que uma sombra alta cobriu a mesa e seu amigo Flambeau se sentou em frente. Flambeau estava sombrio.

— Receio que terei de largar este negócio — disse ele pesadamente. — Apoio totalmente o lado dos soldados franceses como Dubosc, e sou totalmente contra os ateus franceses como Hirsch, mas parece-me que neste caso cometemos um erro. O duque e eu achamos melhor investigar a acusação, e devo dizer que estou feliz por termos feito isso.

— O papel é falso, então? — perguntou o padre.

— Isso é estranho — respondeu Flambeau. — A letra é exatamente como a de Hirsch, e ninguém pode apontar nenhuma diferença nela. Mas não foi Hirsch que o escreveu. Se ele é um francês patriota, não o escreveu, porque dá informação à Alemanha. E se é um espião alemão, não escreveu, bem... porque não dá informações para a Alemanha.

— Quer dizer que a informação está errada? — perguntou o Padre Brown.

— Errada — respondeu o outro —, e errada exatamente onde o Dr. Hirsch estaria certo: sobre o esconderijo de sua própria fórmula secreta em seu próprio departamento oficial. Em favor de Hirsch e das autoridades, o duque e eu tivemos permissão de inspecionar a gaveta secreta do Ministério da Guerra onde a fórmula de Hirsch é mantida. Somos as únicas pessoas que a vimos, exceto o próprio inventor e o Ministro da Guerra; mas o ministro o permitiu, para salvar Hirsch do duelo. Depois disso, não podemos apoiar Dubosc, se sua denúncia for uma mistificação.

— E ela é? — perguntou o Padre Brown.

— É — disse seu amigo melancolicamente. — É uma grosseira falsificação de alguém que nada sabia do verdadeiro esconderijo. Diz que o papel está no armário à direita da mesa do secretário. Na verdade,

o armário com a gaveta secreta fica um pouco à esquerda da mesa. Diz que o envelope cinza contém um longo documento escrito em tinta vermelha. Não está escrito em tinta vermelha, mas em tinta preta comum. É manifestamente absurdo dizer que Hirsch pode ter cometido um erro sobre um artigo que ninguém conhecia além dele mesmo, ou que possa ter tentado ajudar um ladrão estrangeiro mandando-o mexer na gaveta errada. Acho que devemos desistir e pedir desculpas ao velho Cenourão.

O Padre Brown parecia refletir; levantou um peixinho com seu garfo.

— Tem certeza de que o envelope cinza estava no armário esquerdo? — ele perguntou.

— Absoluta — respondeu Flambeau. — O envelope cinza, na verdade era um envelope branco, estava... O Padre Brown baixou o garfo com o peixinho prateado e olhou espantado para o companheiro.

— O quê? — perguntou, com a voz alterada.

— O que o quê? — repetiu Flambeau, comendo com vontade.

— *Não* era cinza — disse o padre. — Flambeau, você me assusta.

— De que diabos você está com medo? — Estou com medo de um envelope branco — disse o outro, sério. — Se fosse cinza! Ora essa, poderia perfeitamente ser cinza! Mas, se era branco, todo o negócio é preto. Afinal, o doutor andou se intrometendo nisso.

— Mas eu garanto que ele não poderia ter escrito uma nota assim! — respondeu Flambeau. — A nota está totalmente errada quanto aos fatos. E inocente ou culpado, o Dr. Hirsch sabia tudo sobre os fatos.

— O homem que escreveu aquela nota sabia de todos os fatos — disse seu companheiro clerical com sobriedade. — Ninguém erra tanto sobre aquilo que ignora. É necessário saber muito sobre um assunto para errar em todos os detalhes, como o Diabo.

— Você quer dizer que...? — Quero dizer que um homem contando mentiras acabaria acertando algo — disse seu amigo com firmeza. — Suponha que alguém lhe mandasse procurar uma casa com uma porta verde e uma cortina azul; com um jardim na frente, mas não nos fundos; com um cachorro, mas sem gato; e onde se bebe café, mas não chá. O senhor diria, se não encontrasse tal casa, que tudo foi inventado. Mas eu digo que não. Digo que, se o senhor encontrasse uma casa onde a porta fosse azul e a cortina verde, onde houvesse um jardim nos fundos e

nenhum jardim na frente, onde os gatos fossem comuns e os cachorros fossem banidos, onde o chá fosse bebido aos litros e o café detestado, então o senhor saberia que tinha encontrado a casa. Seria necessário conhecer a casa para descrevê-la de forma precisamente imprecisa.

— Mas o que isso poderia significar? — perguntou o amigo em sua frente.

— Não faço ideia — disse Brown; — não entendo nada desse caso Hirsch. Se fosse apenas a gaveta esquerda em vez da direita, e tinta vermelha em vez de preta, eu acreditaria serem os erros casuais de um falsário, como o senhor diz. Mas três é um número místico; é um número pelo qual assuntos são concluídos. Este, por exemplo. *Não é possível* que tanto a indicação da gaveta, a cor da tinta e a cor do envelope, por coincidência, estivessem erradas. Não foi coincidência.

— O que foi, então? Traição? — perguntou Flambeau, retomando o jantar.

— Também não sei — respondeu Brown, com uma cara de perplexidade. — Só consigo pensar... Bem, nunca entendi aquele *Affaire Dreyfus*. Compreendo as provas morais sempre mais facilmente do que as de outros tipos. Eu observo os olhos e a voz de um homem, sabe, e se a família dele parece feliz, e quais assuntos ele prefere, e quais evita. Bem, o caso Dreyfus me deixou confuso. Não pelas coisas horríveis imputadas de ambos os lados; eu sei (embora não seja moderno dizer isso) que a natureza humana nos lugares mais altos ainda pode ser Cenci ou Borgia.⁶ Não; o que me intrigou foi a *sinceridade* de ambas as partes. Não me refiro aos partidos políticos: os soldados rasos são sempre mais ou menos honestos e, muitas vezes, enganados. Refiro-me às pessoas da peça, refiro-me aos conspiradores, se é que eram conspiradores. Refiro-me ao traidor, se ele de fato era um traidor. Refiro-me aos homens que *necessariamente* sabiam da verdade. Dreyfus portava-se como um homem que se sabia injustiçado. E, no entanto, os estadistas e soldados franceses portavam-se como se soubessem que ele não era um homem injustiçado, mas simplesmente um homem injusto. Não quero dizer que eles agiram bem, mas digo que agiram como se tivessem certeza. Não consigo descrever essas coisas, eu sei o que quero dizer.

— Eu gostaria de saber — disse o amigo. — E o que isso tem a ver com o velho Hirsch? — Suponha que uma pessoa em cargo de confiança — continuou o padre — começasse a dar informações ao inimigo, porque eram informações falsas. Suponha que ele pensasse estar salvando seu país e enganando o estrangeiro. Suponha que isso o aproximasse dos círculos de espionagem, e recebesse pequenos empréstimos e fosse

amarrado por pequenos laços. Suponha que ele sustentasse sua posição contraditória de maneira confusa, nunca dizendo a verdade aos espões estrangeiros, mas expondo-a mais e mais à dedução. A melhor parte dele (o que restasse dela) ainda diria: “Eu não ajudei o inimigo, eu indiquei a gaveta esquerda”. A parte mais mesquinha dele já estaria dizendo: “Mas eles podem ter o bom senso de ver que, com isso, indiquei a direita”. Eu acho que isso é psicologicamente possível, em uma era iluminada, o senhor sabe.

— Pode ser psicologicamente possível — respondeu Flambeau —, e certamente explicaria Dreyfus estar certo de que foi injustiçado e seus algozes terem a certeza de que ele era culpado. Mas não vai mudar historicamente, porque o documento de Dreyfus (supondo que o documento era dele) estava literalmente correto.

— Não estava pensando em Dreyfus — disse o Padre Brown. O silêncio havia engrossado ao redor deles, com o esvaziamento das mesas; já era tarde, embora a luz do sol ainda se agarrasse a tudo, como se acidentalmente se enredasse nas árvores. Na quietude, Flambeau mudou bruscamente de posição na cadeira, fazendo um ruído isolado e ecoante, e jogou o cotovelo sobre o espaldar.

— Bem — disse ele, com aspereza —, se Hirsch não é nada mais que um traidor covarde... — Não seja duro com eles — disse o Padre Brown gentilmente.

— Não é inteiramente culpa deles; é que eles não possuem certos instintos. Eu falo daquele tipo que faz uma mulher se recusar a dançar com um homem ou um homem fugir de um certo investimento. Eles foram ensinados que é tudo uma questão de grau.

— De qualquer forma — exclamou Flambeau impaciente —, ele não se compara ao seu oponente. Eu insistirei no que acho certo. O velho Dubosc pode ser meio louco, mas, afinal, ele é uma espécie de patriota.

O Padre Brown continuou comendo os peixinhos.

Algo na maneira impassível como ele comia fez com que os olhos negros e ferozes de Flambeau pousassem sobre seu companheiro novamente.

— Qual é o seu problema? — Flambeau exigiu. — Dubosc está certo nesse sentido. O senhor não duvida dele? — Meu amigo — disse o padrezinho, largando a faca e o garfo numa espécie de desespero frio —, eu duvido de tudo. De tudo que aconteceu hoje, digo. Duvido de toda a história, embora ela tenha sido representada diante dos meus olhos.

Duvido de tudo que meus olhos viram desde a manhã. Há algo neste negócio muito diferente do mistério policial comum, no qual sempre há um homem que está mais ou menos mentindo e outro que está mais ou menos dizendo a verdade. Aqui estão os dois homens... Bem! Eu expliquei para você a única teoria que me ocorre e parece ser capaz de satisfazer a qualquer um. A mim, ela não satisfaz.

— Nem a mim — respondeu Flambeau franzindo o cenho, enquanto o outro continuava comendo peixe com um ar de total resignação. — Se tudo que o senhor mostra é essa noção de uma mensagem transmitida por conceitos contrários, eu a considero extraordinariamente inteligente, mas... bem, como o senhor a chamaria? — Digo que é fraca — disse prontamente o padre. — Digo que a considero extraordinariamente fraca. Mas essa é a estranheza em todo o assunto. Essa mentira é como a de um colegial. Existem apenas três versões: a de Dubosc, a de Hirsch e minha fantasia. Ou a nota foi escrita por algum oficial francês para arruinar um burocrata francês, ou foi escrita pelo burocrata francês para ajudar os oficiais alemães, ou foi escrita pelo burocrata francês para enganar os oficiais alemães. Muito bem. Seria de se esperar que um documento secreto, circulando entre essas pessoas, oficiais ou burocratas, fosse bem diferente. Você provavelmente esperaria mensagens cifradas, certamente abreviações; certamente em termos científicos e estritamente profissionais. Mas a nota é elaboradamente simples, como uma revistinha barata: “Na gruta purpúrea você encontrará o cofrezinho de ouro”. É como... como se algo devesse saltar aos olhos.

Quase antes que pudessem notar, uma figura baixinha de uniforme francês se aproximou da mesa como uma rajada de vento e se sentou com uma espécie de baque.

— Tenho notícias extraordinárias — disse o Duque de Valognes. — Acabo de falar com nosso coronel. Ele está fazendo as malas para deixar o país e nos pede que apresentemos suas desculpas *sur le terrain* [em campo].

— O quê? — gritou Flambeau, com uma incredulidade bastante assustadora. — Pede *desculpas*? — Sim — disse o duque rispidamente; — na hora e no ato, quando as espadas estiverem desembainhadas. E o senhor e eu vamos fazer isso enquanto ele estará deixando o país.

— Mas *o que* isso significa? — gritou Flambeau. — Ele não pode ter medo daquele pequeno Hirsch! Não pode ser! — gritou, numa espécie de raiva racional — Ninguém *poderia* ter medo de Hirsch! — Acho que é uma trama! — tirou Valognes. — Alguma trama dos judeus e maçons.

É para trazer glória para Hirsch... O rosto do Padre Brown era comum, mas curiosamente contente; podia brilhar tanto com a ignorância quanto com o conhecimento. Mas sempre havia um lampejo quando a máscara de tolice caía e a máscara do sábio aparecia em seu lugar, e Flambeau, que conhecia o amigo, sabia que ele havia, de repente, entendido. Brown não disse nada, mas terminou de comer seu prato de peixe.

— Onde o senhor viu nosso precioso coronel pela última vez? — perguntou Flambeau, irritado.

— No Hotel Saint Louis, perto dos Elísios, onde nós o deixamos. Ele está fazendo as malas, posso lhe garantir.

— Ele ainda estará lá, o senhor acha? — perguntou Flambeau, franzindo a testa para a mesa.

— Não creio que ele possa já ter saído — respondeu o duque —, ele está fazendo as malas para uma longa viagem... — Não — disse o Padre Brown, com simplicidade e erguendo-se de repente —, para uma viagem muito curta. Uma das mais curtas, na verdade. Mas ainda podemos chegar a tempo de segurá-lo, se formos lá de táxi.

Nada mais pôde ser arrancado dele até que o táxi contornou a esquina do Hotel Saint Louis, de onde saíram, e ele conduziu o grupo por uma viela lateral, já na sombra profunda da noite que crescia. Quando o duque perguntou impacientemente se Hirsch era culpado de traição ou não, o padre respondeu, um tanto inalcançável: — Não; apenas de ambição, como César.

Depois acrescentou, um tanto inconsequentemente: — Ele vive uma vida muito solitária, precisa fazer tudo por conta própria.

— Bem, se ele é ambicioso, deve estar satisfeito agora — disse Flambeau amargamente. — Paris inteira vai aplaudi-lo, agora que nosso maldito coronel bateu em retirada.

— Não fale tão alto — disse o Padre Brown, baixando a voz —, seu maldito coronel está bem na frente.

Os outros dois estremeceram e se encolheram ainda mais na sombra da parede, pois a figura robusta do fugitivo podia de fato ser vista arrastando os pés na escuridão à frente, com uma bolsa em cada mão. Ele parecia o mesmo de quando o viram pela primeira vez, exceto pelo fato de que ele havia trocado suas pitorescas calças curtas de alpinismo por uma calça convencional. Estava claro que ele já estava fugindo do

hotel.

A rua pela qual o seguiram era uma daquelas que parecem ser a parte de trás das coisas, que parecem o lado errado de um cenário de palco. Um muro sem pintura e contínuo corria por um lado dela, interrompido aqui e ali por portas de tons opacos e sujos, todas fechadas e inexpressivas, exceto pelos rabiscos feitos com giz pelos desocupados. As copas das árvores, em sua maioria deprimentes perenifólias, apareciam em intervalos acima do topo do muro, e além delas, no crepúsculo roxo e cinza, podia-se ver a parte de trás de alguma longa fileira de telhados de casas parisienses altas, comparativamente próximas, mas parecendo, de alguma forma, tão inacessíveis quanto uma cadeia de montanhas de mármore. Do outro lado da pista corriam as altas grades douradas de um parque sombrio.

Flambeau olhava ao seu redor de uma maneira um tanto estranha.

— O senhor sabe — disse ele —, há algo sobre este lugar que... — Olhem! — exclamou o duque bruscamente. — O sujeito desapareceu. Sumiu, como uma maldita fada! — Ele tem a chave — explicou o amigo clérigo. — Só entrou por uma dessas portas de jardim — e, enquanto falava, ouviram uma das portas de madeira opaca se fechar novamente com um clique na frente deles.

Flambeau caminhou até a porta quase fechada na sua cara e ficou na frente dela por um momento, mordendo o bigode preto em fúria de curiosidade. Em seguida, ergueu os braços compridos, alçou-se como um macaco e ficou de pé sobre o muro. Sua enorme figura escura destacava-se contra o céu púrpura, como as copas escuras das árvores.

O duque olhou para o padre.

— A fuga de Dubosc é mais elaborada do que pensávamos — disse ele —, mas eu acho que ele está fugindo da França.

— Ele está fugindo de todos os lugares — respondeu o Padre Brown.

Os olhos de Valognes brilharam, mas sua voz falhou.

— O senhor quer dizer suicídio? — ele perguntou.

— O corpo dele não será encontrado — respondeu o outro. Uma espécie de grito veio de Flambeau na parede acima.

— Meu Deus — exclamou em francês —, agora sei que lugar é este! Ora, é a parte de trás da rua onde mora o velho Hirsch. Eu sabia que era

capaz de reconhecer uma casa por trás, assim como reconheço um homem pelas costas.

— E Dubosc entrou lá! — gritou o duque, batendo no quadril.

— Ora, eles vão se encontrar afinal! — E, com súbita vivacidade gaulesa, ele pulou na parede ao lado de Flambeau e sentou-se lá, batendo as pernas de nervosismo. O padre ficou sozinho embaixo, encostado na parede, de costas para todo o teatro de eventos, e olhando melancolicamente para as paliçadas do parque e as árvores cintilantes e crepusculares.

O duque, embora estimulado, tinha os instintos de um aristocrata e preferia olhar a casa a espiar seu interior, mas Flambeau, que tinha os instintos de um ladrão (e de um detetive), já havia saltado do muro para a forquilha de uma árvore desgarrada sobre a qual ele conseguiu rastejar até bem perto da única janela iluminada nos fundos da casa alta e escura. Uma persiana vermelha havia sido baixada contra a luz, mas ficara torta, de modo que um lado ficou aberto. Assim, ao arriscar o pescoço ao longo de um galho muito fino, Flambeau pôde ver o Coronel Dubosc andando em um cômodo iluminado e luxuoso. Embora Flambeau estivesse bastante perto da casa, ele ouviu as palavras de seus colegas junto ao muro e as repetiu em voz baixa.

— Sim, vão se encontrar agora, afinal! — Eles nunca vão se encontrar — disse o Padre Brown.

— Hirsch estava certo quando disse que, em tal caso, os oponentes não podem se encontrar. Vocês já leram uma estranha história psicológica de Henry James, sobre duas pessoas que, acidentalmente, jamais se encontram, e isso tão perpetuamente, que começam a sentir muito medo uma da outra e a pensar que o destino as mantinha desencontradas? Essa história é desse mesmo tipo, mas ainda mais curiosa.

— Há gente em Paris disposta a curá-los de tais fantasias mórbidas — disse Valognes, vingativo. — Vão ter que se encontrar se nós os capturarmos e os forcarmos a lutar.

— Eles não se encontrarão nem no Juízo Final — disse o padre.

— Quando o Deus Todo-Poderoso tomar a lista dos viventes, quando São Miguel tocar a trombeta e as espadas se cruzarem, mesmo assim, se um deles vier, o outro não virá.

— Oh, o que significa todo esse misticismo? — gritou o Duque de Valognes, impaciente. — Por que diabos eles não deveriam se encontrar

como outras pessoas? — São o oposto um do outro — disse o Padre Brown, com um sorriso meio esquisito. — Eles se contradizem. Eles se anulam mutuamente, por assim dizer.

E continuou a olhar para as árvores escurecendo em frente, mas Valognes virou a cabeça bruscamente, a uma exclamação reprimida de Flambeau. Aquele investigador, espiando pela sala iluminada, acabara de ver o coronel, depois de um ou dois passos, tirar o casaco. O primeiro pensamento de Flambeau foi que aquilo realmente parecia uma briga, mas logo o trocou por outro. A solidez e a forma quadrada do peito e ombros de Dubosc, nada mais que uma peça poderosa de estofamento, saiu com seu casaco. De camisa e calça, ele era um cavalheiro relativamente magro, que atravessou o quarto para o banheiro com nenhum propósito mais belicoso do que o de se lavar. Inclinou-se sobre uma bacia, secou as mãos e o rosto pingando em uma toalha e virou-se novamente; então a luz forte atingiu o seu rosto. Sua pele morena havia desaparecido, seu grande bigode preto havia desaparecido; ele estava bem barbeado e muito pálido. Nada restava do coronel a não ser seus olhos castanhos brilhantes, como os de um falcão. Debaixo da parede, o Padre Brown continuava em pesada meditação, como para si mesmo.

— É exatamente o que eu dizia a Flambeau. Esses opostos não se encontram. Não podem. Não lutam. Onde há branco contra preto, sólido em vez de líquido, e assim por diante, então há algo errado, Monsieur, há algo errado. Um desses homens é louro e o outro moreno, um corpulento e o outro esguio, um é forte e o outro fraco. Um tem bigode, mas não tem barba, de modo que sua boca fica oculta; o outro tem barba, mas não tem bigode, de modo que não se pode ver seu queixo. Um tem o cabelo cortado até o crânio, mas um lenço para esconder o pescoço; o outro tem gola baixa, mas cabelo comprido para cobrir o crânio. Tudo está muito definido e correto, Monsieur, e há algo errado. Coisas tão perfeitamente opostas são coisas que não podem brigar. Para que uma apareça, a outra deve sumir. Como um rosto e uma máscara, como uma fechadura e uma chave... Flambeau estava olhando para dentro da casa com um rosto branco como um lençol. O ocupante do quarto estava de pé, de costas para ele, mas em frente a um espelho, e já ia colocando na cabeça o suporte da peruca de cabelo ruivo, desencaixado ainda, pendurado na cabeça e agarrado ao queixo e mandíbula e deixando descoberta a boca zombeteira. Visto assim pelo espelho, o rosto branco parecia o rosto de Judas rindo horivelmente e rodeado pelas chamas do inferno. Num tique, Flambeau viu os ferozes olhos castanho-avermelhados dançando, e depois eles foram cobertos por um par de óculos azuis. Vestindo um casaco preto frouxo, a figura desapareceu em direção à frente da casa. Instantes depois, um rugido de aplausos populares da rua anunciou que o Dr. Hirsch aparecera

novamente na sacada.

iv

O homem no beco

Dois homens apareceram simultaneamente nas duas extremidades de um beco ao longo da lateral do Teatro Apolo, no Bairro dos Adelphi. A luz do entardecer nas ruas era ampla e luminosa, opalescente e vazia. A passagem era relativamente longa e escura, de modo que cada um deles podia ver o outro como uma mera silhueta negra na outra extremidade. No entanto, cada um reconheceu o outro, mesmo só pela silhueta escura, pois ambos eram homens de aparência notável e se odiavam mutuamente.

A passagem coberta se abria, em uma extremidade, para uma das ruas íngremes dos Adelphi e, na outra, para uma alameda com vista para o rio colorido pelo pôr do sol. Um lado da passagem era uma parede branca, pois o prédio que sustentava era um antigo restaurante do teatro falido e fechado. Na outra parede da passagem havia duas portas, uma em cada extremidade. Nenhuma era o que comumente se chama de porta do palco: eram uma espécie de portas de palco especiais e privadas, usadas por artistas muito especiais e, neste caso, pelas estrelas, ator e atriz, na performance shakespeariana do dia. Pessoas dessa eminência muitas vezes gostam de ter essas saídas e entradas privadas, para encontrar amigos ou evitá-los.

Os dois homens em questão certamente pertenciam a um grupo desse tipo de amigos, homens que evidentemente conheciam as portas e contavam com a sua abertura, pois cada um se aproximou da porta na ponta de cima com igual frieza e confiança. Não, porém, com a mesma velocidade: o homem que andava rápido foi o que surgiu pelo outro lado do beco, então ambos chegaram diante da porta secreta do palco quase que no mesmo instante. Eles se cumprimentaram com civilidade e esperaram um momento antes que um deles, o caminhante mais ágil e que parecia ter a paciência mais curta, batesse na porta.

Nisto e em tudo o mais, cada homem era o contrário do outro, e nenhum dos dois podia ser chamado de inferior. Como pessoas privadas, ambos eram bonitos, capazes e populares. Como pessoas públicas, ambos encabeçavam a lista de preferências do público. Mas tudo sobre

eles, de sua glória a sua beleza, era de um tipo diverso e incomparável. Sir Wilson Seymour era o tipo de homem cuja importância é sabida por todos os que não a ignoram. Quanto mais você se mistura com um círculo mais íntimo em cada atividade ou profissão, com mais frequência você encontra Sir Wilson Seymour. Era o único homem inteligente em vinte comitês não inteligentes — sobre todo tipo de assunto, desde a reforma da Royal Academy até o projeto do bimetalismo para a Grã-Bretanha. Especialmente nas artes, ele era onipotente. Era tão único que ninguém conseguia decidir se era um grande aristocrata que havia adotado a arte, ou um grande artista que os aristocratas haviam adotado. Mas conhecê-lo por cinco minutos bastava para você perceber que, de fato, havia sido governado por ele durante toda a sua vida.

Sua aparência era “distinta” exatamente no mesmo sentido: era ao mesmo tempo convencional e única. Quanto à moda, não se poderia encontrar nenhuma falha em sua cartola de seda, mas ela era diferente de qualquer chapéu: um pouco mais alta, talvez, e acrescentando algo à sua altura natural. Sua figura alta e esguia tinha uma ligeira inclinação, mas parecia o oposto de fraca. Seu cabelo era cinza prateado, mas ele não parecia velho; era mais longo do que a média, mas ele não parecia afeminado; era encaracolado, mas não parecia cacheado. Sua barba cuidadosamente pontiaguda tornava-o especialmente viril e militante, como nos velhos almirantes de Velázquez, por cujos retratos escuros sua casa estava coberta. Suas luvas cinza eram um tom mais azulado, sua bengala com botões de prata um pouco mais comprida do que todas as demais luvas e bengalas que esvoaçavam e floresciam nos teatros e restaurantes.

O outro homem não era tão alto, mas, por outro lado, não impressionava ninguém por ser baixo, mas simplesmente por seu vigor e simpatia. Seu cabelo também era encaracolado, mas louro e cortado rente a uma cabeça forte e maciça, o tipo de cabeça com a qual você pode quebrar uma porta, como Chaucer disse sobre os Miller. Seu bigode militar e a postura de seus ombros mostravam que ele era um soldado, mas ele tinha um par daqueles peculiares olhos azuis francos e penetrantes que são mais comuns em marinheiros. Seu rosto era um tanto quadrado, sua mandíbula era quadrada, seus ombros eram quadrados, até seu paletó era quadrado. De fato, na escola selvagem de caricatura que então estava na moda, o Sr. Max Beerbohm o havia representado como uma proposição no quarto livro de Euclides.

Pois também era um homem público, embora com outro tipo de sucesso. Você não precisava estar na melhor sociedade para ouvir falar do Capitão Cutler, do cerco de Hong Kong e da grande marcha através da China. Você não poderia deixar de ouvir falar dele onde quer que

estivesse; seu retrato estava em todos os cartões postais, seus mapas e batalhas em todos os jornais ilustrados; havia canções em sua homenagem em todos os cantos do *music hall* ou em qualquer pianola. Sua fama, embora provavelmente menos duradoura, era dez vezes mais ampla, popular e espontânea do que a do outro homem. Em milhares de lares ingleses, ele aparecia enorme acima da Inglaterra, como Nelson.⁷ No entanto, tinha um poder infinitamente menor, na Inglaterra, do que Sir Wilson Seymour.

A porta foi aberta para eles por um criado idoso, ou “figurinista”, cujo rosto e corpo abatidos e calças e casaco pretos surrados contrastavam estranhamente com o interior reluzente do camarim da grande atriz. O ambiente era planejado e preenchido com espelhos em todos os ângulos de refração, de modo que pareciam as cem facetas de um enorme diamante — se alguém pudesse entrar em um diamante. As outras características do luxo — algumas flores, algumas almofadas coloridas, alguns restos de traje de palco — eram multiplicadas por todos os espelhos, para loucura das *Mil e uma noites*, dançavam e mudavam de lugar perpetuamente quando o atendente apontava um espelho para fora ou o virava de costas, contra a parede.

Ambos saudaram nominalmente o desleixado figurinista, chamando-o de Parkinson e perguntando pela senhora, a Srta. Aurora Rome. Parkinson disse que ela estava na outra sala, mas ele iria informá-la da chegada deles. Uma sombra desceu sobre o rosto de ambos os visitantes, pois a outra sala era a sala privada do grande ator com quem a Srta. Aurora estava se apresentando, e ela não era do tipo que inflama a admiração sem inflamar o ciúme. Em cerca de meio minuto, porém, a porta interna se abriu e ela entrou conforme seu costume, mesmo na vida privada, de tal modo que o próprio silêncio parecia ser o rugido dos aplausos, e bem merecidos. Ela estava vestida com um traje um tanto estranho de cetim verde pavão e azul pavão, que brilhava como metais azuis e verdes, na medida para encantar crianças e estetas, e seu cabelo castanho quente e pesado emoldurava um daqueles rostos mágicos que são perigosos para todos os homens, mas especialmente para meninos e homens que estão ficando grisalhos. Em companhia de seu colega, o grande ator americano Isidore Bruno, ela estava produzindo uma interpretação particularmente poética e fantástica do *Sonho de uma noite de verão*: em que o destaque artístico era dado a Oberon e Titânia, ou seja, a Bruno e a ela mesma. Situado em cenários sonhadores e requintados, e movendo-se em danças místicas, o traje verde, semelhante às asas polidas de um besouro, expressava toda a individualidade indescritível de uma rainha élfica. Mas, encontrando-a pessoalmente, em plena luz do dia, um homem só poderia olhar para o

rosto da mulher.

Ela cumprimentou os dois homens com o sorriso radiante e desconcertante que manteria tantos homens à mesma distância perigosa dela. Aceitou algumas flores de Cutler, tão tropicais e caras quanto as vitórias dele, e outro tipo de presente de Sir Wilson Seymour, oferecido mais tarde e com menos expansão por aquele cavaleiro, pois as demonstrações de entusiasmo eram contra sua educação, e dar algo tão óbvio quanto flores era contra sua convencional inconveniência. Ele levava uma ninharia, disse ele, que era mais uma curiosidade: uma antiga adaga grega do período micênico, e poderia muito bem ter sido usada no tempo de Teseu e Hipólita. Era feita de latão, como todas as armas heroicas, mas, curiosamente, afiada o suficiente para ainda poder perfurar qualquer um. Ele se sentira atraído pela peça por causa de sua forma de folha; era tão perfeita quanto um vaso grego. Se fosse de algum interesse para a Srta. Rome ou pudesse ter qualquer serventia na peça, ele esperava que ela... A porta interna se abriu e uma grande figura apareceu, a qual era ainda mais contrastante com o pedagógico Seymour do que até mesmo o Capitão Cutler. Com quase um metro e noventa de altura e força e músculos não somente teatrais, Isidore Bruno, com a linda pele de leopardo e as vestimentas marrom-douradas de Oberon, parecia um deus bárbaro. Ele se apoiava em uma espécie de lança de caça, que do outro lado do teatro parecia uma leve varinha prateada, mas que na sala pequena e comparativamente apinhada parecia uma simplória e ameaçadora arma de guerra. Seus vívidos olhos negros reviravam-se vulcanicamente; seu rosto bronzeado, por mais bonito que fosse, mostrava naquele momento uma combinação de maçãs do rosto salientes com dentes brancos e alinhados, que fazia lembrar de certas insinuações, na América, de que ele provinha das plantações do sul.

— Aurora — começou ele, naquela voz profunda como um tambor apaixonado, que tinha comovido tantos públicos —, você vai... Parou indeciso, porque uma sexta figura se apresentou repentinamente logo em frente à porta — uma figura tão incongruente na cena que chegava a ser cômica. Era um homem muito baixinho, com o uniforme preto do clero secular romano e parecia (especialmente na presença de Bruno e Aurora) um boneco de Noé saído da arca. Ele não parecia, entretanto, se dar conta de qualquer contraste, mas disse com uma civilidade monótona: — Acredito que a Srta. Rome mandou me chamar.

Um observador astuto poderia ter notado que a temperatura emocional aumentou bastante com uma interrupção tão não emotiva. A aparição de um celibatário profissional parecia explicitar aos outros que era na qualidade de rivais amorosos que todos eles rodeavam a mulher, assim

como uma pessoa que aparece com neve no casaco explicita que um quarto está quente como uma fornalha. A presença do único homem que não se importava com ela ampliou, na Srta. Rome, a sensação de que todos os outros estavam apaixonados por ela, e cada um de uma forma um tanto perigosa: o ator com todo o apetite de uma criança selvagem e mimada; o soldado com todo o egoísmo simples de um homem mais de ação que de pensamento; Sir Wilson com aquela pressão sempre crescente com que os velhos hedonistas se dedicam a um *hobby*; ora, até mesmo o abjeto Parkinson, que a conhecia antes de seus triunfos e que a seguia pela sala com os olhos ou os pés, com a fascinação muda de um cachorro.

Uma pessoa astuta também poderia ter notado algo ainda mais estranho. O homem parecido com um boneco de Noé (que não era totalmente destituído de astúcia) notou-o com diversão considerável, mas contida. Era evidente que a grande Aurora, embora de forma alguma indiferente à admiração do outro sexo, queria naquele momento livrar-se de todos os homens que a admiravam e ficar a sós com o homem que não — que não a admirava naquele sentido, pelo menos; pois o pequeno sacerdote admirou e até apreciou a firme diplomacia feminina com que ela agiu em prol de seu interesse. Havia, talvez, apenas uma coisa sobre a qual Aurora Rome era inteligente, e essa coisa era uma metade da humanidade, a outra metade que não a dela. O padrezinho assistia, como uma campanha napoleônica, à rápida precisão de sua política de repelir tudo sem banir nada. Bruno, o grande ator, era tão infantil que foi fácil mandá-lo embora de mau humor, batendo a porta. Cutler, o oficial britânico, era paquidérmico nas ideias, mas meticuloso quanto ao comportamento. Ele ignoraria qualquer insinuação, mas preferiria morrer em vez de ignorar uma ordem clara de uma dama. Quanto ao velho Seymour, ele precisava ser tratado de maneira diferente; foi necessário deixá-lo por último. A única maneira de movê-lo era apelar para ele em segredo, como a um velho amigo, deixá-lo a par do segredo do esvaziamento da sala. O padre realmente admirou a Srta. Rome, pois ela alcançou todos esses três objetivos em uma ação deliberada.

Ela foi até o Capitão Cutler e disse da sua maneira mais doce: — Certamente, essas flores me dão grande prazer, pois devem ser suas flores favoritas. Mas elas não estarão completas, o senhor sabe, sem a *minha* flor favorita. Vá até aquela loja da esquina e compre alguns lírios do vale, e então o conjunto ficará *adorável*.

O primeiro objetivo de sua diplomacia, a saída do enfurecido Bruno, foi imediatamente alcançado. Ele já havia entregado sua lança em estilo senhorial, como um cetro, ao lamentável Parkinson, e estava prestes a

assumir um dos assentos almofadados como um trono. Mas, diante desse apelo aberto ao rival, brilhou em seus olhos de opala toda a insolência sensível do escravo. Ele cerrou seus enormes punhos marrons por um instante, e então, abrindo rapidamente a porta, desapareceu em seus próprios aposentos.

Mas, enquanto isso, a experiência da Srta. Rome em mobilizar o exército britânico foi tão simples quanto parecia que seria. Cutler realmente se levantou rígido e de uma vez, e caminhou em direção à porta, sem chapéu, como se recebesse uma palavra de comando. Mas talvez houvesse algo ostensivamente elegante na figura lânguida de Seymour, encostado em um dos espelhos, que o deteve na entrada, virando a cabeça para um lado e para o outro como um buldogue confuso.

— Preciso mostrar a este estúpido para onde ir — disse Aurora em um sussurro para Seymour, e correu para a soleira para apressar o convidado que partia.

Seymour parecia estar ouvindo, elegante e inconsciente como era sua postura, e pareceu aliviado quando ouviu a senhora gritar algumas últimas instruções para o capitão, e então virar bruscamente e correr rindo pela passagem em direção à outra extremidade, a extremidade no terraço acima do Tâmis. Mesmo assim, um ou dois segundos depois, a sobrancelha de Seymour se contraiu novamente. Um homem em sua posição tem muitos rivais, e ele lembrou que no outro lado do corredor estava a entrada correspondente ao camarim de Bruno. Ele não perdeu sua dignidade; disse algumas palavras educadas ao Padre Brown sobre o renascimento da arquitetura bizantina na Catedral de Westminster e, então, naturalmente, caminhou até a parte de cima do beco. O Padre Brown e Parkinson ficaram sozinhos, e nenhum deles era homem com gosto por conversas supérfluas. O figurinista deu a volta na sala, puxando os espelhos e empurrando-os novamente, seu casaco escuro e calça suja parecendo ainda mais sombrios porque ele ainda estava segurando a lança festiva das fadas do Rei Oberon. Cada vez que ele puxava a moldura de um espelho, uma nova figura negra do Padre Brown aparecia. A absurda câmara de vidro estava cheia de Padres Brown: de cabeça para baixo no ar como anjos, dando cambalhotas como acrobatas, virando as costas a todos como pessoas muito rudes.

O Padre Brown parecia totalmente inconsciente dessa nuvem de testemunhas, mas acompanhou Parkinson com um olhar preguiçoso e atento até que ele levou a si mesmo e sua lança absurda para o camarim de Bruno, que ficava mais adiante. Depois, entregou-se às meditações abstratas que sempre o divertiam — calculando os ângulos dos espelhos,

os ângulos de cada refração, o ângulo em que cada um deve caber na parede... quando ouviu um grito forte, mas sufocado.

Levantou-se de um salto e ficou rígido, ouvindo. No mesmo instante, Sir Wilson Seymour irrompeu de volta na sala, branco como marfim.

— Quem é aquele homem no beco? — gritou ele. — Onde está a minha adaga? Antes que o Padre Brown pudesse se mexer em suas pesadas botas, Seymour estava vasculhando a sala, em busca da arma. E antes que ele pudesse encontrar aquela arma ou qualquer outra, um rápido correr de pés surgiu na calçada do lado de fora, e o rosto quadrado de Cutler passou pela mesma porta. Ele ainda estava agarrando grotescamente um buquê de lírios-do-vale.

— O que é isso? — ele gritou. — O que é aquela criatura na passagem? Este é um dos seus truques? — Meus truques! — sibilou seu rival pálido, dando um passo em sua direção.

No instante em que tudo isso acontecia, o Padre Brown saiu da parte superior do corredor, olhou para baixo e tomou imediatamente a direção do que viu.

Com isso, os outros dois homens pararam de discutir e dispararam atrás dele, Cutler gritando: — O que o senhor está fazendo? Quem é o senhor? — Meu nome é Brown — disse o padre com tristeza, enquanto se curvava sobre algo e se endireitava novamente. — A Srta. Rome mandou me chamar, e eu vim o mais rápido que pude. Mas cheguei tarde demais.

Os três homens olharam para baixo e, em pelo menos um deles, a vida morreu naquela luz do fim da tarde, que corria ao longo da passagem como um caminho de ouro no meio do qual Aurora Rome brilhava em suas vestes verdes e douradas, com o rosto morto voltado para cima. Seu vestido fora rasgado como se tivesse lutado, deixando o ombro direito descoberto, mas a ferida de onde o sangue jorrava estava do outro lado. A adaga de latão jazia, brilhando, a um metro de distância.

Houve um silêncio absoluto por um tempo mensurável, de modo que puderam ouvir, ao longe, a risada de uma florista do lado de fora de Charing Cross, e alguém que pedia um táxi assobiando furiosamente em uma das ruas do Strand. Então o capitão, com um movimento tão repentino que poderia ser de paixão ou de encenação, pegou Sir Wilson Seymour pela garganta.

Seymour olhou para ele com firmeza, sem luta ou medo.

— O senhor não precisa me matar — disse com uma voz bastante fria —, eu mesmo farei isso.

A mão do capitão hesitou e caiu, e o outro acrescentou com a mesma franqueza gelada: — Se eu me descobrir privado de coragem de fazê-lo com aquela adaga, hei de fazê-lo em um mês, com bebida.

— A bebida não bastará para mim — respondeu Cutler —, mas eu hei de beber sangue por isso, antes de morrer. Não o seu, mas acho que sei de quem.

E antes que os outros pudessem avaliar sua intenção, ele agarrou a adaga, saltou para a outra porta na extremidade inferior do corredor, abriu-a com o ferrolho e tudo e confrontou Bruno em seu camarim. Enquanto isso, o velho Parkinson cambaleou vacilantemente pela porta e avistou o cadáver caído no corredor. Ele avançou trêmulo em direção a ela; olhou-a fracamente, com o rosto comovido; em seguida, voltou trêmulo para o vestiário e sentou-se de uma vez em uma das cadeiras ricamente almofadadas. O Padre Brown correu imediatamente até ele, sem dar atenção a Cutler e ao ator colossai, embora a sala já ressoasse com seus golpes e eles comessem a lutar pelo controle da adaga. Seymour, que mantinha algum senso prático, estava assobiando pela polícia no final do beco.

Quando a polícia chegou, foi para arrancar os dois homens de uma luta quase igual à de dois primatas e, depois de algumas investigações formais, prender Isidore Bruno sob a acusação de homicídio, movida contra ele por seu furioso oponente. A ideia de que o grande herói nacional do momento prendera um malfeitor com as próprias mãos sem dúvida teve seu peso junto à polícia, cuja atividade tem algo em comum com o jornalismo. Eles trataram Cutler com certa atenção solene e observaram que ele havia recebido um pequeno corte na mão. No momento em que Cutler o empurrava na direção da cadeira inclinada e da mesa, Bruno havia torcido a adaga em sua mão e o ferido perto do punho. O ferimento era leve, mas até ser removido da sala, o prisioneiro meio selvagem olhava para o sangue com um permanente sorriso.

— Parece um canibal, não é? — disse o policial a Cutler, em tom confidencial.

Cutler não respondeu, mas disse bruscamente um momento depois: — Precisamos cuidar da... da morte... — e sua voz fugiu.

— Das duas mortes — a voz do padre veio do outro lado da sala. — Este pobre sujeito já tinha ido embora quando me aproximei dele. — E

ele ficou olhando para o velho Parkinson, que estava sentado em um amontoado preto na cadeira deslumbrante. Ele também prestara homenagem, não sem eloquência, à mulher morta.

Cutler foi o primeiro a quebrar o silêncio, que não parecia intocado por uma ternura áspera.

— Eu queria estar no lugar dele — disse com a voz rouca. — Lembro que ele costumava observá-la onde quer que ela andasse, mais do que... qualquer um. Ela era o ar dele, e ele perdeu tudo. Ele está apenas morto.

— Estamos todos mortos — disse Seymour com uma voz estranha, olhando para a estrada.

Eles se despediram do Padre Brown na esquina da estrada, com algumas desculpas aleatórias por qualquer grosseria que pudessem ter demonstrado. Ambos os rostos eram trágicos, mas também enigmáticos.

A mente do padrezinho era um labirinto de pensamentos selvagens que saltavam rápido demais para que ele pudesse pegá-los. Como que entrevedo o rabo branco de um coelho, ele pensou, por um instante fugaz, que estava certo da dor deles, mas não tão certo de sua inocência.

— É melhor irmos todos embora — disse Seymour pesadamente. — Fizemos todo o possível para ajudar.

— Os senhores entenderão meus motivos — perguntou o Padre Brown baixinho —, se eu disser que fizeram tudo o que podiam para atrapalhar? Ambos se assustaram como se fossem culpados, e Cutler disse rispidamente: — Para atrapalhar quem? — Vocês mesmos — respondeu o padre. — Eu não aumentaria seus problemas, se não fosse meramente justo avisá-los. Os senhores fizeram quase tudo o que podiam para se enforcar, se esse ator for absolvido. Eles certamente me intimidarão; devo dizer que, depois que o grito foi ouvido, cada um de vocês correu para a sala em estado selvagem e começou a brigar por causa de uma adaga. Até onde posso ir sob juramento, eu diria que vocês dois podem ser o culpado. Os senhores foram feridos hoje, e o Capitão Cutler deve ter ferido a si mesmo com a adaga.

— Eu, ferido! — exclamou o Capitão, com desprezo. — Um arranhão bobo.

— Que sangrou — respondeu o padre, concordando. — Sabemos que agora há sangue na lâmina. E assim nunca saberemos se havia sangue nela antes.

Houve um silêncio, e então Seymour disse, com uma ênfase muito alheia ao seu sotaque cotidiano: — Mas eu vi um homem na passagem.

— Eu sei que sim — respondeu o clérigo Brown com rosto impassível —, o Capitão Cutler também. Isso é o que parece tão improvável.

Antes que qualquer um pudesse entender o suficiente para responder, o Padre Brown pediu licença educadamente e saiu andando pela rua com seu guarda-chuva velho e atarracado.

Do jeito como os jornais modernos são dirigidos, as notícias mais honestas e mais importantes são as do noticiário policial. Se é verdade que no século xx se dá mais espaço ao homicídio do que à política, é pela excelente razão de que o homicídio é um assunto mais sério. Mas mesmo isso dificilmente explicaria a enorme onipresença e os detalhes amplamente divulgados do “CASO BRUNO” ou “MISTÉRIO NO BECO” na imprensa de Londres e das províncias. Tão grande foi a emoção que, por algumas semanas, a imprensa realmente disse a verdade; e os relatos das perícias e interrogatórios, mesmo intermináveis, mesmo intoleráveis, são pelo menos confiáveis. O verdadeiro motivo, é claro, era a improbabilidade do pessoal envolvido. A vítima era uma atriz popular; o acusado era um ator popular, pego em flagrante, por assim dizer, pelo soldado mais popular daquela temporada de patriotismo. Nessas circunstâncias extraordinárias, a imprensa era obrigada à probidade e à precisão, e o resto desse caso um tanto singular pode ser pesquisado nos autos do julgamento de Bruno.

O julgamento foi presidido pelo Sr. Justice Monkhouse, um daqueles que são ridicularizados como juízes bem-humorados, mas que geralmente são muito mais sérios do que os juízes sérios, pois sua leviandade vem de uma vívida impaciência com a solenidade profissional, enquanto o juiz sério é completamente frívolo, porque é imensamente vaidoso. Sendo todos os principais envolvidos pessoas importantes no mundo, os advogados eram do mesmo nível. O promotor da coroa era Sir Walter Cowdray, um defensor obstinado, mas poderoso, do tipo que sabe se mostrar inglês e confiável e como ser relutantemente retórico. O prisioneiro foi defendido pelo Sr. Patrick Butler, K. C.,⁸ confundido com um mero *flâneur* por aqueles que não entenderam o personagem irlandês — e aqueles que não foram interrogados por ele. As evidências médicas não envolviam contradições; o médico, chamado por Seymour na hora, concordava com o eminente cirurgião que posteriormente examinou o corpo. Aurora Rome havia sido apunhalada com algum instrumento afiado, como uma faca ou punhal, certamente algum instrumento de lâmina curta. A ferida foi logo acima do coração e ela morreu instantaneamente. Quando o médico a

viu pela primeira vez, ela não poderia estar morta há mais de vinte minutos. Portanto, quando o Padre Brown a encontrou, ela tinha que ter morrido no máximo três minutos antes.

Seguiram-se algumas provas oficiais da investigação, principalmente relacionadas à presença, ou antes ausência, de qualquer sinal de luta. O único indício sugerindo um embate era o rasgão no vestido, na altura do ombro, que parecia não concordar muito bem com a direção e a finalidade do golpe. Quando esses detalhes foram expostos, embora não explicados, a primeira das testemunhas importantes foi chamada.

Sir Wilson Seymour prestou contas do modo como fez tudo o que fez — não apenas bem, mas perfeitamente. Embora fosse um homem público, muito mais do que o juiz, ele demonstrou exatamente a fina sombra de retraimento diante da justiça do rei, e embora todos olhassem para ele como olhariam para o primeiro-ministro ou o arcebispo de Canterbury, não puderam formar nenhuma opinião adicional sobre sua participação na história, exceto que participou dela no papel de um cavalheiro reservado, com ênfase no substantivo. Era também revigorantemente lúcido, como o era em comitês de que participava. Estivera visitando a Srta. Rome no teatro; lá, ele encontrou o Capitão Cutler; estiveram por um curto período de tempo na companhia do acusado, que então retornou ao seu próprio camarim; a eles se juntou um padre católico romano, que perguntou pela senhora falecida e disse que seu nome era Brown. A Srta. Rome saiu, então, do teatro, indo até a esquina do beco, a fim de indicar ao Capitão Cutler uma floricultura na qual ele compraria mais flores para ela; e a testemunha permaneceu na sala, trocando algumas palavras com o padre. Ele então ouviu distintamente a falecida, depois de ela ter enviado o capitão a atender seu pedido, virar-se rindo e atravessar o corredor em direção à outra extremidade, onde ficava o camarim do acusado. Em vã curiosidade quanto ao movimento rápido de seus amigos, ele próprio caminhou até a porta do beco e olhou em direção à porta do prisioneiro. Vira alguma coisa na passagem? Sim, ele vira algo na passagem.

Sir Walter Cowdray não apressou o fim de um impressionante intervalo, durante o qual a testemunha olhou para baixo, mais pálida do que de costume, em sua usual compostura. Então o advogado disse em voz baixa, ao mesmo tempo simpática e assustadora: — O senhor viu claramente? Sir Wilson Seymour, por mais comovido que estivesse, tinha seu excelente cérebro em pleno funcionamento.

— Muito distintamente no que diz respeito à silhueta, mas indistintamente, indistintamente de todo, no que diz respeito aos detalhes no interior da silhueta. A passagem é tão longa que qualquer

pessoa no meio dela aparece como um vulto inteiramente negro contra a luz do lado oposto. — A testemunha baixou os olhos mais uma vez e acrescentou: — Eu já havia percebido o fato antes, quando o Capitão Cutler chegara pela primeira vez.

Houve outro silêncio, e o juiz se inclinou e fez uma anotação.

— Bem — disse Sir Walter pacientemente —, como era o vulto? Era, por exemplo, semelhante à figura da mulher assassinada? — Nem um pouco — respondeu Seymour calmamente.

— Como lhe parecia? — Pareceu-me — respondeu a testemunha —, como um homem alto.

Cada um dos presentes no tribunal mantinha os olhos fixos na sua caneta, no cabo do seu guarda-chuva, no seu livro, ou nas botas ou no que quer que estivesse olhando. Todos pareciam manter seus olhos longe do prisioneiro por ação de alguma força, mas eles sentiam sua figura no banco dos réus, e eles a sentiam gigantesca. Por mais alto que Bruno fosse aos olhos, ele parecia crescer ainda mais quando os olhos não estavam postos nele.

Cowdray estava retomando seu assento com o rosto solene, alisando suas vestes de seda preta e bigodes de seda branca. Sir Wilson estava saindo do banco das testemunhas, depois de alguns detalhes finais para os quais havia muitas outras testemunhas, quando o advogado de defesa saltou e o deteve.

— Vou detê-lo apenas por um momento — disse o Sr. Butler, que era uma pessoa de aparência rústica, com sobrelhas vermelhas e uma expressão um pouco sonolenta. — O senhor poderia indicar a este tribunal como o senhor pôde ter certeza de que era um homem no beco? Um sorriso tênue e refinado pareceu passar pelas feições de Seymour.

— Receio que tenha sido pelo teste vulgar das calças — disse.

— Vendo a luz do dia entre as pernas compridas, tive certeza de que era um homem, afinal.

Os olhos sonolentos de Butler se abriram tão repentinamente quanto uma explosão silenciosa.

— Afinal! — ele repetiu lentamente. — Então o senhor pensou, antes, que era uma mulher? Seymour pareceu perturbado pela primeira vez.

— Não é um fato — disse ele —, mas se o tribunal quer que eu

responda por minha impressão, é claro que o farei. Havia algo na figura que não era exatamente uma mulher e ainda assim não era bem um homem; de alguma forma as curvas eram diferentes. E tinha algo que parecia cabelo comprido.

— Obrigado — disse o Sr. Butler, K. C., e sentou-se de repente, como se tivesse conseguido o que queria.

O Capitão Cutler foi uma testemunha muito menos plausível e composta do que Sir Wilson, mas seu relato dos incidentes iniciais foi solidamente o mesmo. Descreveu o retorno de Bruno ao camarim, sua partida para comprar um buquê de lírios-do-vale, seu retorno à esquina de cima da passagem, o que viu ali, sua suspeita de Seymour, e sua luta com Bruno. Mas ele não foi capaz de dar grande suporte artístico sobre a figura negra que ele e Seymour tinham visto. Questionado sobre sua silhueta, ele disse que não era um crítico de arte — com uma óbvia expressão de escárnio na direção de Seymour. Questionado se era um homem ou uma mulher, disse que parecia mais uma fera — com um óbvio tom de rosnado na direção do prisioneiro. Mas o homem estava claramente abalado pela tristeza e raiva sincera, e Cowdray rapidamente o dispensou de confirmar fatos que já estavam bastante esclarecidos.

O advogado de defesa também foi breve em seu interrogatório, embora (como era seu costume), mesmo sendo breve, ele parecesse demorar muito.

— O senhor usou uma expressão bastante notável — disse ele, olhando sonolento para Cutler. — O que quer dizer com “parecia mais um animal do que um homem ou uma mulher”? Cutler parecia seriamente agitado.

— Talvez eu não devesse ter dito isso — disse —, mas quando o animal tem ombros enormes e curvos como os de um chimpanzé e cerdas saindo da cabeça como as de um porco... O Sr. Butler interrompeu sua curiosa impaciência no meio.

— Não importa se seu cabelo era como o de um porco — disse ele —, era como o de uma mulher? — De mulher! — gritou o soldado. — Santo Deus, não! — A última testemunha disse que sim — comentou o advogado, com rapidez inescrupulosa. — E a figura tinha alguma daquelas curvas serpentinas e semifemininas a que se fez alusão eloquente? Não? Sem curvas femininas? A figura, se eu o entendo, era principalmente pesada e quadrada? — Ele pode ter se curvado para a frente — disse Cutler, com uma voz rouca e um tanto fraca.

— Ou talvez não — disse o Sr. Butler, e sentou-se repentinamente pela segunda vez.

A terceira testemunha chamada por Sir Walter Cowdray era o pequeno clérigo católico, tão pequeno, em comparação com os outros, que sua cabeça mal aparecia por cima da beirada, de modo que era como interrogar uma criança. Mas infelizmente Sir Walter de alguma forma enfiou na cabeça (principalmente por algumas ramificações da religião de sua família) que o Padre Brown estava do lado do prisioneiro, porque o prisioneiro era mau e estrangeiro e até parcialmente negro. Portanto, ele interrompia bruscamente o Padre Brown, sempre que aquele orgulhoso sacerdote tentava explicar alguma coisa, e dizia-lhe para responder sim ou não e contar apenas os fatos, sem truques jesuíticos. Quando o Padre Brown começou, na sua simplicidade, a dizer quem pensava ser o homem da passagem, o advogado disse-lhe que não queria as suas teorias.

— Uma forma negra foi vista na passagem. E o senhor diz que viu a forma negra. Bem, que forma era? O Padre Brown piscou como se estivesse sendo repreendido, mas há muito ele conhecia a natureza literal da obediência.

— A forma — disse ele — era curta e grossa, mas tinha duas projeções pretas e agudas curvadas para cima dos dois lados da cabeça, como chifres, e... — Ah! O Diabo com chifres, sem dúvida — exclamou Cowdray, sentando-se numa jocosidade triunfante. — Era o Diabo vindo pegar os protestantes.

— Não — disse o padre desapaixonadamente. — Eu sei quem era. Os que estavam no tribunal tinham uma sensação irracional, mas real, de alguma monstruosidade. Eles tinham esquecido a figura no banco; pensavam apenas na figura no beco. E a figura no beco, descrita por três homens capazes e respeitáveis que a tinham visto, era um pesadelo inconstante: um dizia que era mulher, o outro que era fera, e o outro que era Demônio... O juiz mirava o Padre Brown com olhar reto e penetrante.

— O senhor é uma testemunha extraordinária — disse —, mas há algo no senhor que me faz pensar que está tentando falar a verdade. Bem, quem era o homem que o senhor viu na passagem? — Era eu mesmo — disse o Padre Brown.

Butler, K. C., pôs-se de pé em uma quietude extraordinária e disse com bastante calma: — Excelentíssimo, permite que eu o interroge? E então, sem parar, ele atirou em Brown a pergunta aparentemente desconexa: —

O senhor já ouviu falar dessa adaga. O senhor sabe que os especialistas dizem que o crime foi cometido com uma lâmina curta? — Uma lâmina curta — concordou Brown, balançando a cabeça solenemente como uma coruja —, mas um cabo muito longo.

Antes que o público pudesse rejeitar totalmente a ideia de que o padre realmente se vira cometendo um assassinato com uma adaga curta de cabo longo (o que parecia de alguma forma torná-la mais horrível), ele próprio se apressou em explicar.

— Quero dizer, adagas não são as únicas coisas com lâminas curtas. As lanças têm lâminas curtas. E as lâminas das lanças são pontudas, como as das adagas, se forem daquele tipo de lança chique que se usa no teatro; como a lança com a qual o pobre Parkinson matou sua esposa, justo quando ela me chamou para resolver seus problemas familiares... e eu cheguei tarde demais, Deus me perdoe! Mas ele morreu penitente, morreu por pura penitência. Não consegui suportar o que tinha feito.

A impressão geral no tribunal foi que o pequeno padre, que já vinha meio torto, tinha literalmente enlouquecido. Mas o juiz ainda olhava para ele com olhos brilhantes e firmes de interesse, e o advogado de defesa continuou com suas perguntas, sem se perturbar.

— Se Parkinson cometeu o crime com a lança cenográfica — disse Butler —, ele a deve ter lançado a quatro metros de distância. Como o senhor explica os sinais de luta, como o vestido rasgado no ombro? — Ele passara a tratar sua mera testemunha como um especialista, mas ninguém se deu conta disso naquele momento.

— O vestido da pobre mulher estava rasgado — disse a testemunha — porque ficou preso num painel que escorregou para trás dela. Ela lutou para se libertar e, ao fazê-lo, Parkinson saiu do camarim do prisioneiro e atacou com a lança.

— Um painel? — repetiu o advogado com uma voz curiosa.

— Era um espelho do outro lado — explicou o Padre Brown. — Quando eu estava no camarim, notei que alguns deles provavelmente poderiam ser deslizados para o corredor.

Houve outro silêncio vasto e anormal, e desta vez foi o juiz quem falou.

— Então o senhor realmente quer dizer que quando olhou para baixo naquela passagem, o homem que o senhor viu era o senhor mesmo... no espelho? — Sim, meritíssimo; era isso que eu estava tentando dizer —

disse Brown —, mas me perguntaram sobre a forma, e nossos chapéus têm os cantos curvados como chifres, então eu... O juiz se inclinou para frente, seus olhos velhos ainda mais brilhantes, e disse em tom especialmente distinto: — O senhor realmente quer dizer que, quando Sir Wilson Seymour viu aquele sei-lá-o-quê selvagem, com curvas, cabelo de mulher e calças de homem, o que ele viu foi Sir Wilson Seymour? — Sim, meritíssimo — disse o Padre Brown.

— E o senhor quer dizer que quando o Capitão Cutler viu aquele chimpanzé de ombros arqueados e cerdas de porco, ele simplesmente se viu? — Sim, meu senhor.

O juiz recostou-se na cadeira com uma exuberância em que era difícil separar o cinismo da admiração.

— E o senhor pode — ele perguntou — nos dizer por que o senhor seria mais capaz que dois homens tão distintos de reconhecer sua própria figura em um espelho? O Padre Brown piscou ainda mais penosamente do que antes; depois gaguejou: — Realmente, meritíssimo, eu não sei; deve ser porque não me olho com tanta frequência.

V

O erro da máquina

Flambeau e seu amigo, o sacerdote, estavam sentados nos Temple Gardens ao pôr do sol, e sua vizinhança ou alguma influência acidental haviam direcionado sua conversa para questões de processo legal. Do problema da licença no interrogatório, a conversa se desviou para a tortura romana e medieval, para o juiz de instrução na França e o terceiro grau na América.

— Estive lendo — disse Flambeau — sobre esse novo método psicométrico de que tanto falam, especialmente na América. O senhor sabe o que eu quero dizer: eles colocam um medidor de pressão no pulso de um homem e o julgam pela resposta do seu coração à pronúncia de certas palavras. O que acha disso? — Acho muito interessante — respondeu o Padre Brown.

— Lembra-me daquela ideia interessante, comum na Idade das Trevas, de que o sangue fluiria de um cadáver, se o assassino o tocasse.

— Quer realmente dizer — perguntou seu amigo — que acha os dois métodos igualmente úteis? — Eu os considero igualmente inúteis — respondeu Brown.

— O sangue flui, rápido ou lento, em pessoas mortas ou vivas, por muitos mais milhões de razões do que podemos jamais saber. O sangue terá de fluir de uma maneira muito engraçada; ele terá que cobrir o monte Matterhorn antes que eu tome esse fato como um sinal de que o devo derramar.

— O método — observou o outro — foi garantido por alguns dos maiores cientistas americanos.

— Que sentimentalistas são os homens de ciência! — exclamou o Padre Brown. — E quão mais sentimentais devem ser os cientistas americanos! Quem além de um ianque pensaria em provar qualquer coisa a partir da batida de um coração? Ora, eles devem ser tão sentimentais quanto um homem que pensa que uma mulher, só por ficar corada, está apaixonada por ele. Essa é uma prova da circulação do sangue, descoberta pelo imortal Harvey, e um teste dos mais bestas.

— Mas certamente — insistiu Flambeau —, pode apontar em alguma direção.

— Há uma desvantagem em um bastão que aponta bem retinho — respondeu o outro. — Sabe qual? Ora, a outra ponta do bastão sempre aponta para o lado oposto. Tudo depende de você segurar o bastão pela ponta certa. Eu o vi uma vez e nunca mais acreditei em coisas assim. — E passou a contar a história de seu desencantamento.

Aconteceu quase vinte anos antes, quando ele era capelão em uma prisão em Chicago, onde a população irlandesa exibia tanto talento para o crime quanto para a penitência, fato que o mantinha razoavelmente ocupado. O oficial, que fazia as vezes de vice-diretor, era um ex-detetive chamado Greywood Usher, um filósofo ianque, cadavérico e de fala cuidadosa, que ocasionalmente trocava sua rígida expressão costumeira por uma estranha careta de desculpas. Gostava do Padre Brown de uma forma ligeiramente condescendente, e o Padre Brown gostava dele, embora no fundo não gostasse de suas teorias. Estas eram extremamente complicadas e apresentadas com extrema simplicidade.

Certa noite, mandou chamar o padre, que, segundo seu costume, sentou-se em silêncio a uma mesa de papéis empilhados ou espalhados, e ficou esperando. O funcionário selecionou dos papéis um recorte de jornal. Entregou-o ao clérigo, que o leu atentamente. Parecia ser um

retirado de um dos jornais mais cor-de-rosa da Sociedade Americana, e dizia o seguinte: O mais brilhante viúvo da sociedade promove um novo “Banquete insensato”. Todos os nossos leitores devem lembrar o “Jantar-desfile-perambulante”, no qual Todd Pegadinha, em sua casa palaciana em Pilgrim’s Pond, fez com que muitas de nossas proeminentes debutantes parecessem ainda mais jovens do que são. Igualmente elegante, mais diversificado e generoso na perspectiva social foi o espetáculo de Pegadinha no ano anterior, o popular Almoço Canibal, no qual os doces oferecidos eram sarcasticamente moldados nas formas de braços e pernas humanos, e durante o qual se ouviu não apenas um de nossos mais alegres ginastas mentais oferecendo-se para comer algum conviva. O humor que inspirará a noite de hoje ainda está no reticentíssimo intelecto do Sr. Todd, ou guardado sob os decotes cobertos de joias das mais festivas socialites de nossa cidade, mas comenta-se de uma divertida paródia dos modos e costumes simples do extremo oposto da escala social. Isso seria ainda mais revelador, já que o hospitaleiro Todd está recebendo em seu lar Lorde Falconroy, o famoso viajante, um aristocrata de sangue puro recém-chegado dos carvalhos da Inglaterra. As viagens de Lorde Falconroy começaram antes de seu antigo título feudal ser ressuscitado. Ele estava na república em sua juventude, e a turma da moda murmura uma razão malandra para seu retorno. A Srta. Etta Todd é uma das nova-iorquinas mais representativas, e tem uma renda de quase mil e duzentos milhões de dólares.

— Bem — perguntou Usher —, isso lhe interessa? — Ora, as palavras me faltam — respondeu o Padre Brown. — Não consigo pensar neste momento em nada neste mundo que me interesse menos. E, a menos que a justa ira da república finalmente vá começar a eletrocutar jornalistas que escreverem assim, também não vejo por que deveria interessar ao senhor.

— Ah! — disse o Sr. Usher secamente, e entregando outro pedaço de jornal. — Bem, isso lhe interessa? O parágrafo era intitulado “SELVAGEM ASSASSINATO DE UM GUARDA. CONDENADO ESCAPA” e dizia: Pouco antes do alvorecer desta manhã, um grito de socorro foi ouvido no presídio de Sequah, neste estado. As autoridades, apressando-se na direção do grito, encontraram o cadáver do carcereiro que patrulhava o topo da parede norte da prisão, a saída mais íngreme e difícil, para cuja defesa um homem sempre foi considerado suficiente. O infeliz oficial, entretanto, havia sido arremessado de um muro alto, ficando com seu cérebro destruído como se golpeado por uma clava e sua arma havia sumido. Investigações posteriores mostraram que uma das celas estava vazia. Fora ocupada por um rufião bastante carrancudo que dizia se chamar Oscar Rian. Ele estava detido apenas temporariamente por algum crime

relativamente trivial, mas dava a todos a impressão de ser um homem com um passado sombrio e um futuro perigoso. Finalmente, quando a luz do dia revelou totalmente a cena do crime, verificou-se que ele havia escrito na parede acima do corpo uma frase fragmentária, tudo indica que com seu dedo molhado em sangue: “Isso foi legítima defesa e ele estava com a arma. Eu não queria fazer mal a ele nem a ninguém, só a um outro. Estou guardando a bala para a Lagoa do Peregrino — O. R.”. Um homem deve ter lançado mão da astúcia mais diabólica ou da mais selvagem e surpreendente ousadia corporal para ter atacado tal posição, apesar de defendida por um homem armado.

— Bem, o estilo literário melhorou um pouco — admitiu o padre alegremente —, mas ainda não vejo o que posso fazer pelo senhor. Eu passaria vergonha, com minhas pernas curtas, correndo por este Estado atrás de um assassino tão atlético. Duvido que alguém possa encontrá-lo. O presídio de Sequah fica a trinta milhas daqui; os ermos daqui até lá são bastante selvagens e inextricáveis, e os campos além, para onde ele certamente terá o bom senso de ir, são uma perfeita terra de ninguém se estendendo no rumo das pradarias. Ele pode estar em qualquer buraco ou em cima de qualquer árvore.

— Ele não está em nenhum buraco — disse o diretor —, não está em nenhuma árvore.

— Ora, como o senhor sabe? — perguntou o Padre Brown, piscando.

— Quer falar com ele? — inquiriu Usher.

O Padre Brown arregalou os olhos inocentes.

— Ele está aqui? — exclamou. — Ora, como seus homens o pegaram? — Eu mesmo o capturei — falou lentamente o americano, levantando-se e esticando preguiçosamente as pernas magras diante do fogo. — Agarrei-o com a ponta torta de uma bengala. Não fique tão surpreso. É verdade. O senhor sabe que às vezes dou uma guinada nas estradas rurais fora deste lugar sombrio; bem, eu estava caminhando, mais cedo, por uma estrada íngreme com sebes escuras e campos arados e opacos dos dois lados, e uma lua jovem surgiu, prateando a estrada. À luz da lua, vi um homem correndo pelo campo em direção à estrada. Corria com o corpo dobrado e em um trote adequado para longas distâncias. Ele parecia muito exausto, mas quando chegou à espessa sebe negra, atravessou-a como se fosse feita de teias de aranha; ou melhor (pois ouvi os ramos fortes quebrando e estalando), como se ele próprio fosse de pedra. No instante em que ele apareceu contra a lua, cruzando a estrada, lancei minha bengala em forma de gancho contra suas pernas, fazendo-o

tropeçar e cair. Então, eu apitei bem alto, e nossos companheiros vieram correndo para segurá-lo.

— Teria sido bastante constrangedor — comentou Brown —, se o senhor descobrisse que era um atleta popular praticando para uma corrida.

— Não era — disse Usher severamente. — Logo confirmamos quem ele era, mas eu tinha adivinhado com o primeiro brilho da lua sobre ele.

— O senhor pensou que era o condenado em fuga — observou o padre com simplicidade —, porque leu no recorte do jornal naquela manhã que um condenado havia fugido.

— Eu tinha motivos um pouco melhores — respondeu o governador friamente. — Vou passar direto pelo primeiro, simples demais para ser enfatizado. Quero dizer: atletas não correm por campos arados ou correm risco de ficar cegos em sebes de espinheiros. Nem correm dobrados como um cachorro chutado. Havia detalhes mais decisivos para um olho bem treinado. O homem estava vestido com roupas grosseiras e esfarrapadas, algo mais do que grosseiras e esfarrapadas. Eram tão mal ajustadas que chegavam a ser grotescas; mesmo quando ele era só um vulto negro contra a lua, a gola do casaco em que sua cabeça estava enterrada o fazia parecer um corcunda, e as mangas compridas soltas escondiam suas mãos como se ele não as tivesse. Imediatamente me ocorreu que ele de alguma forma conseguira trocar suas roupas de presidiário por roupas de algum cúmplice que não lhe serviam bem. Segundo, havia um vento bastante forte, contra o qual ele estava correndo, de modo que seria impossível não se ver mechas de cabelo esvoaçante, a não ser que o cabelo fosse muito curto. Então me lembrei que além desses campos arados que ele atravessava ficava a Lagoa do Peregrino, para a qual (vocês se lembrarão) o condenado guardava a bala; foi aí que eu arremessei minha bengala.

— Belíssima dedução rápida — disse o Padre Brown —, mas ele tinha uma arma? Vendo Usher estacar, o padre acrescentou, como quem se desculpa: — Ouvi dizer que uma bala não é tão útil sem uma arma.

— Ele não tinha arma — disse o outro gravemente —, mas isso sem dúvida foi devido a algum contratempo muito natural ou mudança de planos. Provavelmente a mesma política que o fez trocar de roupa o fez largar a arma. Ele veio a se arrepender de ter deixado para trás o casaco no sangue de sua vítima.

— Bem, isso é bastante possível — respondeu o padre.

— E não vale a pena especular — disse Usher, virando-se para alguns outros papéis —, pois sabemos que é o homem a esta altura.

Seu amigo clerical perguntou baixinho: — Mas como? — E Greywood Usher largou os jornais e pegou os dois recortes de imprensa novamente.

— Bem, como o senhor é tão obstinado — ele disse —, vamos começar pelo começo. O senhor notará que esses dois recortes têm apenas uma coisa em comum, que é a menção à Lagoa do Peregrino, a propriedade, como o senhor sabe, do milionário Ireton Todd. O senhor também sabe que ele é um personagem notável, um daqueles que subiram pelos degraus... — *De seus mortos às coisas superiores*⁹ — consentiu seu companheiro. — Sim; eu sei. Petróleo, eu acho.

— De qualquer forma — disse Usher —, Todd Pegadinha tem um papel importante neste caso imundo.

Ele se espreguiçou mais uma vez diante do fogo e continuou falando em seu estilo expansivo e radiante.

— Para começar, à primeira vista, não há nenhum mistério aqui. Não é misterioso, nem mesmo estranho, que um prisioneiro leve sua arma para a Lagoa do Peregrino. Nosso povo não é, como os ingleses, capaz de perdoar um homem por ser rico, se ele torrar dinheiro com hospitais ou cavalos. Todd Pegadinha se tornou grande por suas próprias e consideráveis habilidades, e não há dúvida de que muitos daqueles a quem ele as exibiu gostariam de mostrar-lhe as próprias habilidades com uma espingarda. Todd poderia facilmente ser atacado por algum homem de quem nunca tivesse ouvido falar: algum trabalhador que ele tenha prejudicado, ou algum balconista em um negócio que ele quebrou. Pegadinha é um homem de dotes mentais e relevância pública, mas neste país as relações entre empregadores e empregados são consideravelmente tensas.

“Este é o esboço do caso, supondo que Rian tenha partido para a Lagoa do Peregrino para matar Todd. Era o que eu achava, até outra pequena descoberta despertar o detetive em mim. Depois de ter me assegurado da captura, peguei minha bengala novamente e caminhei pelas duas ou três curvas de estrada rural que levam a uma das entradas laterais do terreno de Todd, a mais próxima do laguinho que dá nome ao lugar. Foi há cerca de duas horas, lá pelas sete. O luar já era mais luminoso, e eu via suas longas listras brancas deitadas no misterioso laguinho com suas margens cinzentas, sebosas e semilíquidas, nas quais dizem que nossos pais obrigavam as bruxas a andarem até afundar. Eu não lembro os detalhes exatos da história, mas o senhor conhece o lugar

a que me refiro; fica ao norte da casa de Todd, em direção ao deserto, e tem duas árvores estranhas e enrugadas, tão sombrias que mais parecem enormes cogumelos do que vegetais respeitáveis. Enquanto eu olhava o lago enevoado, imaginei ter visto a figura tênue de um homem movendo-se da casa em direção a ele, mas estava tudo muito escuro e distante para se ter certeza disso, e menos ainda dos detalhes. Além disso, minha atenção foi detida de forma muito acentuada por algo muito mais próximo. Eu me abaixei atrás da cerca que corria a não mais de duzentos metros de uma das alas da grande mansão, e que felizmente estava quebrada em alguns lugares, como se especialmente preparada para o olhar de um espião cauteloso. Uma porta se abriu no volume escuro da ala esquerda, e apareceu uma figura preta contra o interior iluminado — uma figura semivisível, curvada para a frente, evidentemente espiando a noite. Fechou a porta atrás de si e vi que carregava uma lanterna, que projetava uma mancha de luz imperfeita sobre a roupa e a figura de quem a usava. A silhueta parecia ser de uma mulher envolta em um manto esfarrapado e evidentemente disfarçada; havia algo muito estranho tanto nos trapos quanto na furtividade de uma pessoa saindo daqueles quartos forrados de ouro. Ela tomou cautelosamente o caminho curvo do jardim que a trouxe a meia centena de metros de mim, então ela se ergueu rapidamente no gramado que dá para a lagoa viscosa e, segurando sua lanterna flamejante acima de sua cabeça, ela a balançou três vezes para frente e para trás, como se fosse um sinal. Quando ela a balançou pela segunda vez, um lampejo da luz caiu por um momento em seu próprio rosto, um rosto que eu conhecia. Ela estava estranhamente pálida e sua cabeça enrolada naquele impróprio xale plebeu, mas tenho certeza de que era Etta Todd, a filha do milionário.

“Ela refez seus passos em igual sigilo e a porta se fechou atrás dela novamente. Eu estava prestes a escalar a cerca e segui-la, quando me dei conta da indignidade da febre detetivesca que me atraíra para aquela aventura e de que, assumindo um papel de maior autoridade, eu já tinha todas as cartas em minhas mãos. Eu já estava dando as costas, quando um novo barulho surgiu na noite. Uma janela foi aberta em um dos andares superiores, mas logo além do vértice da casa, de modo que não pude vê-la, e ouviu-se com terrível clareza uma voz, gritando através do jardim escuro, perguntando onde estava Lorde Falconroy, pois ele estava ausente em todos os cômodos da casa. Não havia como confundir aquela voz. Eu já a ouvira em muitos palanques políticos e reuniões de comitês: era o próprio Ireton Todd. Alguns dos outros pareciam ter ido para as janelas inferiores ou para a escada, e gritaram para ele que Falconroy havia saído para um passeio até a Lagoa do Peregrino uma hora antes e não fora visto desde então. Então Todd gritou: ‘Que

desgraça!’ e fechou a janela violentamente. Pude ouvi-lo descer, correndo, as escadas lá dentro. Reapropriando-me de meu propósito anterior e mais sábio, saí do caminho da busca geral que se seguiria e voltei para cá não depois das oito horas.

“Peço-lhe agora que relembre aquele pequeno parágrafo da coluna social que lhe pareceu tão dolorosamente desinteressante. Se o condenado não estava guardando o tiro para Todd, como evidentemente não estava, é mais provável que ele estivesse guardando para Lorde Falconroy, e parece que ele entregou a mercadoria. Não há lugar mais conveniente para atirar em um homem do que nos curiosos arredores geológicos daquela lagoa, na qual um corpo poderia afundar no lodo espesso até a uma profundidade praticamente desconhecida. Suponhamos, então, que nosso amigo de cabelo curto viera matar Falconroy, não Todd. Mas, como já mencionei, muitas pessoas nos Estados Unidos têm motivos para querer matar Todd. Não há razão para que ninguém na América queira matar um lorde inglês recém-chegado, exceto pela única razão mencionada no jornaleco: que o lorde está cortejando a filha do milionário. Nosso amigo de cabelo curto, apesar de suas roupas mal ajustadas, deve ser um pretendente.

“Sei que a noção vai lhe parecer chocante e até cômica, mas isso é porque o senhor é inglês. Para o senhor, é como ouvir que a filha do arcebispo de Canterbury vai se casar na Igreja de São Jorge, na Praça Hanover, com um gari de férias. O senhor não reconhece o poder de crescimento e a ambição de nossos cidadãos mais notáveis. Ao ver um homem grisalho, de boa aparência, vestido de gala e com um ar de autoridade, o senhor sabe que ele é um pilar do Estado e imagina que ele teve um pai. Nisso, o senhor erra; não percebe que, comparativamente, alguns anos atrás, ele pode ter estado em um cortiço ou (muito provavelmente) em uma prisão. O senhor não leva em conta a nossa mobilidade social. Muitos de nossos cidadãos mais influentes não apenas cresceram recentemente, mas também cresceram relativamente tarde em suas vidas. A filha de Todd tinha dezoito anos quando o pai enriqueceu, então realmente não é impossível que ela tenha deixado para trás paixões da adolescência pobre, ou mesmo que as tenha mantido, como eu acho que ela deve estar mantendo, a julgar pela história da lanterna. Nesse caso, a mão que segurava a lanterna pode não estar desconectada da mão que segurava a arma. Este caso, senhor, fará barulho”.

— Bem — disse o padre pacientemente —, e a seguir, o que o senhor fez? — Acho que o senhor ficará chocado — respondeu Greywood Usher —, pois sei que o senhor não concorda com a marcha da ciência nessas questões. Aqui tenho bastante autonomia, e quanto mais autonomia, melhor; achei que esta era uma excelente oportunidade de

testar aquela Máquina Psicométrica sobre a qual lhe falei. Na minha opinião, essa máquina não pode mentir.

— Nenhuma máquina pode mentir — disse o Padre Brown —, nem dizer a verdade.

— Nesse caso pode, e eu vou mostrar — continuou Usher positivamente. — Eu fiz o homem com as roupas mal ajustadas sentar em uma cadeira confortável e simplesmente escrevi palavras no quadro-negro. A máquina simplesmente registrava as variações de seu pulso e eu simplesmente observava suas maneiras. O método é introduzir alguma palavra relacionada com o suposto crime em uma lista de palavras relacionadas com algo bastante diferente, mas uma lista na qual isso ocorra de forma bastante natural. Assim, escrevi “garça”, “águia” e “coruja” e, quando escrevi “falcão”, ele ficou tremendamente agitado. Quando comecei a fazer um “r” no final da palavra, a máquina simplesmente pulou. Quem mais nesta república tem qualquer razão para se assustar com o nome de um inglês recém-chegado, como Falconroy, exceto o homem que atirou nele? Não é evidência mais forte do que um monte de tagarelice de testemunhas, a evidência de uma máquina confiável? — O senhor sempre esquece — observou seu companheiro —, que a máquina confiável sempre tem que ser operada por uma máquina não confiável.

— Como? O que o senhor quer dizer? — perguntou o detetive.

— Refiro-me ao homem — disse o Padre Brown —, a máquina menos confiável que eu conheço. Não quero ser rude, e não acho que o senhor considerará “homem” uma descrição ofensiva ou imprecisa de si mesmo. O senhor diz que observou seus modos, mas como o senhor sabe que observou corretamente? O senhor diz que as palavras têm que vir de forma natural, mas como o senhor sabe que as sequenciou naturalmente? Como o senhor sabe que ele não observou sua postura? Quem pode provar que o senhor não estava tremendamente agitado? Não havia máquina ligada ao seu pulso.

— Afirmo — gritou o americano com a maior empolgação — que eu estava tão frio quanto um pepino.

— Criminosos também podem ficar tão frios quanto pepinos — disse Brown com um sorriso. — E quase tão frios quanto o senhor.

— Bem, este não era — disse Usher, jogando os papéis ao redor. — Como senhor me cansa! — Sinto muito! — disse o outro. — Apenas aponto o que parece uma possibilidade razoável. Se o senhor pode saber,

pelo comportamento de um homem, que por causa de uma palavra ele pode ser enforcado, por que o homem não pode saber, pelo seu comportamento ao escrever uma palavra, que por causa dela ele pode ser enforcado? Eu gostaria de me basear em mais do que palavras antes de enforcar alguém.

Usher bateu na mesa e se levantou em uma espécie de triunfo raivoso.

— E isso — ele gritou — é exatamente o que eu vou lhe dar. Eu testei a máquina antes e depois, de diferentes maneiras; a máquina, senhor, está certa.

Fez uma pausa e retomou com menos entusiasmo.

— Prefiro insistir, se chegar a esse ponto, que até então eu tinha muito pouco para me basear, além do experimento científico. Não havia realmente nada contra o homem. Suas roupas eram mal ajustadas, como eu disse, mas eram bem melhores, para sermos justos, do que as da classe submersa à qual ele evidentemente pertencia. Além disso, sob todas as manchas de seus mergulhos em campos arados ou irrompendo em cercas empoeiradas, o homem estava comparativamente limpo. Isso podia significar, é claro, que ele acabara de sair da prisão, mas a mim parecia mais a desesperada decência dos pobres comparativamente respeitáveis. Seu comportamento era, devo confessar, bastante de acordo com o deles. Era silencioso e digno como eles são; parecia ter uma grande, mas muda tristeza, como eles têm. Professou total ignorância do crime e de toda a questão, e não mostrou nada além de uma impaciência mal-humorada por alguma coisa sensata que pudesse vir tirá-lo daquela enrascada sem sentido. Ele me perguntou mais de uma vez se poderia telefonar para um advogado que o havia ajudado muito tempo atrás em uma disputa comercial e, em todos os sentidos, agiu como o senhor esperaria que um homem inocente agisse. Não havia nada contra ele no mundo, exceto aquele minúsculo ponteiro no mostrador que indicara a mudança de seu pulso.

“Então, senhor, a máquina estava em teste, e a máquina estava certa. Quando saí com ele da sala privada para o vestibulo onde todos os tipos de pessoas aguardavam exame, acho que ele já estava mais ou menos decidido a esclarecer as coisas com algo como uma confissão. Ele se virou para mim e começou a dizer em voz baixa: ‘Ah, não aguento mais isso. Se o senhor quer saber tudo sobre mim...’.

“No mesmo instante, uma das pobres mulheres sentadas no longo banco levantou-se, gritando e apontando para ele com o dedo. Nunca na minha vida ouvi nada mais distintamente demoníaco. Seu dedo magro

parecia identificá-lo como se fosse um atirador de ervilhas. Embora a palavra fosse um mero uivo, cada sílaba era tão clara quanto um toque separado no relógio.

“‘Davis Narcótico!’, ela gritava. ‘Pegaram o Davis Narcótico!’.

“Entre aquelas mulheres miseráveis, na sua maioria ladras e prostitutas, vinte rostos estavam virados, boquiabertos de alegria e ódio. Mesmo se eu nunca tivesse ouvido essas palavras, deveria saber, pelo próprio choque em suas feições, que o chamado Oscar Rian ouvira seu nome verdadeiro. Mas eu não sou tão ignorante, acredite se quiser. Davis Narcótico foi um dos criminosos mais terríveis e depravados que já confundiram nossa polícia. É certo que ele cometeu assassinato mais de uma vez, muito antes de sua última façanha com o carcereiro. Mas ele nunca foi totalmente castigado por isso, curiosamente porque matava da mesma maneira que aqueles crimes mais leves, ou mais mesquinhos, pelos quais ele foi punido com bastante frequência. Era um bruto bonito, de aparência bem-educada, como ainda é, até certo ponto, e ele costumava sair com garçonetes ou garotas de loja e acabar com o dinheiro delas. Muitas vezes, porém, ele foi muito mais longe, e elas foram encontradas narcotizadas com cigarros ou chocolates, todos os seus bens desaparecidos. Então veio um caso em que uma menina foi encontrada morta, mas a deliberação não pôde ser provada e, para facilitar, o criminoso não foi encontrado. Eu ouvi um boato de que ele reapareceu em algum lugar no personagem oposto desta vez, emprestando dinheiro em vez de tomá-lo, mas sempre para as viúvas pobres que ele fascinava, e ainda com o mesmo fim trágico para elas. Bem, aí está o seu homem inocente, e aí está o seu registro inocente. Desde então, quatro criminosos e três carcereiros o identificaram e confirmaram a história. Agora, o que o senhor tem a dizer sobre minha pobre maquininha depois disso? A máquina não o condenou nesse caso? Ou prefere dizer que a mulher e eu o condenamos?”.

— Quanto ao senhor o condenar — respondeu o Padre Brown, levantando-se e sacudindo-se pesadamente —, o senhor o condenou a não ir para a cadeia elétrica. Não acho que eles possam matar Davis Narcótico com aquela velha e vaga história do veneno; e quanto ao condenado que matou o carcereiro, suponho que seja óbvio que o senhor não o pegou. O Sr. Davis é inocente desse crime, com certeza.

— O que o senhor quer dizer? — exigiu o outro. — Por que ele seria inocente desse crime? — Ora, Deus nos guarde! — gritou o homenzinho em um de seus raros momentos de animação. — Ora, porque ele é culpado dos outros crimes! Não sei do que vocês são feitos. O senhor parece pensar que todos os pecados são guardados juntos, em uma

bolsa. O senhor fala como se um avaro na segunda-feira fosse sempre um perdulário na terça-feira. O senhor me disse que este homem que o senhor trancou aqui passou semanas e meses enganando mulheres carentes por pequenas somas de dinheiro, que ele usava uma droga na melhor das hipóteses e um veneno na pior, que apareceu depois como o tipo mais baixo de agiota e enganou um monte de outros pobres com o mesmo estilo paciente e pacífico. Conceda-se, admitamos a título de argumentação, que fez tudo isso. Se for assim, direi o que ele não fez. Não escalou um muro cheio de pontas para atacar um guarda armado. Não escreveu com a própria mão na parede para confessar isso. Não fez questão de afirmar que o fizera em legítima defesa. Não procurou explicar que não tinha nenhuma desavença com o pobre carcereiro. Não disse o nome da casa do homem rico para a qual estava indo com a arma. Não escreveu suas próprias iniciais com sangue de homem. Por todos os santos! O senhor não pode ver que o personagem é totalmente diferente, no bem e no mal? Ora, o senhor não parece nem um pouco comigo. Até parece que o senhor nunca teve seus próprios vícios.

O espantado americano já ia abrindo a boca para protestar quando a porta de seu escritório privado foi batida e sacudida de uma forma sem cerimônia à qual ele não estava acostumado.

A porta se abriu. Um momento antes Greywood Usher estivera chegando à conclusão de que o Padre Brown poderia estar louco. No momento seguinte, ele começou a pensar que também estava louco. Irrompeu em seu escritório um homem com os trapos mais imundos, com um chapéu seboso torto na cabeça e algo de cor verde apegado a um dos olhos, ambos brilhando como os de um tigre. O resto de seu rosto era quase imperceptível, mascarado por uma barba emaranhada e bigodes, através dos quais o nariz mal conseguia se projetar, e tudo isso coberto por um lenço vermelho e esqualido. O Sr. Usher se orgulhava de ter visto a maioria dos espécimes mais rudes do estado, mas pensou que nunca tinha visto um tão horrendo babuíno vestido de espantalho. Mas, acima de tudo, ele nunca tinha ouvido em toda a sua plácida existência científica um homem como aquele falar com ele antes de ser autorizado.

— Olha aqui, velho Usher — gritou o ser de lenço vermelho —, estou ficando cansado. Não tente nenhum de seus esconde-escondes comigo; a mim você não engana. Deixe em paz meus convidados e eu vou deixar pra lá quanto à maquininha complicada. Mantenha-o aqui por mais um instante e você vai se arrepender. Acho que não sou um homem sem influência.

O eminente Usher olhava para o monstro que gritava com tal espanto que todos os seus outros sentimentos secaram. O mero choque visual

havia tornado seus ouvidos quase inúteis. Por fim, ele tocou violentamente uma campainha com as mãos. Enquanto o sino ainda estava forte e badalando, a voz do Padre Brown soou suave, mas distinta.

— Tenho uma sugestão a fazer — ele disse —, mas ela parece um pouco confusa. Não conheço este senhor, mas... sim, mas acho que o conheço. Já o senhor o conhece. O senhor o conhece muito bem, mas o senhor, claramente, não o conhece. Parece paradoxal, eu sei.

— Acho que o cosmos está se desmanchando — disse Usher, e caiu esparramado em sua cadeira redonda de escritório.

— Agora, veja aqui — vociferou o estranho, batendo na mesa, mas falando com uma voz que era ainda mais misteriosa porque era comparativamente suave e racional, embora ainda retumbante.

— Não vou admitir isso. Eu quero... — Quem diabos é o senhor? — gritou Usher, sentando-se direito de repente.

— Acho que o nome do cavalheiro é Todd — disse o padre. Em seguida, pegou o pedaço de jornal rosa.

— Temo que o senhor não leia direito os jornais da Sociedade — ele disse, e começou a ler em voz monótona —, “ou guardado sob os decotes cobertos de joias das mais festivas socialites de nossa cidade, mas comenta-se de uma divertida paródia dos modos e costumes simples do extremo oposto da escala social”. Houve um grande *Jantar na favela* na Lagoa do Peregrino esta noite, e um homem, um dos convidados, desapareceu. O Sr. Ireton Todd é um bom anfitrião e o rastreou até aqui, sem sequer tirar sua fantasia antes.

— Que homem o senhor quer dizer? — Quero dizer o homem com roupas comicamente mal ajustadas que o senhor viu correndo pelo campo arado. Não é melhor o senhor ir interrogá-lo? Ele estará um pouco impaciente para voltar ao champanhe, do qual fugiu com tanta pressa, quando o condenado com a arma apareceu.

— O senhor quer mesmo dizer que... — começou o oficial.

— Ora, veja, Sr. Usher — disse o Padre Brown baixinho —, o senhor disse que a máquina não poderia cometer um erro; e em certo sentido não. Mas a outra máquina sim, a máquina que operou a primeira. O senhor presumiu que o homem em trapos se assustou com o nome de Lorde Falconroy, porque ele era o assassino de Lorde Falconroy. Mas o nome de Lorde Falconroy o assustou porque ele é Lorde Falconroy.

— Então por que diabos ele não disse isso? — exigiu Usher, encarando-o.

— Ele sentiu a pouca fidalguia de sua situação e pânico recentes — respondeu o padre —, então tentou, primeiro, esconder seu nome. Mas ele ia contar, quando — e o Padre Brown baixou os olhos para as botas dele — quando uma mulher encontrou outro nome para ele.

— Mas o senhor não pode cometer a insensatez de dizer — disse Greywood Usher, muito branco — que Lorde Falconroy era Davis Narcótico.

O padre olhou para ele seriamente, mas com um rosto desconcertante e indecifrável.

— Não disse nada sobre isso — ele disse. — Deixo tudo por sua conta. Seu jornal rosa diz que o título foi recentemente restituído a ele, mas esses jornais não são muito confiáveis. Diz que ele esteve nos Estados Unidos na juventude, mas toda a história parece muito estranha. Davis e Falconroy são covardes consideráveis, mas muitos outros homens também o são. Eu não colocaria minha mão no fogo quanto a isso. Mas eu acho — ele continuou, suave e reflexivamente — que vocês americanos são muito modestos. Acho que o senhor idealiza a aristocracia inglesa, supondo que ela seja tão aristocrática. O senhor vê um inglês de boa aparência em traje de noite, o senhor sabe que ele está na Câmara dos Lordes e imagina que ele teve um pai. O senhor não leva em conta a nossa mobilidade social. Muitos de nossos nobres mais influentes não apenas subiram recentemente, mas... — Oh, pare com isso! — gritou Greywood Usher, torcendo uma mão magra em impaciência contra uma sombra de ironia no rosto do outro.

— Não fique falando com esse lunático! — gritou Todd brutalmente. — Leve-me ao meu amigo.

Na manhã seguinte, o Padre Brown apareceu com a mesma expressão recatada, carregando outro recorte de jornal rosa.

— Receio que o senhor não aprecie a imprensa da moda — disse ele —, mas este recorte pode interessá-lo.

Usher leu as manchetes: “COMENSAIS DE PEGADINHA SE PERDEM: MUITA DIVERSÃO PERTO DA LAGOA DO PEREGRINO”. O parágrafo continuava: “É pra gargalhar o que aconteceu do lado de fora da Oficina Wilkinson’s na noite passada. Um policial de plantão teve sua atenção atraída por um homem em traje de prisão que estava sentado, com considerável tranquilidade, ao assento do volante de um belo

Panhard de uma cor maneiríssima, e acompanhado por uma jovem, envolta em um xale esfarrapado. Com a interferência da polícia, a jovem atirou o xale para o lado, e todos reconheceram a filha do Milionário Todd, que vinha do Banquete Insensato na Lagoa, onde todos os convidados mais seletos estavam em semelhante incúria. Ela e o cavalheiro vestindo o uniforme da prisão puderam continuar seu sensacional passeio”.

Embaixo da tira de papel rosa, o Sr. Usher encontrou um pedaço de jornal posterior, com a manchete “FUGA SURPREENDENTE DA FILHA DE MILIONÁRIO COM CONDENADO. ELA TINHA ORGANIZADO O BANQUETE INSENSATO. ATUALMENTE, EM SEGURANÇA EM...”.

O Sr. Greenwood Usher ergueu os olhos, mas o Padre Brown havia sumido.

A cabeça de César

Existe, em algum lugar de Brompton ou Kensington, uma interminável avenida de casas altas, ricas, mas quase vazias, que parece um bloco de sarcófagos. Os próprios degraus que levam às obscuras portas frontais parecem tão íngremes quanto as laterais de uma pirâmide: o visitante hesita em bater à porta, com medo de vê-la ser aberta por uma múmia. Mas uma característica ainda mais deprimente na fachada cinza é seu comprimento telescópico e continuidade imutável. O peregrino que desce por essa rua começa a pensar que nunca chegará a uma curva ou esquina, mas há uma exceção — muito pequena, saudada pelo peregrino quase com um grito. Há uma espécie de corredor entre duas das mansões altas, uma mera fenda, semelhante à fresta de uma porta, em comparação com a rua, mas grande o suficiente apenas para abrigar, na esquina, uma cervejaria ou taberna minúsculas, no limite da tolerância dos ricos para a conveniência de seus servos. Há algo alegre em sua própria pobreza e algo livre e élfico em sua insignificância. Aos pés daqueles gigantes de pedra cinza, parece uma casa iluminada de anões.

Quem passasse pelo local durante uma certa noite por si mesma quase feérica de outono poderia ter visto uma mão puxar para o lado a meia-cortina vermelha que, junto com algumas grandes letras brancas, ocultava parcialmente o interior se visto da rua, e um rosto parecido com um goblin de perfeita inocência olhando para fora. Na verdade, era o rosto de alguém com o inofensivo nome humano de Brown, ex-pároco de Cobhole em Essex e agora trabalhando em Londres. Seu amigo, Flambeau, um investigador semioficial, estava sentado à frente dele, fazendo suas últimas anotações sobre um caso que ele havia esclarecido na vizinhança. Eles estavam sentados a uma pequena mesa, perto da janela, quando o padre puxou a cortina e olhou para fora. Esperou até que um estranho na rua tivesse passado pela janela, para deixar a cortina voltar ao seu lugar. Então seus olhos redondos rolaram para as grandes letras brancas na janela acima de sua cabeça, e depois se desviaram para a mesa ao lado, na qual estava sentado apenas um operário com sua cerveja e queijo, e uma jovem de cabelos ruivos com um copo de leite. Então (vendo seu amigo guardar a carteira), ele disse suavemente: — Se o senhor tem dez minutos, eu gostaria que o senhor

seguisse aquele homem com o nariz falso.

Flambeau ergueu os olhos, surpreso, e a garota de cabelo ruivo também ergueu os olhos, com algo mais forte que espanto. Ela estava vestida de maneira simples e até mesmo folgada, com um tecido marrom claro, mas era uma dama, e num segundo olhar, uma dama desnecessariamente arrogante.

— O homem do nariz falso! — repetiu Flambeau. — Quem é ele? — Não faço ideia — respondeu o Padre Brown. — Eu quero que o senhor descubra. Eu peço isso como um favor. Ele desceu até lá — e apontou, com o polegar, por cima do ombro em um de seus gestos indistintos — e ainda não pode ter se afastado mais que três postes de luz. Eu só quero saber a direção.

Flambeau fitou o amigo por algum tempo, com uma expressão entre perplexidade e graça, e então, levantando-se da mesa, espremeu sua enormidade para fora da pequena porta da taverna anã e desapareceu no crepúsculo.

O Padre Brown tirou do bolso um livrinho e começou a ler sem parar. Não demonstrou perceber o fato de que a moça ruiva havia deixado sua própria mesa e se sentado em frente a ele. Por fim, ela se inclinou e disse em voz baixa e forte: — Por que o senhor diz isso? Como sabe que é falso? Ergueu as pálpebras um tanto pesadas, que tremeram de considerável embaraço. Então seu olhar duvidoso vagou novamente para as letras brancas na frente de vidro da taberna. Os olhos da jovem seguiram os dele, e pousaram lá também, mas sem entender nada.

— Não — disse o Padre Brown, respondendo aos seus pensamentos —, não diz “Sela”, como a coisa nos Salmos; eu mesmo li assim agora mesmo, enquanto refletia: diz “Ales”.¹⁰

— E daí? — perguntou a jovem, que o olhava fixamente. — O que importa o que diz? Seus olhos ruminantes percorreram a manga da roupa da jovem, em cujo pulso corria um fio muito leve de padrão artístico, apenas o suficiente para distingui-lo do uniforme de trabalho de uma mulher comum e torná-lo mais parecido com o vestido de trabalho de uma dama estudante de arte. Ele parecia encontrar muito que pensar nisso, mas sua resposta foi muito lenta e hesitante.

— Veja, minha senhora — ele disse —, este lugar, visto de fora, parece... bem, é um lugar perfeitamente decente; mas mulheres como a senhora, geralmente, não pensam assim. Elas nunca entram em tais lugares por escolha, exceto... — Bem? — ela repetiu.

— Exceto umas poucas infelizes, que não entram para beber leite.

— O senhor é uma pessoa muito singular — disse a jovem. — Qual é o seu objetivo nisso tudo? — Não quero incomodá-la com isso — respondeu ele, muito gentilmente. — Apenas me munir de conhecimentos suficientes para a ajudar, se alguma vez pedir a minha ajuda, livremente.

— Mas por que preciso de ajuda? Continuou seu monólogo distraído.

— Você não entraria para ver protegidos, amigos humildes, esse tipo de coisa, ou teria seguido para o restaurante... e você não entraria por se sentir adoentada, ou teria falado com a mulher do lugar, que é obviamente respeitável... além disso, você não parece doente dessa maneira, mas apenas infeliz... Esta rua é, no entorno, a única longa viela sem curva, e as casas de ambos os lados são fechadas... Eu só podia supor que a senhora viu alguém vindo, alguém que não queria encontrar; e que percebeu que a taberna era o único abrigo neste deserto de pedra... Acho que não passei dos limites, para um estranho, ao olhar o único homem que passou logo depois... E, como pensei, ele parecia o tipo errado, e a senhora parecia o tipo certo... Eu me apruntei para ajudar, se ele a incomodasse. Isso é tudo. Quanto ao meu amigo, ele estará de volta em breve, e certamente não pode descobrir nada andando por uma estrada como esta... Eu nunca pensei que ele pudesse.

— Então por que o mandou embora? — ela exclamou, inclinando-se para a frente com uma curiosidade ainda mais calorosa. Ela tinha o rosto orgulhoso e impetuoso que combina com o rubor e um nariz romano, como o de Maria Antonieta.

Ele a olhou fixamente pela primeira vez e disse: — Porque esperava que falasse comigo.

Ela olhou para ele por algum tempo com um rosto acalorado, no qual pendia uma sombra vermelha de raiva. Então, apesar de suas ansiedades, o humor escapou de seus olhos e dos cantos de sua boca, e ela respondeu quase sombriamente: — Bem, se o senhor quer tanto conversar comigo, talvez responda à minha pergunta. — Depois de uma pausa, ela acrescentou: — Pois eu tive a honra de lhe perguntar por que o senhor achou que o nariz do homem era falso.

— A cera sempre mancha um pouquinho assim neste clima — respondeu o Padre Brown com toda a simplicidade.

— Mas é um nariz tão *torto* — protestou a ruiva. O padre sorriu por sua vez.

— Eu não digo que é o tipo de nariz que alguém usaria por mera vaidade — ele admitiu. — Esse homem, eu acho, o usa porque seu nariz real é muito mais bonito.

— Mas por quê? — ela insistiu.

— Como é a canção infantil? — disse Brown, distraidamente.

— Havia um homenzinho torto... andava num caminho torto... Esse homem, me parece, percorreu um caminho muito torto... andando atrás de seu nariz.

— Por quê, o que ele fez? — ela exigiu, um tanto trêmula.

— Não quero abusar da sua confiança — disse o Padre Brown, bem baixinho. — Mas acho que você poderia me dizer mais sobre isso do que eu à senhora.

A garota se levantou de um salto e ficou quieta, mas com as mãos cerradas, como quem está prestes a se afastar. Então suas mãos afrouxaram lentamente, e ela se sentou novamente.

— O senhor é um mistério maior que todos os outros — ela disse desesperadamente —, mas eu sinto que pode haver um coração em seu mistério.

— O que todos nós mais tememos — disse o padre em voz baixa — é um labirinto sem *nenhum* centro. É por isso que o ateísmo é apenas um pesadelo.

— Vou contar tudo — disse obstinadamente a ruiva —, exceto o meu motivo para lhe contar. O motivo, eu não sei.

Segurando pontinhas da toalha de mesa, continuou: — O senhor parece saber o que não é esnobismo tão bem quanto o que é, e quando eu disser que a minha família é boa e antiga, o senhor entenderá que esta é uma parte necessária da história. Na verdade, meu principal perigo está nas noções exageradas de meu irmão, *noblesse oblige* e tudo mais. Pois bem, meu nome é Christabel Carstairs e meu pai era aquele Coronel Carstairs de quem o senhor provavelmente já ouviu falar, que fez a famosa coleção Carstairs de moedas romanas. Eu nunca poderia descrever meu pai para o senhor; o mais próximo que posso dizer é que ele próprio era muito parecido com uma moeda romana. Ele era tão bonito, tão genuíno, tão valioso, tão metálico e tão desatualizado. Tinha mais orgulho de sua coleção do que de seu brasão, e isso diz tudo. Seu caráter extraordinário ficou mais evidente em seu testamento. Teve dois

filhos e uma filha. Havia brigado com um filho, meu irmão Giles, e o mandou para a Austrália com uma magra pensão. Ele então fez um testamento deixando a Coleção Carstairs e uma pensão ainda menor para meu irmão Arthur. Via nisso uma recompensa, a maior honra que poderia oferecer, em reconhecimento à lealdade e retidão de Arthur e às distinções que ele havia conquistado em matemática e economia em Cambridge. Ele me deixou praticamente toda a sua grande fortuna, e tenho certeza de que fez isso para me demonstrar desprezo.

“Arthur, diria o senhor, deve reclamar disso, mas Arthur é o meu pai, feito de novo. Embora ele tivesse algumas diferenças com meu pai na juventude, assim que assumiu a coleção, tornou-se como um sacerdote pagão dedicado a um templo. Ele identificou esses centavos romanos com a honra da família Carstairs da mesma maneira rígida e idólatra que seu pai fizera antes. Agia como se o dinheiro romano devesse ser guardado por todas as virtudes romanas. Não tinha prazeres, não gastava nada consigo mesmo, vivia para a coleção. Muitas vezes não se dava ao trabalho de se vestir para suas refeições simples, mas andava entre os embrulhos amarrados de papel pardo (que ninguém mais podia tocar) em um velho roupão marrom. Com sua corda e borla e seu rosto pálido, fino e refinado, parecia um velho monge asceta. De vez em quando, porém, ele aparecia vestido como um cavalheiro decididamente elegante, mas isso era só quando ele ia aos leilões ou lojas de Londres em busca de adições à coleção Carstairs.

“Agora, se o senhor conhece alguma moça, não ficará chocado se eu disser que fiquei meio deprimida com tudo isso, no estado de espírito com que se começa a dizer que os antigos romanos eram todos camaradas muito corretos, se ficassem longe da gente. Não sou como meu irmão Arthur, eu não posso deixar de gostar de coisas boas. Herdei muito romantismo e tolíce daquele lado da família do qual recebi os meus cabelos ruivos. O pobre Giles era igual, e acho que a atmosfera das moedas pode ser uma desculpa para ele, embora ele realmente tenha errado e quase tenha ido para a prisão. Mas ele não se comportou pior do que eu, logo o senhor vai entender.

“Chego agora à parte boba da história. Acho que um homem tão inteligente quanto o senhor pode adivinhar qual tipo de coisa seria um possível alívio para a monotonia de uma garota rebelde de dezessete anos colocada em tal posição. Mas estou tão abalada com coisas mais terríveis que mal consigo ler meu próprio sentimento e não sei se o desprezo agora, enquanto mero flerte, ou se o suporte como um coração partido. Morávamos então em um pequeno lago à beira-mar em Gales do Sul, e um capitão do mar aposentado que morava a algumas portas tinha um filho cerca de cinco anos mais velho que eu, que fora amigo de

Giles antes de ele ir para as colônias. Seu nome não muda a minha história, mas digo-lhe que era Philip Hawker, porque estou lhe contando tudo. Costumávamos, juntos, pescar camarões e dizíamos e pensávamos que estávamos apaixonados; pelo menos ele certamente disse isso, e eu certamente pensei que estava. Se lhe digo que ele tinha os cabelos cacheados cor de bronze e um rosto de falcão, bronzeado também pelo mar, não é por ele, garanto, mas pela história, pois isso foi a causa de uma coincidência muito curiosa.

“Em uma tarde de verão, em que eu havia prometido ir pescar camarões na areia com Philip, estava eu esperando, um tanto ansiosa, na sala de estar da frente, vendo Arthur manusear alguns pacotes de moedas que acabara de comprar. Ele as levava lentamente, uma ou duas de cada vez, para seu próprio escritório e museu que ficava nos fundos da casa. Assim que finalmente ouvi a pesada porta se fechando com ele por dentro, corri para buscar minha rede de camarões e o chapeuzinho de pescador e estava quase escapando, quando vi que meu irmão havia deixado para trás uma moeda que jazia brilhando no longo banco perto da janela. Era uma moeda de bronze, e a cor, combinada com a curva exata do nariz romano e algo na própria elevação do pescoço longo e magro, fazia da sua efígie de César um retrato quase perfeito de Philip Hawker. Então, de repente, lembrei-me de Giles contando a Philip sobre uma moeda que era igual a ele, e de Philip desejando possuí-la. Talvez o senhor possa imaginar os pensamentos selvagens e tolos com os quais minha cabeça girou; eu me senti como se tivesse recebido um presente das fadas. Pareceu-me que, se eu pudesse fugir com ela e dá-la a Philip como uma espécie de aliança de casamento selvagem, esse seria um vínculo eterno entre nós. Pensei milhares de coisas como essa de uma vez. Mas senti dentro de mim, como se dentro de um poço profundo, a tremenda e terrível ideia do que estava fazendo; acima de tudo, o insuportável pensamento, semelhante a um toque de ferro em brasa: o que Arthur pensaria disso? Um Carstairs roubando, e roubando do tesouro Carstairs! Eu acredito que meu irmão aceitaria me ver queimada como uma bruxa por tal coisa, mas então, só de pensar em tal crueldade fanática, aumentou meu antigo ódio de sua indigna faina de antiquário e meu desejo pela juventude e liberdade que me chamavam lá do mar. O sol e o vento eram fortes lá fora, e um ramo amarelo de alguma vassourinha ou um tojo, no jardim, batia contra o vidro da janela. Eu pensei naquele ouro vivo e crescente chamando-me de todos prados do mundo; e então naquele ouro morto e fosco, no bronze e no latão do meu irmão, ficando cada vez mais empoeirados à medida que a vida passava. A natureza e a coleção Carstairs tinham, então, que lidar uma com a outra.

“A natureza é mais velha do que a coleção Carstairs. Enquanto corria

pelas ruas em direção ao mar, com a moeda cerrada em meu punho, senti todo o Império Romano nas minhas costas, assim como a linhagem Carstairs. Não era apenas o velho leão de prata rugindo em meu ouvido, mas todas as águias dos césores pareciam bater as asas e gritar atrás de mim. E, no entanto, meu coração subia cada vez mais alto, como a pipa de uma criança, até que cheguei às colinas de areia soltas e secas e às areias planas e úmidas, onde Philip já estava de pé, com água pelos tornozelos, a cerca de cem metros mar adentro. Havia um grande pôr do sol vermelho, e o longo trecho de água baixa, mal subindo acima do tornozelo por oitocentos metros, era como um lago de chamas de rubi. Só depois de arrancar os sapatos e as meias e de caminhar até onde ele estava, que ficava bem longe da terra firme, virei-me e olhei em volta. Estávamos sozinhos em um círculo de água do mar e areia úmida, e dei a ele a cabeça de César”.

Parou por um momento antes de continuar: — No mesmo instante, tive um acesso de imaginação: cismeí que um homem distante, nas colinas de areia, me olhava atentamente. Pensei que poderia ser um mero sobressalto de nervos descontrolados, pois o homem era apenas um ponto escuro à distância e eu só pude ver que ele estava parado e olhando, com a cabeça um pouco inclinada para o lado. Não havia nenhuma evidência lógica de que ele estivesse olhando para mim: ele poderia estar olhando para um navio, ou o pôr do sol, ou as gaivotas, ou qualquer uma das pessoas que ainda vagavam aqui e ali na costa entre nós. Fosse o que fosse, minha primeira impressão foi profética, pois, enquanto eu olhava, ele começou a andar rapidamente em zigue-zague em nossa direção através das areias úmidas e largas. Conforme ele se aproximava, vi que era moreno e barbudo, e que seus olhos estavam marcados por óculos escuros. Ele estava vestido pobremente, mas de forma respeitável: de preto, desde a velha cartola preta em sua cabeça até as sólidas botas pretas em seus pés. Apesar disso, caminhou direto para o mar sem um lampejo de hesitação e avançou para mim com a firmeza de uma bala itinerante.

“Não posso lhe descrever a sensação de monstrosidade e estupefação que tive quando ele rompeu silenciosamente a barreira entre a terra e a água. Era como se ele tivesse caído direto de um penhasco e ainda marchasse firmemente no ar. Era como se uma casa tivesse voado para o céu ou a cabeça de uma pessoa tivesse caído. Ele estava apenas molhando as botas, mas parecia ser um demônio desrespeitando uma lei da natureza. Se ele tivesse hesitado um instante na beira da água, não teria sido nada. Como estava, parecia olhar tanto só para mim, que não notava o oceano. Philip estava apenas a alguns metros de distância, de costas para mim, curvado sobre sua rede. O estranho avançou até ficar a dois metros de mim, com a água pelos joelhos. Em seguida, disse, com

uma articulação claramente modulada e um tanto tímida: ‘A senhorita se incomodaria em contribuir, além dessa, com uma moeda de inscrição um pouco diferente?’.

“Com uma exceção, não havia nada definitivamente anormal nele. Seus olhos escuros não eram realmente opacos, mas azuis, de tipo comum; os olhos atrás deles não eram evasivos, mas me olhavam com firmeza. Sua barba escura não era muito longa ou selvagem, mas ele parecia bastante peludo, porque a barba começava bem alta em seu rosto, logo abaixo das maçãs do rosto. Sua tez não era pálida nem lívida, mas, ao contrário, bastante clara e jovem; no entanto, isso lhe dava uma aparência de cera rosa e branca que de alguma forma (não sei por quê) aumentava bastante o horror. A única coisa estranha que se podia consertar era que seu nariz, que de resto era de boa forma, era ligeiramente inclinado para o lado na ponta, como se, antes de secar e enrijecer, tivesse sido batido de um lado com um martelo de brinquedo. Não chegava a ser uma deformidade; no entanto, não posso descrever o pesadelo que foi para mim. Lá na água pintada pelo pôr do sol, ele me afetou como um monstro marinho infernal recém-nascido rugindo ao sair de um mar sanguinolento. Não sei por que um desvio no nariz afetaria tanto minha imaginação. Acho que parecia que ele conseguiria mexer o nariz como um dedo, e parecia que ele tivesse acabado de mexê-lo.

“‘Qualquer ajudinha’, continuou ele com o mesmo sotaque esquisito e pedante, ‘que possa evitar a necessidade de minha comunicação com a família’.

“Dei-me conta, então, que eu estava sendo chantageada pelo roubo da peça de bronze, e todos os meus medos e dúvidas meramente supersticiosos foram engolidos por uma questão prática e avassaladora. Como ele poderia ter descoberto? Eu havia roubado a moeda de repente e por impulso; eu certamente estava sozinha, pois sempre me certificava de não ser observada quando saía para ver Philip dessa maneira. Aparentemente, eu não tinha sido seguida na rua, mas se eu tivesse sido, ninguém sem uma visão de raios-x poderia ver a moeda na minha mão fechada. O homem parado nas colinas de areia, se fosse capaz de ter visto o que eu dera a Philip, seria capaz de dar uma flechada no olho de uma mosca, como o homem do conto de fadas.

“‘Philip’, gritei impotente, ‘pergunte a este homem o que ele quer’.

“Quando Philip finalmente ergueu a cabeça, depois de consertar sua rede, ele parecia um pouco vermelho, como se estivesse mal-humorado ou envergonhado, mas pode ter sido apenas o esforço de curvar-se e a

luz vermelha do entardecer. Talvez fosse apenas mais uma das fantasias mórbidas que pareciam estar dançando ao meu redor. Limitou-se a dizer rispidamente ao homem: ‘Dê licença’. E, gesticulando para que eu o seguisse, partiu em direção à margem sem prestar mais atenção nele. Ele pisou em um quebra-mar de pedra que saía de entre as raízes dos montes de areia, e assim voltou para casa, talvez pensando que nosso íncubo acharia a caminhada sobre pedras tão ásperas, verdes e escorregadias com algas marinhas mais difícil do que nós, que éramos jovens e acostumados àquilo. Mas meu perseguidor andava tão tranquilamente quanto falava, e ele ainda me seguiu, escolhendo seu caminho e escolhendo suas frases. Ouvi sua voz delicada e detestável apelando para mim por cima do ombro, até que finalmente, quando chegamos ao topo das colinas de areia, a paciência de Philip (que não era tão evidente na maioria das ocasiões) chegou ao fim. Ele se virou de repente, dizendo: “Vá embora. Não posso falar com você agora”. E, quando o homem hesitou e abriu a boca, Philip deu-lhe uma bofetada que o fez voar do topo do monte de areia mais alto até o fundo. Eu o vi rastejando lá embaixo, coberto de areia.

“Esse golpe me confortou de alguma forma, embora pudesse aumentar meu perigo, mas Philip não mostrou nada de sua habitual exaltação por sua própria destreza. Embora tão afetuoso como sempre, ele ainda parecia abatido, e antes que eu pudesse perguntar-lhe qualquer coisa, ele se despediu de mim em seu portão, com duas observações que me pareceram estranhas. Ele disse que, considerando todas as coisas, eu deveria devolver a moeda à coleção, mas que ele mesmo a guardaria ‘por enquanto’. E então acrescentou repentina e irrelevantemente: ‘Você sabia que Giles voltou da Austrália?’”.

A porta da taverna se abriu e a sombra gigantesca do investigador Flambeau caiu sobre a mesa. O Padre Brown apresentou-o à senhora em seu próprio estilo leve e persuasivo de falar, mencionando seu conhecimento e delicadeza em tais casos; quase sem perceber, a garota logo estava repetindo sua história para dois ouvintes. Mas Flambeau, enquanto se sentava, entregou ao padre um pequeno pedaço de papel. Brown o recebeu com alguma surpresa e leu: “Táxi para Wagga Wagga, 379, Mafeking Avenue, Putney”. A menina continuava com sua história.

— Subi a ladeira até a minha casa com a cabeça girando. Não tinha começado a clarear, quando cheguei à porta, na qual encontrei uma lata de leite... e o homem do nariz torcido. A lata de leite indicava que os criados estavam todos fora, pois, é claro, Arthur, navegando em seu roupão marrom em um escritório marrom, nunca ouvia ou respondia a uma campainha. Assim, não havia ninguém para me ajudar em casa, exceto meu irmão, cuja intervenção seria minha ruína. Em desespero,

enfiei dois xelins na mão da coisa horrível e disse-lhe para voltar novamente em alguns dias, quando eu tivesse pensado no assunto. Ele saiu amuado, mas mais tímido do que eu esperava, talvez ele tivesse sido abalado por sua queda, e eu observei a nebulosa de areia salpicada em suas costas se afastando pela estrada com um prazer vingativo horrível. Ele virou uma esquina cerca de seis casas abaixo.

“Depois entrei, fiz um chá para mim e tentei pensar no que fazer. Sentei-me à janela da sala de estar olhando para o jardim, que ainda brilhava com a última luz forte do entardecer. Mas eu estava distraída e desligada demais para olhar o gramado, os vasos de flores e os canteiros com qualquer atenção. Portanto, o choque que senti foi mais intenso, porque não o percebi tão rapidamente. “O homem ou monstro que eu expulsara estava parado no meio do jardim. Oh, todos nós lemos muito sobre fantasmas de rosto pálido no escuro, mas essa aparição foi mais terrível do que qualquer coisa desse tipo jamais poderia ser, pois embora projetasse uma longa sombra noturna, ele ainda estava sob o sol quente, e porque seu rosto não estava pálido, mas ainda tinha aquela cor de cera de um manequim. Ele estava imóvel, com o rosto voltado para mim, e eu não posso dizer como ele parecia horrível entre as tulipas e todas aquelas flores altas, vistosas, quase que parecendo flores de estufa. Era como se tivéssemos erguido uma escultura de cera em vez de uma estátua no centro do nosso jardim.

“No entanto, quase no instante em que me viu mover-me pela janela, ele deu meia-volta e saiu correndo do jardim pelo portão dos fundos, que estava aberto e pelo qual sem dúvida havia entrado. Essa timidez renovada de sua parte era tão diferente do atrevimento com que ele havia entrado no mar, que me senti vagamente consolada. Imaginei, talvez, que ele tivesse maior temor de confrontar Arthur do que eu imaginava. De qualquer forma, finalmente me acomodei e jantei tranquila, sozinha (pois era contra as regras perturbar Arthur quando ele estava reorganizando o museu) e meus pensamentos, um pouco liberados, fugiram para Philip e se perderam, suponho... De qualquer forma, eu estava olhando sem expressão, mas certamente com sentimentos agradáveis, na direção de outra janela, sem cortina, mas agora preta como uma lousa, depois de finalmente anoitecer. Pareceu-me que algo parecido com um caracol estava do lado de fora da vidraça, mas quando olhei com mais atenção, era mais como o polegar de um homem pressionado no vidro; a aparência da coisa era curva, como um polegar. Com meu medo e minha coragem despertos novamente, corri para a janela e recuei com um grito estrangulado que ninguém, além de Arthur, pode ter ouvido.

“Pois não era um polegar, assim como não era um caracol. Era a ponta

de um nariz torto, esmagada contra o vidro; a pele estava branca, com a pressão, e o rosto e os olhos fixos atrás dele eram a princípio invisíveis e depois cinzentos como os de um fantasma. Fechei as venezianas como pude, corri para o meu quarto e me tranquei, mas, mesmo ao passar, poderia jurar que vi numa outra janela escura algo que parecia um caracol.

“Talvez fosse melhor ir até Arthur, afinal. Se a coisa estivesse rastejando pela casa como um gato, poderia ter propósitos piores até do que chantagem. Meu irmão poderia me expulsar e me amaldiçoar para sempre, mas ele era um cavalheiro e me defenderia naquele momento. Depois de dez minutos de curiosidade, desci, bati na porta e entrei para ver a última e pior cena.

“A cadeira do meu irmão estava vazia e ele obviamente estava fora, mas o homem com o nariz torto estava sentado, esperando seu retorno, com o chapéu ainda insolentemente na cabeça, e até mesmo lendo um dos livros do meu irmão sob a lâmpada. Seu rosto estava composto e ocupado, mas a ponta do nariz ainda parecia ser a parte mais móvel do rosto, como se tivesse acabado de abanar da esquerda para a direita como a tromba de um elefante. Eu pensava que ele era suficientemente venenoso enquanto ele estava me perseguindo e me observando, mas achei sua inconsciência da minha presença ainda mais assustadora.

“Acho que gritei alto e por muito tempo, mas isso não importa. O que fiz a seguir importa: dei-lhe todo o dinheiro que tinha, incluindo uma boa quantia em cédulas que, embora fossem minhas, ousou dizer que não tinha o direito de tocar. Ele saiu finalmente, com odiosas e diplomáticas desculpas, tudo em palavras longas, e sentei-me, sentindo-me arruinada em todos os sentidos. No entanto, eu fora salva naquela mesma noite, por puro acidente. Arthur partira subitamente para Londres, como tantas vezes fazia, em busca de barganhas, e voltou, tarde, mas radiante, tendo quase garantido um tesouro que era um esplendor adicional até mesmo para a coleção da família. Ele estava tão resplandecente que quase tive coragem de confessar a abstração da joia menor, mas ele derrubou todos os outros tópicos com seus projetos avassaladores. Como a barganha ainda poderia dar errado a qualquer momento, ele insistiu que eu fizesse as malas imediatamente e subisse com ele para os alojamentos que ele já havia alugado em Fulham, para ficar perto da loja de curiosidades em questão. Assim, contra minha vontade, fugi de meu inimigo quase na calada da noite, mas de Philip também... Meu irmão estava frequentemente no Museu de South Kensington e, para me ocupar de alguma maneira, paguei algumas aulas nas Escolas de Arte. Eu vinha voltando de uma aula esta noite, quando vi a abominação da desolação andando viva por esta longa rua reta; e o resto é como este

cavalheiro disse.

“Só tenho uma coisa a dizer. Não mereço ser ajudada, e não questiono meu castigo, nem me queixo dele; é justo, aconteceu a coisa certa. Mas ainda questiono, com a cabeça explodindo, como isso pôde acontecer. Fui punida por um milagre? Ou como alguém, além de Philip e eu, *pôde* saber que lhe dei uma pequena moeda no meio do mar?”.

— É um problema extraordinário — admitiu Flambeau.

— Não tão extraordinário quanto a resposta — comentou o Padre Brown com tristeza. — Srta. Carstairs, você estará no alojamento, se a procurarmos em Fulham daqui a uma hora e meia? A garota olhou para ele, então se levantou e calçou as luvas.

— Sim — ela disse —, estarei lá.

E quase instantaneamente deixou o local.

Naquela noite, o detetive e o padre ainda estavam conversando sobre o assunto enquanto se aproximavam da casa em Fulham, um cortiço estranhamente mau, mesmo para residência temporária da família Carstairs.

— Claro que o superficial, pensando bem — disse Flambeau —, pensaria primeiro neste irmão australiano que já esteve em apuros antes, que voltou tão de repente e que com certeza tem companheiros da pior laia. Mas não consigo ver como ele pode participar da história por qualquer processo de pensamento, a menos que... — Bem? — perguntou pacientemente o seu companheiro. Flambeau baixou a voz.

— A menos que o namorado da garota participe também, e ele seria o pior dos vilões. O australiano sabia que Hawker queria a moeda. Mas eu não consigo ver como ele poderia saber que Hawker a tinha, a menos que Hawker sinalizasse para ele ou seu representante do outro lado da costa.

— É verdade — assentiu o padre, com respeito.

— O senhor notou outra coisa? — continuou Flambeau, ansiosamente. — Este Hawker ouviu sua amada ser insultada, mas não ataca *até chegar às dunas de areia macia*, onde ele pode ser o vencedor em uma mera luta simulada. Se ele tivesse atacado em meio às rochas e ao mar, ele poderia ter ferido seu aliado.

— Verdade também — disse o Padre Brown, assentindo.

— E agora, voltando desde o início. O assunto envolve poucas pessoas, mas pelo menos três. É preciso uma pessoa para haver suicídio, duas pessoas para haver assassinato, mas pelo menos três pessoas para haver chantagem.

— Por quê? — perguntou o padre suavemente.

— Bem, obviamente — disse o amigo —, deve haver uma para ser exposta, uma para ameaçar com a exposição, e pelo menos uma que se horrorizaria com a exposição.

Depois de uma longa pausa ruminante, o padre disse: — Você ignorou um passo lógico. Três pessoas são necessárias como ideias. Apenas duas são necessárias como agentes.

— O que quer dizer? — perguntou o outro.

— Por que um chantagista não poderia — perguntou Brown, em voz baixa — ameaçar sua vítima contra ele mesmo? Suponha que uma esposa se tornasse uma abstinência rígida *a fim de* assustar o marido, para que ele escondesse que frequenta bares e, em seguida, escrevesse cartas de chantagem com outra caligrafia, ameaçando contar para a esposa! Por que funcionaria? Suponha que um pai proibisse um filho de jogar e então, seguindo-o com um bom disfarce, ameaçasse o rapaz com sua falsa rigidez paternal! Suponha que... mas, aqui estamos, meu amigo.

— Meu Deus! — exclamou Flambeau. — O senhor não quer dizer que... Uma figura ativa desceu correndo os degraus da casa e mostrou, sob a luz dourada do lampião, a cabeça inconfundível que lembrava a moeda romana.

— A Srta. Carstairs — disse Hawker sem cerimônia — não queria entrar até que vocês chegassem.

— Bem — observou Brown confiante —, o senhor não acha que ficar parada do lado de fora é a melhor coisa que ela pode fazer, com o senhor para cuidar dela? Eu acho que o senhor adivinhou tudo sozinho.

— Sim — disse o jovem, em voz baixa —, adivinhei na areia e agora tenho certeza. Foi por isso que o ataquei no terreno macio. Pegando a chave da garota e a moeda de Hawker, Flambeau e seu amigo entraram na casa vazia e passaram para a sala de visitas.

Estava totalmente vazia, exceto por um ocupante. O homem que o Padre Brown vira passar pela taverna estava encostado na parede, como se acuado; imóvel, exceto por ter tirado o casaco preto e estar usando

um roupão marrom.

— Viemos — disse educadamente o Padre Brown — devolver esta moeda ao seu dono. — E a entregou ao homem do nariz.

Os olhos de Flambeau rolaram.

— Este sujeito é um colecionador de moedas? — ele perguntou.

— Este sujeito é o Sr. Arthur Carstairs — disse o padre, positivamente —, e ele é um colecionador de moedas de um tipo um tanto singular.

O homem mudou de cor tão horivelmente que o nariz torto se destacou em seu rosto como uma coisa separada e cômica. Ele falava, no entanto, com uma espécie de dignidade desesperadora.

— Vereis, então — disse —, que não me faltam todas as qualidades familiares. — E ele se virou de repente e entrou em uma sala interna, batendo a porta.

— Detenha-o! — gritou o Padre Brown, saltando e meio caindo sobre uma cadeira; e, depois de tentar uma ou duas chaves, Flambeau abriu a porta. Mas era tarde demais. Em silêncio mortal, Flambeau cruzou a sala e telefonou para chamar o médico e a polícia.

Um frasco de remédio vazio estava no chão. Do outro lado da mesa, o corpo do homem de roupão marrom jazia em meio aos embrulhos de papel pardo rasgados e abertos, de onde saíam e rolavam, não moedas romanas, mas moedas inglesas nada antigas.

O sacerdote ergueu a cabeça de bronze de César.

— Isso — ele disse — era tudo o que restava da coleção Carstairs.

Depois de um silêncio, ele continuou, com mais do que uma gentileza comum: — Foi um testamento cruel o que seu pai perverso fez, e pode-se ver que ele se ressentiu um pouco. Ele odiava o dinheiro romano que possuía e veio a gostar mais do dinheiro real que lhe fora negado. Não apenas vendeu a coleção aos poucos, mas aos poucos foi caindo nas formas mais vis de ganhar dinheiro, até se disfarçar para chantagear sua própria família. Chantageou seu irmão da Austrália com seu pequeno crime esquecido (foi por isso que ele pegou o táxi para Wagga Wagga em Putney), chantageou sua irmã com o roubo que só ele poderia ter notado. E foi por isso, aliás, que ela teve aquele palpite sobrenatural quando ele estava nas dunas de areia. A silhueta e o porte, por mais distantes, têm mais probabilidade de nos lembrar alguém do que um

rosto bem perto, se estiver maquiado.

Houve outro silêncio.

— Bem — rosou o detetive —, então este grande numismata e colecionador de moedas não passava de um avarento vulgar.

— Existe tanta diferença? — perguntou o Padre Brown, no mesmo tom estranho e indulgente. — Qual é o defeito de um avarento que um colecionador não tenha igual? Qual é o erro deles, além de... não farás para ti imagem de escultura; não deverás te curvar a elas nem servi-las, pois Eu... mas devemos ir e ver como estão os pobres jovens.

— Eu acho — disse Flambeau — que, apesar de tudo, eles provavelmente estão muito bem.

vii

A peruca roxa

O

Sr. Edward Nutt, o diligente editor do *Daily Reformer*, estava sentado à sua mesa, abrindo cartas e marcando provas ao ritmo alegre de uma máquina de escrever operada por uma jovem vigorosa.

Era um homem forte e louro, em mangas de camisa; tinha movimentos resolutos, a boca firme e uma autoritária inflexão na voz; mas seus arredondados olhos azuis, um tanto infantis, tinham uma expressão confusa e até melancólica que contradizia todo o resto. Na verdade, tal expressão não era totalmente enganosa. Dele, poder-se-ia dizer, como de muitos jornalistas de credibilidade, que sua emoção mais familiar era o medo contínuo: medo de ações de difamação, medo de anúncios perdidos, medo de erros de impressão, medo da demissão.

Sua vida havia sido uma série de concessões confusas entre o proprietário do jornal (e seu proprietário), que era um velho fabricante de sabão, com três erros inerradicáveis em sua mente, e a equipe muito hábil que ele reunira para tocar o jornal, da qual alguns membros eram homens brilhantes e experientes e (o que era ainda pior) entusiastas sinceros da linha política do jornal.

Uma carta de um deles estava ali à sua frente e, apesar de rápido e resoluto como era, ele parecia quase hesitar antes de abri-la. Em vez disso, apanhou uma tira de prova, percorreu-a com um olho azul e um lápis azul, trocou a palavra “adultério” pela palavra “impropriedade” e a palavra “judeu” pela palavra “estrangeiro”, tocou uma campainha e a enviou voando para cima.

Em seguida, com um olhar mais pensativo, ele abriu a carta de seu colaborador mais ilustre, que trazia um carimbo de Devonshire, e dizia o seguinte: Caro Nutt, como vejo que o senhor está trabalhando com Spooks e Dooks ao mesmo tempo, que tal um artigo sobre aquele negócio sujo dos Eyres de Exmoor ou, como as velhas chamam aqui, a Orelha do Diabo dos Eyres? O chefe da família, o senhor sabe, é o Duque de Exmoor. Ele é um dos poucos aristocratas conservadores realmente rígidos que restaram, um tirano velho e robusto, a quem atrapalhar é o nosso programa. E acho que estou no caminho de uma história que vai causar problemas.

Claro que não acredito na velha lenda sobre James I e, quanto a você, você não acredita em nada, nem mesmo no jornalismo. A lenda, você deve se lembrar, era sobre o negócio mais negro da história inglesa: o envenenamento de Overbury por aquela rancorosa bruxa, Frances Howard, e o terror bastante misterioso que forçou o rei a perdoar os assassinos. Havia, supostamente, muita feitiçaria misturada no caso, e a história conta que um servo ouviu a verdade, pelo buraco da fechadura, numa conversa entre o rei e Carr, e o ouvido com o qual ele a ouviu ficou grande e monstruoso como que por magia, tão terrível era o segredo. Embora ele acabasse sendo soterrado de terras e ouro, e se tornado um ancestral dos duques, a orelha élfica ainda é recorrente na família. Bem, você não acredita em magia negra e, se acreditasse, não poderia usá-la numa reportagem. Se um milagre acontecesse em seu escritório, o senhor teria que abafá-lo, nessa época em que tantos bispos são agnósticos. Mas esta não é a questão. A questão é que há realmente algo estranho com Exmoor e sua família; algo bastante natural, ousado dizer, mas bastante anormal, e o ouvido está ligado a isso de alguma forma, imagino, como um símbolo, ou uma ilusão, doença ou algo assim. Outra tradição diz que os cavaleiros, logo após James I, começaram a usar o cabelo comprido apenas para cobrir a orelha do primeiro Lorde Exmoor. Isso também é fantasioso, sem dúvida.

A razão pela qual eu me dirijo a você é esta: parece-me que cometemos um erro ao atacar a aristocracia inteiramente por causa de seu champanhe e diamantes. A maioria dos homens admira os nobres por se divertirem, mas acho que concedemos demais quando admitimos que a aristocracia fez até os aristocratas felizes. Sugiro uma série de artigos

apontando como é triste, desumano, absolutamente diabólico, o cheiro e a atmosfera de algumas dessas grandes casas. Existem muitos casos, mas o senhor não poderia começar com um melhor do que A Orelha dos Eyres. Até o final da semana, eu acho que posso relatar a verdade sobre tudo isso.

Sempre seu, Francis Finn.

O Sr. Nutt refletiu por um momento, olhando para sua bota esquerda, então gritou em uma voz forte, alta e totalmente sem vida, em que cada sílaba soava igual: — Srta. Barlow, redija uma carta para o Sr. Finn, por favor.

Caro Finn, acho que serviria; original deve chegar aqui na segunda entrega do sábado.

Atenciosamente,
e. nutt.

Essa elaborada epístola ele articulou como se fosse uma palavra, e a Srta. Barlow a datilografou como se fosse uma palavra. Em seguida, ele pegou outra tira de prova e um lápis azul, e alterou a palavra “sobrenatural” para a palavra “maravilhoso”, e “abater” virou “reprimir”.

Em atividades tão felizes e saudáveis, o Sr. Nutt se divertia, até que o sábado seguinte o encontrou na mesma mesa, ditando para a mesma datilógrafa e usando o mesmo lápis azul na primeira parte das revelações do Sr. Finn. A abertura era uma sonora e cortante invectiva sobre os segredos malignos dos príncipes e a maldade nos postos mais altos da Terra. Embora escrito com violência, estava em excelente inglês, mas o editor, como sempre, deu a outra pessoa a tarefa de dividi-lo em subtítulos, que eram de um tipo mais picante, como “NOBREZA E VENENOS”, “A ORELHA IRREAL”, “A IRA DOS EYRES” e assim por diante, somando uma centena de revisões úteis. Em seguida, seguia-se a lenda da Orelha, ampliada a partir da primeira carta de Finn, e depois a substância de suas descobertas posteriores, como segue: Sabemos que é prática dos jornalistas colocar o fim da história no começo e chamá-lo de manchete. Eu sei que o jornalismo consiste, em grande parte, em dizer ‘Morre Lorde Jones’ para pessoas que nunca souberam que Lorde Jones vivia. Seu atual correspondente pensa que esse costume, como muitos outros costumes jornalísticos, é mau, e que o *Daily Reformer* tem que dar um exemplo melhor nessas coisas. Ele se propõe a contar sua história como ocorreu, passo a passo. Usará os nomes reais das partes, que na maioria dos casos estão prontos para confirmar seu depoimento. Quanto às manchetes, as sensacionais proclamações... virão no final.

Caminhava eu por um passeio público que atravessa um pomar particular de Devonshire e que parecia levar a uma estalagem de Devonshire, quando de repente me deparei com um lugar exatamente como o sugerido pelo caminho. Era uma estalagem longa e baixa, consistindo, na verdade, em uma cabana e dois celeiros, toda coberta daquele tipo de palha que parece um cabelo castanho e grisalho pré-histórico. Do lado de fora da porta havia uma placa que o chamava de Dragão Azul, e sob a placa havia uma dessas longas mesas rústicas que ficavam do lado de fora da maioria das hospedarias inglesas gratuitas, antes que abstêmios e cervejeiros destruíssem juntos a liberdade. Nesta mesa estavam sentados três cavalheiros que poderiam ter vivido cem anos atrás.

Agora que os conheço melhor, não há dificuldade em desenredar as impressões, mas naquele momento eles pareciam três fantasmas muito sólidos. A figura dominante, tanto por ser maior em todas as três dimensões, quanto por se sentar no centro da mesa, de frente para mim, era um homem alto e gordo, todo vestido de preto, com rosto rubicundo, até apoplético, mas uma testa um tanto calva e um tanto incomodada. Olhando para ele de novo, mais estritamente, não soube dizer exatamente o que me dava a sensação de antiguidade, exceto o corte antigo de sua gravata branca e as rugas paralelas em sua testa.

Foi ainda menos fácil fixar a impressão no caso do homem na ponta direita da mesa, que, para falar a verdade, era uma pessoa tão comum quanto qualquer outra, com uma cabeça redonda de cabelos castanhos e um nariz arrebitado, redondo, mas também vestido de preto clerical, de corte mais rígido. Foi só quando vi seu largo chapéu curvo sobre a mesa ao lado dele que percebi por que o relacionava com algo antigo. Ele era um padre católico romano.

Talvez o terceiro homem, na outra ponta da mesa, tivesse realmente mais a ver com o assunto do que o resto, embora fosse mais leve na presença física e mais desleixado em suas roupas. Seus membros esguios estavam vestidos, posso dizer também apertados, com mangas e calças cinzentas muito justas. Tinha um rosto comprido, pálido e aquilino, que parecia ainda mais saturnino, porque suas mandíbulas estavam presas no colarinho e na gravata mais ao estilo das antigas, e seu cabelo (que deveria ser castanho-escuro) tinha uma estranha cor escura e ruiva que, em conjunto com seu rosto amarelo, ficava parecendo mais roxo do que vermelho. A cor discreta, mas incomum, era ainda mais notável, porque seu cabelo era quase artificialmente saudável e encaracolado, e ele o usava cheio. Mas, depois de toda análise, inclino-me a pensar que o que me deu minha primeira impressão antiquada foi simplesmente um conjunto de taças de vinho altas e antiquadas, um ou dois limões e dois

cachimbos de leitura. E também, talvez, a missão antiquada em que eu vinha.

Por ser um repórter experiente e, aparentemente, estando numa pousada pública, não precisei usar o máximo do meu atrevimento para me sentar à mesa comprida e pedir um pouco de cidra. O grande homem de preto parecia muito culto, especialmente sobre as antiguidades locais; o homenzinho de preto, embora falasse muito menos, surpreendeu-me com uma cultura ainda mais ampla. Então nos demos muito bem, mas o terceiro homem, o velho cavalheiro com calças justas, parecia bastante distante e arrogante, até que deslizei para o tema do Duque de Exmoor e sua ascendência.

Esse assunto me pareceu constranger um pouco os outros dois, mas serviu para quebrar o feitiço do silêncio do terceiro homem. Falando com moderação e com o sotaque de um cavalheiro altamente educado, e bufando de vez em quando em seu longo cachimbo de leitura, ele começou a me contar algumas das histórias mais horríveis que já ouvi em minha vida: como um dos Eyres dos antigos séculos enforcou seu próprio pai, e outro mandou açoitar sua esposa diante da aldeia, e outro havia incendiado uma igreja cheia de crianças, e assim por diante.

Alguns dos contos, de fato, não são dignos da letra de forma, como a história das freiras escarlates, a abominável história do cão malhado, ou o que aconteceu na pedreira. E todo esse rubro rol de impiedades saía de seus lábios finos, gentis, afetados, enquanto ele bebia vinho em seu copo alto e fino.

Pude ver que o grande homem à minha frente tentava, se pudesse, contê-lo, mas ele evidentemente tinha um respeito considerável pelo velho cavalheiro e não podia se aventurar a fazê-lo abruptamente. E o padrezinho do outro lado da mesa, embora livre desse ar de constrangimento, olhava fixamente e parecia ouvir o recital com muita dor, tão bem quanto podia.

— O senhor não parece — disse eu ao narrador — gostar muito da gente Exmoor.

Olhou para mim por um momento, seus lábios ainda afetados, mas embranquecendo e apertando; então ele deliberadamente quebrou seu longo cachimbo e o copo sobre a mesa e se levantou, a própria imagem de um perfeito cavalheiro com o temperamento emoldurado de um Demônio.

— Estes senhores — disse ele — lhe dirão se tenho motivos para gostar.

A maldição dos Eyres antigos pesou sobre esta região, e muitos sofreram com ela. Eles sabem que ninguém sofreu com ela tanto como eu. — E com isso esmagou com o calcanhar um pedaço do vidro caído e afastou-se entre o crepúsculo verde das macieiras cintilantes.

— É um velho extraordinário — disse eu aos outros dois. — Por acaso os senhores sabem o que a família Exmoor fez com ele? Quem é ele? O grandalhão de preto me encarava com o ar selvagem de um touro perplexo. Ele a princípio não pareceu entender. Então, finalmente disse: — O senhor não sabe quem ele é? Reafirmei minha ignorância e houve outro silêncio. Foi quando o padrezinho disse, ainda olhando para a mesa: — Esse é o Duque de Exmoor.

Antes que eu pudesse recuperar meus sentidos dispersos, ele acrescentou igualmente baixinho, mas com um ar de reparação: — Meu amigo aqui é o Doutor Mull, bibliotecário do duque. E o meu nome é Brown.

— Mas — gaguejei —, se é o duque, por que é que ele condena todos os velhos duques assim? — Ele parece realmente acreditar — respondeu o padre chamado Brown — que eles deixaram uma maldição sobre ele. — Depois acrescentou, com alguma irrelevância: — Por isso usa peruca.

Passaram-se alguns momentos antes que seu significado me ocorresse.

— O senhor não quer dizer aquela fábula sobre a orelha fantástica? — eu perguntei. — Já ouvi falar, é claro, mas com certeza deve ser uma superstição de algo muito mais simples. Já cheguei a pensar que era uma versão selvagem de uma dessas histórias de mutilação. Costumavam cortar as orelhas dos criminosos no século XVI.

— Não creio que seja isso — respondeu o homenzinho pensativamente —, mas não está fora da ciência comum ou da lei natural que, numa família, alguma deformidade, como uma orelha maior que a outra, reapareça frequentemente.

O grande bibliotecário enterrou sua grande careca nas mãos grandes e vermelhas, como um homem tentando pensar em seu dever.

— Não — ele gemeu. — Vocês estão sendo injustos com o homem, afinal. Entendam, eu não tenho motivos para defendê-lo, ou mesmo para lhe ser fiel. Ele tem sido um tirano para mim como para todos os outros. Não imagine, porque o senhor o vê sentado aqui, que ele não é um grande senhor no pior sentido da palavra. Ele seria capaz de fazer um homem andar uma milha para tocar uma campainha a uma jarda dele, de convocar outro homem a três milhas para buscar uma caixa de

fósforos a três jardas. Ele exige que um laçao carregue sua bengala, que um servo segure seus óculos de ópera... — Mas não exige que um criado escove suas roupas — cortou o padre, com uma secura interessante —, porque o criado escovaria a peruca também.

O bibliotecário virou-se para ele e pareceu esquecer minha presença; ele estava fortemente comovido e, eu acho, um pouco tocado pelo vinho.

— Não sei como o senhor sabe, Padre Brown — ele disse —, mas o senhor tem razão. Ele deixa o mundo inteiro fazer tudo por ele, exceto vesti-lo. Ele insiste em se vestir em uma solidão de deserto. Qualquer um é expulso do cômodo, não pode ficar uma figura nem perto da porta do quarto de vestir.

— Parece um velhinho simpático — comentei.

— Não — respondeu o Dr. Mull simplesmente — e, no entanto, é exatamente isso que quero dizer quando digo que o senhor foi injusto com ele, afinal. Cavalheiros, o duque realmente sente a amargura sobre a maldição que ele mencionou agora. Ele, com sincera vergonha e terror, esconde sob aquela peruca roxa algo que teme ser capaz de assustar qualquer cristão que veja. Eu sei que é isso, e sei que não é uma mera desfiguração natural, como uma mutilação criminoso, ou uma desproporção hereditária nas feições. Eu sei que é pior do que isso, porque um homem me disse que estava presente numa cena que ninguém inventaria, quando um homem mais forte do que qualquer um de nós tentou desafiar o segredo, e ficou aterrorizado pelo que viu.

Abri a boca para falar, mas Mull continuou, sem pensar em mim, tapando a boca com as mãos enquanto falava.

— Não me importo de lhe dizer, padre, porque na verdade assim mais justifico que condeno o pobre duque. O senhor nunca ouviu falar da época em que ele quase perdeu todas as propriedades? O padre balançou a cabeça, e o bibliotecário começou a contar a história como a ouvira de seu antecessor no mesmo posto, que fora seu patrono e instrutor, e em quem parecia confiar implicitamente. Até certo ponto, era uma história bastante comum do declínio da fortuna de uma grande família — a história de um advogado de família. Seu advogado, porém, teve o cuidado de trapacear honestamente, se a expressão faz sentido. Em vez de usar os fundos que mantinha sob custódia, ele aproveitou o descuido do duque para colocar a família em um buraco financeiro, no qual poderia ser necessário que o duque o deixasse ficar com aqueles fundos.

O nome do advogado era Isaac Green, mas o duque sempre o chamava

de Eliseu, presumivelmente em referência ao fato de que ele fosse bastante careca, embora certamente não tivesse mais de trinta anos. Ele havia obtido sucesso muito rapidamente, mas depois de um começo muito sujo, sendo primeiro um “*nark*” ou informante, e depois um agiota: mas como advogado dos Eyres, ele teve o cuidado, como eu disse, de manter-se tecnicamente correto até estar pronto para dar o golpe final. A pancada veio no jantar, e o velho bibliotecário disse que não devia esquecer nunca a própria aparência dos abajures e dos decantadores, quando o pequeno advogado, com um sorriso firme, propôs ao grande senhorio que dividissem as propriedades entre eles. A sequência certamente não poderia ser esquecida, pois o duque, em silêncio mortal, quebrou na cabeça calva do homem uma garrafa, tão repentinamente quanto eu o vira quebrar o copo naquele dia no pomar. Isso deixou uma cicatriz triangular vermelha no couro cabeludo, e os olhos do advogado se alteraram, mas não seu sorriso.

Levantou-se cambaleando e revidou como é de costume com homens do tipo dele.

— Fico feliz com isso — disse ele —, pois agora posso levar toda a propriedade. A lei a entregará para mim.

Exmoor, ao que parece, estava branco como cinzas, mas seus olhos ainda brilhavam.

— A lei entregará — disse ele —, mas você não aceitará... Por que não? Por quê? Porque essa seria a minha desgraça! E, se o senhor aceitar, *eu vou tirar minha peruca...* Ora, sua lamentável galinha depenada, qualquer um pode ver sua cabeça nua. Mas nenhum homem pode ver a minha e viver.

Bem, você pode dizer o que quiser e fazer com que signifique o que quiser. Mas Mull jura solenemente que o advogado, depois de agitar os punhos no ar por um instante, simplesmente saiu correndo da sala e nunca mais voltou à região. Desde então, Exmoor tem sido mais temido como feiticeiro do que como senhorio e magistrado.

O Dr. Mull contara sua história com gestos teatrais, um tanto selvagens, e com uma paixão que me pareceu, no mínimo, partidária. Eu estava bastante consciente da possibilidade de que tudo não passasse de extravagância de um velho fanfarrão e fofoqueiro. Mas antes de terminar essa metade de minhas descobertas, acho que é devido ao Dr. Mull registrar que minhas duas primeiras investigações confirmaram sua história. Um velho boticário da aldeia me fez saber que um homem careca em traje de gala, que se chamava Green, veio a ele certa noite

para tratar um corte de três pontas na testa. E eu soube pelos registros legais e jornais antigos que havia um processo notificado, e pelo menos aberto, por um Green contra o Duque de Exmoor.

O Sr. Nutt, do *Daily Reformer*, escreveu algumas palavras totalmente incongruentes na parte superior do original, fez algumas marcas altamente misteriosas na lateral e chamou a Srta. Barlow na mesma voz alta e monótona: — Bata esta carta para o Sr. Finn.

Caro Finn, seu artigo está bom, mas tive de corrigi-lo, pois nosso público nunca aceitaria um padre católico romano na história. É preciso agradar ao grande público. Mudei o nome dele para Sr. Brown, um espiritualista.

Atenciosamente,
e. nutt.

Um ou dois dias depois, via-se o ativo e criterioso editor examinando, com olhos azuis que pareciam ficar cada vez mais redondos, o segundo capítulo da história do Sr. Finn sobre os mistérios da alta sociedade, que começava assim: Fiz uma descoberta surpreendente. Bem diferente, confesso, de tudo que eu esperava descobrir, e que vai dar um choque muito mais sensível no público. Atrevo-me a dizer, sem qualquer vaidade, que as palavras que agora escrevo serão lidas em toda a Europa, e certamente em vários lugares da América e nas colônias. E, no entanto, tudo o que tenho a dizer eu ouvi naquela mesma mesinha de madeira, naquele mesmo bosque de macieiras.

Devo tudo ao pequeno Padre Brown, um homem extraordinário. O grande bibliotecário havia saído da mesa, talvez envergonhado de sua língua comprida, talvez ansioso com a partida furiosa de seu misterioso mestre: de qualquer maneira, ele se lançou pesadamente nas pegadas do duque por entre as árvores. O Padre Brown pegara um dos limões e o observava com um estranho prazer.

— Que linda é a cor de um limão! — disse ele. — Tem uma coisa que eu não gosto na peruca do duque: a cor.

— Acho que não entendi — respondi.

— Atrevo-me a dizer que ele tem bons motivos para tapar os ouvidos, como o Rei Midas — continuou o padre, com uma simplicidade alegre que de algum modo parecia um tanto petulante, dadas as circunstâncias. — Posso entender perfeitamente que seja mais agradável cobri-la com cabelo do que com placas de metal ou abas de couro. Mas se ele quer usar cabelo, por que não usa algo que pareça cabelo? Nunca houve

cabelo daquela cor neste mundo. Parece mais uma nuvem, atrás de uma floresta, banhada pelo pôr do sol. Por que ele não esconde melhor a maldição da família, se ele realmente se envergonha dela? Quer que eu diga? É porque ele não se envergonha. Ele se orgulha.

— É uma peruca feia demais para dar orgulho. E uma história feia demais — eu disse.

— Considere — respondeu o curioso homenzinho — como o senhor realmente se sente sobre essas coisas. Não sugiro que o senhor se jamalesno ou mais mórbido do que o resto de nós: mas o senhor não sente, de uma forma vaga, que uma velha e genuína maldição de família é uma coisa boa de se ter? O senhor ficaria envergonhado, não ficaria um pouco orgulhoso, se um descendente do Monstro de Glamis o chamasse de companheiro? Ou se a família de Byron confidenciasse, apenas ao senhor, as aventuras malignas de sua raça? Não seja muito duro com os aristocratas se suas cabeças são tão fracas quanto as nossas, e se eles são esnobes sobre suas próprias desgraças.

— Pelo amor de Deus! — exclamei — Isso é verdade. A família da minha mãe tinha uma assombração, e agora, pensando nisso, vejo o quanto isso me confortou em tantas horas tristes.

— E pense — continuou ele — naquele fluxo de sangue e veneno que acendeu aqueles lábios finos dele, no instante em que o senhor mencionou seus ancestrais. Por que ele mostraria a todos os estranhos uma tal câmara de horrores, a menos que se orgulhe de seu conteúdo? Ele não esconde sua peruca, não esconde seu sangue, não esconde sua maldição de família, não esconde os crimes de família, *mas...* A voz do homenzinho mudou, repentinamente; ele fechou a mão, com grande força, e seus olhos ficaram mais redondos e brilhantes tão rapidamente como os de uma coruja quando acorda, tudo isso tão abruptamente, que foi como uma pequena explosão na mesa.

— Mas — concluiu —, *ele esconde mesmo sua troca de roupa.*

A reaparição do duque naquele instante completou o estremecimento de meus nervos fantasiosos. Ele chegou por entre as árvores cintilantes, com seu pé macio e cabelos em tons de pôr do sol, virando a esquina da casa na companhia de seu bibliotecário. Antes que ele estivesse perto o suficiente para nos ouvir, o Padre Brown acrescentou, com toda a compostura: — Por que, de fato, ele esconde o segredo da peruca roxa? Porque é o tipo de segredo que nossa imaginação não alcança.

O duque dobrou a esquina e voltou a sentar-se à cabeceira da mesa com toda a sua dignidade nativa. O constrangimento do bibliotecário o deixou pairando sobre as patas traseiras, como um enorme urso. O duque dirigiu-se ao padre com grande seriedade.

— Padre Brown — ele disse —, o Doutor Mull me informa que o senhor veio aqui para fazer um pedido. Não professo mais a observância da religião de meus pais, mas por causa deles, e em respeito aos nossos encontros anteriores, estou muito disposto a ouvi-lo. Mas presumo que o senhor prefira ser ouvido em privado.

Os vestígios de cavalheirismo em mim fizeram com que eu me erguesse; os vestígios de jornalista induziam-me a ficar. Antes que essa paralisia se curasse por si só, o padre fez um rápido movimento de ordem de parada.

— Se — disse ele — Vossa Graça acatar minha petição, ou se eu ainda tiver algum direito de aconselhá-lo, insisto em que o maior número possível de pessoas esteja presente. Em toda esta região encontrei centenas de pessoas, até mesmo de minha própria fé e rebanho, cujas imaginações estão envenenadas pela maldição que venho implorar ao senhor que quebre. Eu gostaria que pudéssemos ter todo o Devonshire aqui, para ver o senhor fazer o que peço.

— Para me ver fazer o quê? — perguntou o duque, arqueando as sobrancelhas.

— Para ver o senhor tirar a peruca — disse o Padre Brown.

O rosto do duque não se mexeu, mas ele olhou para seu peticionário com um olhar vítreo, a expressão mais terrível que já vi em um rosto humano. Eu vi as grandes pernas do bibliotecário tremendo embaixo dele como caules quase mortos à beira de uma lagoa, e eu não conseguia banir de meu próprio cérebro a fantasia de que, nas árvores ao nosso redor, silenciosamente demônios pousavam nos lugares destinados aos pássaros.

— Eu pouparei o senhor — disse o duque com uma voz de piedade desumana. — Vejo-me forçado a recusar. Se eu lhe desse o menor indício do fardo de horror que tenho que suportar sozinho, o senhor cairia gritando aos meus pés e imploraria para não saber mais. Vou dar-lhe um indício: não soletrarás a primeira letra do que está escrito no altar do Deus Desconhecido.

— Eu conheço o Deus Desconhecido — disse o Padre, com uma grandeza de certeza inconsciente que se erguia como uma torre de

granito. — Eu sei o nome dele; é Satanás. O verdadeiro Deus se fez carne e habitou entre nós. E eu digo ao senhor: onde quer que se encontrem homens governados apenas pelo mistério, são governados pelo mistério da iniquidade. Se o Diabo lhe disser que algo é assustador demais para ser olhado, olhe. Se ele disser que algo é terrível demais para ser ouvido, ouça. Se você achar que alguma verdade é insuportável, suporte-a. Imploro a Vossa Graça que acabe com este pesadelo, aqui e agora, nesta mesa.

— Se eu o fizesse — disse o duque em voz baixa —, o senhor e tudo em que o senhor acredita, e tudo aquilo pelo que o senhor vive, seriam as primeiras coisas a murchar e morrer. O senhor teria um instante para conhecer o grande Nada antes de morrer.

— A Cruz de Cristo esteja entre mim e o mal — disse o Padre Brown. — Tire a peruca.

Eu estava quase deitado sobre a mesa, numa agitação incontrollável. Ao ouvir esse duelo extraordinário, meio pensamento me veio à cabeça.

— Sua Graça — eu gritei —, o senhor está blefando.

Tire essa peruca ou eu vou arrancá-la.

É verdade que eu posso ser processado por agressão, mas estou muito feliz de ter feito isso. Quando ele disse, com a mesma voz de pedra, “Eu me recuso”, eu simplesmente saltei sobre ele. Por três longos instantes, ele lutou contra mim como se tivesse todo o inferno para ajudá-lo, mas forcei sua cabeça até que o boné cabeludo caiu. Admito que, mesmo lutando, fechei os olhos quando notei sua queda.

Fui acordado por um grito de Mull, que também estava ao lado do duque. A cabeça dele e a minha estavam inclinadas sobre a careca do duque sem peruca. Em seguida, o silêncio foi quebrado pelo bibliotecário exclamando: — O que isso significa? Ora, ele não tinha nada a esconder. Suas orelhas são iguais às de todo mundo.

— Sim — disse o Padre Brown —, era isso que ele tinha a esconder.

O padre caminhou direto para ele, mas estranhamente nem olhou para as orelhas. Olhou, sim, com uma seriedade quase cômica, para sua testa calva, e apontou para uma cicatriz de três pontas, há muito curada, mas ainda perceptível.

— Sr. Green, eu acho — disse educadamente. — No fim, ficou mesmo com a propriedade inteira.

E agora, deixe-me dizer aos leitores do *Daily Reformer* o que considero a coisa mais notável em todo o assunto. Essa cena de transformação, que lhes parecerá tão selvagem e púrpura quanto um conto de fadas persa, foi (exceto por meu ataque técnico) estritamente legal e constitucional desde seus primeiros primórdios. O homem com uma cicatriz estranha e orelhas comuns não é um impostor. Embora (em certo sentido) ele use a peruca de outro homem e reivindique a orelha de outro, ele não roubou a coroa de outro homem: ele realmente é o único Duque de Exmoor. O que aconteceu foi isso. O duque anterior realmente tinha uma ligeira malformação de orelha, que na verdade era mais ou menos hereditária. Ele realmente era mórbido sobre ela, e é bastante provável que ele a tenha invocado como uma espécie de maldição na cena violenta (que sem dúvida aconteceu) em que atingiu Green com a garrafa. Mas o concurso terminou de forma muito diferente. Green manteve sua reivindicação e obteve as propriedades; o nobre destituído deu um tiro em si mesmo e morreu sem deixar descendência. Depois de um intervalo decente, o maravilhoso governo inglês ressuscitou o “extinto” título de Exmoor, e o concedeu, como de costume, à pessoa mais importante: o novo proprietário.

Este homem trabalhou com as velhas fábulas feudais; corretamente, em sua alma esnobe, ele realmente as invejava e admirava. De modo que milhares de pobres ingleses tremeram diante de um duque misterioso, com um destino antigo e um diadema de estrelas malignas, quando na verdade tremiam diante de um zé-ninguém, que até doze anos antes fora advogado de porta de cadeia e agiota. Acho esse caso muito representativo do que de fato é a nossa aristocracia, e do que ela será até que Deus nos mande homens de maior valor.

O Sr. Nutt largou o manuscrito e gritou com uma nitidez incomum: — Srta. Barlow, por favor, anote uma carta para o Sr. Finn.

Caro Finn, o senhor deve estar louco; esse texto não presta. Eu queria vampiros, maldade ancestral, aristocracia e superstição de mãos dadas. É disso que o povo gosta, mas o senhor deve saber que os Exmoors nunca perdoariam isso. E o que nosso povo diria, então, eu gostaria de saber! Ora, Sir Simon é um dos maiores amigos de Exmoor, e isso arruinaria aquele primo dos Eyres que nos ajuda em Bradford. Além disso, o velho Faz-Sabão estava suficientemente irado por não ter conseguido seu título de nobreza no ano passado; ele me demitiria, se eu o desperdiçasse agora, com uma loucura como essa. E o Duffey? Ele está fazendo alguns artigos sobre “O calcanhar normando”. Como é que ele vai escrever sobre normandos, se um duque não passa de um advogado? Seja razoável.

Enquanto a Srta. Barlow datilografava alegremente, ele amassou o original e o jogou no cesto de papéis, mas não antes de ter, automaticamente e por força do hábito, trocado a palavra “Deus” pela palavra “circunstâncias”.

viii

As mortes dos Pendragon

O

Padre Brown não estava disposto a aventuras. Recentemente, estivera doente pelo excesso de trabalho e, quando começou a se recuperar, seu amigo Flambeau o levou a um passeio num pequeno iate com Sir Cecil Fanshaw, jovem escudeiro da Cornualha e entusiasta da paisagem da costa da Cornualha. Mas Brown ainda estava bastante fraco; não era um marinheiro muito alegre e, mesmo não sendo do tipo que costuma resmungar ou desmoronar, seu ânimo não ia além da paciência e da civilidade. Quando os outros dois homens elogiavam o irregular ocaso violeta ou os irregulares penhascos vulcânicos, ele concordava. Quando Flambeau apontava para uma rocha em forma de dragão, ele olhava para ela e declarava: igualzinha a um dragão. Quando Fanshaw indicava, com mais entusiasmo, uma rocha que parecia o Merlin, ele olhava e expressava sua anuência. Quando Flambeau perguntava se aquele portão rochoso do rio sinuoso não era o portão do País das Fadas, ele dizia “Sim”. Ouviu as coisas mais importantes e as mais triviais com a mesma atenção insípida. Ouviu dizer que a costa era fatal para qualquer marinheiro inexperiente; também ouviu que o gato do navio estava dormindo. Ouviu que Fanshaw não conseguia encontrar sua piteira em lugar nenhum; ouviu também o piloto proferir o oráculo: “Se os dois olhos brilharem, tudo bem vai ficar; se um olho piscar, ela vai afundar”. Ouviu Flambeau dizer a Fanshaw que isso sem dúvida significava que o piloto deveria manter os olhos abertos e ser ágil. E ouviu Fanshaw responder a Flambeau que, por incrível que pareça, não era aquilo: significava que, enquanto eles vissem duas das luzes costeiras, uma próxima e outra distante e exatamente lado a lado,

eles estavam no rio certo, mas se uma luz estivesse escondida atrás da outra, eles estariam indo para as rochas. Ele ouviu Fanshaw acrescentar que seu país tinha um monte de fábulas e expressões idiomáticas esquisitas, que era o próprio lar do romance. E até opôs esta parte da Cornualha a Devonshire, como pretendente aos louros da navegação elisabetana. A seu ver, havia entre essas enseadas e ilhotas capitães frente aos quais Drake era praticamente um homem da terra. Ele ouviu Flambeau rir e perguntar se, talvez, o título aventureiro de *Westward Ho!*¹¹ significasse apenas que todos os homens de Devonshire gostariam de morar na Cornualha. Ouviu Fanshaw dizer que não havia necessidade de ser tolo, que não apenas alguns capitães da Cornualha haviam sido heróis, mas que alguns ainda eram heróis: que naquele mesmo lugar havia um velho almirante, agora aposentado, marcado por emocionantes viagens cheias de aventuras, o qual havia, em sua juventude, encontrado o último grupo de oito ilhas do Pacífico adicionado ao mapa-múndi. Este Cecil Fanshaw era, em pessoa, do tipo que comumente combina com entusiasmos tão rudes, mas agradáveis; um rapaz muito jovem, de cabelos claros, amorenado, de perfil ávido, com uma bravata de espírito infantil, mas uma delicadeza quase feminina de matiz e tipo. Os ombros largos, sobranceiras pretas e a arrogância de mosqueteiro-preto de Flambeau faziam um grande contraste.

Brown ouviu e viu todas essas trivialidades, mas ouviu-as como um homem cansado ouve uma melodia nas rodas do trem, ou viu-as como um doente vê o desenho de seu papel de parede. Ninguém pode calcular as mudanças de humor na convalescença: mas a depressão do Padre Brown deve ter tido muito a ver com sua mera falta de familiaridade com o mar, pois, à medida que a foz do rio se estreitava como o gargalo de uma garrafa e a água ficava mais calma e o ar mais quente e mais terreno, ele pareceu acordar e ganhar consciência, como um bebê. Eles haviam alcançado aquela fase logo após o pôr do sol, quando o ar e a água parecem brilhantes, mas a terra e todas as suas coisas crescentes parecem quase pretas em comparação.

Nesta noite em particular, entretanto, havia algo excepcional. Era uma daquelas raras atmosferas em que parece que antes havia um painel de vidro fumê entre nós e a natureza, agora deslocado, de modo que mesmo as cores escuras ficam parecendo mais lindas do que as cores brilhantes nos dias nublados. A terra pisoteada das margens do rio e a mancha turfosa nas lagoas não pareciam monótonas, mas brilhantes em sua cor marrom, e a floresta escura agitada pela brisa não parecia, como de costume, azul esmaecido na mera profundidade da distância, mas

mais similar a uma massa de flores esvoaçantes de vívidos tons de violeta. Essa clareza e intensidade mágicas das cores foram impostas com mais força ainda nos sentidos de Brown, que lentamente foi sendo despertado por algo romântico e até mesmo secreto, na própria forma da paisagem.

O rio ainda estava bastante largo e profundo para um barco de recreio tão pequeno quanto o deles, mas as curvas da costa sugeriam que estavam se aproximando de ambos os lados. A vegetação parecia se esticar, fazendo tentativas intermitentes e temporárias para lançar pontes — como se o barco estivesse passando de um romance de um vale para um romance de um baixio e daí para o supremo romance de um túnel. Além dessa mera visão, havia pouca coisa para alimentar a fantasia de Brown: alguns ciganos que se arrastavam pela margem do rio, com lenha e vimes cortados na floresta; e uma visão menos convencional, mas nesses lugares tão remotos ainda comuns: uma senhora de cabelos escuros, cabeça descoberta e remando sua própria canoa. Se o Padre Brown chegou a dar alguma importância a qualquer um deles, certamente os esqueceu na curva seguinte do rio, que trouxe à vista um objeto singular.

A faixa d'água pareceu ficar mais larga, sendo dividida pela cunha escura de uma ilhota arborizada e em forma de peixe. Na velocidade em que avançavam, a ilhota parecia nadar na direção deles, como um navio; um navio com uma proa muito alta ou, para falar mais estritamente, um funil muito alto, pois na extremidade mais próxima deles erguia-se um edifício de aparência estranha, diferente de tudo que eles poderiam lembrar ou conectar a qualquer propósito. Não era especialmente alto, mas a proporção entre altura e largura proibia para ele o uso de qualquer nome além de torre. No entanto, parecia construído inteiramente de madeira, e de uma forma muito irregular e excêntrica. Algumas das tábuas e vigas eram de carvalho bom e bem aparelhado, com parte dessa madeira cortada em bruto e recentemente. Havia também pinus branco e muita madeira desse tipo escurecida com alcatrão. Essas vigas pretas estavam instaladas tortas ou cruzadas em todos os ângulos, dando ao todo uma aparência muito irregular e intrigante. Havia uma ou duas janelas, que pareciam coloridas e chumbadas em um estilo antiquado, mas mais elaborado. Os viajantes olharam a construção com aquele sentimento paradoxal que sentimos quando algo nos parece familiar, mas temos certeza de que é algo muito diferente.

O Padre Brown, mesmo quando estava perplexo, era inteligente ao analisar sua própria mistificação, e ele se pegou refletindo que a estranheza daquele objeto parecia consistir na incongruidade entre a

forma particular recortada e o material usado, como se alguém visse uma cartola de lata, ou uma sobrecasaca de tartã.¹² Ele tinha certeza de ter visto madeiras de diferentes tonalidades dispostas assim em algum lugar, mas nunca em tal arranjo arquitetônico. No momento seguinte, um vislumbre através das árvores escuras lhe disse tudo o que ele queria saber e ele riu. Por uma fresta na folhagem apareceu, por um momento, uma daquelas velhas casas de madeira, revestidas de vigas negras, que ainda se encontram aqui e ali na Inglaterra, mas que a maioria de nós só vê como cenário em algum espetáculo chamado “Velha Londres” ou “A Inglaterra de Shakespeare”. Ela ficou visível apenas pelo tempo suficiente para que o padre visse que, por mais antiquada que fosse, era uma casa de campo confortável e bem cuidada, com canteiros de flores na frente. Não tinha nada do aspecto manchado e maluco da torre que parecia feita de restos.

— Que diabos é isso? — disse Flambeau, que ainda estava olhando para a torre.

Os olhos de Fanshaw brilharam e ele falou com tom de triunfo: — Ah! O senhor nunca viu um lugar como este antes, imagino. Foi por isso que eu o trouxe aqui, meu amigo. Agora o senhor verá se estou exagerando sobre os marinheiros da Cornualha. Este lugar pertence ao Velho Pendragon, a quem chamamos de almirante, embora ele tenha se reformado antes de chegar a esse posto. O espírito de Raleigh e Hawkins¹³ é uma memória para o povo Devon, mas nos Pendragon, é um espírito vivente. Se a Rainha Elizabeth se levantasse da sepultura e subisse este rio em uma barça dourada, seria recebida pelo almirante em uma casa exatamente como estava acostumada, em cada esquina e batente, em cada painel da parede ou prato na mesa. E ela iria encontrar um capitão inglês ainda falando ferozmente de novas terras a serem descobertas com pequenos navios, tanto como se ela jantasse com Drake.

— Ela encontraria no jardim uma coisa das mais feias — disse o Padre Brown —, que não agradaria aos seus olhos renascentistas. A arquitetura doméstica elisabetana tem seu encanto próprio, mas irromper em torres é contra a sua natureza.

— E essa — respondeu Fanshaw — é a parte mais romântica e elisabetana do imóvel. Foi construída pelos Pendragon na época das guerras espanholas, e embora tenha sido necessário reformá-la e até mesmo reconstruí-la por quaisquer motivos, ela sempre foi reconstruída da maneira antiga. A história conta que a senhora de Sir Peter Pendragon a construiu neste lugar e com esta altura, porque do topo se pode ver a curva por onde os navios acessam a foz do rio, e ela desejava

ser a primeira a ver o navio do marido, quando ele voltasse para casa do Cabo Espanhol.

— Por qual outro motivo — perguntou o Padre Brown — o senhor diz que ela foi reconstruída? — Ah, também há uma história estranha sobre isso — disse o jovem escudeiro com prazer. — O senhor está realmente em uma terra de histórias estranhas. O Rei Arthur esteve aqui, e Merlin e as fadas antes dele. A história diz que Sir Peter Pendragon, o qual, eu temo, tinha alguns dos defeitos dos piratas, bem como as virtudes dos marinheiros, estava trazendo para casa três cavalheiros espanhóis em digno cativo, com a intenção de escoltá-los até à corte de Elizabeth. Mas ele era um homem de temperamento flamejante e violento, e entrando em discussão indelicada com um deles, pegou-o pela garganta e o atirou, por acidente ou desígnio, no mar. O segundo espanhol, que era irmão do primeiro, imediatamente desembainhou sua espada e se lançou contra Pendragon. Depois de um combate curto, mas furioso, no qual ambos sofreram três ferimentos em poucos minutos, Pendragon enterrou sua lâmina no corpo dele e o segundo espanhol tombou morto. Acontece que o navio já havia virado a foz do rio e estava perto de águas relativamente rasas. O terceiro espanhol correu para o bordo do navio, pulou para a costa e logo estava perto o suficiente para ficar de pé na água até a cintura. Voltando-se novamente para o navio, com os dois braços erguidos para o céu, como um profeta invocando pragas sobre uma cidade perversa, ele declarou a Pendragon, com uma voz penetrante e terrível, que pelo menos ele ainda estava vivo, que continuaria vivendo, que viveria para sempre e que, geração após geração, a casa de Pendragon não poderia vê-lo, mas saberia por sinais muito certos que ele e sua vingança estavam vivos. Com isso ele mergulhou sob uma onda e, ou se afogou, ou nadou debaixo d'água por tanto tempo, que nenhum cabelo de sua cabeça foi visto depois.

— Lá está aquela garota na canoa de novo — disse Flambeau, à toa, pois uma moça bonita conseguia desviá-lo de qualquer assunto. — Ela parece tão incomodada pela torre esquisita como nós.

De fato, a jovem de cabelos negros estava deixando sua canoa flutuar lenta e silenciosamente pela estranha ilhota, e olhava atentamente para a estranha torre, com um forte brilho de curiosidade em seu rosto oval e moreno.

— Não ligue para mulheres — disse Fanshaw, impacientemente.

— Existem muitas mulheres no mundo, mas não muitas coisas como a Torre Pendragon. Como o senhor pode facilmente supor, muitas superstições e escândalos seguiram o rastro da maldição do espanhol, e

sem dúvida, como o senhor diria, qualquer acidente que acontecesse com essa família seria ligado pela credulidade rural à maldição. Mas é perfeitamente verdade que esta torre foi incendiada duas ou três vezes, e a família não pode ser chamada de sortuda, pois mais de dois, eu acho, parentes próximos do almirante morreram por naufrágio, e pelo menos um, que eu saiba, praticamente no mesmo local onde Sir Peter jogou o espanhol ao mar.

— Que pena! — exclamou Flambeau. — Lá vai ela.

— Quando o seu amigo, o almirante, lhe contou essa história de família? — perguntou o Padre Brown, enquanto a moça da canoa se afastava, sem demonstrar a menor intenção de estender ao iate que Fanshaw já pusera ao lado da ilha o interesse que ela demonstrou pela torre.

— Muitos anos atrás — respondeu Fanshaw. — Ele não vai ao mar há algum tempo, embora não tenha perdido o gosto por ele. Acredito que haja um pacto familiar ou algo assim. Bem, eis o embarcadouro. Vamos descer e ver o velho.

Eles o seguiram até a ilha, logo abaixo da torre, e o Padre Brown, seja pelo mero toque da terra seca, seja pelo interesse em alguma coisa na outra margem do rio (para onde ele olhou fixamente por alguns segundos), pareceu reviver. Eles entraram em uma avenida arborizada entre duas cercas de madeira fina e acinzentada, como as que muitas vezes cercam parques ou jardins, e sobre o topo das quais as árvores escuras balançavam para frente e para trás como palmas pretas e roxas sobre o carro funerário de um gigante. A torre, à medida que a deixaram para trás, parecia muito mais pitoresca, porque tais entradas são geralmente flanqueadas por duas torres, e esta parecia torta. Mas, por isso, a avenida tinha a aparência usual de uma entrada para uma propriedade de um cavalheiro, e, sendo tão curva que a casa agora estava fora de vista, de alguma forma parecia um lote muito maior do que qualquer horta poderia realmente ser em tal ilha. O Padre Brown talvez estivesse um pouco fantasioso pelo cansaço, mas quase achou que o lugar inteiro estivesse crescendo cada vez mais, como acontece num pesadelo. De qualquer forma, uma monotonia mística era o único caráter de sua marcha, até que Fanshaw parou de repente e apontou para algo atravessando a cerca cinza — algo que parecia, a princípio, um chifre preso de algum animal. Uma observação mais atenta mostrou que era uma lâmina de metal ligeiramente curva brilhando de leve na luz débil.

Flambeau, que como todos os franceses fora soldado, curvou-se sobre

ela e disse, com voz assustada: — Ora, é um sabre! Acredito que conheço o tipo, pesado e curvo, mas mais curto que o da cavalaria; costumavam tê-los assim na artilharia e os... Enquanto ele falava, a lâmina se soltou da fenda que havia feito e a feriu novamente, com um golpe mais pesado, desfazendo a cerca, que se desfiava, com um som dilacerante. Em seguida, ela foi puxada outra vez, brilhou sobre outro mourão da cerca alguns metros adiante e novamente a partiu ao meio com o primeiro golpe; depois de brandir um pouco para se saltar (acompanhada de xingamentos na escuridão), derrubou-a no chão, partida, com um segundo golpe. Então, um chute de energia diabólica fez voar pelo caminho todo o quadrado solto de madeira fina, e uma grande lacuna de fundo escuro se abriu na paliçada.

Fanshaw espiou pela abertura escura e soltou uma exclamação de espanto.

— Meu caro almirante! — ele exclamou. — O senhor... o senhor sempre corta uma nova porta da frente quando quer dar um passeio? A voz na escuridão praguejou novamente, e então irrompeu em uma risada alegre.

— Não — dizia —, eu realmente preciso cortar essa cerca de alguma forma. Ela está estragando todas as plantas, e ninguém mais aqui pode fazer isso. Mas vou arrancar apenas mais um pedaço da porta da frente e depois sair para dar as boas-vindas a você.

Assim dizendo, ergueu a arma mais uma vez e, cortando duas vezes, derrubou outra faixa de cerca semelhante, deixando a abertura com cerca de quatro metros de largura no total. Em seguida, por esse portal maior, ele saiu para a luz do entardecer, com uma lasca de madeira cinza presa à lâmina da espada.

Num relance, ele cumpriu todas as fabulosas promessas de Fanshaw sobre um velho almirante piratesco, embora os detalhes parecessem depois se decompor em acidentes. Por exemplo, usava um chapéu de abas largas como proteção contra o sol, mas a aba frontal estava voltada para o céu, e os dois cantos puxados para baixo, mais abaixo do que as orelhas, de modo que assumia forma de meia-lua na testa, como o velho chapéu armado usado por Nelson. Usava uma jaqueta azul-escura comum, sem nada de especial nos botões, mas a combinação dela com calças de linho brancas de alguma forma dava-lhe um ar de marinheiro. Era alto e desajeitado, e caminhava com uma espécie de charme que não chegava a ser uma ginga de marinheiro, mas de alguma forma sugeria isso, e levava uma lâmina curta que era como um sabre da Marinha, mas com o dobro do tamanho. Sob a ponte do chapéu, seu rosto de

água parecia ansioso, ainda mais porque não apenas estava barbeado, mas também não tinha sobrancelhas. Parecia quase como se todos os pelos tivessem sido empurrados para fora de seu rosto por uma multidão de elementos. Seus olhos eram proeminentes e penetrantes. A cor da sua pele era curiosamente atraente, embora em parte tropical; lembrava vagamente a de uma laranja. Ou seja, embora ele fosse avermelhado e sanguíneo, havia nele um amarelo que não era doentio, mas parecia brilhar como os pomos de ouro das Hespérides. O Padre Brown pensou nunca ter visto uma figura tão expressiva de todos os romances sobre os países tropicais.

Quando Fanshaw apresentou seus dois amigos ao anfitrião, tomou novamente um tom de reprovação da destruição da cerca e dos palavrões. O almirante primeiro menosprezou-o, como um trabalho de jardinagem necessário, mas desagradável, mas por fim o som de uma energia verdadeira voltou ao seu riso, e ele gritou com uma mistura de impaciência e bom humor: — Bem, talvez eu trabalhe com um pouco de raiva e sinta uma espécie de prazer em quebrar as coisas. O senhor também o faria se o seu único prazer estivesse na busca de novas Ilhas Canibais, mas se visse preso a este pequeno jardim lamacento nesta lagoa rústica. Quando me lembro de como abri uma milha e meia de uma selva verde fatal com um sabre velho, menos afiado que este, e então noto que estou preso aqui, condenado a cortar estes tocos por causa de alguma velha barganha rabiscada em uma Bíblia de família, ora, eu... Ergueu novamente o aço pesado e desta vez cortou a parede de madeira de cima a baixo, de uma só vez.

— Eu me sinto assim — disse rindo, e atirou furiosamente a espada metros adiante. — E agora vamos subir para casa: os senhores precisam jantar.

O semicírculo do gramado na frente da casa era composto por três canteiros circulares: um de tulipas vermelhas, um segundo de tulipas amarelas e o terceiro de algumas flores brancas de aspecto ceroso que os visitantes não conheciam e presumiram ser exóticas. Um jardineiro forte, peludo e mal-encarado estava guardando um pesado rolo de mangueira de jardim. Os raios do pôr do sol que expirava pareciam agarrar-se aos cantos da casa, davam vislumbres aqui e ali das cores de canteiros de flores mais remotos, e em um espaço sem árvores, em um dos lados da casa que dava para o rio, havia um alto tripé de latão sobre o qual estava inclinado um grande telescópio de latão. Do lado de fora dos degraus da varanda, havia uma mesinha de jardim pintada de verde, como se alguém tivesse acabado de tomar chá ali. A entrada era flanqueada por dois daqueles pedaços de pedra semiacabados, com buracos representando olhos, que seriam ídolos do Mar do Sul e, na

viga de carvalho marrom do outro lado da porta, havia alguns entalhes confusos que pareciam quase tão bárbaros quanto estes.

Ao entrarem na casa, o pequeno clérigo subiu de repente em cima da mesa e, pondo-se de pé em cima dela, observou, inexpressivamente, os entalhes nocarvalho. OAlmirante Pendragon pareceu ficar muito surpreso, embora não particularmente irritado, enquanto Fanshaw se divertia tanto com o que parecia um pigmeu performático em seu pequeno palco, que não conseguiu controlar o riso. Mas o Padre Brown provavelmente não notaria nem o riso nem o espanto.

Ele estava olhando três símbolos esculpidos que, embora muito desgastados e obscuros, ainda pareciam transmitir-lhe algum sentido. O primeiro parecia ser o contorno de alguma torre ou outro edifício, coroado com o que pareciam ser fitas com as pontas encaracoladas. O segundo era mais claro: uma antiga cozinha elisabetana com ondas decorativas embaixo, mas interrompida no meio por uma curiosa rocha irregular que, ou era uma falha na madeira, ou alguma representação convencional de água entrando. A terceira representava a metade superior de uma figura humana, semioculta em uma linha recortada como as ondas; o rosto estava apagado e sem feições, e ambos os braços erguiam-se rigidamente no ar.

— Bem — murmurou o Padre Brown, piscando —, aqui está a lenda do espanhol, bastante simplificada. Aqui está ele com os braços erguidos e praguejando no mar, e aqui estão as duas maldições: o navio naufragado e o incêndio da Torre Pendragon.

Pendragon abanou a cabeça com uma espécie de humor venerável.

— E quantas outras coisas não podem ser? — disse ele. — O senhor não sabe que esse tipo de meio homem, meio leão ou meio veado, é bastante comum na heráldica? Não poderia aquela linha através do navio ser uma divisão... uma partição,¹⁴ acho que se diz? E embora a terceira imagem não seja tão heráldica, seria mais correto, pela heráldica, supor que seja uma torre coroada com louro, em vez de fogo. A aparência é a mesma.

— Mas parece um tanto estranho — disse Flambeau — que coincida exatamente com a velha lenda.

— Ah — respondeu o viajante cético —, mas você não sabe o quanto da velha lenda pode ter sido derivada de velhas figuras. Além disso, não é a única lenda antiga. Fanshaw, aqui, que gosta dessas coisas, lhe dirá que existem outras versões da história, e outras muito mais horríveis.

Uma história credita ao meu desafortunado antepassado o feito de cortar o espanhol em dois, e isso vai se encaixar lindamente na imagem, também. Outra, gentilmente, credita à nossa família a posse de uma torre cheia de cobras e explica assim essas pequenas linhas sinuosas. E uma terceira teoria supõe que a linha torta no navio seja um raio convencional; mas tudo isso, se examinado com seriedade, só demonstraria quão pouca coisa essas coincidências infelizes podem provar.

— Por quê? O que o senhor quer dizer? — perguntou Fanshaw.

— Acontece — respondeu friamente o anfitrião — que não houve trovões e relâmpagos nos dois ou três naufrágios que, pelo que sei, afetaram nossa família.

— Oh! — disse o Padre Brown, e saltou da mesinha.

Houve outro silêncio, em que ouviram o murmúrio contínuo do rio. Então Fanshaw disse, em um tom duvidoso e talvez desapontado: — Então o senhor não acha que há algo nos contos da torre em chamas? — Existem as histórias, claro — disse o Almirante, encolhendo os ombros, — e algumas delas, não nego, têm provas tão decentes quanto tais coisas podem ter. Alguém vê uma chama, enquanto caminhava para casa através de um bosque. Algum pastor de ovelhas nos planaltos do interior pensa ter visto uma chama pairando sobre a Torre Pendragon. Bem, um pedaço de lama úmida como esta pobre ilha parece o último lugar onde se pensaria em incêndios.

— E aquele fogo ali, o que é? — perguntou o Padre Brown de repente, apontando para a mata na margem esquerda do rio. Todos perderam o equilíbrio por um instante, e Fanshaw, mais fantasioso, teve até alguma dificuldade em recuperar o seu, pois viram uma longa e fina coluna de fumaça azul subindo silenciosamente no fim da luz da tarde.

Então Pendragon soltou uma risada desdenhosa novamente.

— Ciganos! — ele disse. — Eles têm acampado por aqui há cerca de uma semana. Senhores, vocês querem seu jantar — e ele se virou como se fosse entrar na casa.

Mas a superstição das coisas antigas ainda tremia em Fanshaw, e ele disse, nervosamente: — Mas, Almirante, o que é esse ruído sibilante perto aqui da ilha? É muito parecido com fogo.

— É mais parecido com o que de fato é — disse o Almirante, rindo enquanto guiava o caminho. — É só uma canoa passando. Quase

enquanto ele falava, o mordomo, um homem magro, de preto, com cabelos muito pretos e um rosto muito comprido e amarelado, apareceu na porta e disse que o jantar estava servido. A sala de jantar era tão náutica quanto a cabine de um navio, mas numa nota mais próxima da de um capitão moderno do que da de um capitão elisabetano. Havia, de fato, três sabres antiquados em uma moldura sobre a lareira, e um mapa marrom do século XVI com tritões e pequenos navios pontilhando um mar ondulado. Mas essas coisas se destacavam menos, contra a parede branca, do que alguns pássaros sul-americanos de cores pitorescas, muito cientificamente empalhados, conchas fantásticas do Pacífico e vários instrumentos tão rudes e bizarros que os selvagens poderiam tê-los usado para matar seus inimigos ou cozinhá-los. Mas a estranheza culminava no fato de que, além do mordomo, os únicos criados do almirante eram dois negros, vestidos um tanto estranhamente com uniformes justos na cor amarela. O truque instintivo do padre de analisar suas próprias impressões disse-lhe que a cor e as pequenas abas dos casacos desses bípedes sugeriam a palavra “Canário” e, assim, por um simples trocadilho, ligava-os a viagens para o sul. No final do jantar eles tiraram suas roupas amarelas e rostos negros da sala, deixando apenas as roupas pretas e o rosto amarelo do mordomo.

— Eu sinto muito que o senhor tome tudo isso tão levemente — disse Fanshaw para o anfitrião —, pois a verdade é que trouxe estes meus amigos com a ideia de o ajudarem, pois eles entendem bastante dessas coisas. O senhor realmente não acredita na história da família? — Eu não acredito em nada — respondeu Pendragon muito rapidamente, com um olho brilhante voltado para um pássaro tropical vermelho. — Sou um homem de ciência.

Para surpresa de Flambeau, seu amigo clérigo, que já parecia inteiramente desperto, aceitou o desvio no tema e falou de história natural com seu anfitrião, com fluente expressividade e muitas informações inesperadas, até que a sobremesa e as garrafas foram servidas e o último dos servos desapareceu. Então ele disse, sem alterar o tom.

— Por favor, não me considere impertinente, Almirante Pendragon. Não pergunto por curiosidade, mas sim para me orientar e por sua comodidade. Erro muito ao supor que o senhor não quer que essas coisas antigas sejam mencionadas diante do seu mordomo? O almirante ergueu os arcos sem pelos sobre os olhos e exclamou: — Bem, não sei como o senhor percebeu, mas a verdade é que não suporto esse sujeito, embora não tenha desculpa para dispensar um servo da família. Fanshaw, com seus contos de fadas, diria que meu sangue se levanta contra homens com aquele cabelo preto de aparência espanhola.

Flambeau golpeou a mesa com o punho pesado.

— Caramba! — exclamou. — Aquela garota também tem cabelo assim! — Espero que tudo acabe esta noite — continuou o almirante —, quando meu sobrinho voltar a salvo de seu navio. Vocês parecem surpresos. Não poderão entender, suponho, a menos que eu lhes conte a história. Vejam, meu pai teve dois filhos. Eu acabei solteiro, mas meu irmão mais velho se casou e teve um filho que se tornou marinheiro, como todos nós, e herdará a propriedade. Bem, meu pai era um homem estranho. Ele, de alguma forma, combinava a superstição de Fanshaw com uma boa parte do meu ceticismo. Ambos lutavam dentro dele, e depois de minhas primeiras viagens, ele desenvolveu uma noção que pensou ser capaz, de alguma maneira, de resolver finalmente se a maldição era verdade ou bobagem. Ele concluiu que, se todos os Pendragon navegassem, de qualquer maneira, a probabilidade de sofrermos acidentes causados por catástrofes naturais seria muito grande para provar qualquer coisa. Mas, se fôssemos para o mar um de cada vez, em estrita ordem de sucessão à propriedade, isso poderia mostrar se algum fado predestinado seguia a família, enquanto família. Era uma ideia boba, eu acho, e eu discuti muito com meu pai, pois eu era um homem ambicioso e fui deixado para o fim, vindo, por sucessão, atrás de meu próprio sobrinho.

— E temo que seu pai e seu irmão — disse o padre, muito gentilmente — tenham morrido no mar.

— Sim — resmungou o almirante. — Por um daqueles acasos estúpidos sobre os quais se constroem todas as mitologias mentirosas da humanidade, ambos naufragaram. Meu pai, voltando do Atlântico por essa costa, se arrebentou contra as rochas da Cornualha. O navio do meu irmão afundou, ninguém sabe onde, na viagem de volta da Tasmânia. O corpo dele nunca foi encontrado. Digo que foram fatalidades perfeitamente naturais. Muitas outras pessoas além dos Pendragon morreram afogadas, e ambos os desastres são discutidos de forma normal pelos navegadores. Mas, é claro, isso incendiou a floresta de superstições, e começaram a ver a torre flamejante em tudo isso. É por isso que digo que tudo ficará bem quando Walter voltar. A garota de quem ele está noivo estava vindo hoje, mas eu estava com tanto medo de que algum atraso ocasional a assustasse, que pedi que ela não viesse antes de receber notícias minhas. Mas é quase certo que ele estará aqui ainda esta noite, e então tudo vai acabar em fumaça: fumaça de tabaco. Aquela velha mentira vai se esvaziar, quando esvaziarmos uma garrafa deste vinho.

— Vinho muito bom — disse o Padre Brown, levantando gravemente a

taça —, mas, como o senhor vê, um bebedor de vinho muito ruim. Eu sinceramente peço seu perdão — pois, ao levantar a taça, derramara um pouco de vinho na toalha da mesa. Ele bebeu e baixou o copo com expressão composta. Sua mão tinha estremecido no exato momento em que tomou consciência de um rosto olhando pela janela do jardim, logo atrás do almirante: o rosto de uma mulher, morena, com cabelos e olhos meridionais, e jovem, mas semelhante a uma máscara de tragédia.

Depois de uma pausa, o padre voltou a falar com seu jeito brando.

— Almirante — ele disse —, o senhor me faria um favor? Deixe-me, e meus amigos, se quiserem, pousar naquela sua torre, só por esta noite. O senhor sabe que, no meu ramo, nos tornamos exorcistas antes de quase todo o resto? Pendragon levantou-se de um salto e caminhou rapidamente de um lado para o outro pela janela, da qual o rosto instantaneamente desaparecera.

— Eu digo que não há nada! — gritou, com uma violência retumbante. — Há uma coisa que sei sobre esse assunto. O senhor pode me chamar de ateu. Eu sou ateu — aqui ele se virou e fixou o Padre Brown com uma expressão assustadoramente fixa. — Esse negócio é perfeitamente natural. Não há nenhuma maldição nisso.

O Padre Brown sorriu.

— Nesse caso — ele disse —, não pode haver nenhum problema se eu dormir em sua encantadora casa de veraneio.

— A ideia é absolutamente ridícula — respondeu o Almirante, tamborilando com os dedos nas costas da cadeira.

— Por favor, perdoe-me por tudo — disse Brown em seu tom mais simpático —, inclusive por derramar o vinho. Mas me parece que o senhor não está tão tranquilo, quanto à torre flamejante, como tenta parecer.

O Almirante Pendragon tornou a sentar-se tão abruptamente quanto havia se levantado, mas ele ficou quieto e, quando voltou a falar, foi em voz mais baixa.

— O senhor pode fazer isso por sua conta e risco — disse ele —, mas não seria o senhor um ateu, sendo capaz de manter a sanidade em meio a toda essa malignidade? Cerca de três horas depois, Fanshaw, Flambeau e o padre ainda vagavam pelo jardim no escuro, quando os outros dois começaram a se dar conta de que o Padre Brown não tinha intenção de dormir nem na torre nem na casa.

— Acho que o gramado precisa ser limpo — disse distraidamente. — Se eu pudesse encontrar uma enxada ou algo assim, eu mesmo o limparia.

Eles o seguiram, rindo e quase protestando, mas ele respondeu com a maior solenidade, explicando-lhes, em um pequeno sermão enlouquecedor, que sempre se pode encontrar alguma pequena ocupação que seja útil para os outros. Ele não encontrou uma enxada, mas encontrou uma velha vassoura feita de galhos, com a qual começou a limpar, energicamente, as folhas caídas na grama.

— Sempre há alguma coisinha a ser feita — ele disse com uma alegria idiota. — Como George Herbert diz: “Quem varre o jardim de um almirante na Cornualha em obediência às Tuas leis, torna justos a si e à sua ação”. E agora — acrescentou, afastando de repente a vassoura —, vamos regar as flores.

Com as mesmas emoções confusas, eles o viram desenrolar alguns metros consideráveis da grande mangueira de jardim, dizendo com um ar de discriminação melancólica: — As tulipas vermelhas antes das amarelas, eu acho. Parecem meio sequinhas, vocês não acham? Abriu a pequena torneira do instrumento e a água disparou reta e sólida como uma longa barra de aço.

— Cuidado, Sansão! — gritou Flambeau. — Ora! Você arrancou a cabeça da tulipa.

O Padre Brown ficou contemplando com tristeza a planta decapitada.

— Meu jeito de regar parece ser capaz de matar ou curar — admitiu, coçando a cabeça. — Acho que é uma pena eu não ter encontrado a enxada. Vocês deviam me ver com a enxada! Por falar em ferramentas, você está com aquela bengala-espada que sempre carrega, Flambeau? Está certo; e Sir Cecil poderia manter consigo aquela espada que o almirante arremessou perto da cerca, por aqui. Como tudo parece cinzento! — A névoa está subindo do rio — disse Flambeau, olhando fixamente.

Quase no momento em que falava, a enorme figura do jardineiro peludo apareceu em um morrinho mais alto do gramado acidentado, saudando-os com um ancinho brandido e uma voz horivelmente violenta.

— Largue essa mangueira! — gritou. — Largue essa mangueira e vá para o seu... — Eu sou terrivelmente desajeitado — respondeu, fracamente, o reverendo cavalheiro —, o senhor sabe? Eu derramei um

pouco de vinho no jantar. — Ele deu uma volta, para pedir desculpas ao jardineiro, com a mangueira ainda jorrando em sua mão. O jardineiro sentiu o estrondo frio da água em cheio em seu rosto como o estrondo de uma bala de canhão. Cambaleou, escorregou e caiu esparramado com as botas no ar.

— Que coisa horrível! — disse o Padre Brown, olhando em volta meio maravilhado. — Acertei um homem! Ficou com a cabeça para a frente por um momento, como se estivesse procurando ou escutando algo, e então partiu, trotando, em direção à torre, ainda arrastando a mangueira atrás dele. A torre estava bem próxima, mas seu contorno era curiosamente tênue.

— Sua névoa de rio — ele disse — cheira bem mal.

— Meu Deus, é verdade! — gritou Fanshaw, que estava muito pálido. — Mas o senhor não pode querer dizer que... — Quero dizer — disse o Padre Brown — que uma das previsões científicas do almirante está se tornando realidade esta noite. Esta história vai acabar em fumaça.

Enquanto ele falava, uma linda luz vermelho-rosada parecia desabrochar como uma rosa gigantesca, mas acompanhada de um ruído crepitante e chocalhante que era como o gargalhar dos diabos.

— Meu Deus! O que é isso? — gritou Sir Cecil Fanshaw.

— A efígie da torre em chamas — respondeu o Padre Brown, apontando a água de sua mangueira para o coração da mancha vermelha.

— Sorte que não tínhamos ido para a cama! — exclamou Fanshaw. — Acho que o fogo não poderá se espalhar para a casa.

— O senhor deve se lembrar — disse, baixinho, o padre — que a cerca de madeira, que poderia levá-lo para a casa, foi cortada.

Flambeau voltou os olhos faiscantes para o amigo, mas Fanshaw limitou-se a dizer distraidamente: — Bem, ninguém vai morrer, pelo menos.

— Este é um tipo curioso de torre — observou o Padre Brown.

— Quando ela é usada para matar pessoas, sempre mata pessoas que estão em outro lugar.

No mesmo instante, a figura monstruosa do jardineiro com a barba

esvoaçante novamente surgiu recortada contra o céu na encosta verde, acenando para que outros o seguissem, mas agora acenando não com um ancinho, mas com um sabre. Atrás dele vinham os dois negros, também com os velhos facões tortos da sala de jantar, mas no clarão vermelho-sangue, com seus rostos negros e figuras amarelas, eles pareciam demônios carregando instrumentos de tortura. No jardim escuro atrás deles, uma voz distante foi ouvida gritando instruções breves. Quando o padre ouviu a voz, uma mudança terrível se deu em seu semblante.

Mas ele permaneceu composto, e nem por um momento tirou os olhos da mancha flamejante que começara a se espalhar, mas que agora parecia encolher um pouco, enquanto sibilava sob a emissão da longa lança prateada de água. Manteve o dedo no bocal de saída, para garantir a pontaria, e não fez outra coisa, percebendo apenas pelo barulho e com a visão do canto do olho os incidentes emocionantes que começaram a se desenrolar no jardim da ilha. Deu duas breves instruções para seus amigos. Uma foi: “Derrubem esses caras de alguma forma e amarrem-nos, sejam eles quem forem; há cordas naquele canto. Eles querem me roubar essa bela mangueira”. A outra foi: “Assim que puderem, chamem aquela canoeira; ela está na margem com os ciganos. Pergunte a ela se eles poderiam trazer alguns baldes e enchê-los no rio”. Depois calou-se e continuou a regar aquela nova flor vermelha tão impiedosamente quanto havia, antes, regado a tulipa vermelha.

Nem uma vez ele virou a cabeça para olhar a estranha luta que se seguiu entre os inimigos e amigos do fogo misterioso. Quase sentiu a ilha tremer quando Flambeau colidiu com o enorme jardineiro. Apenas imaginou a violência desse embate. Ouviu a queda e o suspiro de triunfo de seu amigo quando ele atacou o primeiro negro, e os gritos de ambos os negros quando Flambeau e Fanshaw os amarraram. A enorme força de Flambeau mais do que compensava a desigualdade numérica, especialmente porque o quarto homem ainda estava perto da casa, apenas uma sombra e uma voz. Ouviu também a água quebrada pelos remos de uma canoa, a voz da moça dando ordens, as vozes dos ciganos respondendo e se aproximando, o barulho de baldes vazios mergulhando em uma torrente cheia, e finalmente o som de muitos pés ao redor do fogo. Mas tudo isso era menos para ele do que o fato de que a chama rendilhada, que vinha querendo aumentar mais uma vez, começara a diminuir um pouco.

Então veio um grito que quase o fez virar a cabeça. Flambeau e Fanshaw, agora reforçados por alguns dos ciganos, correram para perto da casa, atrás do homem misterioso, e ele ouviu, do outro lado do jardim, o grito de horror e espanto do francês, seguido por um uivo que

não poderia ser chamado de humano, quando o ser se soltou e correu pelo jardim. Pelo menos três vezes percorreu toda a ilha, de uma forma tão horrível quanto a perseguição de um lunático, tanto nos gritos do perseguido quanto nas cordas carregadas pelos perseguidores, mas era ainda mais horrível, porque lembrava crianças brincando de caçada em um jardim. Então, vendo-os se aproximarem de todos os lados, a figura saltou para uma parte mais alta da margem do rio e desapareceu com um respingo na água escura e turbulenta.

— Não há mais nada a fazer, eu temo — disse Brown com uma voz fria de tristeza. — Ele foi arrastado para as rochas, para onde enviou tantos outros. Ele sabia para que serve uma lenda familiar.

— Oh, não fale em parábolas! — gritou Flambeau impaciente.

— Você não pode explicar de um jeito simples? — Sim — respondeu Brown, de olho na mangueira. — “Se os dois olhos brilharem, tudo bem vai ficar; se um olho piscar, ela vai afundar”.

O fogo assobiava e gritava cada vez mais, como um animal estrangulado, à medida que ficava menor e menor sob a inundação do cano e dos baldes, mas o Padre Brown ainda tinha os olhos nele enquanto falava: — Ocorreu-me pedir àquela jovem, se já fosse possível ver algo no amanhecer, que olhasse por aquele telescópio para a foz e o rio. Ela poderia ter visto algo que a interessasse: a efígie do navio, ou simplesmente o Sr. Walter Pendragon voltando para casa, e talvez até a efígie do meio-homem, pois embora ele certamente esteja seguro agora, ele pode muito bem ter atolado na praia. Ele esteve prestes a sofrer outro naufrágio, e nunca teria escapado, se a senhora não tivesse tido o bom senso de suspeitar do telegrama do velho almirante e vir aqui para vigiá-lo. Calemos sobre o velho almirante. Calemos sobre tudo. Basta dizer que toda vez que essa torre pegava fogo, com seu breu e sua madeira-resinosa, a fagulha no horizonte sempre parecia com a luz gêmea do farol da costa.

— E foi assim — disse Flambeau — que o pai e o irmão morreram. Afinal, o tio perverso das lendas quase ficou com sua propriedade.

O Padre Brown não respondeu. Na verdade, ele não voltou a falar, à exceção das civilidades básicas, até que todos estivessem a salvo, em volta de uma caixa de charutos, na cabine do iate. Ele se certificou da extinção completa do incêndio frustrado, e depois recusou-se a permanecer ali, embora na verdade tenha ouvido o jovem Pendragon, escoltado por uma multidão entusiástica, subir a margem do rio. Ele poderia (se fosse movido por curiosidades românticas) ter recebido os

agradecimentos combinados do homem do navio e da garota da canoa, mas o cansaço o abateu novamente, e ele só se sobressaltou uma vez, quando Flambeau lhe disse abruptamente que deixara cair cinzas de charuto nas calças.

— Isso não é cinza de charuto — ele disse um tanto cansado.

— É do fogo, mas vocês não pensam assim porque estão todos fumando charutos. Foi assim que tive minha primeira suspeita sobre o mapa.

— O senhor se refere ao mapa de Pendragon, o das suas ilhas do Pacífico? — perguntou Fanshaw.

— O senhor pensou que fosse uma carta das ilhas do Pacífico — respondeu Brown. — Junte a uma pena um fósil e um pouco de coral, e todos vão pensar que é um espécime. Coloque a mesma pena perto de uma fita e uma flor artificial e todos pensarão que é para um chapéu de senhora. Coloque a mesma pena ao lado de um tinteiro, um livro e uma pilha de papel para escrever, e a maioria dos homens jurará ter visto uma caneta. Então, vocês viram aquele mapa entre pássaros tropicais e conchas e pensaram que era um mapa das ilhas do Pacífico, mas era o mapa deste rio.

— Mas como o senhor sabe? — perguntou Fanshaw.

— Eu vi a rocha que você achou parecida com um dragão, e aquela outra igual ao Merlin, e... — O senhor parece ter notado muita coisa — disse Fanshaw.

— Nós achávamos que o senhor fosse um tanto distraído.

— Eu estava enjoado — disse o Padre Brown, com simplicidade.

— Eu me sentia simplesmente horrível. Mas sentir-se horrível não tem nenhuma relação com não ver as coisas. — E fechou os olhos.

— Você acha que a maioria dos homens teria visto o mesmo? — perguntou Flambeau. Mas não obteve resposta: o Padre Brown estava dormindo.

O deus dos gongos

Era uma daquelas tardes frias e vazias de início de inverno, quando a luz do dia é mais prateada do que dourada, mais cor de estanho do que mesmo prateada. Se a atmosfera já era sombria em uma centena de escritórios desolados e salas de estar bocejantes, ainda mais o era ao longo das bordas da costa achatada de Essex, onde a monotonia era mais desumana por ser interrompida, a longuíssimos intervalos, por algum poste de luz de aparência menos civilizada do que a de uma árvore, ou por uma árvore mais feia do que um poste de luz. Um pouco de neve havia derretido parcialmente em faixas, também parecendo plúmbeas em vez de prateadas, reagrupando-se sob ação de um novo congelamento. Nenhuma neve fresca caíra, mas uma faixa da neve velha corria ao longo da própria margem da costa, de modo a ficar paralela à faixa clara de espuma.

A linha do mar parecia congelada na vivacidade de seu azul-violeta, como a veia de um dedo congelado. Por quilômetros e quilômetros, para a frente e para trás, não havia alma para respirar, a não ser dois pedestres, caminhando em ritmo acelerado, embora um tivesse pernas muito mais longas, seus passos sendo igualmente muito mais longos do que os do outro.

Não parecia um lugar ou época muito apropriados para férias, mas o Padre Brown tinha poucas licenças e tinha que aproveitá-las quando podia, e sempre preferia, se possível, passá-las em companhia de seu velho amigo Flambeau, ex-criminoso e ex-detetive. O padre tinha tido a ideia de visitar sua antiga paróquia em Cobhole, e estava indo para o nordeste, ao longo da costa.

Depois de caminhar mais um ou dois quilômetros, eles descobriram que a margem estava começando a ser formalmente aterrada, de modo a formar algo como um passeio. Os feios postes de luz tornaram-se menos raros e mais ornamentais, embora igualmente feios. Oitocentos metros adiante, o Padre Brown ficou intrigado: primeiro com pequenos labirintos de vasos sem flores, cobertos de plantas baixas, planas, de cores calmas, parecendo menos um jardim do que um pavimento em mosaico, entre caminhos débeis e encaracolados cravejados de cadeiras com espaldares curvos. Ele farejou levemente a atmosfera de um certo tipo de cidade litorânea que ele não apreciava especialmente e, olhando para a frente ao longo do passeio à beira-mar, viu algo que encerrou qualquer dúvida sobre o assunto. Na distância cinzenta, o grande coreto de um balneário erguia-se como um cogumelo gigante com seis patas.

— Suponho — disse o Padre Brown, levantando a gola do casaco e puxando um cachecol de lã para bem perto do pescoço — que estamos nos aproximando de um *resort* de lazer.

— Temo que seja — respondeu Flambeau — um *resort* de lazer ao qual poucos, no momento, têm o prazer de recorrer. Tentam reviver esses lugares no inverno, mas nunca dá certo, exceto com Brighton e os antigos. Aqui deve ser SeaWood, eu acho... o experimento de Lorde Pooley. Ele trouxe os Cantores Sicilianos no Natal, e há rumores sobre a realização, aqui, de uma dessas grandes lutas de sujeitos usando luvas. Mas eles terão que jogar no mar esse lugar horrórico: é tão deprimente quanto um vagão de trem perdido.

Tinham chegado ao ponto embaixo do grande coreto, e o padre olhava para ele com uma curiosidade que tinha algo de estranho, a cabeça um pouco inclinada para o lado, como a de um pássaro.

Era o tipo convencional de construção um tanto espalhafatosa para seu propósito: uma cúpula achatada ou dossel, dourada aqui e ali, e erguida sobre seis pilares delgados de madeira pintada, a cerca de um metro e meio acima do passeio, uma plataforma de madeira, redonda como um tambor. Mas havia algo fantástico na neve combinada com algo artificial no ouro que assombrava Flambeau, assim como seu amigo, com alguma associação que ele não conseguia captar, mas que sabia ser ao mesmo tempo artística e estranha.

— Já entendi — disse por fim. — É japonês. É como aquelas estampas japonesas fantasiosas, onde a neve na montanha parece açúcar, e o dourado nos pagodes é como o dourado no camafeu. Parece um pequeno templo pagão.

— Sim — disse o Padre Brown. — Vamos dar uma olhada no deus. — E com uma agilidade que dificilmente se esperaria dele, saltou para a plataforma elevada.

— Muito bem — disse Flambeau, rindo, e no instante seguinte sua própria figura imponente surgia naquela elevação pitoresca.

A diferença de altura, por menor que fosse, dava, naquele descampado plano, a sensação de ver muito longe na terra e no mar. No interior, os pequenos jardins de inverno se desvaneciam em um confuso bosque cinzento. Além disso, à distância, havia longos celeiros baixos de uma casa de fazenda solitária e, ademais, nada além das longas planícies da Inglaterra oriental. Olhando em direção ao mar, não se via vela ou sinal de vida, exceto algumas gaivotas: e até mesmo elas pareciam lutuar em

vez de voar, lembrando os últimos flocos de neve.

Flambeau se virou abruptamente a uma exclamação atrás dele. Parecia vir mais de baixo do que se poderia esperar e dirigir-se aos seus calcanhares, e não à cabeça. Ele imediatamente estendeu a mão, mas não pôde deixar de rir do que viu. Por uma razão ou outra, a plataforma cederá sob o peso do Padre Brown, e o infeliz homenzinho cairá ao nível do passeio. Ele era alto o suficiente, ou baixo o suficiente, para que apenas sua cabeça sobressaísse pelo buraco na madeira quebrada, parecendo a cabeça de São João Batista em uma bandeja. O rosto tinha uma expressão desconcertada, como talvez tivesse o de São João Batista.

Ele logo começou a rir.

— Esta madeira deve estar podre — disse Flambeau. — Embora pareça estranho que ela suporte meu peso e o senhor atravesse o ponto fraco. Deixe-me ajudá-lo.

Mas o padrezinho olhava com curiosidade para os cantos e bordas da madeira supostamente podre, e havia uma espécie de interrogação em sua testa.

— Venha — gritou o impaciente Flambeau, ainda com sua grande mão morena estendida. — Você não quer sair? O padre estava segurando uma lasca de madeira quebrada entre o indicador e o polegar, e não respondeu imediatamente. Por fim ele disse, pensativo: — Se quero sair? Não, não quero. Chego a pensar que quero entrar. — E mergulhou na escuridão sob o piso de madeira tão abruptamente que derrubou seu grande chapéu clerical curvo e o deixou nas tábuas acima, sem nenhuma cabeça clerical dentro.

Flambeau olhou mais uma vez para o interior e para o mar, e mais uma vez não conseguiu ver nada além de mares tão frios quanto a neve e neves tão planas quanto o mar.

Ouviu-se um barulho de correria atrás dele, e o padre saiu correndo do buraco mais rápido do que havia caído. Seu rosto não estava mais desconcertado, mas sim resoluto e, talvez apenas pelos reflexos da neve, um pouco mais pálido do que o habitual.

— Bem? — perguntou o seu amigo alto. — O senhor encontrou o deus do templo? — Não — respondeu o Padre Brown. — Encontrei uma coisa, às vezes, mais importante: o sacrifício.

— O que diabos o senhor quer dizer? — gritou Flambeau, bastante alarmado.

O Padre Brown não respondeu. Ele estava olhando, com um nó na testa, a paisagem. De repente ele apontou, perguntando: — Que casa é aquela ali? Seguindo seu dedo, Flambeau viu, pela primeira vez, os cantos de um edifício mais próximo do que a casa da fazenda, mas quase todo protegido por uma franja de árvores. Não era um edifício grande, e ficava bem afastado da costa, mas um brilho de ornamento sugeria que fazia parte do mesmo esquema de decoração de balneário do que o coreto, os pequenos jardins e os jardins encaracolados, e os assentos de ferro com encosto.

O Padre Brown saltou do coreto, seguido pelo amigo, e enquanto caminhavam na direção indicada, as árvores caíam pela direita e pela esquerda. Viram um hotel pequeno, bastante chamativo, como é comum nos *resorts*, dos que têm um bar mais agitado do que familiar. Quase toda a fachada era de gesso decorado e vidro estampado, e entre aquela paisagem marinha cinzenta e as árvores cinzentas, que pareciam bruxas, sua aparência vistosa tinha algo de espectral em sua melancolia. Ambos sentiram vagamente que, se alguma comida ou bebida fosse oferecida em tal hospedaria, seria o presunto de papelão e a caneca vazia da pantomima.

Nisso, entretanto, eles não foram totalmente confirmados. À medida que se aproximavam cada vez mais do local, viram em frente ao bufê, que aparentemente estava fechado, um dos bancos de jardim de ferro com encosto curvo que adornavam os jardins, mas muito mais longo, percorrendo quase toda a extensão da fachada. Presumivelmente, tinha sido colocado de modo que os visitantes pudessem sentar-se e olhar para o mar, mas dificilmente se esperava encontrar alguém fazendo isso num tempo como aquele.

No entanto, bem na frente da extremidade do assento de ferro estava uma pequena mesa redonda de restaurante, e sobre ela havia uma pequena garrafa de Chablis e um prato de amêndoas e passas. Atrás da mesa, no assento, estava sentado um jovem de cabelos escuros, cabeça descoberta e olhando o mar em um estado de imobilidade quase surpreendente.

Embora ele parecesse um boneco de cera quando estavam a menos de quatro metros dele, ele pulou como um boneco de mola quando chegaram a três, e disse, de uma maneira deferente, embora não indigna: — Desejam entrar, cavalheiros? Não tenho funcionários no momento, mas eu mesmo posso lhes oferecer qualquer coisa simples.

— Muito obrigado — disse Flambeau. — Então o senhor é o proprietário? — Sim — disse o homem moreno, indo um pouco para

trás, à sua maneira imóvel. — Meus garçons são todos italianos, os senhores compreendem, e eu achei justo que eles pudessem ir ver seu conterrâneo espancar o negro, se ele for capaz. Estão sabendo que a grande luta entre Malvoli e Ned Negrão finalmente vai acontecer? — Infelizmente, não temos tempo para desfrutar inteiramente de sua hospitalidade — disse o Padre Brown —, mas meu amigo ficaria feliz com um copo de xerez, tenho certeza, para evitar o frio e beber ao sucesso do campeão latino.

Flambeau não entendeu o xerez, mas não se opôs nem um pouco. Ele só pôde dizer amigavelmente: — Ah, muito obrigado.

— Xerez, senhores, com certeza — disse o anfitrião, voltando-se para seu albergue. — Desculpem se os detenho alguns minutos. Como disse, estou sem empregados — e dirigiu-se para as janelas escuras da sua estalagem fechada e sem luz.

— Ah, não importa — começou Flambeau, mas o homem se virou para tranquilizá-lo.

— Eu tenho as chaves — ele disse. — E consigo encontrar meu caminho no escuro.

O Padre Brown começou a dizer: — Eu não pretendia... — mas foi interrompido por uma voz humanaberrando, vindadas entranhas do hotel desabitado. Trovejou algum nome estrangeiro muito alto, mas de forma incompreensível, e o proprietário do hotel se moveu mais bruscamente em sua direção do que quando estava indo buscar o xerez de Flambeau. Como ficou posteriormente comprovado, o proprietário não havia dito, então e depois, nada além da verdade literal. Mas tanto Flambeau quanto o Padre Brown confessaram muitas vezes que, em todas as suas (muitas vezes ultrajantes) aventuras, nada havia gelado tanto o sangue deles quanto essa voz de um ogro, repentinamente berrando de dentro de uma estalagem silenciosa e vazia.

— Meu cozinheiro! — gritou o proprietário apressadamente.

— Eu tinha-me esquecido do cozinheiro. Ele já está para sair, agora. Xerez, senhor? E, de fato, apareceu no vão da porta um grandalhão com gorro branco e avental branco, como convém a um cozinheiro, mas com a ênfase desnecessária de um rosto negro. Flambeau muitas vezes ouvira dizer que os negros dão bons cozinheiros. Mas, de alguma forma, algo no contraste de cor e classe aumentou sua surpresa de que o proprietário do hotel atendesse ao chamado do cozinheiro, e não o cozinheiro ao chamado do proprietário. Mas ele refletiu que os cozinheiros-chefes são

proverbialmente arrogantes e, além disso, o anfitrião voltara com o xerez, e era isso o que importava.

— Eu acho estranho — disse o Padre Brown — haver tão pouca gente na praia, quando essa grande luta está chegando, afinal. Encontramos apenas um homem em quilômetros.

O proprietário do hotel encolheu os ombros.

— Eles vêm do outro lado da cidade, veja bem, da estação, a três quilômetros daqui. Eles só se interessam pelo esporte; vão passar só uma noite nos hotéis. Afinal, não temos bom tempo para ficar na praia.

— Ou num banco — disse Flambeau e apontou para a mesinha.

— Eu devo ficar atento — disse o homem de rosto imóvel. Ele era um sujeito quieto e de boa aparência, um tanto pálido. Suas roupas escuras não tinham nada de distinto nelas, exceto que a gravata preta estava bem alta em seu pescoço, como um colar, e presa por um alfinete de ouro com uma ponta grotesca. Nem havia nada notável no rosto, exceto algo que provavelmente era um mero tique nervoso: o hábito de abrir um olho mais estreitamente do que o outro, dando a impressão de que o outro era maior, ou talvez fosse artificial.

O silêncio que se seguiu foi quebrado pelo anfitrião dizendo baixinho: — Onde foi que vocês encontraram o homem em seu caminho? — Curiosamente — respondeu o padre —, aqui perto... ali perto daquele coreto.

Flambeau, que se sentara no longo assento de ferro para terminar seu xerez, pousou-o e ficou de pé, olhando espantado para o amigo. Abriu a boca para falar, mas logo a fechou novamente.

— Curioso — disse o homem de cabelos escuros, pensativamente. — Como ele era? — Estava bastante escuro quando o vi — começou o Padre Brown —, mas ele estava... Como já foi dito, pode-se provar que o hoteleiro disse a verdade exata. Tendo dito que o cozinheiro já estava para sair, isso se cumpriu ao pé da letra, pois o cozinheiro veio para fora, calçando as luvas, no momento em que eles falavam.

Mas ele era uma figura muito diferente da massa confusa de branco e preto que aparecera por um instante na porta. Ele estava todo abotoado e afivelado, dos pés à cabeça, vestido com as roupas mais brilhantes. Uma cartola preta estava inclinada em sua grande cabeça preta, um chapéu do tipo que a sagacidade francesa comparou a oito espelhos. Mas de alguma forma o homem negro era como o chapéu preto. Ele

também era negro, mas sua pele brilhante refletia a luz em oito ou mais ângulos. Desnecessário dizer que ele usava polainas brancas e uma camisa branca dentro do colete. A flor vermelha erguia-se agressivamente dentro da sua lapela, como se tivesse crescido ali, de uma vez. E na maneira como ele carregava sua bengala em uma mão e seu charuto na outra, havia uma certa atitude, uma atitude que devemos sempre lembrar quando tratamos de preconceitos raciais, algo inocente e insolente... como a dança *cake-walk*.¹⁵

— Às vezes — disse Flambeau, atento a ele —, não me surpreende que os linchem.

— Nunca me surpreendo — disse o Padre Brown — com qualquer obra do Inferno. Mas como eu ia dizendo — ele começou, enquanto o negro, ainda ostensivamente calçando as luvas amarelas, dirigia-se vivamente para o bebedouro, uma esquisita figura de *music hall* naquele cenário cinzento e gelado —, como eu estava dizendo, eu não poderia descrever o homem minuciosamente, mas ele tinha aspecto, bigode e costeletas antiquados, estes escuros ou tingidos, como nas fotos de financistas estrangeiros. Em seu pescoço estava enrolado um longo lenço roxo que se esgarçava no vento enquanto ele caminhava. Estava atado ao seu pescoço da mesma forma que as babás fixam cobertores de crianças com alfinetes. Só que — acrescentou o padre, olhando placidamente para o mar — não era um alfinete.

O homem sentado no longo banco de ferro também olhava placidamente para o mar. Agora estava mais uma vez em repouso. Flambeau sabia que um de seus olhos era naturalmente maior que o outro. Ambos estavam agora bem abertos e quase teve a impressão de que o olho esquerdo crescia enquanto ele olhava.

— Era um pino dourado, muito comprido, e tinha uma cabeça de macaco esculpida ou algo assim — continuou o clérigo —, e estava sendo usado de um jeito meio estranho; ele usava pincenê e um grande e negro... O homem imóvel continuou a olhar para o mar, e os olhos em sua cabeça pareciam pertencer a dois homens diferentes. Então ele fez um movimento de impressionante rapidez.

O Padre Brown estava de costas para ele, e aquele movimento poderia tê-lo matado instantaneamente. Flambeau não tinha arma, mas suas grandes mãos morenas estavam apoiadas na ponta do longo assento de ferro. Seus ombros mudaram abruptamente de forma, e ele ergueu o enorme objeto sobre sua cabeça, como o machado de um carrasco prestes a cair. A própria altura da coisa, enquanto ele a mantinha na vertical, a fazia parecer uma longa escada de ferro pela qual ele

convidava os homens a subir em direção às estrelas. Mas a longa sombra, à luz do entardecer, parecia a de um gigante brandindo a Torre Eiffel. Foi o choque daquela sombra, antes do choque do estrondo do ferro, que fez o estranho se encolher, se esquivar e disparar para dentro de sua estalagem, largando a adaga plana e brilhante, que ficou exatamente onde havia caído.

— Devemos sair daqui imediatamente — gritou Flambeau, arremessando o enorme assento para longe, na praia, com furiosa indiferença. Ele agarrou o padrezinho pelo cotovelo e correu com ele por uma cinzenta faixa de um jardim estéril, no final do qual havia uma porta fechada. Flambeau curvou-se um instante sobre ela num silêncio aflito, e disse: — A porta está trancada.

Enquanto ele falava, um ramo negro de um dos pinheiros ornamentais caiu, roçando a aba de seu chapéu. Isso o assustou mais do que a pequena e distante explosão que aconteceu pouco antes. Então veio outro estampido distante, e a porta que ele estava tentando abrir tremeu, com a bala enterrada nela. Os ombros de Flambeau novamente se encheram e se contraíram subitamente. Três dobradiças e uma fechadura estouraram ao mesmo tempo, e ele saiu para o caminho vazio do outro lado, carregando consigo a grande porta do jardim, como Sansão carregando os portões de Gaza.

Em seguida, jogou a porta por cima do muro do jardim, assim que um terceiro tiro jogou um jato de neve e poeira atrás de seu calcanhar. Sem cerimônia, agarrou o Padre, colocou-o em seus ombros e correu em direção a SeaWood o mais rápido que suas longas pernas podiam carregá-lo. Só quase três quilômetros adiante ele pousou seu pequeno companheiro no chão. Uma fuga quase nada digna, apesar de baseada no modelo clássico de Anquises, mas o rosto do Padre Brown exibía apenas um largo sorriso.

— Bem — disse Flambeau, depois de um silêncio impaciente, enquanto reiniciavam sua caminhada de forma mais convencional pelas ruas da periferia da cidade, onde não é preciso temer um ataque —, não sei o que tudo isso significa, mas presumo que posso confiar nos meus próprios olhos e dizer que o senhor nunca encontrou o homem que descreveu com tanta precisão.

— Eu o encontrei, de certa forma — Brown disse, mordendo o dedo um tanto nervoso. — Realmente encontrei. E estava escuro demais para vê-lo direito, porque ele estava embaixo daquele coreto. Mas, infelizmente, não o descrevi com tanta precisão, afinal, porque seu pincenê estava quebrado sob ele e o comprido pino de ouro não estava

preso em seu lenço roxo, mas em seu coração.

— E suponho — disse o outro em voz baixa — que aquele cara de olhos vidrados tem algo a ver com isso.

— Eu esperava que ele tivesse apenas um pouco a ver — respondeu Brown com uma voz um tanto perturbada —, e posso ter errado no que fiz. Eu agi por impulso. Mas temo que este negócio tenha raízes profundas e obscuras.

Eles caminharam por algumas ruas em silêncio. As lâmpadas amarelas começavam a ser acesas no frio e azulado crepúsculo, e eles evidentemente se aproximavam das partes mais centrais da cidade. Cartazes coloridíssimos, anunciando a luta de boxe entre Ned Negrão e Malvoli, tinham sido colados nas paredes.

— Bem — disse Flambeau —, eu nunca matei ninguém, mesmo em meus dias de crime, mas eu quase posso simpatizar com o caso de alguém que o faça em um lugar tão triste. De todas as porcarias da Natureza abandonadas por Deus, acho que as mais dolorosas são lugares como aquele coreto, que deveriam ser festivos e estão abandonados. Posso imaginar um homem mórbido sentindo que deve matar seu rival na solidão e na ironia de tal cena. Lembro-me de uma vez dar um passeio em suas gloriosas colinas de Surrey, pensando em nada além de tojos e cotovias, quando cheguei a um vasto círculo de terra onde se erguia, acima de mim, uma vasta estrutura muda, fileira sobre fileira de assentos, tão grande quanto um anfiteatro romano e tão vazio quanto uma carteira nova. Um pássaro navegava no céu sobre ele. Era da Grande Arquibancada de Epsom. E eu senti que ninguém jamais seria feliz lá novamente.

— É estranho você mencionar Epsom — disse o padre. — Você se lembra do que foi chamado de “O mistério de Sutton”, porque dois homens suspeitos, sorveteiros, eu acho, moravam em Sutton? Eles foram absolvidos, afinal. Um homem foi encontrado estrangulado, dizia-se, nas redondezas de Downs. Na verdade, eu sei, por um policial irlandês que é meu amigo, que ele foi encontrado perto da Grande Arquibancada de Epsom; de fato, escondido apenas por uma das portas inferiores que tinha sido empurrada para trás.

— Que estranho — concordou Flambeau. — Mas isso confirma minha opinião de que esses lugares de prazer parecem terrivelmente solitários na baixa temporada, ou o homem não teria sido assassinado lá.

— Não tenho tanta certeza se... — começou Brown e parou.

— Não tem tanta certeza de que foi assassinado? — questionou seu companheiro.

— Não tenho tanta certeza de que ele foi assassinado na baixa temporada — respondeu o padrezinho, com simplicidade. — O senhor não acha que há algo bastante enganador nessa solidão, Flambeau? O senhor tem certeza de que um assassino esperto sempre *gostaria* que o local fosse solitário? É muito, muito raro que um homem esteja *completamente* sozinho. E, fora isso, quanto mais sozinho ele estiver, mais certeza terá de ser visto. Não. Acho que deve haver alguma outra... Ora, aqui estamos no pavilhão, ou palácio, ou seja lá como chamam.

Eles haviam emergido em uma pequena praça, brilhantemente iluminada, cujo prédio principal estava enfeitado em dourado, cheio de pôsteres e ladeado por duas fotografias gigantes de Malvoli e Ned Negrão.

— Olá! — exclamou Flambeau com grande surpresa, enquanto seu amigo clerical subia os largos degraus. — Eu não sabia que pugilismo era seu último *hobby*. Você vai ver a luta? — Acho que não vai ter luta — respondeu o Padre Brown. Passaram rapidamente pelas antessalas e salas internas, passaram pelo próprio salão de combate, levantado, amarrado e acolchoado com inúmeros assentos e caixas, e ainda assim o clérigo não olhou em volta ou parou até chegar a um funcionário em uma mesa do lado de fora de uma porta marcada “Comitê”. Lá ele parou e pediu para ver Lorde Pooley.

O criado observou que sua senhoria estava muito ocupada, pois a luta seria em breve, mas o Padre Brown tinha uma rotina bem-humorada de insistência, para a qual a mente burocrática, geralmente, não está preparada. Em alguns momentos, Flambeau, um tanto perplexo, se viu na presença de um homem que ainda estava gritando instruções para outro homem que saía da sala.

— Cuidado, está bem, com as cordas depois do quarto! Bem, e o que o senhor deseja, eu me pergunto? Lorde Pooley era um cavalheiro e, como a maioria dos poucos remanescentes de nossa raça, preocupado; especialmente com dinheiro. Ele era meio grisalho e meio aloirado, tinha olhos febris, nariz arrebitado e arroxeados de frio.

— Apenas uma palavra — disse o Padre Brown. — Eu vim para evitar que um homem seja morto.

Lorde Pooley saltou da cadeira como se uma mola o tivesse lançado.

— Não vou aguentar mais isso! — ele exclamou. — Vocês e seus

comitês e párocos e petições! Não havia párocos antigamente, quando lutavam sem luvas? Agora eles estão lutando com as luvas regulamentares, e não há a menor possibilidade de qualquer um dos boxeadores ser morto.

— Não me referia a nenhum dos boxeadores — disse o padre.

— Bem, bem, bem! — disse o nobre, com um toque de humor gelado. — Quem vai ser morto? O árbitro? — Não sei quem vai ser morto — respondeu o Padre Brown, com um olhar reflexivo. — Se soubesse, não teria que vir estragar o seu prazer. Eu poderia simplesmente fazer com que ele escapasse. Nunca vi nada de errado nas lutas de boxe. Assim sendo, devo-lhe pedir para anunciar que a luta está encerrada por enquanto.

— Mais alguma coisa? — zombou o senhor com olhos febris.

— E o que você diria às duas mil pessoas que vieram ver a luta? — Eu digo que restarão mil novecentos e noventa e nove deles vivos quando terminarem de assistir a luta — disse o Padre Brown.

Lorde Pooley olhou para Flambeau.

— Seu amigo está louco? — perguntou ele.

— Longe disso — foi a resposta.

— Olhe aqui — retomou Pooley em seu jeito inquieto —, a coisa é pior. Todo um bando de italianos apareceu para apoiar Malvoli; morenos e selvagens companheiros vindos de algum país, de qualquer maneira. O senhor sabe como são essas raças do Mediterrâneo. Se eu cancelar a luta, teremos aqui uma invasão de Malvoli à frente de um clã inteiro da Córsega.

— Meu senhor, é uma questão de vida ou morte — disse o padre. — Toque sua campainha. Dê sua mensagem. E veja se é Malvoli quem responde.

O nobre tocou a campainha na mesa com um estranho ar de nova curiosidade. Disse ao funcionário que apareceu quase instantaneamente na porta: — Tenho um anúncio sério a fazer imediatamente ao público. Enquanto isso, diga aos dois campeões que a luta terá de ser adiada.

O funcionário olhou por alguns segundos, como se olhasse um demônio, e desapareceu.

— Que autoridade o senhor tem para dizer o que diz? — perguntou Lorde Pooley abruptamente. — Quem o senhor consultou? — Consultei um coreto — disse o Padre Brown, coçando a cabeça. — Minto, também consultei um livro. Eu o comprei numa livraria em Londres, muito barato.

Ele havia tirado do bolso um pequeno volume encadernado em couro, e Flambeau, olhando por cima do ombro, viu que se tratava de um livro de viagens antigas e tinha uma folha dobrada para rápida consulta.

— “A única forma em que o vudu...” — começou o Padre Brown, lendo em voz alta.

— Em que o quê? — inquiriu Sua Senhoria.

— “...em que o vudu” — repetiu o leitor, quase com prazer —, “está amplamente organizado fora da Jamaica é na forma conhecida como Macaco, ou o deus dos gongos, que é influente em muitas partes dos dois continentes americanos, especialmente entre mestiços, muitos dos quais se parecem exatamente com homens brancos. Difere da maioria das outras formas de adoração ao Diabo e sacrifício humano no fato de que o sangue não é formalmente derramado no altar, mas com uma espécie de assassinato entre a multidão. Os gongos batem com um estrondo ensurdecedor quando as portas do santuário se abrem e o deus-macaco é revelado. Quase toda a congregação fixa nele os olhos em êxtase. Mas depois de...” .

A porta da sala foi escancarada, e o negro elegante ficou emoldurado nela, seus olhos rodando febrilmente, e a cartola de seda ainda insolentemente inclinada sobre a cabeça.

— Hein! — gritou ele, mostrando os dentes de primata. — Como é que é? Hein! Hein! Você tira o prêmio de um cavalheiro de cor, um prêmio que já é dele! Tá achanque vai salvar aquele lixo talian’branquelo? — A luta foi apenas adiada — disse o nobre, com calma. — Estarei com o senhor para explicar em um ou dois minutos.

— Quem é você? — gritou Ned Negrão, começando a explodir.

— Meu nome é Pooley — respondeu o outro, com uma frieza admirável. — Sou o secretário organizador e aconselho que você saia da sala agora.

— Quem é esse sujeito? — exigiu o escuro campeão, apontando para o padre com desdém.

— Meu nome é Brown — foi a resposta. — E aconselho que você saia do país agora.

O lutador ficou olhando furioso por alguns segundos e então, para grande surpresa de Flambeau e dos outros, saiu, fechando a porta com um estrondo atrás dele.

— Bem — perguntou o Padre Brown esfregando o cabelo empoeirado —, o que o senhor acha de Leonardo da Vinci? Uma bela cabeça italiana.

— Olhe aqui — disse Lorde Pooley —, assumi uma responsabilidade considerável, baseado apenas em sua palavra. Acho que o senhor deveria me contar mais.

— Tem toda a razão, meu senhor — respondeu Brown. — E isso não vai demorar muito. — Pôs o livrinho de couro no bolso do sobretudo. — Acho que sabemos tudo o que isso pode nos dizer, mas o senhor precisa avaliar, para ver se estou certo. Aquele negro que acaba de sair correndo é um dos homens mais perigosos da Terra, pois tem cérebro de europeu, com instinto de canibal. Ele transformou o que era uma carnificina limpa e de bom senso entre seus companheiros bárbaros em uma sociedade secreta de assassinos muito moderna e científica. Ele não sabe que eu sei, nem, por falar nisso, que não o posso provar.

Houve um silêncio e o homenzinho continuou.

— Mas se eu quiser matar um homem, será realmente o melhor plano garantir que eu fique só com ele? Os olhos de Lorde Pooley recuperaram seu brilho gelado enquanto ele olhava para o pequeno clérigo. Ele apenas disse: — Se o senhor quer matar alguém, eu diria que sim.

O Padre Brown balançou a cabeça, como um assassino mais experiente e maduro.

— Flambeau disse a mesma coisa — ele respondeu, com um suspiro. — Mas considere: quanto mais um homem se sente solitário, menos ele pode ter certeza de que está sozinho. Sentir-se solitário é perceber a existência de espaço vazio ao nosso redor, e esses espaços são exatamente o que nos tornam óbvios. O senhor já viu do alto da montanha um lavrador, ou um pastor no vale? O senhor nunca andou ao longo de um penhasco e viu um homem andando pelas areias? O senhor não saberia se ele matasse um caranguejo, e o senhor não saberia se ele fosse um credor? Não! Não! Não! Para um assassino inteligente, como o senhor ou eu podemos ser, é um plano impossível tentar garantir que ninguém esteja olhando para nós.

— Mas que outro plano existe? — Há apenas um — disse o padre. — Garantir que todos estão olhando para outra coisa. Um homem é estrangulado perto da Grande Arquibancada de Epsom. Qualquer um poderia ver isso acontecer enquanto a arquibancada estivesse vazia, qualquer vagabundo sob as cercas ou motorista entre as colinas. Mas ninguém o teria visto quando a arquibancada estivesse lotada e todo o público rugindo, quando o favorito estivesse ganhando ou perdendo. A torção de um lenço no pescoço, o enfiar de um corpo atrás de uma porta poderiam ocorrer em um instante, desde que fosse naquele instante. A mesma coisa, claro — ele continuou, virando-se para Flambeau —, aconteceu com aquele coitado debaixo do coreto. Ele foi jogado para baixo pelo buraco (um buraco não acidental) em algum momento muito dramático do espetáculo, quando o arco de algum grande violinista ou a voz de algum grande cantor atingiu seu clímax. E aqui, claro, quando um homem caísse, não seria o único. Esse é o pequeno truque que Ned Negrão adotou de seu antigo deus dos gongos.

— A propósito, Malvoli — Pooley começou.

— Malvoli — disse o padre — não tem nada a ver com isso. Ouso dizer que ele está com alguns italianos, mas nossos amáveis amigos não são italianos. São oitavões e meios-sangues africanos de vários tons, mas nós, ingleses, infelizmente pensamos que todos os estrangeiros são iguais, se forem morenos e escuros. Além disso — acrescentou, com um sorriso —, temo que os ingleses se recusem a fazer qualquer distinção tênue entre o senso de moralidade produzido pela minha religião e aquele que floresce do vudu.

O esplendor da primavera tinha irrompido sobre SeaWood, enchendo sua costa com esfomeados e banhistas, com pregadores nômades e menestréis negros, antes que os dois amigos a vissem novamente, e muito antes da tempestade de perseguição depois que a estranha sociedade secreta definhou. Quase por todos os lados, o segredo de seu propósito pereceu com eles. O homem do hotel foi encontrado morto, à deriva, no mar, como algas marinhas; seu olho direito estava fechado em paz, mas seu olho esquerdo estava bem aberto e brilhava como vidro ao luar. O Ned Negrão foi alcançado a uma ou duas milhas de distância e assassinou três policiais com a mão esquerda fechada. O policial sobrevivente não conseguiu reagir e o negro fugiu. Mas isso foi o suficiente para incendiar todos os jornais ingleses, e por um mês ou dois o principal objetivo do Império Britânico foi impedir que o bode negro (que era mesmo as duas coisas) escapasse por qualquer porto inglês. Pessoas remotamente semelhantes a ele eram submetidas a interrogatórios bastante extraordinários, obrigadas a lavar seus rostos antes de embarcar nos navios, como se cada tez branca pudesse ser uma

máscara de graxa. Cada negro na Inglaterra foi submetido a regulamentos especiais e obrigado a apresentar-se. Os navios que saíam preferiam transportar um basilisco a um negro, pois as pessoas descobriram quão temerosa, vasta e silenciosa era a força da sociedade secreta selvagem, e quando Flambeau e o Padre Brown estavam apoiados no parapeito do passeio, em abril, o Homem Negro ainda aterrorizava a Inglaterra.

— Ele ainda deve estar na Inglaterra — observou Flambeau —, e terrivelmente bem escondido, com certeza. Tê-lo-iam encontrado nos portos, mesmo se tivesse embranquecido o rosto.

— Veja, ele é realmente um homem inteligente — disse o Padre Brown —, e tenho certeza de que ele não embranqueceria o rosto.

— Bem, mas o que ele faria? — Eu acho — disse o Padre Brown — que ele escureceria o rosto.

Flambeau, apoiado imóvel no parapeito, riu e disse: — Meu amigo! O Padre Brown, também imóvel, apoiado no parapeito, moveu um dedo por um instante na direção dos negros com máscaras de fuligem que cantavam na areia.

X

A salada do Coronel Cray

O

Padre Brown estava voltando da Missa para casa em uma manhã branca e estranha, enquanto as brumas iam lentamente se erguendo. Era uma daquelas manhãs em que o próprio elemento da luz aparece como algo misterioso e novo. As árvores espalhadas se delineavam cada vez mais no vapor, como se fossem desenhadas primeiro com giz cinza e depois com carvão. Ainda mais distantes, apareciam as casas na orla interrompida do subúrbio. Seus contornos tornaram-se cada vez mais claros, até que ele reconheceu muitas onde moravam conhecidos seus, e muitas mais cujos proprietários ele conhecia de nome. Mas todas as janelas e portas estavam trancadas. Nenhuma das pessoas era do tipo que estaria de pé em tal hora, ou ainda menos em tal atividade. Ao passar sob a sombra de uma bela vila com varandas e amplos jardins ornamentados, ele ouviu um barulho que o fez parar quase involuntariamente. Era o ruído inconfundível do disparo de uma pistola, carabina ou alguma arma leve, mas não foi isso que mais o intrigou. O primeiro ruído, cheio, foi imediatamente seguido por uma série de ruídos mais fracos; ele contou cerca de seis. Supôs que fosse o eco, mas estranhamente o eco não foi nem um pouco parecido com o som original. Não foi como qualquer outra coisa em que ele pudesse pensar: as três coisas mais próximas pareciam ser o barulho feito por máquinas de água com gás, um dos muitos barulhos feitos por um animal, e o barulho feito por uma pessoa tentando esconder o riso. Nenhuma dessas explicações parecia fazer muito sentido.

O Padre Brown era constituído por dois homens. Havia o homem de ação, modesto como uma prímula e pontual como um relógio, que cumpria sua pequena lista de tarefas e nunca sonhou em alterá-la. Havia também um homem de reflexão, que era muito mais simples, mas muito mais forte, e que não podia ser impedido facilmente, cujo pensamento sempre foi (no único sentido inteligente das palavras) um pensamento livre. Para ele era impossível, mesmo inconscientemente, não fazer a si mesmo todas as perguntas cabíveis, e responder a tantas delas quanto

pudesse; isso acontecia nele como sua respiração ou circulação. Mas ele nunca conduzia conscientemente suas ações para fora da esfera de seu próprio dever e, neste caso, as duas atitudes foram devidamente testadas. Ele estava prestes a retomar sua caminhada no crepúsculo, dizendo a si mesmo que não era problema dele, mas instintivamente torcendo e destorcendo vinte teorias sobre o que os ruídos estranhos poderiam significar. Em seguida, a linha do céu cinza iluminou-se em prata, e sob a luz crescente ele percebeu que tinha estado na casa que pertencia a um major anglo-indiano chamado Putnam, o qual tinha um cozinheiro nativo de Malta, que era da sua religião. Ele também começou a se lembrar que tiros de pistola às vezes são coisas sérias, seguidas por consequências com as quais ele estava legitimamente obrigado a lidar. Ele se virou e entrou pelo portão do jardim, dirigindo-se à porta da frente.

No meio do caminho passando por um lado da casa, destacava-se uma projeção, semelhante a um galpão muito baixo. Era, como ele descobriu depois, uma grande lata de lixo. De trás do vértice apareceu uma figura, a princípio uma mera sombra na névoa, curvando-se e espiando. Então, chegando mais perto, ela se solidificou em uma aparição, de fato, bastante sólida. O Major Putnam era um homem calvo, com pescoço de touro, baixo e muito largo, com uma daquelas faces um tanto apopléticas que se produzem por uma prolongada tentativa de combinar o clima oriental com os luxos ocidentais. Mas era um rosto bem-humorado e, mesmo agora, embora evidentemente intrigado e curioso, exibia uma espécie de sorriso inocente. Ele tinha um grande chapéu de folha de palmeira na nuca (sugerindo uma auréola, em nada apropriada para o rosto), e fora isso vestia apenas um pijama listrado de vermelho e amarelo muito vívidos, que, embora brilhante o suficiente para ser visto, devia ser, em uma manhã fria, fresco demais para ser confortável. Evidentemente, ele saíra de casa com pressa, e o padre não se surpreendeu quando ele gritou sem mais cerimônias: — Ouviu aquele barulho? — Sim — respondeu o Padre Brown. — Achei melhor dar uma olhada, se algo estivesse acontecendo.

O major olhou para ele de um jeito meio estranho, com seus olhos redondos e bem humorados.

— O que o senhor acha que foi? — perguntou ele.

— Parecia uma arma ou algo assim — respondeu o outro, com alguma hesitação —, mas com um tipo singular de eco.

O major ainda olhava para ele em silêncio, mas com olhos esbugalhados, quando a porta da frente foi escancarada, liberando um

facho de luz na névoa que se desmanchava, e outra figura de pijama saltou ou caiu no jardim. Era um tipo mais longo, mais magro e mais atlético. Os pijamas, embora igualmente tropicais, eram relativamente de bom gosto, sendo de um branco com uma leve listra amarelo-limão. O homem estava abatido, mas era bonito, mais queimado de sol que o outro. Ele tinha um perfil aquilino e olhos fundos, e um leve ar de estranheza resultante da combinação de cabelos pretos como carvão com um bigode muito mais claro. Tudo isso o Padre Brown absorveu em detalhes quando ficou mais à vontade. Naquele momento, ele só vira uma coisa no homem: o revólver em sua mão.

— Cray! — exclamou o major, olhando para ele. — Foi você quem atirou? — Sim, eu atirei — retrucou o cavalheiro de cabelos pretos com veemência —, e o senhor também atiraria, no meu lugar. Se o senhor fosse perseguido em todos os lugares por demônios e quase... O major pareceu intervir com bastante pressa.

— Este é o meu amigo Padre Brown — disse. E então, para Brown: — Não sei se o senhor conhece o Coronel Cray, da artilharia real.

— Já ouvi falar dele, claro — disse o padre inocentemente. — O senhor acertou alguma coisa? — Acho que sim — respondeu Cray com gravidade.

— Será que ele — perguntou o Major Putnam em voz baixa — caiu ou gritou, ou algo assim? O Coronel Cray estava olhando para seu anfitrião com um olhar estranho e firme.

— Vou lhe contar exatamente o que ele fez — disse. — Ele espirrou.

A mão do Padre Brown subiu até meio caminho da cabeça, com o gesto de um homem que se lembra do nome de alguém. Ele sabia agora que o barulho não tinha sido de água com gás nem o bufar de um cachorro.

— Bem — exclamou o major olhando —, eu nunca ouvi antes que um revólver de serviço causasse espirros.

— Nem eu — disse o Padre Brown fracamente. — É uma sorte o senhor não ter virado sua artilharia contra ele, ou o senhor poderia lhe causar um forte resfriado. — Então, após uma pausa perplexa, disse: — Era um ladrão? — Vamos entrar — disse o Major Putnam, um tanto bruscamente, e abriu o caminho para sua casa.

O interior exibia um paradoxo que costuma ser observado nessas horas da manhã: os cômodos pareciam mais claros do que o céu lá fora,

mesmo depois de o major ter apagado a única lâmpada a gás do vestibulo. O Padre Brown surpreendeu-se ao ver toda a mesa posta para uma refeição festiva, com guardanapos em argolas e taças de vinho de uns seis formatos desnecessários colocadas ao lado de cada prato. Era bastante comum, àquela hora da manhã, encontrar restos de um banquete durante a noite, mas encontrá-lo recém-servido tão cedo era incomum.

Enquanto ele hesitava no corredor, o Major Putnam passou correndo por ele e lançou um olhar furioso sobre toda a toalha de mesa. Por fim ele falou, balbuciando: — Toda a prata sumiu! — ele engasgou. — Facas e garfos de peixe se foram. O velho galtheteiro sumiu. Até a velha cremeira prateada. E agora, Padre Brown, estou pronto a responder à sua pergunta, sobre se foi um ladrão.

— Isso é só uma distração — disse Cray teimosamente. — Sei melhor do que o senhor porque as pessoas perseguem esta casa; sei melhor do que o senhor porque... O major deu-lhe um tapinha no ombro, num gesto de acalmar uma criança doente, e disse: — Era um ladrão. Obviamente, era um ladrão.

— Um ladrão com um forte resfriado — observou o Padre Brown —, que poderia ajudar a localizá-lo na vizinhança.

O major balançou a cabeça sombriamente.

— Acho que deve estar muito longe para ser localizado.

Em seguida, quando o homem inquieto com o revólver se voltou novamente para a porta do jardim, acrescentou com voz rouca e confidencial: — Não acredito que deva chamar a polícia, temendo que meu amigo aqui tenha sido um pouco exagerado com suas balas, passando para o lado errado da lei. Ele viveu em lugares muito selvagens e, para ser franco com o senhor, acho que às vezes ele imagina coisas.

— Acho que uma vez o senhor me falou — disse Brown — que ele acredita que alguma sociedade secreta indiana o está perseguindo.

O Major Putnam assentiu, mas ao mesmo tempo deu de ombros.

— Acho melhor segui-lo para fora — disse ele. — Não quero ouvir mais espirros.

Saíram na luz da manhã, que agora estava até tingida de sol, e viram a figura alta do Coronel Cray quase dobrada, examinando minuciosamente a condição do cascalho e da grama. Enquanto o major

caminhava discretamente em sua direção, o padre deu uma volta igualmente indolente, que o levou até o outro canto da casa, a um ou dois metros da destacada lata de lixo.

Ficou parado olhando aquele objeto sombrio por um minuto e meio, depois deu um passo em sua direção, ergueu a tampa e enfiou a cabeça dentro. Poeira e outras matérias descolorantes subiram quando ele fez isso, mas o Padre Brown nunca se importou com sua própria aparência, por mais que se importasse com outras coisas. Permaneceu assim por um bom tempo, como se estivesse envolvido em algumas orações misteriosas. Em seguida saiu novamente, com algumas cinzas no cabelo, e foi embora despreocupadamente.

Quando chegou diante da porta do jardim novamente, encontrou ali um grupo que parecia ser capaz de dissipar os sentimentos funestos, como o sol já havia dissipado as brumas. Não era de forma alguma um grupo racionalmente tranquilizador; era simplesmente cômico, como um encontro de personagens de Dickens. O Major Putnam conseguira entrar e se vestir com uma camisa e calças adequadas, com uma faixa carmesim na cintura e um paletó quadrado de cor clara. Arrumado tão normalmente, seu rosto vermelho e festivo parecia explodir de uma cordialidade comum. Ele era realmente enfático, mas então estava falando com seu cozinheiro, o moreno filho de Malta, cujo rosto magro, amarelo e um tanto preocupado contrastava estranhamente com seu chapéu e traje brancos como a neve. O cozinheiro tinha motivos para estar preocupado, pois cozinhar era o *hobby* do major. Ele era um daqueles amadores que sempre sabem mais do que o profissional. A única pessoa que ele admitia ser capaz de avaliar uma omelete era seu amigo Cray. Lembrando-se disso, Brown se virou, procurando o outro militar. À jovem luz do dia, em meio às pessoas vestidas e em sã consciência, vê-lo foi um choque. O homem mais alto e elegante ainda estava de pijamas, com o cabelo preto desgrenhado, e agora rastejava pelo jardim sobre as mãos e os joelhos, ainda procurando vestígios do ladrão. De vez em quando, aparentemente, batia a mão no chão com raiva por não o encontrar. Vendo-o assim, quadrúpede na grama, o padre ergueu as sobranceiras com tristeza, e pela primeira vez supôs que “imaginar coisas” podia ser um eufemismo.

O terceiro item do grupo do cozinheiro e do epicurista também era conhecido do Padre Brown: era Audrey Watson, a aia e governanta do major, e neste momento, a julgar pelo avental, mangas arregaçadas e jeito resolutivo, muito mais a governanta do que a aia.

— Bem feito — ela dizia. — Eu sempre falei para o senhor não manter aquele galheteiro antiquado.

— Eu gostava dele — disse Putnam, pacificamente. — Eu mesmo sou antiquado. Cada qual com seu igual.

— Quando somem, nem sinal — ela retrucou. — Bem, se o senhor não vai se preocupar com o ladrão, eu não posso me preocupar com o almoço. É domingo, e não temos onde comprar vinagre e tudo mais na cidade. E vocês, senhores indianos, não podem desfrutar do que chamam de jantar sem um monte de coisas picantes. Deus, como eu queria, agora, que o senhor não tivesse pedido ao primo Oliver para me levar ao concerto na igreja. Ele não acaba antes de meio-dia e meia, e o coronel precisa partir antes disso. Não acredito que vocês consigam se virar sozinhos.

— Conseguiremos, sim, minha querida — disse o major, olhando para ela muito amavelmente. — Marco tem todos os molhos, e muitas vezes nos saímos bem em lugares muito difíceis, como você já deve saber. E você precisa de lazer, Audrey. Não pode cuidar de uma casa o dia inteiro, e eu sei que você quer ir ouvir música.

— Eu quero é ir à igreja — ela disse, com um olhar bastante severo.

Ela era uma daquelas mulheres bonitas que sempre serão bonitas, porque sua beleza não está no ar ou num detalhe, mas na própria estrutura da cabeça e nas feições. Mas embora ainda não estivesse na meia-idade e seu cabelo ruivo tivesse a forma e a cor de um Ticiano, havia uma expressão em sua boca e ao redor de seus olhos que sugeria que algumas tristezas a consumiam, como os ventos erodem as colunas de um templo grego. Pois, de fato, a pequena dificuldade doméstica de que ela falava agora de forma tão decisiva era mais cômica do que trágica. O Padre Brown deduziu, no decorrer da conversa, que Cray, o outro *gourmet*, precisaria partir antes da hora costumeira do almoço, mas que Putnam, seu anfitrião, para não ser privado de um banquete final com um velho camarada, havia providenciado para que um *déjeuner* especial fosse preparado e consumido no decorrer da manhã, enquanto Audrey e outras pessoas mais graves estariam no culto matinal. Ela ia para lá sob a escolta de um parente e velho amigo dela, o Dr. Oliver Oman, que, embora fosse um tipo um tanto amargo de homem da ciência, era entusiasta da música e ia até à igreja para ouvi-la. Não havia nada em tudo isso que pudesse ter a ver com a tragédia no rosto da Srta. Watson, e por um instinto semiconscente, o Padre Brown voltou-se para o aparente lunático que fuçava na grama.

Quando caminhou até ele, a cabeça preta despenteada se levantou abruptamente, como se estivesse surpresa com a continuidade da sua presença e, de fato, o Padre Brown, por motivos mais conhecidos por ele

mesmo, demorou muito mais tempo do que a polidez exigia ou mesmo, no sentido comum, permitia.

— Bem! — gritou Cray, com olhos selvagens. — Acho que o senhor pensa que eu sou louco, como o resto? — Considerei a tese — respondeu o homenzinho, serenamente.

— E inclino-me a pensar que não.

— O que o senhor quer dizer? — retrucou Cray selvagememente.

— Loucos de verdade — explicou o Padre Brown — sempre incentivam a própria morbidez. Eles nunca lutam contra ela. Mas o senhor está tentando encontrar vestígios do ladrão, mesmo quando não há nenhum. O senhor está lutando. O senhor quer o que nenhum louco quer.

— E o que é isso? — O senhor quer ser refutado — disse Brown.

Durante as últimas palavras, Cray saltou ou cambaleou e estava olhando para o clérigo com olhos agitados.

— Caramba, mas é verdade! — gritou ele. — Estão todos contra mim aqui, dizendo que o sujeito só estava atrás da prata, como se eu não devesse estar muito satisfeito em pensar como penso! *Ela* tem me condenado — e ele apontou com sua cabeça preta desgrenhada na direção de Audrey, mas essa indicação não era necessária para seu interlocutor —, tem me condenado, hoje, como cruel, por atirar em um pobre e inofensivo arrombador de casas, e se porta como se eu estivesse possuído por um diabo contra os pobres nativos inofensivos. Mas eu já fui um homem simpático, tão simpático quanto Putnam.

Depois de uma pausa ele disse: — Veja, eu nunca vi o senhor, mas o senhor deve julgar toda a história. O velho Putnam e eu éramos amigos combatendo juntos no mesmo conflito, mas, devido a alguns acidentes na fronteira afegã, eu obtive meu primeiro comando muito mais cedo do que a maioria dos homens; só que ambos fomos feridos, mandados para casa por um tempo. Eu estava noivo de Audrey, e todos nós viajamos juntos de volta, mas nessa viagem aconteceram coisas. Coisas curiosas. O resultado delas foi que Putnam quer que o noivado se acabe, mas Audrey quer ir levando. Eu sei o que querem dizer. Eu sei o que eles pensam que eu sou. O senhor também.

“Bem, estes são os fatos: no último dia em que estivemos em uma cidade indiana, perguntei a Putnam se poderia conseguir alguns charutos Trichinopoli, e ele me indicou um pequeno lugar em frente ao seu

alojamento. Depois eu descobri que ele estava certo, mas ‘em frente’ é uma referência perigosa, quando uma casa decente fica em frente a cinco ou seis barracos. Por isso, eu devo ter confundido a porta. Ela se abriu com dificuldade e lá dentro só havia escuridão, mas quando me virei, a porta atrás de mim fechou e se acomodou em seu lugar com o ruído de inúmeros ferrolhos. Não havia nada a fazer, a não ser seguir em frente, o que fiz passagem após passagem naquele lugar escuro como breu. Então cheguei a um lance de escada e depois a uma porta maciça, trancada por um trinco de elaborada ferragem oriental, que primeiro eu só consegui perceber pelo tato, mas que finalmente abri. Saí em nova escuridão, meio transformada em um crepúsculo esverdeado por uma multidão de lâmpadas pequenas, mas firmes, abaixo. Elas mostravam apenas os pés ou franjas de alguma arquitetura enorme e vazia. Bem na minha frente estava algo que parecia uma montanha. Confesso que quase caí na grande plataforma de pedra em que emergi, ao perceber que se tratava de um ídolo. E o pior de tudo, um ídolo de costas para mim.

“Era algo menos que semi-humano, eu imaginei, a julgar pela pequena cabeça atarracada, e ainda mais por algo como uma cauda ou membro extra virado para trás e apontando, como um dedo grande e repulsivo, para algum símbolo gravado no centro da vasta pedra atrás. Eu tinha começado, na penumbra, a adivinhar o hieróglifo, não sem horror, quando uma coisa mais horrível aconteceu. Uma porta se abriu silenciosamente na parede do templo atrás de mim e um homem saiu, de rosto moreno e com um paletó preto. Ele tinha um sorriso esculpido no rosto, pele de cobre e dentes de marfim, mas acho que o traço mais odioso dele eram seus trajes europeus. Eu estava preparado, eu acho, para sacerdotes em túnicas ou faquires nus. Mas aquilo parecia dizer que o diabo estava em todos os lugares da terra. Como de fato eu descobri que está.

“Se o senhor tivesse visto os Pés do Macaco’, disse ele, sorrindo firmemente, e sem outro prefácio, ‘nós seríamos muito gentis; o senhor só seria torturado e morreria. Se o senhor tivesse visto a Cara do Macaco, ainda assim seríamos muito moderados, muito tolerantes; o senhor só seria torturado e viveria. Mas como o senhor viu o Rabo do Macaco, devemos pronunciar a pior sentença, que é: está livre’.

“Quando ele disse essas palavras, ouvi o elaborado trinco de ferro, com o qual havia lutado, se destrancando automaticamente. Então, ao longe, nas passagens escuras por onde havia passado, ouvi a pesada porta da rua girando e se desferrolhando.

“É inútil pedir misericórdia; o senhor deve ir livre’, disse o homem sorridente. ‘Doravante um cabelo o matará como uma espada, e um

fôlego o morderá como uma víbora. Armas virão contra o senhor, do nada, e o senhor morrerá muitas vezes’. E com isso ele foi engolido mais uma vez na parede atrás, e eu saí para a rua”.

Cray fez uma pausa. O Padre Brown sentou-se impassivelmente no gramado e começou a colher margaridas.

Então o soldado continuou: — Putnam, é claro, com seu bom senso, desprezou todos os meus medos, e dessa época data sua dúvida sobre meu equilíbrio mental. Bem, vou simplesmente dizer-lhe, em poucas palavras, as três coisas que aconteceram desde então, e o senhor julgará qual de nós está certo.

“A primeira aconteceu em uma aldeia indiana na orla da selva, mas a centenas de quilômetros do templo, ou cidade, ou do tipo de tribos e costumes onde a maldição havia sido lançada sobre mim. Acordei na escuridão da meia-noite e não pensava em nada em particular, quando senti cócegas leves, como um fio de cabelo passando pela minha garganta. Eu me encolhi, fugindo, e não pude deixar de pensar nas palavras no templo. Mas quando me levantei e procurei luzes e um espelho, havia um fio em meu pescoço, um fio de sangue.

“A segunda aconteceu em um alojamento em Port Said, mais tarde, em nossa viagem de volta para casa. Era uma mistura de taverna e loja de curiosidades, e embora não houvesse nada lá remotamente sugerindo o culto ao Macaco, é claro que é possível que algumas de suas imagens ou talismãs estivessem em tal lugar. Sua maldição estava lá, de qualquer maneira. Acordei novamente no escuro, com uma sensação que não poderia ser colocada em palavras mais frias ou mais literais do que estas: o ato de respirar me mordida, como uma víbora. A existência era uma agonia de extinção. Bati minha cabeça contra as paredes, até bater contra uma janela da qual caí, em vez de pular, para o jardim abaixo. Putnam, coitado, que chamara o outro evento de um arranhão casual, estava fadado a levar a sério o fato de me encontrar semiconsciente na grama ao amanhecer. Mas temo que foi meu estado mental que o preocupou, não a minha história.

“A terceira aconteceu em Malta. Lá estávamos em uma fortaleza e, por acaso, nossos quartos davam para o mar aberto, que quase chegava até o peitoril da janela, exceto por uma parede externa lisa e branca, tão nua quanto o mar. Acordei de novo, mas não estava escuro. A lua estava cheia quando eu caminhei até a janela. Eu poderia ter visto um pássaro na ameia nua ou uma vela no horizonte. O que vi foi uma espécie de galho girando, flutuando, no céu vazio. Ele voou direto para a minha janela e quebrou a lâmpada ao lado do travesseiro onde eu estivera

deitado instantes antes. Era um daqueles bastões de guerra de formato estranho que algumas tribos orientais usam. Mas não veio de nenhuma mão humana”.

O Padre Brown jogou fora uma guirlanda de margaridas que estava fazendo e levantou-se com olhar melancólico.

— O Major Putnam — ele perguntou — tem alguma curiosidade oriental, ídolos, armas e coisas do tipo, de onde se possa formar uma ideia? — Muitos deles, embora eu tema que não sejam muito úteis — respondeu Cray. — De qualquer maneira, vamos ao escritório.

Ao entrarem, passaram pela Srta. Watson abotoando as luvas para ir à igreja e ouviram a voz de Putnam no andar de baixo, ainda dando uma aula de culinária para o cozinheiro. No escritório do major, e covil de curiosidades, encontraram-se repentinamente com um terceiro, de chapéu de seda e vestido a passeio, que examinava atentamente um livro aberto sobre a mesa de fumar, um livro que, com certa culpa, deixou cair e se virou.

Cray apresentou-o com bastante civilidade, como Dr. Oman, mas traindo tanto desagrado em seu próprio rosto que Brown supôs que os dois homens, quer Audrey soubesse ou não, eram rivais. O próprio padre não discordou inteiramente daquela implicância. O Dr. Oman era realmente um cavalheiro muito bem-vestido, de bom porte, embora moreno demais para um asiático. O Padre Brown teve de lembrar a si mesmo que se deve ter caridade mesmo com aqueles que enceram e modelam suas barbas, os que têm pequenas mãos enluvadas e que falam com vozes perfeitamente moduladas.

Cray pareceu se irritar especialmente com o pequeno livro de orações nas mãos enluvadas de Oman.

— Não sabia que isso lhe interessava — disse de forma rude. Oman riu suavemente, mas sem ofensa.

— Esse tem mais a ver, eu sei — ele disse, pondo a mão no grande livro que ele havia deixado cair —, um dicionário de drogas e coisas assim. Mas é grande demais para levar para a igreja. — Então ele fechou o livro maior, demonstrando um leve toque de pressa e constrangimento.

— Suponho — disse o padre, que parecia ansioso para mudar de assunto — que todas essas lanças e objetos são da Índia.

— De todos os lugares — respondeu o médico. — Putnam é um velho soldado que já esteve no México, na Austrália e nas Ilhas Canibais, até

onde eu sei.

— Espero que não tenha sido nas Ilhas Canibais — disse Brown — que ele tenha aprendido a arte da culinária. — E correu os olhos pelas panelas e pelos outros utensílios estranhos da parede.

Nesse momento, o alegre assunto da conversa pôs seu rosto risonho de lagosta para dentro da sala.

— Venha, Cray — gritou. — Seu almoço está chegando. E os sinos estão tocando para quem quer ir à igreja.

Cray deslizou escada acima, para se trocar. O Dr. Oman e a Srta. Watson desceram solenemente a rua, com toda a turma que também seguia para a igreja, mas o Padre Brown notou que o médico olhou duas vezes para trás e esquadrinhou a casa, e até voltou à esquina da rua para olhá-la novamente.

O padre parecia confuso.

— *Ele* não pode ter estado na lata de lixo — murmurou. — Não com essas roupas. Ou teria estado lá hoje mais cedo? O Padre Brown, quando sondava as pessoas, era tão sensível quanto um barômetro, mas hoje ele parecia tão sensível quanto um rinoceronte. Por nenhuma lei social, rígida ou implícita, poder-se-ia esperar que ele se demorasse no almoço dos amigos anglo-indianos, mas ele se demorou, cobrindo sua posição com torrentes de conversa divertida, mas totalmente desnecessária. Ainda mais intrigante era o seguinte: ele parecia não querer almoçar. Quando, um após o outro, os mais primorosamente equilibrados pratos indianos com caril, acompanhados de vinhos das safras apropriadas, eram apresentados aos outros dois, ele apenas repetia que estava fazendo jejum, e mastigava um pedaço de pão e bebia apenas um gole de um copo de água fria. Sua conversação, porém, estava exuberante.

— Vou dizer o que farei para vocês — gritou. — Vou preparar uma salada para vocês! Não posso comer, mas prepararei uma salada angelical! O senhor tem uma alface aí? — Infelizmente é o único item que temos — respondeu o bem-humorado Major. — O senhor deve se lembrar que mostarda, vinagre, azeite e outros apetrechos se foram, com o galheteiro e o ladrão.

— Eu sei — respondeu Brown, um tanto vagamente. — É o que mais temo que aconteça. É por isso que sempre carrego um galheteiro comigo. Gosto muito de saladas.

E, para espanto dos dois homens, tirou um pimenteiro do bolso do colete e colocou-o sobre a mesa.

— Eu me pergunto por que o ladrão queria mostarda também — continuou, tirando um pote de mostarda do outro bolso. — Para fazer uma máscara de mostarda, suponho. E vinagre — apresentando este condimento —, não ouvi falar de vinagre e papel pardo? Quanto ao óleo, acho que o coloquei no lado esquerdo... Sua tagarelice foi interrompida por um instante. Ao erguer os olhos, ele viu o que ninguém mais viu: a figura negra do Dr. Oman em pé, no gramado ensolarado, e olhando fixamente para a sala. Antes que ele pudesse se recuperar, Cray estava falando.

— O senhor é uma figura — ele disse, encarando-o. — Eu gostaria de ouvir seus sermões, se forem tão divertidos quanto seus atos. — Sua voz mudou um pouco, e ele se recostou na cadeira.

— Ah, também existem sermões sobre itens de galheteria — disse o Padre Brown, muito gravemente. — O senhor já ouviu falar da fé semelhante a um grão de mostarda, ou da caridade que unge com óleo? E quanto ao vinagre, será que algum soldado pode esquecer aquele soldado solitário, que, quando o sol escureceu... O Coronel Cray se inclinou um pouco para a frente, agarrando a toalha da mesa.

O Padre Brown, que preparava a salada, deitou duas colheres de mostarda no copo d'água ao lado dele, levantou-se e disse numa voz nova, alta e repentina: — Beba isso! No mesmo momento, o médico imóvel no jardim veio correndo e, abrindo uma janela, gritou: — Precisam de mim? Ele foi envenenado? — Quase — disse Brown, com a sombra de um sorriso, pois o emético teve efeito imediato, e Cray estava deitado em uma espreguiçadeira, ofegante, mas vivo.

O Major Putnam se levantou, seu rosto arroxeadado.

— Um crime! — gritou ele com voz rouca. — Vou chamar a polícia! O padre pôde ouvi-lo tirando o chapéu do cabide e voando pela porta da frente. Ouviu o portão do jardim bater. Ele ficou parado, olhando para Cray, e depois de um silêncio, disse baixinho: — Não vou falar muito com o senhor, mas eu vou contar o que o senhor quer saber. Não há maldição. O Templo do Macaco foi uma coincidência ou parte do truque, o truque de um homem branco. Há uma única arma que faz sangrar com um mero toque de pena: uma navalha empunhada por um homem branco. Há uma única maneira de fazer uma sala comum se encher de veneno invisível e avassalador: ligar o gás, o crime de um homem branco. E há apenas um tipo de taco que pode ser jogado pela

janela, girar no ar e voltar pela janela ao lado: o bumerangue australiano. O senhor verá alguns deles no escritório do major.

Com isso ele saiu e falou por um momento com o médico. No momento seguinte, Audrey Watson entrou correndo em casa e caiu de joelhos ao lado da cadeira de Cray. O padre não conseguia ouvir o que diziam um ao outro, mas seus rostos se moviam com espanto, não com infelicidade. O médico e o padre caminharam lentamente em direção ao portão do jardim.

— Acho que o major também estava apaixonado por ela — ele disse com um suspiro, e quando o outro assentiu, observou: — O senhor foi muito generoso, doutor. O senhor fez uma coisa boa. Mas o que o levou a suspeitar? — Uma coisa muito pequena — disse Oman —, mas eu estava inquieto na igreja, até voltar para ver que estava tudo bem. Aquele livro na mesa era uma obra sobre venenos, e estava aberto no lugar onde se afirmava que um certo veneno indiano, embora mortal e difícil de rastrear, era particularmente fácil de reverter pelo emprego dos eméticos mais comuns. Suponho que ele tenha lido isso no último momento e... — E lembrou que havia eméticos no galheteiro — disse o Padre Brown. — Exatamente. Ele jogou o galheteiro na lata de lixo, onde eu o encontrei, junto com as outras pratarias, sob o disfarce de um falso roubo. Mas se o senhor olhar para aquele pimenteiro que coloquei na mesa, verá um pequeno orifício. Foi onde pegou a bala de Cray, espalhando a pimenta e fazendo o criminoso espirrar.

Houve um silêncio. Em seguida, o Dr. Oman disse severamente: — O major já está há muito tempo procurando a polícia.

— Ou estará a polícia à procura do major? — disse o padre.

— Bem, até logo.

xi

O estranho crime de John Boulnois

O

Sr. Calhoun Kidd era um cavalheiro muito jovem com um rosto bastante envelhecido, ressecado pela própria avidez, moldurado por

cabelos preto-azulados e uma gravata borboleta preta. Era o correspondente na Inglaterra do colossal diário americano chamado *Western Sun*, também conhecido, humoristicamente, como o “sol nascente”, em alusão a uma grande declaração jornalística (atribuída ao próprio Sr. Kidd) de que na sua opinião “o sol ainda nasceria no Oeste, se os cidadãos americanos se esforçassem um pouco mais”. Aqueles, no entanto, que zombam do jornalismo americano do ponto de vista de tradições um pouco mais suaves, esquecem um certo paradoxo que o redime, em parte, pois enquanto o jornalismo dos Estados Unidos permite uma vulgaridade pantomímica muito além de qualquer coisa inglesa, também demonstra uma verdadeira preocupação com problemas mentais mais sérios, da qual os jornais ingleses são inocentes, ou melhor, incapazes. O *Sun* estava cheio dos assuntos mais solenes tratados da maneira mais ridícula. William James era citado nele como “Willistragado”, e pragmatistas e pugilistas se alternavam na longa procissão de perfis.

Assim, quando um acadêmico muito discreto de Oxford, chamado John Boulnois, publicou em uma revista completamente ilegível chamada *Filosofia natural*, uma série de artigos sobre supostos pontos fracos na evolução darwiniana, isso não causou transtorno algum nos jornais ingleses, embora a teoria de Boulnois (que era a de um universo comparativamente estacionário, ocasionalmente visitado por convulsões de mudança) tivesse alguma notoriedade um tanto extravagante em Oxford, e chegasse a ser chamada de “catastrofismo”. Mas muitos jornais americanos aceitaram o desafio como um grande evento, e o *Sun* lançava a sombra do Sr. Boulnois de forma gigantesca em suas páginas. Pelo paradoxo já observado, artigos de valiosa inteligência e entusiasmo foram apresentados com manchetes aparentemente escritas por um maníaco analfabeto, manchetes como “DARWIN COME POEIRA: CRÍTICO BOULNOIS DIZ QUE ELE É DOIDO” ou “O NEGÓCIO É CONTINUAR CATASTRÓFICO, DIZ O PENSADOR BOULNOIS”. E o Sr. Calhoun Kidd, do *Western Sun*, foi convidado a levar sua gravata borboleta e seu rosto lúgubre até a casinha nos arredores de Oxford, onde o Pensador Boulnois vivia na feliz ignorância de possuir tal título.

O predestinado filósofo consentiu, de maneira um tanto atordoada, em receber o entrevistador e marcou a hora das nove da noite. O final de um pôr do sol de verão envolvia Cumnor e as colinas baixas e arborizadas. O romântico ianque duvidava de seu caminho e estava curioso sobre o ambiente, e vendo aberta a porta de uma autêntica estalagem feudal rural, *The Champion Arms*, ele entrou para fazer perguntas.

Tocou a campainha do bar e teve de esperar um pouco para ser atendido. O único freguês presente era um homem magro, de cabelos ruivos curtos e roupas soltas, com aparência de cavalo, que estava bebendo um uísque muito ruim, mas fumando um charuto muito bom. O uísque, naturalmente, era a marca exclusiva da *The Champion Arms*, e o charuto ele provavelmente trouxera de Londres. Não poderia haver maior contraste entre seu roupão confortável e a aridez janota do jovem americano! Mas algo em seu lápis, um caderno de anotações aberto e talvez a expressão de seus olhos azuis e vivos fizeram Kidd adivinhar, com fundamento, que ele era um colega jornalista.

— Você poderia me fazer o favor — pediu Kidd, com a cortesia de sua nação — de me indicar o caminho para o Chalé Gray, onde mora o Sr. Boulnois, pelo que estou informado? — Fica a alguns metros estrada abaixo — disse o ruivo, tirando o charuto. — Eu mesmo passarei por ele em um minuto, mas irei ao Parque Pendragon para tentar ver a diversão.

— O que é o Parque Pendragon? — perguntou Calhoun Kidd.

— O lugar de Sir Claude Champion. O senhor não veio para isso também? — perguntou o outro jornalista, olhando para cima.

— O senhor é jornalista, não é? — Vim ver o Sr. Boulnois — disse Kidd.

— Vim ver a Sra. Boulnois — respondeu o outro. — Mas não vou buscá-la em casa. — E ele riu desagradavelmente.

— O senhor se interessa pelo catastrofismo? — perguntou o indagador ianque.

— Estou interessado em catástrofes, e haverá algumas — respondeu seu companheiro, sombriamente. — O meu negócio é nojento e nunca finjo que não é.

Com isso cuspiu no chão. No entanto, de alguma forma, no próprio ato e instante, podia-se perceber que o homem havia sido criado como um cavalheiro.

O jornalista americano o considerou com mais atenção. Seu rosto era pálido e dissipado, com a promessa de paixões formidáveis ainda a serem liberadas, mas era um rosto inteligente e sensível. Suas roupas eram grosseiras e descuidadas, mas ele tinha um bom anel de sinete em um de seus dedos longos e finos. Seu nome, que surgiu no decorrer da conversa, era James Dalroy. Era filho de um proprietário irlandês falido e estava ligado a um jornal cor-de-rosa que ele desprezava de coração,

chamado *Smart Society*, na qualidade de repórter e de algo dolorosamente parecido com um espião.

O *Smart Society*, lamento dizer, não sentia qualquer interesse pelo trabalho de Boulnois sobre Darwin, que tanto atraía os pensamentos e afetos do *Western Sun*. Dalroy tinha vindo, ao que parecia, para seguir o odor de um escândalo que poderia muito bem terminar no tribunal do divórcio, mas que no momento pairava entre o Chalé Gray e o Parque Pendragon.

Sir Claude Champion era tão conhecido pelos leitores do *Western Sun* quanto o Sr. Boulnois, assim como o Papa e o vencedor do Derby, mas a ideia de uma intimidade entre os dois teria parecido a Kidd igualmente incongruente. Ele tinha ouvido falar de Sir Claude Champion (e escrito sobre ele, ou melhor, falsamente fingido conhecê-lo) como “um dos mais brilhantes e ricos dos dez mais da Inglaterra”; como o grande esportista que deu a volta ao mundo em iates; como o grande viajante que escreveu livros sobre o Himalaia; como o político que varreu o eleitorado com uma espécie surpreendente de democracia dos *tory*; e como o grande diletante em arte, música, literatura e, acima de tudo, atuação. Sir Claude era realmente magnífico a outros olhos que não os americanos. Havia algo do príncipe renascentista em sua cultura onívora e publicidade incansável; ele não era apenas um grande amador, mas um amador ardente. Não havia nele aquela frivolidade antiquada que transmitimos pela palavra “diletante”.

Aquele perfil impecável de falcão com olho negro-púrpura, italiano, tantas vezes fotografado tanto para o *Smart Society* quanto para o *Western Sun*, dava a todos a impressão de um homem consumido pela ambição, como se ela fosse um incêndio ou uma doença. Mas, embora Kidd soubesse muito sobre Sir Claude — muito mais, na verdade, do que havia para saber —, nunca teria pensado, em seus devaneios mais loucos, em conectar um aristocrata tão vistoso com o recém-descoberto fundador do catastrofismo, ou adivinhar que Sir Claude Champion e John Boulnois poderiam ser amigos íntimos. No entanto, esse era o fato, de acordo com o relato de Dalroy. Os dois haviam caçado em dupla na escola e na faculdade e, embora seus destinos sociais fossem muito diferentes (pois Champion era um grande proprietário e quase um milionário, enquanto Boulnois era um acadêmico pobre e, até recentemente, desconhecido), eles ainda mantinham contato muito próximo um com o outro. Na verdade, o chalé de Boulnois ficava bem do lado de fora dos portões do Parque Pendragon.

Mas havia uma questão sombria e feia: se os dois homens poderiam continuar sendo amigos por muito mais tempo. Um ou dois anos antes,

Boulnois havia se casado com uma atriz bonita e de algum sucesso, a quem ele era devotado em seu próprio estilo tímido e ponderado, e a proximidade de sua casa com a de Champion dera àquela celebridade volúvel a oportunidade de se portar de uma maneira que não podia deixar de causar uma agitação dolorosa e um tanto vil. Sir Claude havia levado a arte da publicidade à perfeição, e parecia ter um prazer louco em desempenhar um papel igualmente ostentoso em uma intriga que não poderia lhe render nenhuma espécie de honra. Os lacaios de Pendragon estavam perpetuamente deixando buquês para a Sra. Boulnois, carruagens e automóveis chamavam perpetuamente na casa da Sra. Boulnois, bailes e máscaras enchiam perpetuamente o terreno em que o baronete apresentava a Sra. Boulnois como a rainha do amor e da beleza em torneios. Naquela mesma noite, agendada pelo Sr. Kidd para ouvir a explicação do catastrofismo, Sir Claude Champion agendara uma versão ao ar livre de *Romeu e Julieta*, na qual ele interpretaria o Romeu de uma Julieta cujo nome nem precisamos dizer.

— Eu não acho que essa situação pode continuar sem crise — disse o jovem com cabelo vermelho, levantando-se e sacudindo-se.

— Ou o velho Boulnois vai ser enquadrado, ou ele é uma besta quadrada. Mas se for uma besta quadrada, vai ser um quadrado grande, um cubo, vá lá. Eu só não acredito que continue tudo bem.

— Ele é um homem de grandes poderes intelectuais — disse Calhoun Kidd com voz profunda.

— Sim — respondeu Dalroy — mas mesmo um homem de grandes poderes intelectuais não pode ser tão idiota. O senhor precisa ir? Eu mesmo já estou saindo, dentro de um ou dois minutos.

Mas Calhoun Kidd, tendo acabado de tomar um leite com soda, dirigiu-se espertamente pela estrada em direção ao Chalé Grey, deixando seu cínico informante com seu uísque e tabaco. A última luz do dia havia desaparecido, os céus eram de um cinza escuro e esverdeado como ardósia, cravejado aqui e ali com uma estrela, sendo mais claro o lado esquerdo do céu, com a promessa de uma lua nascente.

O Chalé Grey, que ficava entrincheirado, por assim dizer, em um quadrado de sebes altas e rígidas de espinhos, estava tão perto dos pinheiros e palçadas do Parque que, num primeiro momento, Kidd pensou que fosse o alojamento do porteiro do Parque. Encontrando, porém, o nome no estreito portão de madeira, e vendo no relógio que o ponteiro acabava de marcar a hora combinada para o encontro com o

“pensador”, ele avançou e bateu na porta da frente. Dentro da cerca viva do jardim, ele podia ver que a casa, embora bastante desprestigiada, era maior e mais luxuosa do que parecia inicialmente, e que era um tipo de lugar bem diferente do alojamento de um porteiro. Um canil e uma colmeia ficavam do lado de fora, como símbolos da antiga vida campestre inglesa. A lua estava nascendo atrás de uma plantação de pereiras prósperas. O cachorro que saiu do canil tinha uma aparência honorável e relutava em latir, e o criado simples e idoso que abriu a porta foi breve, mas digno.

— O Sr. Boulnois pediu-me que apresentasse as suas desculpas, senhor — disse ele —, mas foi obrigado a sair repentinamente.

— Mas, veja, eu tinha hora marcada — disse o entrevistador, com a voz subindo. — O senhor sabe para onde ele foi? — Para o Parque Pendragon, senhor — disse o criado, um tanto sombrio, e começou a fechar a porta.

Kidd se agitou um pouco.

— Ele foi com a senhora... com mais alguém? — perguntou um tanto vagamente.

— Não, senhor — disse o homem brevemente —, ele ficou para trás e depois saiu sozinho. — E fechou a porta rudemente, com ar de dever não cumprido.

O americano, aquele curioso composto de insolência e sensibilidade, estava aborrecido. Sentiu um forte desejo de levar certas pessoas para um canto e ensinar-lhes profissionalismo — o velho cão grisalho, o velho mordomo grisalho e de rosto pesado com sua camisa pré-histórica, a velha lua sonolenta e, acima de tudo, o velho filósofo de cérebro disperso que não conseguia comparecer a um compromisso.

— Se ele é assim, merece perder a imaculada devoção de sua esposa — disse o Sr. Calhoun Kidd. — Mas talvez ele tenha ido fazer um escândalo. Nesse caso, acho que um homem do *Western Sun* estará lá para ver.

E dobrando a esquina junto aos portões abertos do alojamento, ele partiu, subindo a longa avenida de pinheiros negros que apontavam em perspectiva abrupta para os jardins internos do Parque Pendragon. As árvores eram tão negras e ordenadas como as plumas de um carro fúnebre. Ainda havia algumas estrelas. Ele era um homem com associações mais literárias do que diretas e naturais; a palavra

“RavensWood”¹⁶ veio à sua cabeça repetidamente, em parte pela cor de corvo dos pinheiros, mas em parte também pela atmosfera indescritível sugerida na grande tragédia de Scott: o cheiro de algo que se foi no século XVIII, de jardins úmidos e urnas quebradas, de injustiças que agora nunca serão corrigidas, de algo que não deixa de ser incuravelmente triste porque é estranhamente irreal.

Mais de uma vez, ao subir aquela estrada estranha e negra de artifício trágico, ele parou, assustado, pensando ouvir passos adiante. Ele não conseguia ver nada à frente, exceto as sombrias paredes gêmeas de pinho e a cunha de céu estrelado acima deles. A princípio ele pensou que os devia ter imaginado ou se enganado por um mero eco de seu próprio caminhar. Mas, à medida que prosseguia, ele estava cada vez mais inclinado a concluir, com os restos de sua razão, que realmente havia outros pés na estrada. Ele pensava vagamente em fantasmas e ficou surpreso com a rapidez com que pôde ver a imagem de um fantasma típico da região, com um rosto tão branco quanto o de Pierrot, mas com manchas pretas. O vértice do triângulo de céu azul-escuro estava ficando mais claro e mais azul, mas ele não percebeu imediatamente que era porque estava se aproximando das luzes da grande casa e do jardim. Ele só sentia que o clima ficava mais intenso, que havia na tristeza mais violência e sigilo... que havia mais... hesitou quanto à palavra, e depois a pronunciou, gargalhando: catastrofismo.

Mais pinheiros, mais caminhos passaram por ele, e então ele estacou, preso ao chão como se atingido por um passe de mágica. É vão dizer que ele se sentiu como se tivesse entrado em um sonho, mas naquele momento ele teve certeza de que havia entrado em um livro. Pois nós, seres humanos, estamos acostumados às coisas inadequadas; estamos acostumados ao tumulto do incongruente: ele é uma música que não nos impede de dormir. Se uma coisa apropriada acontece, ela nos acorda como a pontada de um acorde perfeito. Aconteceu algo do tipo que aconteceria em tal lugar, numa história esquecida.

Assomou voando, sobre o pinheiro negro, uma espada nua — um florete dos mais esguios e brilhantes que jamais poderiam ter disputado duelos injustos naquele parque ancestral. Ela caiu no caminho, bem à frente dele, e ficou lá, brilhando como uma grande agulha. Ele correu como uma lebre e se abaixou para olhar. Vista de perto, tinha um aspecto bastante vistoso: as grandes pedras vermelhas na empunhadura e na guarda eram um pouco duvidosas. Mas havia outras gotas vermelhas na lâmina que não deixavam qualquer dúvida.

Desesperado, ele olhou em volta, na direção de onde viera o projétil deslumbrante, e viu que naquele ponto o caminho arenoso de abetos e

pinheiros era interrompido por uma estrada menor em ângulo reto, a qual, após percorrê-la, o pôs à vista da casa comprida e iluminada, com um lago e fontes à sua frente. No entanto, ele não olhou para ela, tendo algo mais interessante para olhar.

Acima dele, no ângulo da íngreme subida verde do jardim em patamares, estava uma daquelas pequenas surpresas pitorescas comuns na antiga jardinagem paisagística, uma espécie de pequena colina redonda, uma cúpula de grama, como uma toca de toupeira gigante, rodeada e coroada por três cercas concêntricas de rosas, e tendo um relógio de sol no ponto mais alto, no centro. Kidd podia ver o dedo do mostrador escuro, ereto contra o céu como a barbatana dorsal de um tubarão, e o inútil toque da luz da lua naquele inútil relógio. Mas ele viu algo mais tocando-o também, num instante terrível: a figura de um homem.

Embora o tenha visto ali apenas por um momento, embora seu traje fosse exótico e incrível, estando vestido do pescoço aos calcanhares em um carmesim apertado, com reflexos de ouro, ainda assim ele soube em um instante à luz do luar quem era o homem. Aquele rosto branco lançado para o céu, barbeado e tão estranhamente jovem, como um Byron de nariz romano, aqueles cachos negros já grisalhos, ele os vira nos mil retratos públicos de Sir Claude Champion. A selvagem figura vermelha cambaleou um instante contra o relógio de sol; no seguinte, rolou pela encosta íngreme e caiu aos pés do americano, movendo ligeiramente um braço. Um enfeite de ouro berrante e não natural no braço subitamente lembrou Kidd de *Romeu e Julieta*. É claro que a roupa carmesim justa fazia parte da peça, mas havia uma longa mancha vermelha no promontório do qual o homem havia rolado — que não fazia parte da peça. O corpo tinha sido atravessado.

O Sr. Calhoun Kidd gritou e gritou de novo. Mais uma vez ele sentiu que ouvia passos fantasmagóricos e veio a perceber outra figura já perto dele. Ele reconheceu a figura, e ainda assim ela o aterrorizou. A juventude dissipada que se denominava Dalroy tinha um jeito terrivelmente quieto. Se Boulnois não aparecia nos locais e horas combinados, Dalroy tinha um jeito sinistro de aparecer em locais e horas onde não era esperado. O luar descoloria tudo, e o rosto pálido sob o cabelo ruivo de Dalroy parecia menos branco do que verde-claro.

Todo esse impressionismo mórbido deve ser a desculpa de Kidd para ter gritado, brutalmente e além de qualquer razão: — Você fez isso, seu demônio? James Dalroy sorriu seu sorriso desagradável, mas antes que pudesse falar, a figura caída fez outro movimento do braço, acenando vagamente em direção ao local onde a espada caiu. Então veio um

gemido, e ele conseguiu falar: — Boulnois... Boulnois, eu digo... Boulnois fez isso... ciúmes de mim... ele tinha ciúmes, tinha, tinha... Kidd abaixou a cabeça para ouvir mais, e conseguiu captar as palavras: — Boulnois... com minha própria espada... ele a jogou... Mais uma vez, a mão enfraquecida apontou a espada e então enrijeceu num baque. Subia das profundezas de Kidd todo aquele humor acre que é o estranho sabor da seriedade de sua raça.

— Veja aqui — ele disse brusca e autoritariamente —, você precisa chamar um médico. Este homem está morto.

— E um padre também, suponho — disse Dalroy de uma maneira indecifrável. — Todos esses Champions são papistas.

O americano ajoelhou-se ao lado do corpo, sentiu o coração, arrumou a posição da cabeça e fez alguns últimos esforços de reanimação, mas antes que o outro jornalista reaparecesse, seguido por um médico e um padre, ele já estava preparado para afirmar que era tarde demais.

— Você também chegou tarde? — perguntou o médico, um homem sólido de aparência próspera, com bigodes e costeletas convencionais, mas de olhos vivos, que investiam duvidosos sobre Kidd.

— Em certo sentido — falou lentamente o correspondente do *Sun*. — Cheguei tarde demais para salvar o homem, mas acho que cheguei a tempo de ouvir algo importante: ouvi o morto denunciar seu assassino.

— E quem é o assassino? — perguntou o médico, juntando as sobrancelhas.

— Boulnois — disse Calhoun Kidd, e assobiou baixinho.

O médico olhou para ele sombriamente, com a sobrancelha avermelhada, mas não discutiu. Então o padre, uma figura mais baixa ao fundo, disse suavemente: — Pelo que entendi, o Sr. Boulnois não viria ao Parque Pendragon esta noite.

— Também nesse aspecto — disse o ianque sombriamente — pode ser que eu tenha um fato ou dois para oferecer ao velho país. Sim, senhores, John Boulnois ia ficar em casa hoje, a noite toda: ele tinha um encontro marcado comigo lá. Mas John Boulnois mudou de ideia; John Boulnois deixou sua casa abruptamente e sozinho, e veio para este maldito parque há uma hora ou mais. Seu mordomo me disse isso. Acho que temos o que a sapientíssima polícia chama de pista. Vocês mandaram chamá-los? — Sim — disse o médico —, mas ainda não alarmamos mais ninguém.

— A Sra. Boulnois sabe? — perguntou James Dalroy, e novamente Kidd percebeu um desejo irracional de dar um soco na boca dele.

— Não contei a ela — disse o médico asperamente. — Mas aí vem a polícia.

O padre havia saído para a avenida principal e agora voltava com a espada caída, que parecia ridiculamente grande e teatral junto à sua figura atarracada, ao mesmo tempo clerical e comum.

— Antes de a polícia chegar — ele disse com um tom de desculpas —, alguém tem uma lanterna? O jornalista ianque tirou uma lanterna elétrica do bolso e o padre a segurou perto da parte central da lâmina, que examinou com cuidado. Então, sem olhar para a ponta ou o punho, ele entregou a arma longa ao médico.

— Infelizmente, eu acho que não poderei ajudar em nada aqui — disse, com um breve suspiro. — Boa noite para vocês, senhores.

— E ele se afastou pela avenida escura em direção à casa, as mãos cruzadas atrás do corpo e a grande cabeça inclinada em cogitação.

O resto do grupo apressou-se na direção dos portões, onde um inspetor e dois policiais já podiam ser vistos em consulta com o caseiro. Mas o padre só andava cada vez mais devagar no claustro de pinho escuro, e por fim parou nos degraus da casa. Era sua maneira silenciosa de reconhecer uma abordagem igualmente silenciosa, pois vinha em sua direção uma presença que poderia ter satisfeito até mesmo Calhoun Kidd em suas expectativas de um fantasma adorável e aristocrático. Era uma jovem vestida de cetim prateado, de desenho renascentista. Ela tinha cabelos dourados em duas longas mechas brilhantes, e entre elas um rosto tão pálido que parecia criselefantino — isto é, feito, como algumas estátuas gregas antigas, de marfim e ouro. Mas seus olhos eram muito brilhantes e sua voz, embora baixa, era confiante.

— Padre Brown? — ela disse.

— Sra. Boulnois? — ele respondeu gravemente. Então ele olhou para ela e imediatamente disse: — Vejo que já sabe sobre Sir Claude.

— Como sabe que eu sei? — perguntou firmemente. Ele não respondeu, mas fez outra pergunta: — A senhora viu seu marido? — Meu marido está em casa — disse ela. — Ele não tem nada a ver com isso.

Mais uma vez o Padre Brown nada respondeu, e a mulher se

aproximou dele com uma expressão curiosamente intensa no rosto.

— Devo dizer mais alguma coisa? — disse ela, com um sorriso bastante medroso. — Não acho que foi ele, e o senhor também não. — O Padre Brown devolveu o olhar dela com um olhar longo e sério, e então assentiu, ainda mais gravemente.

— Padre Brown — disse a senhora —, vou contar tudo o que sei, mas quero que me faça um favor primeiro. Pode me dizer *por que* não concluiu precipitadamente pela culpa do pobre John, como todos os outros? Não se importe em medir as palavras: eu... eu sei das fofocas e que as aparências estão contra mim.

O Padre Brown parecia sinceramente embaraçado e passou a mão na testa.

— Duas coisinhas — ele disse. — Uma, pelo menos, é muito trivial e a outra, muito vaga. Mas, considerando-as, não levam a crer que Boulnois seja o assassino.

Virou seu vazio e redondo rosto para as estrelas e continuou distraído: — Vamos começar com a ideia vaga. Eu acho as ideias vagas muito importantes. Todas as coisas que “não são evidências” são as que me convencem. Acho uma impossibilidade moral a maior de todas as impossibilidades. Conheço seu marido apenas ligeiramente, mas acho que esse crime da parte dele, como geralmente concebido, é algo muito parecido com uma impossibilidade moral. Por favor, não pense que eu queira dizer que Boulnois não poderia ser tão perverso. Qualquer um pode ser mau, tão mau quanto quiser. Podemos direcionar nossas vontades morais, mas geralmente não podemos mudar nossos gostos instintivos e maneiras de fazer as coisas. Boulnois pode cometer um assassinato, mas não poderia cometer esse assassinato. Ele não arrancaria a espada de Romeu de sua bainha romântica, ou mataria seu inimigo no relógio de sol, como em uma espécie de altar, ou deixaria seu corpo entre as rosas, ou arremessaria a espada para longe, entre os pinheiros. Se Boulnois matasse alguém, ele o faria silenciosa e obtusamente, como faria qualquer outra coisa questionável como... tomar um décimo copo de vinho do Porto ou ler, à toa, um poeta grego. Não, o cenário romântico não combina Boulnois. Combina mais com Champion.

— Ah! — disse ela, e olhou para ele com olhos de diamantes.

— E a trivial é essa — disse Brown. — Havia impressões digitais naquela espada. As impressões digitais podem ser detectadas muito

tempo depois de serem feitas, se estiverem em alguma superfície polida, como vidro ou aço. Aquelas estavam em uma superfície polida, na metade da lâmina da espada. De quem eram, eu também não sei, mas por que alguém seguraria uma espada pelo meio? Era uma espada longa, mas o comprimento é uma vantagem contra um inimigo. Pelo menos, contra a maioria dos inimigos. Contra todos os inimigos, exceto um.

— Exceto um — ela repetiu.

— Só existe um inimigo — disse o Padre Brown —, a quem é mais fácil matar com uma adaga do que com uma espada.

— Eu sei — disse a mulher. — A si mesmo.

Houve um longo silêncio, e então o padre disse baixinho, mas abruptamente: — Estou certo, então? Sir Claude se matou? — Sim — disse ela, com o rosto pálido como mármore. — Eu o vi fazer isso.

— Ele morreu — perguntou o Padre Brown — por amor a você? Uma expressão extraordinária brilhou em seu rosto, muito diferente de pena, modéstia, remorso ou qualquer coisa que seu companheiro esperasse: sua voz tornou-se repentinamente forte e cheia.

— Eu não acredito — ela disse — que ele já tenha se importado comigo. Ele odiava meu marido.

— Por quê? — perguntou o outro, desviando o rosto redondo do céu para a dama.

— Ele odiava o meu marido porque... é tão estranho que nem sei dizer... porque... — Sim? — disse Brown pacientemente.

— Porque o meu marido não o odiava.

O Padre Brown apenas balançou a cabeça e parecia ainda estar ouvindo. Ele diferia da maioria dos detetives reais e ficcionais em um pequeno ponto: ele nunca fingia não entender quando entendia perfeitamente bem.

A Sra. Boulnois se aproximou mais uma vez com o mesmo brilho contido de certeza.

— Meu marido — ela disse — é um grande homem. Sir Claude Champion não era um grande homem: era um homem célebre e bem-sucedido. Meu marido nunca foi célebre ou bem-sucedido, e é a verdade solene que ele nunca sonhou com essas coisas. Ele não espera ser famoso

por pensar mais do que por fumar charutos. Neste aspecto, tem uma espécie de estupidez esplêndida. Nunca cresceu. Ainda gostava de Champion exatamente como gostava dele na escola; admirava-o como admiraria um truque de mágica feito à mesa de jantar. Mas ele não conseguia conceber a ideia de *invejar* Champion. *E Champion queria ser invejado*. Ele enlouqueceu e se matou por isso.

— Sim — disse o Padre Brown. — Acho que começo a entender.

— Ah, o senhor não vê? — ela chorou. — O quadro todo é feito para isso, o local é planejado para isso. Champion colocou John em uma casinha em sua porta, como um dependente, para fazê-lo se *sentir um fracasso*. Nunca sentiu isso. Não pensa sobre essas coisas mais do que... do que um leão distraído pensaria. Champion aparecia nas horas mais modestas ou nas refeições mais caseiras de John com algum presente deslumbrante, ou anúncio, ou expedição, fazendo com que cada visita parecesse com uma visita do Califa Harune Arraxide, e John aceitava ou recusava amigavelmente e sem entusiasmo, por assim dizer, como um colegial preguiçoso concordando ou discordando de outro. Depois de cinco anos, John estava na mesma, e Sir Claude Champion estava enlouquecido.

— E Haman começou a falar-lhes — disse o Padre Brown — sobre todas as coisas em que o rei o honrara, e ele disse: “Todas essas coisas de nada me aproveitam enquanto vejo Mordecai, o hebreu, sentado no portão”.

— A crise veio — a Sra. Boulnois continuou — quando persuadi John a me deixar registrar algumas de suas especulações e enviá-las a uma revista. Elas começaram a chamar atenção, especialmente na América, e um jornal queria entrevistá-lo. Quando Champion (que era entrevistado quase todos os dias) ouviu falar dessa pequena migalha de sucesso caindo no prato de seu rival inconsciente, o último elo que segurava seu ódio diabólico foi quebrado. Então ele começou aquele cerco insano ao meu próprio amor e honra, que veio a ser o assunto do condado. O senhor vai me perguntar por que permiti tais atenções atrozes. Respondo que não poderia ter recusado a não ser explicando a meu marido, e há algumas coisas que a alma não pode fazer, como o corpo não pode voar. Não há como explicar esse tipo de coisa ao meu marido. Ninguém conseguiria explicá-lo agora. Se o senhor dissesse a ele com essas mesmas palavras “Champion está roubando sua esposa”, ele consideraria isso uma piada um tanto vulgar: a possibilidade de que não fosse uma piada não encontraria passagem para dentro de seu grande crânio. Bem, John viria nos ver atuar esta noite, mas quando estávamos partindo, ele disse que não viria. Ele tinha um livro interessante e um

charuto. Eu disse isso a Sir Claude, e foi o golpe mortal. O monomaniaco de repente viu o desespero. Ele se esfaqueou, gritando como um demônio que Boulnois o estava matando. Ele está lá no jardim, morto por sua própria inveja, para causar ciúme, e John está sentado na sala de jantar lendo um livro.

Houve outro silêncio, e então o padre disse: — Há apenas um ponto fraco, Senhora Boulnois, em todo o seu relato tão vívido. Seu marido não está sentado na sala de jantar lendo um livro. Aquele repórter americano me disse que esteve em sua casa, e seu mordomo lhe disse que o Sr. Boulnois tinha vindo para o Parque Pendragon, por fim.

Seus olhos brilhantes se arregalaram num brilho quase elétrico e, no entanto, mais afim à perplexidade do que à confusão ou medo.

— Como, o que o senhor quer dizer? — ela exclamou. — Todos os criados estavam fora da casa, assistindo as peças teatrais. E não temos mordomo, graças a Deus! O Padre Brown deu um salto e girou como um pião enlouquecido.

— O quê, o quê? — ele exclamou, parecendo repentinamente galvanizado. — Ouça: eu consigo fazer seu marido me ouvir, se eu for à sua casa? — Oh, os criados já devem estar de volta — disse ela, pensando.

— Certo, certo! — retorquiu energicamente o clérigo e partiu correndo pelo caminho em direção aos portões do parque. Virou-se uma vez para dizer: — Melhor pegar aquele ianque, ou “Crime de John Boulnois” vai aparecer por toda a república em letras grandes.

— O senhor não entende — disse a Sra. Boulnois. — Ele não se importaria. Não acho que ele acredite na existência da América. Quando o Padre Brown chegou à casa com a colmeia e o cachorro sonolento, uma pequena e arrumada criada conduziu-o à sala de jantar, onde Boulnois estava sentado lendo à luz de uma lamparina, exatamente como sua esposa o descrevera. Uma garrafa de vinho do Porto e uma taça de vinho estavam ao seu lado, e o padre notou, no mesmo instante em que entrou, que a longa cinza estava inteira em seu charuto.

“Está aqui há pelo menos meia hora”, pensou o Padre Brown. Na verdade, ele tinha o ar de estar sentado onde estava quando seu jantar foi retirado.

— Não se levante, Sr. Boulnois — disse o padre em seu jeito agradável e prosaico. — Não vou interrompê-lo um momento. Receio ter atrapalhado seus estudos científicos.

— Não — disse Boulnois. — Eu estava lendo *O polegar sangrento*. — Ele disse isso sem carranca nem sorriso, e seu visitante percebeu uma certa indiferença profunda e viril no homem, aquilo que sua esposa chamara de grandeza. Ele baixou na mesa o grotesco livro, sem sequer sentir a incongruência o suficiente para comentá-la com humor. John Boulnois era um homem grande, de movimentos lentos, com uma cabeça enorme, em parte grisalha e em parte calva, e feições duras e pesadas. Vestia um traje noturno surrado e muito antiquado, com uma estreita abertura triangular na frente da camisa: ele havia se vestido assim naquela noite em seu propósito original de ir ver sua esposa representar Julieta.

— Não vou afastá-lo do *Polegar sangrento* ou de qualquer outro caso catastrófico — disse o Padre Brown, sorrindo. — Só vim perguntar sobre o crime que cometeu esta noite.

Boulnois olhou para ele com firmeza, mas uma barra vermelha começou a aparecer em sua testa larga, e ele parecia alguém que estava descobrindo o constrangimento pela primeira vez.

— Eu sei que foi um crime estranho — assentiu Brown em voz baixa. — Para o senhor, talvez seja mais estranho do que um assassinato. Os pequenos pecados às vezes são mais difíceis de confessar do que os grandes, mas é por isso que é tão importante confessá-los. Seu crime é cometido por toda anfitriã elegante seis vezes por semana: e ainda assim, como o senhor pode entender, ele o atormenta como uma atrocidade inominável.

— Isso faz a gente se sentir — disse lentamente o filósofo — um maldito tolo.

— Eu sei — concordou o outro —, mas muitas vezes é preciso escolher entre se sentir um tolo e ser um.

— Não consigo me analisar bem — continuou Boulnois —, mas sentado naquela cadeira, com aquela história, eu me sentia feliz como um colegial num feriado prolongado. Segurança, eternidade... Não consigo expressar. Os charutos ao alcance... os fósforos ao alcance... o *Polegar* ainda apareceria mais quatro vezes... não era só uma paz, mas uma plenitude. Então a campainha tocou, e eu pensei, por um longo minuto mortal, que não conseguiria sair daquela cadeira. Literalmente, fisicamente, muscularmente não conseguiria. Então saí, como um homem erguendo o mundo, porque sabia que todos os servos estavam fora. Abri a porta da frente e havia um homenzinho com a boca aberta para falar e seu caderno aberto para escrever. Lembrei-me do

entrevistador ianque, porque havia esquecido. Seu cabelo estava repartido ao meio, e eu lhe digo que assassinato... — Compreendo — interrompeu o Padre Brown —, eu o vi.

— Eu não cometi assassinato — continuou o catastrofista suavemente —, mas apenas perjúrio. Eu disse que tinha ido até o Parque Pendragon e fechei a porta na cara dele. Esse é o meu crime, Padre Brown, e não sei que penitência o senhor me imporá por ele.

— Não vou impor penitência nenhuma — disse o senhor clerical, recolhendo o pesado chapéu e o guarda-chuva com ar de divertimento — muito pelo contrário. Eu vim aqui especialmente para livrá-lo da pequena penitência que, se eu não viesse, se seguiria à sua pequena infração.

— E qual — perguntou Boulnois, sorrindo — é a pequena penitência de que tão felizmente escapei? — Ser enforcado — disse o Padre Brown.

xii

O conto de fadas do Padre Brown

A

pitoresca cidade-estado de Heiligwaldenstein era um daqueles reinos lúdicos que ainda compõem certas partes do Império Alemão. A hegemonia prussiana não a alcançou até bem tarde na história, quase cinquenta anos antes do belo dia de verão em que Flambeau e o Padre Brown se viram sentados em seus jardins, bebendo cerveja. Havia, ali, não pouca memória de guerra e justiça selvagem, como logo será mostrado. Mas o simples olhar não lograva o descarte daquela impressão de infantilidade, que é o aspecto mais charmoso da Alemanha — aquelas pequenas monarquias de pantomima, tão paternais, em que um rei parece tão doméstico quanto um cozinheiro. Os soldados alemães das inúmeras guaritas eram estranhamente parecidos com brinquedos alemães, e as ameias bem definidas do castelo, douradas pelo sol, pareciam mais com um bolo confeitado. Era um tempo brilhante. O céu era de um azul tão prussiano quanto a própria Potsdam poderia exigir, mas era ainda mais parecido com aquele uso pródigo e brilhante da cor que uma criança extrai de um pote de tinta guache.

Até as árvores de nervuras cinzentas pareciam jovens, pois os agudos botões nelas ainda eram cor-de-rosa e, em um padrão contra o azul forte, pareciam uma multidão de figurinhas infantis.

Apesar de sua aparência prosaica e estilo de vida quase sempre prático, o Padre Brown não era isento de um certo romantismo em sua composição, embora geralmente guardasse seus devaneios para si mesmo, como as crianças geralmente fazem. Em meio às cores vivas e brilhantes de um dia como aquele, e na estrutura heráldica de tal cidade, ele se sentia como se tivesse entrado em um conto de fadas. Ele tinha um amor infantil, como o de um irmão mais novo, pela formidável bengala-espada que Flambeau sempre carregava em suas caminhadas, e que agora estava de pé ao lado de sua alta caneca de cerveja. Ora, em sua ociosidade sonolenta, ele até se viu olhando o cabo nodoso e desajeitado de seu próprio guarda-chuva velho, com algumas débeis lembranças da clava do ogro em um livro de colorir. Mas ele nunca compôs nenhum relato ficcional, a não ser o conto que se segue: — Eu me pergunto — ele disse — se alguém teria aventuras de verdade em um lugar como este, se tivesse a oportunidade. É um cenário esplêndido para elas, mas sempre tenho a sensação de que as lutas seriam travadas com sabres de papelão, não com espadas terríveis e reais.

— O senhor está enganado — disse o amigo. — Neste lugar eles não apenas lutam com espadas, mas matam sem espadas. E isso ainda não é o pior.

— Como, o que você quer dizer? — perguntou o Padre Brown.

— Ora! — respondeu o outro. — Pois eu lhe digo que este foi o único lugar na Europa onde um homem foi baleado sem uma arma.

— Com arco e flecha? — perguntou Brown, com alguma admiração.

— Quero dizer uma bala no cérebro — respondeu Flambeau.

— Não conhece a história do falecido príncipe deste lugar? Foi um dos grandes mistérios da polícia cerca de vinte anos atrás. O senhor se lembra, é claro, que este lugar foi anexado à força na época durante os primeiros esquemas de consolidação de Bismarck. À força, sim, mas não facilmente. O império (ou aquilo que queria ser um) enviou o Príncipe Otto de Grossenmark para governar o lugar segundo os interesses imperiais. Vimos seu retrato na galeria ali: um senhor idoso, belo, se tivesse cabelos ou sobrancelhas e não fosse todo enrugado como um abutre, mas ele tinha preocupações para incomodá-lo, como explicarei em um minuto. Ele era um soldado de notável habilidade e sucesso, mas

encontrou neste pequeno lugar uma tarefa não muito fácil. Ele foi derrotado em várias batalhas pelos célebres irmãos Arnhold, os três patriotas guerrilheiros a quem Swinburne dedicou um poema, o senhor se lembra: *Lobos em peles de ovelha, Corvos coroados e reis*;

São muitos, isso é coisa velha, Mas serão salvos por três.

“Ou algo desse tipo. Na verdade, não é nem um pouco garantido que a ocupação teria sido bem-sucedida se um dos três irmãos, Paul, não tivesse recusado, de forma desprezível, mas muito decisiva, suportar essas coisas por mais tempo; entregando todos os segredos da insurreição, assegurou a queda do local, junto com sua promoção definitiva ao posto de camareiro do Príncipe Otto. Depois disso, Ludwig, o único herói genuíno entre os heróis de Swinburne, foi morto, com a espada na mão, na captura da cidade; e o terceiro, Heinrich, que, embora não fosse um traidor, sempre foi manso e até tímido em comparação com seus irmãos ativos, retirou-se para algo como um eremitério, converteu-se a um quietismo cristão próximo ao dos quacres, e nunca mais se misturou com os homens, exceto para dar quase tudo o que tinha aos pobres. Dizem-me que, não faz muito tempo, ainda era possível vê-lo ocasionalmente pela vizinhança: um homem de capa preta, quase cego, com cabelos brancos muito desgrenhados, mas um rosto de surpreendente suavidade”.

— Eu sei — disse o Padre Brown. — Eu o vi uma vez. Seu amigo olhou para ele com alguma surpresa.

— Eu não sabia que o senhor tinha estado aqui antes — ele disse.

— Talvez o senhor saiba tanto sobre isso quanto eu. De qualquer forma, essa é a história dos Arnholds, e ele é o último sobrevivente deles. Deles, e de todos os homens que desempenharam papéis nesse drama.

— O senhor quer dizer que o príncipe também morreu há muito tempo? — Morreu — repetiu Flambeau —, e isso é tudo o que podemos dizer. O senhor deve entender que no final de sua vida ele começou a ter esses tiques dos nervos, comuns nos tiranos. Ele multiplicou a guarda comum, diária e noturna, em torno de seu castelo até o ponto em que começou a parecer haver mais guaritas do que casas na cidade, e personagens duvidosos foram impiedosamente fuzilados. Ele morava quase inteiramente em um quartinho que ficava bem no centro do enorme labirinto de todos os outros cômodos, e mesmo nele erigiu outra espécie de cabine ou armário central, forrado de aço, semelhante a um cofre ou um navio de guerra. Alguns dizem que ainda havia, sob o chão deste, um buraco secreto na terra, não maior que o suficiente para ele

caber dentro, de modo que, em sua ânsia de escapar da sepultura, ele estava disposto a entrar em um lugar muito parecido com uma. Mas ele foi ainda mais longe. A população deveria estar desarmada desde a repressão da revolta, mas Otto agora insistia, como os governos raramente insistem, em um desarmamento absoluto e literal, que foi realizado, com extraordinário rigor e severidade, por funcionários muito bem organizados em uma área pequena e familiar. Até onde a força e a ciência humanas podem ter certeza absoluta de alguma coisa, o Príncipe Otto estava absolutamente certo de que ninguém poderia entrar com nem mesmo uma pistola de brinquedo em Heiligwaldenstein.

— A ciência humana nunca pode ter certeza de coisas assim — disse o Padre Brown, ainda olhando para os brotos vermelhos nos galhos sobre sua cabeça —, mesmo que apenas pela dificuldade de definição e conotação. O que é uma *arma*? Pessoas foram assassinadas com os mais suaves objetos domésticos; certamente com chaleiras, provavelmente com abafadores para chá. Por outro lado, se o senhor mostrasse um revólver a um antigo bretão, duvido que ele soubesse que aquilo era uma arma, até que ela fosse disparada contra ele, é claro. Talvez alguém tenha aparecido com uma arma de fogo tão nova que nem parecesse uma arma de fogo. Talvez se parecesse um dedal ou algo assim. A bala era peculiar? — Não que eu saiba — respondeu Flambeau —, mas o que sei são só fragmentos, ouvidos do meu velho amigo Grimm. Ele era um detetive muito hábil na polícia alemã e tentou me prender. Eu o prendi, em vez disso, e tivemos muitas conversas interessantes. Ele estava encarregado aqui do inquérito sobre o Príncipe Otto, mas esqueci-me de lhe perguntar sobre a bala. De acordo com Grimm, o que aconteceu foi isto — ele parou um momento para drenar a maior parte de sua cerveja escura em um gole, e então continuou: — Na noite em questão, ao que parece, esperava-se que o príncipe aparecesse numa das salas exteriores, porque devia receber alguns visitantes a quem realmente desejava conhecer. Eram especialistas em geologia enviados para investigar a velha questão do suposto suprimento de ouro das rochas locais, sobre o qual (como foi dito) a pequena cidade-estado há tanto tempo mantinha seu crédito e podia negociar com suas vizinhas, mesmo sob o bombardeio incessante de exércitos maiores. Até agora, ele nunca tinha sido encontrado, nem com as investigações mais exigentes que poderiam... — Poderiam, com certeza, encontrar uma pistola de brinquedo — disse o Padre Brown com um sorriso. — Mas e o irmão delator? Ele não tinha nada para dizer ao príncipe? — Sempre afirmou que nada sabia — respondeu Flambeau —, que esse era o único segredo que seus irmãos não lhe contaram. É justo dizer que ouvira palavras fragmentárias... ditas pelo grande Ludwig na hora da morte, quando ele olhou para Heinrich, apontou para Paul, e disse: “Você não disse a

ele...” e logo depois emudeceu. De qualquer forma, a delegação de ilustres geólogos e mineralogistas de Paris e Berlim estava lá com os trajes mais magníficos e adequados, pois não há homens que gostem tanto de usar suas condecorações quanto os homens da ciência; qualquer um que já tenha assistido a uma *soirée* da Royal Society sabe disso. Foi uma reunião brilhante, mas muito demorada, e aos poucos o camareiro (você viu o retrato dele também: um homem com sobrancelhas pretas, olhos sérios e um tipo de sorriso sem sentido), o camareiro, eu ia dizendo, percebeu que tudo e todos estavam prontos, exceto o próprio príncipe. Ele o procurou em todos os salões externos; então, lembrando-se dos loucos ataques de medo do homem, correu para a câmara mais interna. Também estava vazia, mas a torre de aço, ou cabine, erguida no meio, exigiu algum tempo para ser aberta. Quando se abriu, estava vazia também. Ele espiou o buraco no chão, que parecia mais fundo e, de certa forma, ainda mais parecido com uma sepultura; esse foi o relato dele, claro. Ao fazer isso, ouviu uma explosão de gritos e tumultos nos longos quartos e corredores externos.

“Primeiro foi um barulho e comoção distantes, algo impensável de estar ocorrendo mais perto do que a linha do horizonte de uma multidão, certamente além do castelo. Depois, um clamor sem palavras, surpreendentemente próximo e alto o suficiente para ser entendido, se cada palavra não fosse afogada por outra. Em seguida, palavras de uma clareza terrível, chegando mais perto, e então um homem, correndo para a sala e contando a notícia, com a brevidade usual para se contar notícias assim.

“Otto, príncipe de HeiligWaldenstein e Grossenmark, estava na floresta além do castelo, deitado sob o orvalho do crepúsculo que avançava, com os braços abertos e o rosto voltado para a Lua. O sangue ainda pulsava de sua têmpora e mandíbula quebradas, mas era a única parte dele que se movia como um ser vivo. Ele estava vestido com seu uniforme branco e amarelo, com os quais deveria receber seus convidados, em completo rigor, exceto pela faixa, que estava ao seu lado, desamarrada e amassada. Antes que ele pudesse ser levantado, estava morto. Mas, vivo ou morto, ele era um enigma: aquele que sempre se escondera no recôndito mais interno, exposto na mata úmida, desarmado e sozinho”.

— Quem encontrou o corpo dele? — perguntou o Padre Brown.

— Uma garota ligada à corte chamada Hedwig von alguma coisa — respondeu seu amigo —, que estava no bosque colhendo flores silvestres.

— Ela colheu alguma? — perguntou o padre, olhando um tanto vagamente para o véu dos ramos acima dele.

— Sim — respondeu Flambeau. — Lembro-me particularmente que o camareiro, ou o velho Grimm, ou alguém assim, disse como foi horrível, quando eles responderam aos gritos, ver uma garota segurando flores da primavera, curvada sobre aquele colapso sangrento. No entanto, o ponto principal é que, antes que qualquer ajuda chegasse, ele já estava morto, e a notícia, é claro, teve de ser levada ao castelo. A consternação que criou foi algo além do natural em uma corte, quando cai um potentado. Os visitantes estrangeiros, especialmente os especialistas em mineração, estavam na mais louca dúvida e excitação, assim como muitos importantes funcionários prussianos, e logo começou a ficar claro que a caça ao tesouro era um negócio muito maior do que as pessoas supunham. Peritos e funcionários esperavam grandes prêmios ou vantagens internacionais, e alguns até diziam que os aposentos secretos do príncipe e a forte proteção militar se deviam menos ao medo da população do que à proteção contra espionagem do... — As flores tinham caules compridos? — perguntou o Padre Brown.

Flambeau olhou para ele.

— Que pessoa estranha você é! — ele disse. — Isso foi exatamente o que o velho Grimm disse. Ele disse que a parte mais feia de tudo, na opinião dele, mais feia do que o sangue e a bala, era que as flores eram bem curtas, colhidas quase sem talo.

— Claro — disse o padre. — Quando uma moça crescida está colhendo flores, ela as colhe com as hastes bem longas. Se ela apenas as puxasse pelos pedúnculos, como uma criança faz, pareceria que... — e ele hesitou.

— Bem? — perguntou o outro.

— Bem, pareceria que ela as colheu nervosamente, para dar uma desculpa por estar lá, quando... bem, quando ela estava lá.

— Eu sei aonde o senhor quer chegar — disse Flambeau com tristeza. — Mas essa e todas as outras suspeitas se desfazem em um ponto: a ausência de uma arma. Ele poderia ter sido morto, como o senhor diz, com muitas outras coisas, até mesmo com sua própria faixa militar, mas é preciso explicar não como ele foi morto, mas como foi baleado. E o fato é que não há explicação. A garota foi revistada, impiedosamente, pois, realmente, ela era um pouco suspeita, embora fosse sobrinha e pupila do velho e malvado camareiro, Paul Arnhold. Mas ela era muito romântica e suspeita de simpatia pelo antigo entusiasmo revolucionário em sua família. Mesmo assim, por mais sonhador que você seja, não poderá explicar a presença de uma grande bala na mandíbula ou no

cérebro de um homem sem que alguém tenha usado uma arma ou pistola. E não havia pistola, embora houvesse dois tiros de pistola. Agora é com você, meu amigo.

— Como sabe que houve dois tiros? — perguntou o padrezinho.

— Havia apenas um em sua cabeça — disse seu companheiro —, mas havia outro buraco de bala na faixa.

A testa lisa do Padre Brown subitamente se enrugou.

— A outra bala foi encontrada? — ele perguntou. Flambeau se mexeu um pouco.

— Acho que não me lembro — disse.

— Calma! Calma! Calma! — gritou Brown, franzindo a testa cada vez mais, com uma concentração de curiosidade bastante incomum. — Não me tome por rude. Deixe-me pensar por um momento.

— Tudo bem — disse Flambeau, rindo, e terminou sua cerveja. Uma leve brisa agitava as árvores brotando e soprava no céu nuvens de branco e rosa que pareciam tornar o céu mais azul, e mais pitoresco todo aquele colorido cenário. Pareciam querubins voando numa espécie de berçário celestial. A torre mais antiga do castelo, a Torre do Dragão, erguia-se tão rústica quanto a caneca de cerveja, mas igualmente doméstica. Logo ao lado da torre começava a floresta onde o homem jazera morto.

— O que aconteceu com essa Hedwig, depois? — perguntou, finalmente, o padre.

— Ela é casada com o General Schwartz — disse Flambeau. — Sem dúvida o senhor já ouviu falar da carreira dele, que foi bastante romântica. Ele havia se distinguido antes mesmo de suas façanhas em Sadowa e Gravelotte; na verdade, ele subira das fileiras,¹⁷ o que é muito incomum na Alemanha... O Padre Brown sentou-se repentinamente.

— Subiu das fileiras! — gritou ele, e fez uma boca como se fosse assobiar. — Bem, bem, que história esquisita! Que maneira estranha de matar um homem, mas suponho que fosse a única possível. Mas que ódio tão paciente... — O que quer dizer? — perguntou o outro. — De que forma mataram o homem? — Eles o mataram com a faixa — disse Brown cuidadosamente; e então, como Flambeau protestasse: — Sim, sim, eu sei sobre a bala. Talvez eu deva dizer que ele morreu por estar com a faixa. Eu sei que não soa como o nome de uma doença.

— Suponho — disse Flambeau — que o senhor tem alguma ideia em sua cabeça, mas uma ideia não vai extrair a bala facilmente da cabeça dele. Como expliquei antes, ele poderia facilmente ter sido estrangulado. Mas ele foi baleado. Por quem? Com o quê? — Ele foi baleado por ordem dele mesmo — disse o padre.

— O senhor quer dizer que ele cometeu suicídio? — Não disse por vontade própria — respondeu o Padre Brown.

— Eu disse: “por ordem dele mesmo”.

— Bem, de qualquer forma, qual é a sua teoria? O Padre Brown riu.

— Estou de férias — disse. — Não tenho teorias. Só que este lugar me lembra contos de fadas, e, se o senhor quiser, eu posso contar uma história.

As pequenas nuvens rosadas, que pareciam muito doces, haviam fluído, parecendo agora coroar as torres do castelo de bolo confeitado, e os dedinhos rosados das árvores em flor pareciam se espalhar e se esticar para alcançá-las; o céu azul começou a assumir um tom violeta brilhante, ao anoitecer, quando o Padre Brown voltou a falar, de repente: — Foi em uma noite sombria, com a chuva ainda caindo das árvores e o orvalho já se formando, que o Príncipe Otto de Grossenmark saiu apressadamente de uma porta lateral do castelo e caminhou rapidamente para a floresta. Uma das inúmeras sentinelas o saudou, mas ele não percebeu. Ele desejava, especialmente, não ser notado. Ele ficou feliz quando as grandes árvores, cinzentas e já úmidas por causa da chuva, o engoliram como um pântano. Ele havia escolhido deliberadamente o lado menos frequentado de seu palácio, mas mesmo este estava mais populoso do que ele gostaria. Ali não havia nenhuma chance particular de perseguição oficial ou diplomática, pois sua saída se dera num impulso repentino. Todos os diplomatas bem-vestidos que ele deixou para trás não eram importantes. Ele percebera, de repente, que poderia passar sem eles.

“Sua grande paixão não era o muito mais nobre pavor da morte, mas a estranha cobiça do ouro. Por essa lenda do ouro, ele deixara Grossenmark e invadira HeiligWaldenstein. Por ela, e somente por ela, ele subornara o traidor e massacrara o herói; por ela, há muito interrogara e interrogara o falso camareiro, até chegar à conclusão de que, expondo a sua ignorância, o renegado realmente dissera a verdade. Por isso, com certa relutância, ele pagou e prometeu pagar mais pela chance de lucrar quantia maior, e por isso ele fugiu de seu palácio como um ladrão na chuva, pois havia pensado em outra maneira de obter o

desejo de seus olhos, e sem gastar muito.

“Longe, na extremidade superior de um tortuoso caminho de montanha, para o qual ele se dirigia, entre as rochas empilhadas no cume que paira sobre a cidade, ficava a ermida, pouco mais que uma caverna cercada de espinhos, na qual um terço dos grandes irmãos há muito se escondia do mundo. Ele, pensou o Príncipe Otto, não poderia ter nenhuma razão real para se recusar a desistir do ouro. Ele sabia onde estava o tesouro há anos e não fez nenhum esforço para encontrá-lo, mesmo antes de seu novo credo ascético o afastar de propriedades ou prazeres. É verdade que ele havia sido um inimigo, mas agora professava o dever de não ter inimigos. Alguma concessão à sua causa, algum apelo aos seus princípios, provavelmente extrairia dele o segredo da fortuna. Otto não era covarde, apesar de sua rede de precauções militares, e, em todo caso, sua avareza era mais forte que seus medos. Nem havia muito motivo para medo. Como estava certo de que não havia armas particulares em todo o principado, estava cem vezes mais certo de que não havia nenhuma na pequena ermida do quacre na colina, onde vivia de ervas, com dois velhos criados rústicos e sem outra voz de homem, ano após ano. O Príncipe Otto olhou para baixo, sorrindo sombriamente para os labirintos quadrados e brilhantes da cidade iluminada abaixo dele. Pois, até onde a vista alcançava, corriam os fuzis de seus amigos, e nem uma pitada de pólvora para seus inimigos. Os rifles estavam tão próximos até mesmo daquele caminho da montanha que um grito dele faria os soldados subirem a colina correndo, para não falar do fato de que a floresta e o cume eram patrulhados em intervalos regulares; rifles tão longe, na floresta escura, diminuídos pela distância além do rio, que um inimigo não poderia entrar na cidade por nenhuma rota alternativa. E em volta do palácio, rifles na porta oeste e na porta leste, na porta norte e na porta sul, e ao longo das quatro fachadas que as ligam. Ele estava seguro.

“Tudo ficou ainda mais claro quando ele alcançou o cume e descobriu o estado de abandono do ninho de seu antigo inimigo. Ele se viu em uma pequena plataforma de rocha, cortada abruptamente pelos três cantos do precipício. No fundo estava a caverna negra, mascarada com espinhos verdes, tão baixa que era difícil acreditar que um homem nela pudesse entrar. À sua frente estava a queda das falésias e a vasta, mas nublada, visão do vale. Na pequena plataforma de pedra havia um velho púlpito de bronze ou estante de leitura, gemendo sob uma grande Bíblia alemã. O bronze ou cobre tinha ficado verde com os ares devoradores daquele lugar exaltado, e Otto teve imediatamente o pensamento: ‘Mesmo se eles tivessem armas, estariam enferrujadas agora’. O brilho da lua já desenhara uma aurora mortal atrás das cristas e penhascos, e a chuva havia cessado.

“Atrás do púlpito, e olhando para o vale, estava um homem muito velho com uma túnica preta que lhe caía tão retilínea quanto os penhascos ao seu redor, mas cujos cabelos brancos e voz fraca pareciam balançar ao vento. Ele evidentemente estava lendo alguma lição diária como parte de seus exercícios religiosos: ‘Eles confiam em seus cavalos...’.

“‘Senhor’, disse o Príncipe de HeiligWaldenstein, com uma cortesia bastante incomum, ‘eu gostaria de apenas uma palavra com o senhor’.

“‘...e em seus carros’, continuou o velho fracamente, ‘mas nós confiamos no nome do Senhor dos Exércitos...’. Suas últimas palavras foram inaudíveis, mas ele fechou o livro com reverência e, quase cego, fez um movimento tateante e agarrou o suporte de leitura. Instantaneamente, seus dois servos saíram da caverna, de sobranceiras baixas, e o apoiaram. Eles usavam togas pretas, foscas como a dele, mas não tinham nem a prata gelada no cabelo, nem o refinamento gelado das feições. Eram camponeses, croatas ou magiares, com rostos largos e contundentes e olhos piscando. Pela primeira vez, algo perturbou o príncipe, mas sua coragem e senso diplomático permaneceram firmes.

“‘Temo que não nos tenhamos encontrado’, ele disse, ‘desde aquele terrível tiroteio em que seu pobre irmão morreu’.

“‘Todos os meus irmãos morreram’, disse o velho, ainda olhando para o vale. Então, virando para Otto suas feições decaídas e delicadas, e o cabelo invernal que parecia escorrer sobre suas sobranceiras como pingentes de gelo, ele acrescentou: ‘Veja, eu também morri’.

“‘Espero que compreenda’, disse o príncipe, controlando-se quase ao ponto da conciliação, ‘que não vim aqui para assombrar o senhor, como um mero fantasma daquelas grandes violências. Não vamos falar sobre quem estava certo ou errado nisso, mas pelo menos houve um ponto em que nunca estivemos errados, porque o senhor sempre esteve certo. O que quer que se diga da política de sua família, ninguém por um momento imaginou que o senhor fosse movido pelo desejo do ouro; o senhor se provou, acima de qualquer suspeita, que...’.

“O velho de vestido preto continuava até então a olhá-lo com olhos azuis lacrimejantes e uma espécie de sabedoria débil no rosto. Mas quando a palavra ‘ouro’ foi dita, ele estendeu a mão como se estivesse prendendo alguma coisa, e virou o rosto para as montanhas.

“‘Ele falou de ouro’, disse ele. ‘Ele falou de coisas ilícitas. Calem-no!’.

“Otto tinha o vício de seu tipo e tradição prussiana, que é considerar o

sucesso não como um incidente, mas como uma qualidade. Ele concebia a si mesmo e seus semelhantes como povos perpetuamente conquistadores que estavam perpetuamente sendo conquistados. Consequentemente, ele estava mal familiarizado com a emoção da surpresa e mal preparado para o próximo movimento, que o assustou e enrijeceu. Ele havia aberto a boca para responder ao eremita, quando a boca se calou e a voz foi estrangulada por uma mordaca forte e suave, subitamente enrolada em sua cabeça como um torniquete. Passaram-se quarenta segundos inteiros antes que ele percebesse que os dois servos húngaros eram os autores do atentado, e que o faziam com sua própria faixa militar.

“O velho voltou debilmente para sua grande Bíblia de suporte de bronze, virou as folhas, com uma paciência que tinha algo de horrível nisso, até que chegou à Epístola de São Tiago, e então começou a ler: ‘A língua é um pequeno membro, mas...’.

“Algo naquela voz fez o príncipe virar-se repentinamente e mergulhar na trilha da montanha que havia escalado. Ele estava no meio caminho até os jardins do palácio, quando tentou arrancar o lenço estrangulador de seu pescoço e mandíbula. Ele tentou de novo e de novo, e foi impossível; os homens que deram o nó naquela mordaca sabiam a diferença entre o que um homem pode fazer com as mãos na frente e o que ele pode fazer com as mãos atrás da cabeça. Suas pernas estavam livres para saltar como um antílope nas montanhas, seus braços estavam livres para fazer qualquer gesto ou acenar qualquer sinal, mas ele não conseguia falar. Um diabo mudo estava nele.

“Ele chegara perto da floresta que cercava o castelo antes de perceber o que seu estado sem palavras poderia significar. Mais uma vez, olhou sombriamente para os labirintos quadrados e brilhantes da cidade iluminada por lampiões abaixo dele e não sorriu mais. Ele se percebeu repetindo as frases de seu sentimento anterior, agora com uma ironia assassina. Até onde a vista alcançava, corriam os rifles de seus amigos, cada um dos quais o mataria a tiros se ele não pudesse se identificar convincentemente. As armas estavam tão próximas que a floresta e o cume eram patrulhados em intervalos regulares; portanto, era inútil se esconder na floresta até de manhã. Os rifles estavam posicionados tão longe que um inimigo não poderia entrar furtivamente na cidade por qualquer rota alternativa; portanto, era vão retornar à cidade por qualquer curso remoto. Um grito dele faria seus soldados subirem correndo a colina. Mas ele não tinha como gritar.

“A lua tinha surgido em um forte tom de prata, e o céu se mostrava em faixas de um azul noturno brilhante entre as manchas pretas dos

pinheiros ao redor do castelo. Flores de algum tipo largo e emplumado, ele nunca tinha notado tais coisas antes, eram ao mesmo tempo luminosas e descoloridas pelo luar, e pareciam indescritivelmente fantásticas enquanto se agrupavam, como se rastejando sobre as raízes das árvores. Talvez sua razão tivesse sido repentinamente desfeita pelo anormal catifeiro que carregava consigo, mas naquela floresta ele sentiu algo incompreensivelmente alemão: o conto de fadas. Ele soube, com metade de sua mente, que estava se aproximando do castelo de um ogro, esquecendo que o ogro era ele. Ele se lembrou de perguntar à mãe se havia ursos no antigo parque de sua casa. Ele se abaixou para colher uma flor, como se fosse um amuleto contra o encantamento. O talo era mais forte do que ele esperava e quebrou com um leve estalo. Tentando cuidadosamente colocá-la em sua faixa, ele ouviu o grito: ‘Quem vai lá?’. Então ele se lembrou de que a faixa não estava em seu lugar de costume.

“Ele tentou gritar e ficou em silêncio. O segundo chamado veio, e então um tiro, cuja sibilância só se calou com o impacto. Otto de Grossenmark jazia pacificamente entre as árvores de fadas e não faria mais o mal, nem com ouro nem com aço. Apenas o lápis prateado da lua delineava, aqui e ali, o intrincado ornamento de seu uniforme, ou as velhas rugas em sua testa. Que Deus se apiede de sua alma.

“A sentinela que havia atirado, de acordo com as ordens estritas da guarnição, naturalmente correu para encontrar algum vestígio de sua presa. Era um soldado chamado Schwartz, já não desconhecido em sua profissão, e o que ele encontrou foi um homem careca, de uniforme, mas com o rosto tão enfaixado por uma espécie de máscara feita de seu próprio lenço militar, que nada poderia ser visto além dos olhos abertos e mortos, brilhando como pedras ao luar. A bala atravessara a mordança na mandíbula. Foi por isso que havia um buraco de tiro na faixa, mas apenas um tiro. Naturalmente, se não certamente, o jovem Schwartz arrancou a misteriosa máscara de seda e a jogou na grama, e então ele viu a quem havia matado.

“Não temos certeza do que ocorreu depois, mas inclino-me a acreditar que afinal havia um conto de fadas naquele pequeno bosque, por mais horrível que fosse a ocasião. Se a jovem chamada HedWig tinha alguma familiaridade prévia com o soldado que ela salvou e com quem acabou se casando, ou se ela chegou por acaso ao local do acidente e a intimidade dos dois se iniciou naquela noite, provavelmente nunca saberemos. Mas podemos saber, imagino, que essa HedWig era uma heroína, merecedora de se casar com um homem que se tornou uma espécie de herói. Ela fez a coisa corajosa e sábia. Ela convenceu a sentinela a voltar ao seu posto, onde não havia nada que o ligasse ao

desastre; ele era apenas um dos mais leais e ordeiros entre cinquenta outras sentinelas a postos. Ela permaneceu junto ao corpo e deu o alarme, e também não havia nada que a ligasse ao desastre, já que ela não tinha nem poderia ter nenhuma arma de fogo.

“Bem”, disse o Padre Brown levantando-se alegremente, “espero que esteja satisfeito”.

— Aonde o senhor vai? — perguntou o amigo.

— Vou dar uma olhada no retrato daquele camareiro, Arnhold, o que traiu seus irmãos — respondeu o padre. — Eu me pergunto que parte... Eu me pergunto: será que um homem é menos traidor quando é duplamente traidor? E ele ruminou por muito tempo, diante do retrato de um homem de cabelos brancos com sobrancelhas pretas e um sorriso rosado, com ar de pintura, que parecia contradizer a advertência negra em seus olhos.

Notas de Rodapé

1 No original, “Pecksniffian”, que tem sentido de “farisaico” por ser o nome de um personagem com essa característica do romance *Martin Chuzzlewit* (1843), de Dickens. 2 In Autobiografia. Tradução de Ronald Robson. Campinas: Ecclesiae, 2012, trecho do capítulo xvi, “O Deus com a chave dourada”. 3 Escândalo político que, de 1894 até sua resolução em 1906, dividiu toda a França e se concluiu com a condenação e deportação injusta do capitão do exército judeu-francês, Alfred Dreyfus, por traição e espionagem em favor da Alemanha — ne. 4 Camille Desmoulins (1760–1794) foi advogado, jornalista e, junto a Robespierre, Marat e Danton, uma das figuras-chave da Revolução Francesa — ne. 5 Paul Déroulède (1846–1914), poeta, dramaturgo, escritor e militante político que fundou a Liga dos Patriotas, acusou Clemenceau (que o desafiara para um duelo) de estar envolvido no escândalo do corte do Canal do Panamá. Georges Benjamin Clemenceau (1841–1929), político francês, primeiro-ministro de 1906 a 1909 e de 1917 a 1920, foi um dos arquitetos do Tratado de Versalhes, além de ter apoiado a campanha do escritor Zola pela revisão do caso Dreyfus — ne. 6 Nobres famílias da Renascença italiana. Ficou conhecida pela pena de Alexandre Dumas a história de Beatrice Cenci, que assassinou o pai abusivo — ne. 7 Horatio Nelson (1758–1805), oficial britânico da Marinha Real Britânica, famoso pelas suas intervenções nas Guerras Napoleônicas — ne. 8 “King's Counsel” [Conselheiro do Rei], advogado da Coroa — ne. 9 Do poema “In Memoriam A. H.”, de Tennyson — nt. 10 A palavra “sela”, de origem hebraica e presente nos Salmos, lida ao contrário corresponde a “ales”, que significa “cervejas” — ne. 11 Romance histórico de Charles Kingsley (1819–1875) que narra as aventuras de Amyas Preston (?–1609), comandante naval inglês que partiu com Sir Francis Drake (c. 1540–1596), Sir Walter Raleigh (c. 1554–1618) e outros corsários para o Novo Mundo, onde lutaram em batalha contra os espanhóis — ne. 12 Padrão quadriculado normalmente utilizado em kilts — nt. 13 Sir John Hawkins (1532–1595), marinheiro inglês e arquiteto-chefe da marinha elizabetana, com papel decisivo na vitória sobre a “Invencível Armada” espanhola — ne. 14 A partição de um escudo designa as diferentes formas de dividi-lo e também cada parte que o divide — nt. 15 Dança originária de plantações de escravos negros do Sul dos Estados Unidos — ne. 16 O castelo de Ravenswood (Bosque do Corvo) é um dos cenários do romance *A noiva de Lammermoor*, um clássico da literatura inglesa, escrito por Sir Walter Scott — nt. 17 Ser promovido de praça ou posto subalterno ao oficialato — nt.

Table of contents

1. [introdução A gênese do Padre Brown](#)
2. [i A ausência do Sr. Otto Vítor](#)
3. [ii O Paraíso dos Ladrões](#)
4. [iii O duelo do Dr. Hirsch](#)
5. [iv O homem no beco](#)
6. [v O erro da máquina](#)
7. [vi A cabeça de César](#)
8. [vii A peruca roxa](#)
9. [viii As mortes dos Pendragon](#)
10. [ix O deus dos gongos](#)
11. [x A salada do Coronel Cray](#)
12. [xi O estranho crime de John Boulnois](#)
13. [xii O conto de fadas do Padre Brown](#)
14. [Notas de Rodapé](#)

Guide

1. [Cover](#)
2. [Beginning](#)
3. [Table of Contents](#)

1. [1](#)
2. [2](#)
3. [3](#)
4. [4](#)
5. [5](#)
6. [6](#)
7. [7](#)
8. [8](#)
9. [9](#)
10. [10](#)
11. [11](#)
12. [12](#)
13. [13](#)
14. [14](#)
15. [15](#)
16. [16](#)

17. [17](#)
18. [18](#)
19. [19](#)
20. [20](#)
21. [21](#)
22. [22](#)
23. [23](#)
24. [24](#)
25. [25](#)
26. [26](#)
27. [27](#)
28. [28](#)
29. [29](#)
30. [30](#)
31. [31](#)
32. [32](#)
33. [33](#)
34. [34](#)
35. [35](#)
36. [36](#)
37. [37](#)
38. [38](#)
39. [39](#)
40. [40](#)
41. [41](#)
42. [42](#)
43. [43](#)
44. [44](#)
45. [45](#)
46. [46](#)
47. [47](#)
48. [48](#)
49. [49](#)
50. [50](#)
51. [51](#)
52. [52](#)
53. [53](#)
54. [54](#)
55. [55](#)
56. [56](#)
57. [57](#)
58. [58](#)
59. [59](#)
60. [60](#)

- 61. [61](#)
- 62. [62](#)
- 63. [63](#)
- 64. [64](#)
- 65. [65](#)
- 66. [66](#)
- 67. [67](#)
- 68. [68](#)
- 69. [69](#)
- 70. [70](#)
- 71. [71](#)
- 72. [72](#)
- 73. [73](#)
- 74. [74](#)
- 75. [75](#)
- 76. [76](#)
- 77. [77](#)
- 78. [78](#)
- 79. [79](#)
- 80. [80](#)
- 81. [81](#)
- 82. [82](#)
- 83. [83](#)
- 84. [84](#)
- 85. [85](#)
- 86. [86](#)
- 87. [87](#)
- 88. [88](#)
- 89. [89](#)
- 90. [90](#)
- 91. [91](#)
- 92. [92](#)
- 93. [93](#)
- 94. [94](#)
- 95. [95](#)
- 96. [96](#)
- 97. [97](#)
- 98. [98](#)
- 99. [99](#)
- 100. [100](#)
- 101. [101](#)
- 102. [102](#)
- 103. [103](#)
- 104. [104](#)

105. [105](#)
106. [106](#)
107. [107](#)
108. [108](#)
109. [109](#)
110. [110](#)
111. [111](#)
112. [112](#)
113. [113](#)
114. [114](#)
115. [115](#)
116. [116](#)
117. [117](#)
118. [118](#)
119. [119](#)
120. [120](#)
121. [121](#)
122. [122](#)
123. [123](#)
124. [124](#)
125. [125](#)
126. [126](#)
127. [127](#)
128. [128](#)
129. [129](#)
130. [130](#)
131. [131](#)
132. [132](#)
133. [133](#)
134. [134](#)
135. [135](#)
136. [136](#)
137. [137](#)
138. [138](#)
139. [139](#)
140. [140](#)
141. [141](#)
142. [142](#)
143. [143](#)
144. [144](#)
145. [145](#)
146. [146](#)
147. [147](#)
148. [148](#)

149. [149](#)
150. [150](#)
151. [151](#)
152. [152](#)
153. [153](#)
154. [154](#)
155. [155](#)
156. [156](#)
157. [157](#)
158. [158](#)
159. [159](#)
160. [160](#)
161. [161](#)
162. [162](#)
163. [163](#)
164. [164](#)
165. [165](#)
166. [166](#)
167. [167](#)
168. [168](#)
169. [169](#)
170. [170](#)
171. [171](#)
172. [172](#)
173. [173](#)
174. [174](#)
175. [175](#)
176. [176](#)
177. [177](#)
178. [178](#)
179. [179](#)
180. [180](#)
181. [181](#)
182. [182](#)
183. [183](#)
184. [184](#)
185. [185](#)
186. [186](#)
187. [187](#)
188. [188](#)
189. [189](#)
190. [190](#)
191. [191](#)
192. [192](#)

193. [193](#)
194. [194](#)
195. [195](#)
196. [196](#)
197. [197](#)
198. [198](#)
199. [199](#)
200. [200](#)
201. [201](#)
202. [202](#)
203. [203](#)
204. [204](#)
205. [205](#)
206. [206](#)
207. [207](#)
208. [208](#)
209. [209](#)
210. [210](#)
211. [211](#)
212. [212](#)
213. [213](#)
214. [214](#)
215. [215](#)
216. [216](#)
217. [217](#)
218. [218](#)
219. [219](#)
220. [220](#)
221. [221](#)
222. [222](#)
223. [223](#)
224. [224](#)
225. [225](#)
226. [226](#)
227. [227](#)
228. [228](#)
229. [229](#)
230. [230](#)
231. [231](#)
232. [232](#)
233. [233](#)
234. [234](#)
235. [235](#)
236. [236](#)

237. [237](#)
238. [238](#)
239. [239](#)
240. [240](#)
241. [241](#)
242. [242](#)
243. [243](#)
244. [244](#)
245. [245](#)
246. [246](#)
247. [247](#)
248. [248](#)
249. [249](#)
250. [250](#)
251. [251](#)
252. [252](#)
253. [253](#)
254. [254](#)
255. [255](#)
256. [256](#)
257. [257](#)
258. [258](#)
259. [259](#)
260. [260](#)
261. [261](#)
262. [262](#)
263. [263](#)
264. [264](#)
265. [265](#)
266. [266](#)
267. [267](#)
268. [268](#)
269. [269](#)
270. [270](#)
271. [271](#)
272. [272](#)
273. [273](#)
274. [274](#)
275. [275](#)
276. [276](#)
277. [277](#)
278. [278](#)
279. [279](#)
280. [280](#)

- 281. [281](#)
- 282. [282](#)
- 283. [283](#)
- 284. [284](#)
- 285. [285](#)
- 286. [286](#)
- 287. [287](#)
- 288. [288](#)
- 289. [289](#)
- 290. [290](#)